

A romantic couple is shown in profile, about to kiss. The man has a beard and is on the left, and the woman is on the right. They are positioned in the upper half of the frame. The background is a blurred cityscape, likely New York City, with the Empire State Building visible. The lower half of the image shows a clear view of the city skyline from across a body of water, with the sun setting or rising, creating a warm glow.

Emergir

CAMILA FERREIRA

AUTORA DA DUOLOGIA
ADORÁVEL CRETINO



Copyright © 2018 — Camila Ferreira

Revisão: Deh Ratton

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem a autorização expressa da autora.

"No mesmo instante em que recebemos pedras em nosso caminho, flores estão sendo plantadas mais longe. Quem desiste não as vê."

William Shakespeare

Nova York, outubro de 2014.

Abro os olhos em meio ao caos de sirenes e luzes, que se propagam por todos os lados. Minha visão está turva, o cérebro não consegue discernir o que exatamente está acontecendo.

Tento extrair alguma informação do fundo da memória, mas não há nada. Minha cabeça dói absurdamente, e pingos de chuva caem como tubos de gelo sobre meu rosto. Meu corpo entorpecido pelo frio.

De súbito e completamente espantada, começo a perceber a gravidade da situação. Abro a boca para pedir ajuda, mas as palavras simplesmente não saem. É como se eu estivesse presa dentro do próprio corpo. Uma onda de tremor toma conta de meus membros; uma torrente vermelha e morna escorre ao meu redor, misturando-se com poças formadas pela chuva gelada. Não sei como ou quando fechei os olhos, mas sei que não consigo abri-los novamente; extrema exaustão e fraqueza me consomem.

Sinto mãos me tocando, muitas mãos. Incapaz de me mexer ou articular um pensamento coerente, tento emergir das profundezas pelas quais estou sendo levada, mas, em poucos segundos, mergulho em um mar de completa escuridão.

— Consegue me ouvir? — a voz é familiar, mas meus olhos não conseguem se abrir.

— Alan? — chamo emitindo um som fraco e extremamente baixo, muito distinto de minha voz. Sinto uma mão quente sobre o rosto.

— Sim, minha irmã. Estou aqui. Abra os olhos, por favor! — O desespero está presente em sua voz e, por alguns segundos, forço-me a abrir os

olhos extremamente pesados. Não há tanta clareza, mas sinto um forte ardor, no mesmo instante em que consigo elevar as pálpebras.

— Graças a Deus! — Suspira com alívio, enquanto me observa emocionado. Ele é meu irmão mais velho, e jamais o vi tão apavorado.

— Preciso... de água — peço observando o sorriso de Alan, mas não posso deixar de me espantar com as lágrimas que descem sem cessar sobre seu rosto aliviado.

— O médico já está a caminho — informa, enxugando as lágrimas com o dorso da mão. — Você esteve em coma durante três intermináveis semanas — revela, e eu, incrédula, tento discernir o significado de suas palavras.

— O que houve?

Alan inspira o ar pesadamente e senta-se na cadeira ao meu lado. Ele segura minhas mãos e me observa nervosamente. A aflição se faz presente em seus belos olhos verdes.

— Você sofreu um grave acidente — esclarece e, de repente, imagens de chuva caindo sobre meu rosto, o carro de Alice, o grito das sirenes invadem meus pensamentos, e sou tomada por uma sensação muito ruim.

— Meu Deus... — sussurro. Minha mente tenta reviver aquele terrível dia, mas, quanto mais me esforço, mais dor eu sinto.

— Acalme-se. Você está bem.

— Senhorita. Que satisfação ver você acordada! — Um médico, que aparenta ter por volta de cinquenta anos, cabelos grisalhos, entra ao lado de três enfermeiros. Eu os observo, esperando que digam alguma coisa. Estou aflita por informações. Não consigo me lembrar de quase nada.

— Vamos fazer alguns procedimentos e em breve poderá falar com seu irmão. Seus pais já foram contatados e estão a caminho do hospital. — Mostra um sorriso tranquilizador. — O pior já passou. Você está muito bem. — Sorri novamente, mas não consigo retribuir; sinto-me incapaz de esboçar qualquer reação. Parece que algo está muito errado comigo, tento entender o que é, contudo ainda estou muito confusa.

Eles me examinam, fazem perguntas e, depois de tudo concluído, meu irmão surge ao lado do médico. Os olhares que trocam parecem bem estranhos.

— Aconteceu alguma coisa? — questiono e olho para Alan. Percebo que ele engole em seco e olha para baixo, o que me preocupa.

— Depois conversaremos.

— NÃO. — Dessa vez, minha voz ganha um tom acima do normal. — Quero saber o que está... — De repente, a imagem de minha melhor amiga se projeta bem diante de meus olhos. Flashes do acidente surgem repentinamente, mas nada muito esclarecedor; apenas fragmentos, nos quais pareço estar feliz, poucos segundos antes... — Deus... — murmuro, e lágrimas alagam meus olhos.

— Ouça, querida. Você precisa se acalmar — meu irmão diz, mas, quando o encaro novamente, ainda noto a tensão em seu rosto.

— Foi a Alice, não foi? Ela está mal? — Lágrimas escorrem profusamente por meu rosto, e meu cérebro grita por mais informação.

— Querida, sinto muito, mas ela não resistiu... — Alan informa de súbito. — Sinto muito. — As palavras recém-saídas de sua boca dilaceram meu coração. O mundo gira em câmera lenta. Nego com a cabeça, mas não consigo falar. Um nó se forma em minha garganta. Fecho os olhos com força, tentando entender como tudo aconteceu. O médico rompe o fio de meus pensamentos confusos dizendo que precisa terminar o exame. Eu concordo, ainda em prantos, e, depois que todos saem, meus pais já estão com meu irmão.

Fui medicada e estou mais calma agora, porém ainda muito ansiosa por ouvi-los; preciso saber exatamente o que houve.

— Como aconteceu? — inquiri, observando um a um. Minha mãe exhibe enormes olheiras, provavelmente não dorme desde que vim parar aqui; meu pai não parece muito diferente, seu abatimento é incontestável. Parecem devastados, e eu apenas quero saber o que houve para que ainda haja tanta tensão em cada rosto diante de mim.

— Uma mulher — meu irmão começa, já que meus pais parecem sem forças para falar. — Aparentemente estava bêbada, o carro dela colidiu com o de

vocês em um cruzamento muito perigoso. Alice estava dirigindo e, quando passaram pelo cruzamento, foram surpreendidas pela caminhonete em alta velocidade. O lado de Alice foi o mais atingido.

— Há mais uma coisa que precisamos contar, querida — minha mãe diz com a voz embargada. — Precisamos que seja forte.

Sobrancelhas plissadas, tento entender o que poderia ser tão ruim quanto perder uma amiga.

— Fale de uma vez, mãe! — exijo, e ela se vira para abraçar meu pai. Mamãe chora copiosamente agora.

— Não posso...

— Deixe, eu conto — Alan novamente intervém.

— Sua perna foi esmagada. Você passou por uma importante cirurgia, mas...

— Não — interrompe minha mãe. — Eu conto. — Respira profundamente, esfrega o rosto com as mãos e, quando finalmente me olha, o pranto já me venceu.

— Eles fizeram de tudo, mas tiveram que amputar sua perna, querida. Eu sinto tanto! — As lágrimas deslizam em tanta abundância que não consigo fazer nada além de chorar. Minha mãe se aproxima, meu irmão também, mas meu pai não foi capaz de ficar. Ele não gosta de demonstrar fraqueza e, quando acha que vai desabar, sempre se retira. Ficamos os três nos consolando e pensando no porquê de a vida ter sido tão dura dessa maneira.

Nova York, agosto de 2016.

O taxista recebe meu dinheiro, mas ainda me observa com um olhar de preocupação. Pena, talvez.

— Tem certeza? Não quer ajuda? — Ele está agindo assim depois de me ver cair, bem na saída do aeroporto. Às vezes esqueço que uso uma perna mecânica e, quando isso ocorre, quase sempre protagonizo um belo espetáculo. Eu estava com muita pressa e acabei tropeçando em uma mala, caindo no chão liso do aeroporto. Esse tipo de coisa não é frequente, mas, quando acontece, percebo que choca as pessoas. Não entendo bem o motivo, já que não me machuco na maioria das vezes.

Ver uma pessoa que usa perna mecânica cair parece algo de outro planeta. As pessoas ficam sem reação ou muito impressionadas. Talvez eu me machucasse mais se tivesse uma perna de carne e osso, mas explicar isso sempre que cair seria bem cansativo.

O motorista me entrega a mala de rodinhas e eu agradeço. O homem de aparência e sotaque indianos entra no carro, mas ainda demora alguns segundos para dar partida e acelerar pelas ruas.

Estou no Greenwich Village ou apenas Village. Embora conheça Nova York, ainda me impressiono com esta parte de Manhattan. Aqui há prédios relativamente baixos, contrastando com os arranha-céus existentes na maior parte da ilha.

Sei que estou retornando para o lugar onde tudo aconteceu, mas, como dizem por aí, a melhor maneira de superar o medo é enfrentando-o. Bom, aqui estou eu; de volta à casa do meu irmão, o lugar onde minha vida mudou drasticamente, em virtude daquele trágico acidente, ou melhor, daquele homicídio doloso no qual quase perdi a vida, o mesmo em que minha amiga

Alice teve a sua interrompida.

Vim a pedido de meu irmão, mas também com a intenção de buscar novas oportunidades. Quando sofri aquele acidente, era estudante de administração, por influência de meu irmão mais velho, que havia se formado alguns anos antes. Por razões óbvias, ainda não pude concluir o curso. Contudo, agora que estou apta a retomar os estudos, não sei se administração é o que realmente quero da vida. Depois de tudo o que houve, percebi que não faço a menor ideia do caminho que devo seguir ou do que fazer. É como se minha mente tivesse se transformado depois daquele dia. Agora quero ir devagar e fazer de tudo para seguir em frente, vivendo um dia de cada vez e fazendo aquilo em que realmente sinto prazer.

Jogar-me na cama e chorar não trará minha perna de volta, e não irei me "descabelar" por isso. Em virtude de meus tratamentos, só consegui me adaptar bem com a perna mecânica um ano após o acidente. Certa vez, tinha até desistido, convencida de que nunca me adaptaria. Ainda tenho uma parte da perna e encaixar algo estranho nela, suportando o peso de meu corpo, não foi nada fácil. No entanto, depois de muita insistência, voltei a usar e fiz mais sessões de fisioterapia para realizar meu maior sonho, voltar a andar sem qualquer ajuda de muletas, algo que me machucava muito.

Depois de um ano de sofrimento, finalmente me adaptei. A sensação de estar andando sem ajuda de muletas foi a melhor que já experimentei em toda a minha vida. Depois disso, eu me arrisquei a fazer algumas coisas diferentes. Os tratamentos têm me ajudado e devo admitir que a psicóloga estava certa no fim das contas. Eu precisava de algo novo e resolvi fazer mais do que lamentar e esperar as coisas acontecerem. Sim, eu sei. Estava no caminho para me tornar uma depressiva, mas mudei minha maneira de enxergar as dificuldades. Já não vejo o sofrimento como uma solução que não existe.

Estive no táxi tempo demais devido ao trânsito pesado. Meus ouvidos, no trajeto do aeroporto até o Village, foram confrontados pelo inconfundível barulho nova-iorquino. Os rancos dos motores, as buzinas e sirenes

absurdamente altas são muito comuns por aqui. De repente me vi cercada de pessoas caminhando apressadamente ao meu redor, e isso, de certa maneira, acordou-me. Não de um modo ruim. Não mesmo. Todo esse ruído me trouxe saudade de um curto período em que vivi aqui, da minha amiga. De alguma forma, mesmo que no fim minha estada aqui tenha sido traumática, sei que precisava voltar. Algo dentro de mim dizia que eu precisava voltar.

Naquela época, eu tinha acabado de fazer 21 e, hoje, com 23 anos, decidi que é hora de retomar o controle de minha vida. Meu irmão foi o grande incentivador e é graças a ele que estou aqui novamente.

Puxo a mala de rodinhas pelas ruas e, com pouco mais que dez passos, consigo chegar à portaria do prédio onde Alan vive. As ruas charmosas e cheias de histórias do Greenwich explicam o motivo de meu irmão ter saído de uma avenida repleta de arranha-céus, vindo parar aqui. Este lugar é muito acolhedor. A maioria dos prédios é revestida por tijolos aparentes e as ruas são bem arborizadas. As pessoas parecem menos agitadas enquanto guiam seus cachorros em direção ao Washington Square Park.

Alan se mudou para cá há poucos meses e disse que eu amaria. Ele adora Nova York e, por incrível que pareça, acabei sentindo o mesmo em relação a esta cidade.

O medo não foi o único fator a impedir meu retorno anteriormente. Eu precisava me preparar física e psicologicamente para enfrentar o lugar que foi cenário para meu maior pesadelo.

Sou de Londres e sempre quis viver aqui, mas meus planos foram interrompidos precocemente; foram adiados por dois anos. Dois anos em que me preparei sem saber que a vontade de voltar ainda estava dentro de mim. Algo me chamava, como uma voz insistente, e houve um momento em que essa voz começou a gritar.

Alan vive aqui desde que se formou. Obstinado, veio realizar seu maior sonho e hoje está em ótima fase nos negócios. Agora que está melhor financeiramente, decidiu se mudar para um apartamento maior.

Meu irmão é dono de uma imobiliária; sua empresa cresce a olhos vistos. Juntamente com o sócio, fez um ótimo trabalho nos últimos anos, o qual gerou sucesso e enorme aceitação do público. Ele sempre foi extremamente focado e, a cada dia, eu me orgulho mais de seu sucesso.

Alan me deu as coordenadas, já que não estaria aqui. Ele vive no quinto andar deste prédio. A fachada, assim como todo Village, é histórica. Por esse motivo, a arquitetura é preservada, o que torna esta região de Manhattan extremamente linda.

Antes de entrar no corredor onde ficam os elevadores, eu me deparo com um charmoso espaço. Nele há um pequeno balcão atrás do qual, após me inclinar, vejo um senhor asiático, de cabelos naturalmente brancos e que deve ter em torno de sessenta anos.

— Como vai? — cumprimento, chamando a atenção. — Meu irmão, Alan, do Apartamento 525, disse que eu poderia pegar as chaves aqui. Sou Melinda, Irmã dele — esclareço e o senhor, sentado em um banco baixo, sorri.

— Você se parece com seu irmão, mas seus cabelos são mais escuros — observa e remexe a gaveta, retirando um molho de chaves presas em um chaveiro dos Yankees.

— Aqui. — Estende a mão e me entrega.

— Obrigada!

— Espero que aproveite Nova York.

Sorrio ante sua simpatia e respondo:

— Sim, vou aproveitar.

Estamos em agosto e o verão é bem intenso por aqui nesta época do ano. Em Londres eu também costumava usar poucas roupas para me livrar do calor. A princípio não foi fácil me expor assim. Confesso que, depois do primeiro impacto, ao perceber que não tinha uma das pernas, precisei me esforçar para aceitar minha nova realidade, além da nova aparência.

Hoje já me acostumei com a imagem que vejo ao me olhar no espelho e aprendi a me amar do jeito que sou. Até gosto da minha perna cinzenta. Claro

que precisei sofrer para realmente gostar dela. Aliás, eu não imaginava que lidar com algo estranho encaixado em mim seria uma luta diária.

O elevador é antigo apenas na aparência. Pelo que vejo, passou por uma incrível reforma. No painel digital, pressiono o botão que indica o quinto andar e rapidamente sou conduzida. No piso indicado, não tenho problema algum em encontrar o número 525. Tudo aqui é muito bem-cuidado. O corredor é longo e espaçoso, ladeado por vasos, que compõem uma belíssima decoração.

Observo o chaveiro com três chaves em minha mão. Na porta há duas fechaduras e, depois de abrir a primeira, encontro dificuldades para destrancar a outra, a superior. Introduzo uma chave, depois outra e, na terceira tentativa, ela trava. Eu a forço e em seguida ouço um "creck": a chave se parte em minha mão.

Fecho os olhos, soltando o ar ruidosamente. Não acredito que consegui quebrar a chave dentro da fechadura.

— Que droga!

Fico uns bons cinco minutos observando o buraco da fechadura e buscando uma solução para retirar o pedaço de chave que ficou dentro dele, em vão. Coço a cabeça, um pouco chateada por ser tão desastrada e ansiosa. Deveria ter tomado mais cuidado.

Pego o aparelho celular e envio uma mensagem para meu irmão. Sei que se encontra em reunião e lamento interrompê-lo, mas não vejo alternativa. Devia ter lhe dado ouvidos quando ele disse que cancelaria o compromisso para me buscar no aeroporto, mas, ao contrário, implorei a ele que não fizesse isso. Preciso ser independente e, se continuar como estava em Londres, serei uma pessoa mimada, esperando que as pessoas façam tudo por mim.

Alan não responderá agora, quando cheguei ao aeroporto, conversamos brevemente e ele estava entrando na reunião.

Inspiro fundo e solto o ar com força, percebendo que, se não fizer algo, ficarei mofando aqui fora até meu irmão chegar. Encosto a testa na porta e fecho os olhos.

— Droga, droga, droga...

Um barulho de dobradiças, a uma porta de distância, chama minha atenção, e eu me viro, deparando com um rapaz. Está de costas, trancando a porta, e parece alheio à minha presença. Antes que siga para o elevador, eu o chamo.

— Ei, pode me ajudar?

Ele demora muitos segundos para se virar, parece estar pensando, decidindo se fará isso ou não. Quando o faz, sua expressão séria e entediada me deixa desconcertada. O homem usa um boné preto, os cabelos desgrenhados saem para fora dele. Uma barba grande e espessa esconde parcialmente seu rosto. Apenas consigo ver uma sombra feita pelo boné. Nada mais. Mesmo com um calor absurdo, veste uma blusa de moletom azul-escura e de mangas compridas.

— Eu quebrei a fechadura, você pode me ajudar aqui? — insisto.

Ele aparenta estar perto dos 30, mas, com essa barba cobrindo o rosto, é impossível saber ao certo. O homem continua com uma cara de aborrecimento ou o que parece ser uma. Não tenho certeza.

— Chame um chaveiro — é sua única resposta antes de se virar e se afastar.

Elevo as sobrancelhas, perplexa com a maneira grosseira como ele age.

— Ei, ei! — altero minha voz. — Tentar socorrer as pessoas em uma situação difícil, mesmo que não consiga ajudar, não mata ninguém.

Ele para como se refletisse sobre o que eu disse. Ainda está de costas para mim e, depois de longos segundos, finalmente se vira. Depois de analisar meu rosto, seus olhos descem para minha perna mecânica, olhando-a como se não tivesse reparado nela antes. Acho que realmente não havia notado este detalhe. Vejo que engole em seco antes de me encarar novamente. Tenho a sensação de que mudou de ideia e resolveu me ajudar, mas sua postura anterior retorna rapidamente.

— Eu não poderia ajudar. A não ser que queira que eu arrombe a porta.
— Embora eu tenha visto ínfima manifestação de algo semelhante a pena, ele

agora é ríspido e frio.

— Sérico? Que gentil! — exclamo, dissimulando a ironia com um sorriso.
— Viro-me de costas e volto a me concentrar no celular, tentando ainda contatar meu irmão. Quando me volto para olhar de relance para o vizinho, ele não está mais lá.

Sento-me sobre a mala e respiro fundo para não deixar que um imbecil qualquer tire minha paz. Porém eu me desequilibro e caio de costas no chão. Apoio-me com o cotovelo, as pernas sobre a mala. Fecho os olhos e inspiro, soltando o ar lentamente pelo nariz.

Depois de me levantar, vou até o *lobby* onde não encontro o senhor que deveria estar lá. Olho para todos os lados e não o vejo em lugar algum. Volto para o quinto andar e, quando decido procurar algum chaveiro próximo daqui, no *Google*, um homem, com uma maleta na mão, surge no corredor.

— Você mora no 525? — pergunta o desconhecido.

Franzo o sobrecenho, observando a figura magrela de um rapaz baixo se aproximar de mim.

— Sim — respondo confusa.

— Eu vim trocar a fechadura.

Encaro-o, admirada. — Quem o chamou?

— Um rapaz. Parece que ele é seu vizinho.

Pisco algumas vezes tentando realmente entender qual é a daquele cara. No fim das contas, ele me ajudou. Talvez sua inesperada atitude tenha relação com aquele rápido e perplexo olhar que lançou para minha perna mecânica.

— Ah, certo. Obrigada por vir. — Afasto-me dando espaço ao homem que, depois de dar uma boa olhada em minha prótese, começa a fazer seu trabalho.

A fechadura foi devidamente arrumada e o homem não me cobrou caro pelo serviço. Segundo ele, a chave deveria estar quase quebrada e agora está tudo resolvido.

O apartamento de meu irmão é espaçoso e acolhedor. A sala é bastante moderna. Duas janelas que vão do chão ao teto, com escadas de incêndio do lado de fora, trazem boas lembranças. Há uma lareira reformada junto da qual ficam os sofás e uma TV LCD grande, presa à parede.

O apartamento tem três quartos e um deles foi reformado exclusivamente para mim. paro diante da porta e observo admirada, os olhos cheios de lágrimas, a decoração; tenho o melhor irmão do mundo. Ele cuidou de tudo com muito amor. No quarto há uma cama *queen*, uma cadeira de rodinhas, uma bela poltrona e uma cômoda branca, com um espelho enorme sobre ela.

Sento-me na cadeira ao lado da cama e retiro a prótese a vácuo. Alan pensou em tudo e sabe que, durante a noite, quando minha perna mecânica está presa a um carregador e tenho de ir ao banheiro, preciso de algo para me apoiar. Até mesmo o banheiro foi adaptado para minhas necessidades. Há um banco articulado e barras de metal para eu me apoiar sem precisar de ajuda.

Hoje, consigo viver bem com minha perna mecânica, mas nem sempre foi assim. No início, isso machucou, incomodou, arrancou-me lágrimas de desespero, mas, hoje, depois de muita persistência, ando quase como qualquer pessoa que tem as duas pernas intactas. A fisioterapia, o sofrimento e o choro diário foram de extrema importância para que hoje eu olhe para trás orgulhosa de mim mesma, por minha própria persistência no sonho de poder voltar a andar.

Depois de tomar um longo banho, eu me jogo, literalmente, na cama e me esparramo embaixo dos lençóis. A prótese está ao lado para facilitar minha vida.

Estou exausta e decido tirar um cochilo rápido. Olho para o teto, mas meus olhos pesam e em poucos minutos mergulho em um sono profundo.

— *Acorda*, sua dorminhoca! — a voz familiar de meu irmão me arranca um sorriso antes mesmo de eu abrir os olhos.

— Que horas são agora? — minha voz está rouca.

— São dez da noite.

Amplio os olhos incrédula. — Nossa, eu dormi demais!

Alan sorri e concorda: — Sim, eu sei. Cheguei a me preocupar, já que vi sua mensagem somente agora. — Ele une as sobrancelhas. — Aconteceu alguma coisa?

— A chave quebrou na fechadura e seu vizinho mal-humorado me ajudou.

— Vizinho mal-humorado? — pergunta, olhando para o teto, provavelmente forçando a mente para se lembrar de alguém. — Ah, sim. Acho que sei quem é. Talvez eu tenha esbarrado com ele no elevador uma ou duas vezes. Ele é estranho.

Assinto e conto tudo o que me aconteceu hoje.

— Sorte sua ter conseguido a atenção dele. Chang, o homem que cuida da portaria, contou sobre esse cara. Parece que ele é fechado desde que se mudou para cá, há uns dois anos, eu acho.

Concordo com a cabeça.

— Mas ele me ajudou — afirmo, lembrando-me do chaveiro que salvou meu dia.

— Parece que ele não é tão alheio às pessoas como demonstra — Alan diz e se ergue em seguida. — Trouxe pizza. Topa dividir uma de *pepperoni*?

Sorrio largamente. — Claro!

— Ótimo. Tire esse traseiro daí e venha. Espero na cozinha.

Meneio a cabeça em concordância e um sorriso largo se espalha no rosto dele.

Melinda

O sol começa a brilhar por entre as frestas da persiana, e os fios de luz obrigam-me a acordar. Hoje é sábado, dia em que decidi sair do confinamento de uma semana e caminhar, para finalmente receber o que Nova York tem a me oferecer. Apreciar essa cidade é muito fácil, mas eu precisava descansar e colocar a mente no lugar antes de me aventurar por aí.

Depois de um banho e de encaixar a prótese, visto um vestido floral e saio pelas ruas, aproveitando o calor que é tão bem-vindo e curto por aqui. Alguns minutos passam e, caminhando pelas ruas movimentadas do Village, eu me vejo na Washington Square Park.

Em meio aos edifícios e ruas extremamente movimentadas, por todos os lados, as árvores frondosas e flores dão um belo colorido à região. Quando morei aqui, tive o privilégio de vir algumas vezes a este lugar. Vinha para ler, andar, correr e até mesmo encontrar alguns poucos amigos. Mas hoje não. Agora é diferente. Estou sozinha e não tenho um motivo especial para estar aqui. Apenas precisava vir e agora percebo que estou vendo tudo a partir de uma nova perspectiva. Faz uma semana que me mudei para cá com o intuito de me adaptar, até começar a fazer algo novo, e acho que fiz bem.

Caminho despreocupadamente, admirando o dia e observando as pessoas. Fazem coisas comuns e, ao mesmo tempo, tão especiais. Com a câmera em mãos, começo a fotografar a bela fonte, bem no centro do parque, onde as pessoas molham os pés, aproveitando a rara ocasião de desfrutar do verão novaiorquino.

Reparo nas pessoas deitadas na grama, algumas lendo, outras dormindo, além de casais ouvindo músicas. Observo atentamente uma jovem asiática; ela toca em um piano de calda em pleno parque, próximo a um belíssimo jardim

florido. É uma rara imagem, dessas que se vê apenas em cidades como Nova York.

Caminhando de volta para casa, sinto-me bem, como há muito tempo não me sentia. Voltar não está sendo tão assustador como cheguei a temer que seria.

Caminho pelas ruas e, através do celular, troco mensagens com meu irmão. Ele quer que eu saia para jantar fora. Acha que preciso me socializar e acredita que uma semana foi tempo suficiente para ficar trancada em minha bolha particular. Reviro os olhos e sorrio, imaginando sua preocupação. Meu irmão deve se sentir responsável por mim, mesmo com minhas inúmeras tentativas de tranquilizá-lo. Alan disse que, se algo acontecesse novamente comigo, jamais se perdoaria. Nada do que houve é culpa dele, mas colocar isso em sua cabeça dura está sendo uma tarefa complicada.

Eu: "Acho que você deveria parar de se preocupar comigo".

Alan: "Acho que você deveria parar de se preocupar com a minha preocupação".

Sorrio, sentindo-me feliz com o bom humor do meu irmão. Marcamos de nos ver mais tarde e nos despedimos.

Guardo o celular na bolsa e pego novamente a câmera fotográfica. Um pouco dispersa enquanto a penduro no pescoço, sinto algo fazendo cócegas em minha canela e, automaticamente, olho para baixo, encontrando um cão extremamente animado, diferente, mas não menos encantador. Aparentemente, não tem uma raça definida. Tem a cor caramelada, olhos brilhantes e castanhos, mas o que mais me chama a atenção é a orelha. Ele perdeu uma grande parte da esquerda e tenho a impressão de que foi queimado.

Instintivamente, miro minha câmera, capturando uma bela foto. O cão é alegre e parece sorrir para a lente enquanto miro em sua direção. Talvez eu nunca tenha visto um cachorro sorrir. Reparo que há algumas marcas em sua cabeça, mas não sei precisar o que pode ter acontecido com esse pobre cão no passado. Sinto arrepios ao imaginar o que pode ter sofrido nas mãos de quem quer que seja. Porém, rapidamente, sou tomada por grande alegria. Mesmo que um dia ele tenha passado por algo traumático, seguramente recebeu carinho de

uma família ou de alguém que cuida dele da forma como merece. Assim como tive em minha vida. Sei disso por conta da coleira, a qual arrasta pelo chão. Pego-a antes que ele fuja novamente.

— Onde está sua dona ou dono, hein, garoto fujão?

Com um pouco de dificuldade, usando uma das mãos como apoio, abaixo-me. Acaricio a cabeça do cachorro com a mão livre. Ele me lambe como se quisesse dizer algo do tipo "Estou feliz em conhecê-la" e, efusivamente, continua a pular em mim. Sua exagerada alegria me faz rir e, quando menos espero, perco o equilíbrio e termino sentada. Minha risada se intensifica; este cão é bastante animado para seu porte mediano. Acho que há tempos eu não ria tanto como agora. As pessoas que passam observam-me, minha alegria, e, talvez por isso, não parecem tão chocadas como estariam em uma situação normal.

— Lola! — Ouço uma voz ao longe e, quando ergo a cabeça, congelo; o dono da voz é meu vizinho mal-humorado, que corre em nossa direção. Ele é o dono desse cachorro? Aliás, ele disse "Lola", o que me faz entender que é uma cadela.

O homem estranho está a certa distância de nós, mas noto que agora veste roupas quase adequadas para o verão nova-iorquino, exceto pela calça de moletom. Sua camiseta é preta e sem mangas. Embora a roupa seja larga, não consigo deixar de reparar nos braços esculpidos e fortes, como os de alguém que malha todos os dias. Não observo muito, para que ele não perceba minha curiosidade.

— Lola! — chama novamente enquanto se aproxima. O homem se abaixa sem fazer contato visual comigo e pega a cadela rapidamente. Não diz uma palavra e se afasta, virando-se de costas, ignorando-me completamente.

Apenas o observo, perplexa. Antes que eu possa refletir sobre seu comportamento, subitamente, ele interrompe os passos, permanecendo imóvel por alguns segundos. Ainda estou sentada na calçada, observando-os calada. A cadela se contorce embaixo do braço do dono, louca para se desvencilhar. O homem permanece de costas para mim; parece titubear, como se estivesse

debatendo internamente sobre tomar alguma atitude ou não. De repente decide se virar e, pela primeira vez, fixa-se em meus olhos. Por um breve instante, sinto a intensidade de seu olhar e fico estática. Contudo ele logo baixa as pálpebras e sopra o ar pesadamente.

— Deixe-me ajudar. — Aparentemente contrariado com as próprias palavras, ele vem até mim e segura meu cotovelo, erguendo-me do chão com uma rapidez impressionante.

— Eu poderia fazer isso sozinha, mas obrigada! — agradeço.

O rapaz diante de mim, com os cabelos desgrehados e sem corte definido, não parece se preocupar com a aparência, pelo contrário, dá a impressão de que se esforça para parecer feio. Não conseguirá, contudo, mesmo tentando mil vezes.

Ele acena rapidamente com a cabeça e se afasta, levando consigo a relutante cadela sem uma orelha.

— Espere! — as palavras escapam de minha boca, antes que eu possa contê-las.

Ele agora me olha com uma expressão impaciente.

— Obrigada por me ajudar com o chaveiro na semana passada. Eu... eu estava me mudando para o apartamento do meu irmão e, bom, só queria agradecer a gentileza.

— Não foi uma gentileza — diz friamente. — Eu só não queria voltar a encontrar uma mulher jorrando desaforos sobre mim no corredor do meu apartamento — dito isso e sem me dar chance de resposta, ele sai, desta vez, puxando a cadela pela coleira.

Eu me imagino jogando a câmera nas costas dele, mas limpo o pensamento rapidamente, lembrando-me do valor que paguei por ela; eu não a desperdiçaria quebrando-a na cabeça de um idiota.

Observo a cadela, que agora tem nome, Lola, correr inquieta. Ela rosna, salta e late mais vezes do que eu poderia contar. Tenho a impressão de que tomou algum tipo de bebida energética. O que ela tem de animada seu dono tem

de fechado, introspectivo e calado. Existe um contraste incontestável entre esses dois seres que, mesmo sendo tão diferentes, parecem combinar de algum modo. O animal emana cor à vida de um homem aparentemente tão triste.

Quinze dias passaram, e eu já me socializei com metade dos amigos de meu irmão. Saí para encontrá-los algumas vezes, mas desisti de ir ao último encontro ao perceber que o sócio de Alan está interessado em mim. Todos parecem legais, mas têm aquela ponta de pena no olhar. Não sei se é impressão minha, mas é o que sinto quando estou perto dessas pessoas. Não costumo derramar lágrimas por algo irreversível. Não me lamento, mas também não vejo necessidade de narrar o acontecido para todos que encontrar pela frente. Deixei essa tarefa para meu irmão. Reviver aquele dia ainda é muito doloroso, afinal ainda tenho pesadelos por conta daquele acidente. Mesmo que eu me sinta bem, na maioria das vezes não gosto de me lembrar de algo que tirou uma vida e parte da minha perna; que me deixou sequelas físicas e emocionais para sempre.

Vi meu vizinho misterioso mais vezes do que deveria e menos do que gostaria. Confesso que, a cada dia que o vejo, sinto-me mais intrigada com sua introspecção. Ele não dá o mínimo espaço para que possamos, ao menos, conversar. Mas eu, em contrapartida, toda vez que o vejo sair, com sua cadela ou sozinho, sinto vontade de falar, tentar entender a razão que o faz parecer tão triste. Sinto que precisa de ajuda, mas não sei como ajudá-lo. Sei, no entanto, que sou a pessoa que ele precisa conhecer para entender que passamos por problemas, mas que podemos superá-los. Tudo bem. Talvez eu não tenha superado completamente, mas sei que ele precisa de alguém para conversar. Parece contraditória a ideia de que quero tentar ajudar alguém que está inteiro fisicamente, quando eu mesma não estou, mas algo me diz que também lhe falta algum pedaço; que ele está despedaçado por dentro.

Embora a cadela pareça muito feliz quando me vê, seu dono sempre some de minhas vistas. Quando pego o elevador, ele desce as escadas. Admito sentir-me mal com a situação; ele claramente evita estar no mesmo ambiente que

eu. Entretanto não creio que isso seja algo particular contra mim. Meu vizinho tem problemas que ultrapassam meu entendimento, mas isso só me deixa ainda mais curiosa.

— Não gosto de vê-la assim — a voz de meu irmão ressoa em meus ouvidos, tirando-me dos pensamentos sobre o vizinho mal-humorado. Observo-o, está impecavelmente vestido, e sorrio, imaginando que sairá com a quase namorada.

— Eu estou bem! — protesto.

— John é um cara legal! — Ele está se referindo ao amigo e sócio que parece interessado em mim.

— Ele é legal, mas eu não acho que esteja preparada para...

— Você é linda, Mel.

Sorrio por ele achar que eu estou preocupada com minha aparência e respondo:

— Não me preocupo com isso, embora às vezes perceba olhares de pena direcionados a mim.

Alan suga o ar com força e o solta pesadamente.

— Ninguém tem pena de você, e sim curiosidade ao imaginar o que passou. Só isso. — Ele pega, na geladeira, uma garrafa de suco de manga e despeja o conteúdo em um copo. Alan me entrega e eu forço um sorriso.

— Obrigada.

— Anime-se!

— Eu estou animada, Alan.

Ele dá a volta no balcão da cozinha e me abraça. Meus braços continuam sobre as pernas, enquanto sinto os dele envolverem meus ombros.

— Você está indo bem e eu estou muito, muito orgulhoso de você.

Curvo os lábios em um sorriso e aperto seu tronco com força. Ele beija a minha têmpora demoradamente.

— Obrigada. Eu amo você — digo ainda o apertando.

— Eu também.

O ar ainda está quente, mas a brisa começa a tocar levemente a minha pele. O verão dá ínfimos indícios de que em breve irá partir. Aproveito os dias em que o clima contribui e faço mais algumas fotos. Não imaginei gostar tanto de fotografar, mas, como não tinha muito o que fazer, isso se transformou em algo prazeroso.

Caminho pela Rua 3, depois de mais um passeio solitário por Manhattan. Alan foi bem generoso ao me deixar à vontade e dar todo apoio de que necessito; posso aproveitar ao máximo antes de descobrir o que realmente pretendo fazer. Ele chegou a me oferecer trabalho na imobiliária, mas eu disse que quero um tempo para pensar sobre isso. Meu irmão sabe que não vim para ficar muito tempo sem um trabalho ou sem estudar, mas prometeu me dar o espaço de que preciso.

Saio de casa depois de sentir dores incômodas, mais precisamente, cólicas. Entro na primeira loja de conveniência que encontro, pego uma cesta e faço meu caminho diretamente para a área de higiene pessoal. Alcanço um sabonete íntimo, absorventes, remédios para cólica e sigo para o corredor de sucos. Pego meu favorito, de manga, e me dirijo ao caixa. Coloco os itens sobre o balcão e espero que o homem uniformizado e de costas para mim me atenda. Reparo em sua forma física, pensando em como me parece familiar e, então, quando ele se vira, pisco algumas vezes, incrédula ao perceber que mais uma vez estou diante dele. Abro ligeiramente a boca enquanto meu vizinho pega os itens, olhando-os um a um. Se fosse qualquer outro funcionário, eu não estaria constrangida como agora. É como se ele estivesse desvendando meus segredos mais sujos através das coisas que comprei. Fecho os olhos, mortificada, mesmo que seu rosto não demonstre qualquer tipo de reação. Ele parece não se importar, mas estou consternada mesmo sabendo que isso é tão idiota e que são produtos

que as mulheres comprem todos os dias.

O rapaz passa as compras no leitor digital, eu decido não me preocupar. São compras normais, oras! Eu não deveria me importar. Olho de relance para o crachá e leio o nome discretamente. Ele se chama Christopher. Finalmente sei algo a seu respeito. Hoje também usa um boné, agora com o logotipo da loja, os cabelos escondidos dentro dele.

Christopher ignora o fato de ter me visto muitas outras vezes e eu sinto uma súbita irritação ante essa atitude.

— US\$ 12,40 — utiliza um tom formal, os olhos presos à tela do computador a sua frente. Por alguma razão, necessito que ele olhe para mim; o desejo de chamar sua atenção me consome. Quanto mais fechado ele é, mais curiosa eu fico. Isso está me deixando louca.

— Você tem cigarros? — pergunto de súbito, sem saber por que motivo, mas finalmente consigo alcançar meu objetivo. Ele está me olhando e eu consigo ver, ainda que mínima, certa curiosidade em seus olhos.

— Atrás de mim.

Engulo em seco, observando a montanha de cigarros em toda parte; idiota como sou, nem havia notado.

— Pode ser um desse verde aí!

Ele ergue as sobrancelhas e se vira para pegar. Com a delicadeza de um elefante, meu vizinho, que insiste em ignorar minha presença, coloca a caixa sobre a mesa.

— US\$ 20,40, por favor.

Amplio os olhos espantada com o que acabo de ouvir.

— Está me dizendo que um cigarro custa essa fortuna? O mais incrível é saber que ainda existem tantos fumantes no planeta! — Talvez eu tenha visto o fantasma de um sorriso. Não tenho certeza. Desde que o vi pela primeira vez, ele não contrai sequer um músculo do rosto. Na verdade, é difícil encontrar suas expressões faciais através da barba espessa. Como o contrataram com essa barba que parece ter sido negligenciada há anos?

— Sendo fumante, você deveria saber o valor de um cigarro. — Pela primeira vez sinto sarcasmo saindo de sua boca.

— Na... Não são para mim. Nem para o meu irmão, caso queira saber. Nunca fumamos e odiamos cigarro. Aliás, eu já experimentei há alguns anos, mas odiei. Eu ia presentear um mendigo que vi na rua e... e a mulher dele, que acredito precisar de absorventes. Eu, eu não uso, quero dizer, claro que uso, mas... — Paro de falar, percebendo as besteiras que estão saindo de minha boca e imaginando o que deve estar passando pela cabeça dele. Não sei por que razão, mas senti necessidade de explicar algo que ele, provavelmente, não quer saber. Agora me sinto patética. Ele não diz nada em resposta.

— Okay, talvez você tenha uma bebida alcoólica?

— No último corredor. — Embora eu estivesse arrumando um pretexto apenas para puxar assunto, as feições dele são praticamente impenetráveis, enquanto volta a atenção para o computador.

— Vai querer o cigarro ou a bebida? — questiona com um tom impaciente ao perceber que eu não me movi.

— Não! — respondo categoricamente.

Ele então volta a atenção para o computador. Observo-o, analisando os traços em seu rosto. Tem um nariz bonito, pele lisa, escondida entre o emaranhado de barba. De repente me vem uma constatação. Christopher pode pensar que eu vim aqui por sua causa. Que sou uma louca perseguidora, ou sei lá.

— Só para constar, eu não sabia que você trabalhava aqui — explico, minha voz quase um sussurro.

— Eu sei — responde sem me olhar. — US\$ 12,40.

Sopro o ar rispidamente. *Qual é o problema dele?*

— Qual é o seu problema? — verbalizo meu pensamento. — Eu não sou contagiosa, tá bom?

Ele pisca algumas vezes, agora me olhando com certa curiosidade.

— Eu sei.

— Se sabe, por que me evita? Qual é o seu maldito problema? Eu apenas tenho uma perna mecânica e ela não faz mal a ninguém.

Percebo que ele olha para os lados e volta e me encarar. Inspira visivelmente e solta o ar com força.

— Não quero ser indelicado, mas não busco amizades e acho que você deveria ter notado isso desde o primeiro momento em que me viu. Deixei pistas suficientes, não acha?

Encaro-o entre surpresa e horrorizada. Sem responder ao quase insulto, retiro uma nota de US\$ 10 e outra de US\$ 5 de minha bolsa e praticamente as jogo sobre o balcão.

— Fique com o maldito troco! — Afasto-me praticamente correndo; se não fosse por minhas limitações, teria sido mais rápida. Tropeço, mas tomo cuidado para não ir de encontro ao chão e saio pela porta.

Não tenho a menor dúvida de que minha atração por pessoas incomuns surgiu depois daquele acidente.

Aquele rapaz é diferente, mas, depois daquele episódio na loja, acho que andei confundindo grosseria com introspecção. O pior de tudo é que não consigo parar de pensar no porquê de ele ser tão arisco. É como se fosse algum tipo de animal selvagem que precisa ser domado.

Sentada sobre minha cama, analiso os papéis de inscrição para o curso de cinema que farei em breve. Preciso me ocupar com algo realmente relevante para manter a sanidade mental.

Separo alguns deles e os guardo em uma pasta que havia colocado sobre a cama. Ergo-me e caminho até a cômoda onde minha máquina e o celular estão. Alcanço a câmera e analiso distraidamente algumas fotos, mas paro no rosto da cadela mais sorridente que já vi. É uma foto linda, pretendo guardá-la para sempre. A cadela que não tem uma orelha. Isso não parece um defeito para mim, e sim um charme que a transformou em um animal especial.

Repentinamente me sobressalto em virtude da campainha do aparelho celular. Estava tão concentrada nas fotos que qualquer barulho me assustaria. Pego o aparelho e vejo que é minha mãe. Ela me liga quase todos os dias e sua preocupação não diminui mesmo que eu a tranquilize dizendo que estou muito bem. Decido atender antes que ela enlouqueça.

— Filha! Como você está?

— Mãe, você me perguntou isso há menos de 24 horas. — Ouço algo parecido com um suspiro do outro lado da linha.

— Quero saber como está hoje.

— Bem, e você?

— Preocupada. Não sei se foi uma boa ideia deixá-la voltar para esse

lugar.

— Não há motivos para preocupações.

— Espero que seu irmão a esteja levando para passear e ajudando com o que precisa.

Reviro os olhos teatralmente mesmo que ela não me veja.

— Mãe, acho que você está perdida em alguma máquina do tempo. Eu já cresci. Sou adulta há alguns anos.

Sua respiração torna-se mais pesada.

— Para todos os outros, você cresceu. Não para mim. — Seu comentário me faz curvar os lábios em um sorriso.

— Eu te amo. Não precisa se preocupar. Sério!

— Estava revirando alguns papéis sobre o processo, todo andamento e a decisão do juiz sobre a mulher que...

— Mãe... Eu não quero saber.

— Mas, filha, você precisa se inteirar de tudo o que está acontecendo.

— Isso não trará Alice ou minha perna de volta. Tente não falar sobre isso, por favor. Ainda não posso. Não estou preparada. — Um longo silêncio paira na linha, mas minha mãe parece ter entendido o recado.

— Vou tentar. Seu pai mandou um beijo, filha.

— Outro para ele. Eu amo vocês.

Conversamos por mais alguns minutos sobre assuntos mais leves, como levar um agasalho ou um guarda-chuva caso o tempo mude, e outras trivialidades. Desligamos e, depois de me arrumar para me juntar ao meu irmão em um jantar de amigos no *sushi* da esquina, analiso minha figura no espelho mais uma vez.

Eu pareço bem, com um vestido simples e curto, floral, de alças grossas. Solto os cabelos loiro-escuros e os deixo cair como cascata sobre os ombros. A maquiagem está bem leve e, depois de satisfeita, alcanço a bolsa tiracolo.

Enquanto caminho em direção à porta, ligo para meu irmão, que diz estar me esperando no restaurante. Alan queria vir me buscar, mas insisti que não era

preciso e ele entendeu. Não era bem o que eu desejava fazer hoje à noite, mas, definitivamente, preciso me distrair.

— Acho que três taças de vinho foram mais que suficientes. Você não comeu muito, eu notei.

Rolo os olhos com o comentário do meu irmão.

— Acho que tem conversado muito com a mamãe, não tem? — questiono-o. Ele não parou de me vigiar.

— Não. Só reparei que você parece agitada hoje. Nunca a vi beber mais do que duas taças de vinho. — Ele une suas sobrancelhas. — Aconteceu alguma coisa?

— Não. — Desvio o olhar, lembrando-me do desastroso encontro com o vizinho.

— Tem certeza? Sabe que posso ajudá-la no que precisar, não sabe? — diz com um sorriso.

— Claro que sei. Estou bebendo água alternadamente, não se preocupe.

— Ei! — John, sócio e amigo de Alan, interrompe-nos. — Pode levar sua namorada para casa, Alan. Eu levo sua irmã.

Meu irmão a abraça. Carmen é filha de mexicanos, muito gentil, linda e parece apaixonada por ele. Seus cabelos lisos e negros estão em um coque mal feito. Pela forma como se olham, parecem gostar um do outro.

— Não precisa. Estamos a um quarteirão de casa. Acho que nada ruim aconteceria comigo a uma distância tão curta.

Ele sorri com o que digo. John é um homem bonito. Em seus 20 e tantos anos, é alto, cabelos quase ruivos, olhos verdes, barba feita e cabelos muito arrumados. Parece impecável.

Alan, quando me convidou, não mencionou que teríamos um encontro de casais. Talvez esteja tentando fazer com que algo aconteça aqui. Talvez isso tenha me assustado, não sei. Desde o acidente, recebi poucos olhares assim, como os dele, confesso. Ainda não me envolvi com outros homens depois do

acidente e teria de reaprender tudo novamente. Porém não é nisso que estou pensando agora. Certo homem, de aparência estranhamente instigante, não sai da minha cabeça.

— Faço questão. Acho que minha companhia não pode ser tão ruim assim. — Nós nos encaramos por alguns segundos e o canto de meus lábios se curvam em um leve sorriso. Não dá para negar que John, além de lindo, é muito charmoso.

— Tudo bem.

Alan foi para a casa da agora namorada, mas quis se certificar de que eu ficaria bem. Eu revirei os olhos e disse que tudo ficaria bem e que ele, definitivamente, não precisava se preocupar. Agora ando despreocupadamente pelas ruas do Village, em direção ao meu prédio. No curto percurso, John me conta como conheceu meu irmão e como se tornaram sócios há quase dois anos.

— Vocês parecem se dar bem, não é? — pergunto, enquanto nos aproximamos da pequena escada que leva à entrada do prédio.

— Sim. Seu irmão é excelente nos negócios. Tem um olhar amplo; o empreendedorismo está nas veias dele.

Paramos em frente à entrada e eu me viro para encará-lo.

— Parece que estou salva — minha voz soa mais irônica do que deveria. — Obrigada por trazer até aqui.

Ele ri e responde: — Agora posso dormir um pouco melhor. — Aproxima-se de mim. Talvez muito e, quando percebo, seus lábios tocam o meu rosto. Surpreende-me o fato de ele não ter me beijado na boca, mas agradeço silenciosamente.

— Espero vê-la mais vezes.

Concordo com a cabeça, mas não respondo.

— Quer que eu a acompanhe até seu andar? — pergunta.

— Não. Acho que eu sei me virar dentro de um elevador.

John ri.

— Gosto desse seu sarcasmo. Tudo bem. — Puxa o ar com força. — Nós nos vemos depois.

— Aceno e ele se afasta, caminhando pela rua, as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans.

Observo-o por alguns segundos e logo em seguida entro no prédio.

Já no meu andar, a porta do elevador se abre e, assim que saio, percebo que recebi uma mensagem de meu irmão. Alan quer saber se cheguei bem. Sorrio e, em sequência, respondo que está tudo em ordem.

Coloco o celular dentro da bolsa e, quando me aproximo da porta, percebo que há uma sacola. Meus olhos varrem todo o corredor à procura de alguém. Estou sozinha, então alcanço a embalagem no chão, deparando-me com os produtos que havia comprado e que não havia trazido comigo. Mais cedo, cogitei voltar à loja, mas descartei imediatamente a ideia.

Vejo que há um papel dentro da sacola; é apenas a nota do estabelecimento, mas, onde deveria estar impresso o valor, está a palavra "desculpe" e o meu troco. Não sei por que uma palavra tão pequena mudou completamente meu modo de pensar a respeito dele. Ao menos tem um coração.

Melinda

A chuva bate com força no para-brisa, quase nos impedindo de enxergar qualquer coisa a nossa frente.

— Acho melhor pararmos! — Alice diz atrás do volante, enquanto o mundo parece cair sobre nossas cabeças.

— Sim. Vamos esperar a chuva passar. Melhor parar no primeiro lugar que encontrar.

Ela concorda com a cabeça, concentrada no trânsito à frente. Observo o limpador de para-brisa fazendo seu trabalho para, inutilmente, retirar a água sobre ele. A chuva bate violentamente contra o vidro.

O sinal está vermelho e, no momento em que a cor muda para verde, ela acelera. Em milésimos de segundos, no entanto, um farol, muito alto e próximo demais, cega nossos olhos. A luz ofuscante está cada vez mais perto, como se eu a visse em câmera lenta. Eu grito, mas é tarde demais.

Desperto assustada, lágrimas escorrem sobre meu rosto, enquanto o sonho se perde em uma bruma. Olho para o relógio no criado-mudo, são três da manhã.

Minha respiração está ofegante e eu me ergo, ainda na cama, puxando o ar com força para dentro dos pulmões. Sento-me sobre a cadeira de rodinhas e me movo em direção ao banheiro. Levanto-me segurando as barras laterais que ficam na parede, ao lado da pia.

Ainda ofegante o suor escorrendo em minha testa, tento me recuperar, mas sinto o vômito subir pela garganta e só tenho tempo de me jogar próximo ao vaso, agarrando-me às laterais.

Eu me contorço por alguns segundos, tentando expulsar tudo dentro de mim. Fico sentada no chão, arfando e tremendo por vários minutos, até que, com dificuldade, consigo me erguer novamente.

Molho o rosto, escovo os dentes e volto para a cama, ainda trêmula, triste

e frustrada ao saber que esses sonhos parecem cada vez mais reais.

Pela manhã, decido sair e dar uma volta com minha inseparável máquina fotográfica. Mexer o corpo e ocupar a mente é o que sempre faço depois de uma noite maldormida. Meus cabelos estão amarrados no topo da cabeça e me sinto bem, dentro de um vestido leve, de mangas curtas.

Embora meu irmão esteja trabalhando, já me enviou mensagem logo que acordei. Queria saber se passei bem a noite sozinha, em seu apartamento. Respondi com um "muito bem" para tranquilizá-lo.

Penduro a câmera no pescoço, pego a bolsa e saio. Ao fechar a porta, ouço latidos e meus olhos se prendem na cadela mais alegre que já vi. Em seguida observo o dono dela, que me encara diretamente nos olhos.

Hesito um pouco, mas decido caminhar na direção dele, já que o elevador está próximo ao seu apartamento. Espero que fuja com Lola, mas ele não faz. Christopher não foge, não corre, não faz qualquer movimento; apenas me observa intensamente. Eu me aproximo, imaginando o motivo de ele ainda estar aqui.

— Espero que tenha encontrado suas compras — diz finalmente, o tom de voz calmo.

Abro parcialmente a boca, um pouco incrédula ante essas palavras. Não pelo que ele disse realmente, mas devido ao fato de falar comigo sem que eu tenha dito algo primeiro.

— Sim. Obrigada — consigo dizer e ouço novamente os latidos da cadela. Sorrio para ele, pedindo silenciosamente permissão para tocá-la. Meu vizinho apenas assente e eu me abaixo, desajeitada.

Lola voa em mim como se estivesse faminta e eu fosse algum tipo de comida. Eu me abaixo e ela lambe meu rosto inúmeras vezes, fazendo-me rir como da última vez.

— Lola! — ele a repreende, puxando-a pela coleira, afastando-a de mim.

— Tudo bem! — informo, tentando me erguer novamente. Christopher se

afasta, abrindo a porta de seu apartamento e, quando penso que irá entrar, apenas coloca Lola para dentro, voltando para me ajudar. Dessa vez, é prestativo e segura meus cotovelos sem pressa.

Novamente de pé, agradeço, mas ele ainda segura meu cotovelo.

Estamos próximos como jamais ficamos e agora, tão de perto, consigo ver as sombras escuras sempre presentes no fundo dos olhos dele. Enquanto os observo, algo neles me chama a atenção, tornando quase impossível desviar o olhar. Ele parece tão triste que não posso evitar a curiosidade.

Quando percebe que está segurando meu cotovelo mais tempo do que deveria, Christopher me solta e dá dois passos para trás.

— Obrigada — agradeço mais uma vez, enquanto me seguro para não ceder ao impulso de retirar, do rosto dele, alguns fios de cabelo.

Ele acena com um sorriso sem humor, curvando o canto da boca.

— Espero que ainda possamos ser amigos — as palavras saem de minha boca antes mesmo que eu possa detê-las. Eu me esqueci; meu vizinho não quer fazer amizades, mas é como se eu soubesse que ele não disse isso de verdade.

Ele dá mais um passo para trás, mas solta uma expiração profunda.

— Achei que estivesse com ódio de mim — diz, claramente arrependido pela atitude de ontem.

— Águas passadas. — Sorrio e estendo a mão. O "v" que sempre está presente entre os olhos dele parece ainda mais evidente agora, enquanto observa minha mão.

Christopher finalmente a segura e a cobre com o tamanho absurdo de sua própria mão.

— Ótimo! — digo, afastando-me. — Nós nos veremos depois.

Quando estou me virando para ir embora, ouço:

— Você não me disse seu nome.

Curvo os lábios em um rápido sorriso.

— Meu nome é Mel. — Não sei por que razão usei um apelido de infância, mas é como se eu quisesse ser outra pessoa para ele. Uma pessoa

normal, sem um passado ruim.

Os olhos azuis sorriem por uma fração de segundos, mas eu noto.

— Christopher.

— Eu sei.

Ele une as sobrancelhas, pisca algumas vezes, mas acena com a cabeça como se tivesse entendido que, ontem, li seu nome no crachá.

Entro no elevador, satisfeita em ter conseguido o primeiro passo para uma possível amizade.

No decorrer da semana, eu me encontrei com Christopher algumas vezes. Brinquei com Lola e ele me pareceu mais amigável. Ainda vejo um muro bem-erguido entre nós, mas, em vez de me afastar, sinto-me desafiada a destruir ao menos uma parte dessa barreira.

Hoje o vi voltando com Lola depois de mais um de seus passeios diários, mas, diferentemente dos outros dias, arrisquei pedir emprestada a cadela como pretexto para tentar me aproximar mais dele. Quase me arrependi, ao notar que ele parecia desconfiado ou algo do tipo, até que finalmente cedeu.

Concedeu-me apenas uma hora com Lola. Senti que não queria que eu saísse com ela, mas desconfio que seja por causa de minha condição. Claro que não disse nada a respeito nem usou a palavra "condição" realmente, mas os olhos fixos sobre minha perna mecânica revelavam preocupação. Eu sabia o que ele temia; Christopher achava que eu não conseguiria lidar com a cadela, e isso me encorajou ainda mais a provar que sou capaz.

Depois de deixar Lola correr pelo Dog park, um espaço fechado reservado para cães dentro do Washington Square Park, já estamos novamente de volta ao prédio onde moro. Ela é uma cadela doce e, como eu imaginava, não me deu trabalho algum. Com apenas um chamado, retornou até mim sem qualquer problema.

As pessoas ao redor pareciam interessadas na cadela sem orelha, e eu me pergunto como Christopher lida com essa curiosidade. O mais incrível é que ela parecia, a todo tempo, entender minhas dificuldades. Tenho a impressão de que Lola entende tudo, absolutamente tudo o que digo.

— Aposto que está cansada, certo?

Ela ergue a única orelha e olha para mim, abanando o rabo

desesperadamente; isso me arranca um sorriso. Lola é fascinante e continua perfeita como deveria ser.

Assim que as portas do elevador se abrem, ela corre em direção à porta do apartamento do dono. Lola se senta educadamente enquanto me aproximo.

Toco a campainha e em seguida a porta se abre, revelando um abdômen. Engulo em seco.

Lola corre para dentro, tropeçando no tapete da entrada, mas faço meu melhor para não observar o desenho perfeito do corpo postado bem diante de mim. Será que ele tem noção do efeito que isso está me causando? Decido ignorar o fato de Christopher estar sem camisa e me concentro em seus olhos tristes e cansados.

Ele também me observa atentamente, mas não diz uma só palavra. Isso me chama a atenção, tornado quase impossível desviar o olhar. Christopher é tão estranho que me causa curiosidade

— Bom... Lola está entregue. — Desvio o olhar. — Obrigada por confiar em mim. Ela é uma ótima companhia.

Ele inspira e expira, passando a mão despretensiosamente sobre os cabelos desalinhados.

— Obrigado — agradece e eu aceno, afastando-me e caminhando lentamente em direção ao meu apartamento. — Mel?

Paro no mesmo instante em que o ouço me chamar. Não sei dizer ao certo, mas meu coração deu um salto, como se sua voz pronunciando meu nome fosse algo sublime para mim. Viro-me e sorrio, tentando não demonstrar que isso me afetou de algum modo.

— Sim?

Christopher olha para dentro, onde Lola agora late histericamente, como se o estivesse chamando para entrar. Ele parece lutar internamente com algo enquanto me observa.

Encaro-o na expectativa de que me convide para entrar. Ele abre a boca e finalmente diz:

— Tenha uma boa tarde!

Sorrio tentando disfarçar a frustração em meu rosto. Christopher fecha a porta e eu permaneço observando-a, sem reação. Confesso que queria entrar. Ainda quero, mas não sei exatamente se isso seria saudável para mim.

— Surgiu uma oportunidade. Uma chance de expandir os negócios para Los Angeles — Alan informa e eu o observo enquanto corto algumas maçãs.

— Que tipo de oportunidade? — pergunto, genuinamente curiosa. Ele sorri, senta-se no banco alto e rouba uma fatia, jogando-a rapidamente na boca.

— Expansão da Golden A.L Estates. Recebemos uma proposta pelo representante de um empresário muito importante.

Paro de cortar as maçãs e o encaro com uma expressão animada. — Meu Deus, Alan! Isso é sério?

Ele concorda com a cabeça e um sorriso amplo, demonstrando quão animado está.

— Muito sério.

Deixo as maçãs de lado e dou a volta no balcão para abraçá-lo.

— Alan, você já está indo tão bem!

Ele me abraça apertado e, quando nos afastamos, já não parece tão animado como antes.

— Mas terei que fazer uma viagem até Los Angeles depois de amanhã. Não sei ao certo quanto tempo ficarei por lá, mas... — hesita, nitidamente temendo minha reação.

— Alan, você está preocupado? Sério isso? Não posso acreditar! — uso um tom de voz dramático, deixando-o saber que estou aborrecida por ele pensar que não posso me virar sozinha.

— Sei que você é adulta, que pode se virar sozinha, mas... — Inspira. — Mas eu me preocupo, Mel. Eu sou o cara que a deveria ter protegido quando tudo aconteceu! Se eu tivesse ido com vocês...

— Não comece, Alan! — corto-o rapidamente. — Aquele acidente iria

acontecer de qualquer maneira. Você não poderia adivinhar. Ninguém poderia! — Seguro seu rosto, forçando-o a olhar para mim. — Não existe o "se" quando não há mais o que fazer. Não devem existir arrependimentos ou justificativas sobre algo injustificável.

Alan fecha os olhos com força e logo em seguida me encara. — Okay! Você tem toda a razão! Quer saber de uma coisa? — Retoma o “ar” brincalhão, e eu consigo respirar aliviada. — Amanhã quero que vá a nossa imobiliária. Quero que conheça todos os nossos corretores. Sei que já conheceu alguns deles, mas não os principais; pessoas que certamente você amará conhecer.

Meu sorriso é animado enquanto o imagino no local de trabalho.

— Eu amaria conhecer sua empresa!

Já estamos no escritório de Alan, na Rua 23 com Sexta Avenida. Há uma enorme sala onde fica o escritório dos corretores.

Alan me apresenta um a um, até chegar em Alexia, sua única corretora. Ela tem cabelos castanhos, cacheados, e pele morena.

— É um prazer conhecer a irmã do homem que me deu este emprego. Sabe como é, eu tive que ser persuasiva com seu irmão, afinal não havia uma única mulher aqui.

— A imobiliária ainda é pequena e em breve teremos muitas mulheres trabalhando conosco — Alan afirma com o tom de voz animado.

— Espero que a viagem nos traga ótimas notícias, Alan! — Alexia diz.

— Pode apostar que sim. Bom, quero que troquem telefones; ficarei alguns dias fora e, caso precise de companhia, Melinda saberá onde encontrar.

— Não preciso de babá, Alan! — Eu estou sorrindo, mas por dentro quero enforcá-lo. — Porém eu adoraria passear com você, Alexia.

— Eu também!

Alan me puxa para o outro escritório, menor e com duas mesas. Numa delas, seu sócio, John, está sentado, falando ao telefone. Parece relaxado enquanto conversa. Quando me vê, ele se endireita imediatamente e acena com a

cabeça. Eu retribuo o gesto e me sento em uma cadeira, em frente ao meu irmão, que ocupa seu próprio lugar.

— E aí, o que achou? — Alan pergunta ansiosamente.

Eu sorrio. — Você tem uma vista e tanto aqui!

— Se tudo der certo, teremos muitas vistas como esta!

Depois de alguns minutos conversando trivialidades, noto que John se aproxima, sentando-se na cadeira ao meu lado.

— Não quer vir conosco para Los Angeles, Melinda? Seria um prazer ter sua companhia.

Alan apenas nos observa.

— Talvez em outra ocasião. Seria monótono ficar dias presa em um hotel.

— E ela gosta de sair, John. Não sabemos quanto tempo vamos ficar. Pode ser uma semana ou 20 dias. Não sabemos!

— Mas podemos levá-la para conhecer L.A.

Alan sorri. — Estaremos ocupados com reuniões exaustivas, não quero fazer isso com a minha irmã, definitivamente!

John sopra o ar em resignação. — Está certo. Não poderíamos dar atenção a você. Essa viagem irá decidir nosso futuro!

Passei momentos agradáveis ao lado de todos. John fez questão de me mostrar seu trabalho. Até tentou me convencer a trabalhar ali, mas não pude dar uma resposta. Apenas argumentei estar em processo de adaptação. Talvez minha vida seja um eterno “processo de adaptação”.

Christopher

A vida, mais uma vez, encarregando-se de me mostrar quão *merda* eu sou. Talvez seja por minha consciência jamais permitir, um dia sequer, que eu coloque a cabeça sobre o travesseiro e durma com o mínimo de tranquilidade. Não, não tenho esse direito. Decepcionei minha família, meus pais e minha irmã mais velha. Decepcionei a mim mesmo por não ter seguido o caminho que meus pais desejavam; longe de farras, drogas e mulheres.

Fui um covarde, e é ainda mais doloroso saber que ainda sou.

Não uso mais drogas ilícitas, desde que me mudei para cá, mas usei, no passado, quando não era mais que um egoísta.

Certamente minha mãe ainda estaria aqui e meu pai jamais me viraria as costas caso eu tivesse sido diferente. No entanto, segundo a voz do homem que me trouxe ao mundo, eu fui o único causador da morte de minha própria mãe. Eu a matei, simples. O canalha do meu pai estava certo. Eu a matei e destruí toda a minha família.

Minha mãe sofreu um AVC enquanto eu estava encrencado com mais um de meus problemas. Ela já havia passado por muitos episódios de estresse por minha culpa, mas jamais levei isso em consideração, até o dia em que soube de sua morte. Ela foi hospitalizada e os médicos fizeram uma arteriografia cerebral para localizar a lesão, introduzindo um cateter até a região afetada, para estancar o sangramento. Sua situação era irreversível e eu sabia que carregaria essa culpa para o resto de minha vida. Emma Blank morreu no momento em que mais precisei dela.

Fui um egoísta, imprudente e causei apenas tristezas por onde passei. Fui embora, mas antes olhei dentro dos olhos daquele homem e garanti que não precisaria mais dele. Mesmo não tendo condições físicas e emocionais, enterrei minha mãe sete dias depois de ter, simbolicamente, sepultado meu pai.

Subitamente eu não tinha mais os meus pais. Não tinha mais ninguém. Arthur Blank havia morrido, embora apenas para mim, e, a partir daquele momento, eu me afastei da família, dos amigos, não suportaria causar mal a mais inocentes. Todos são vítimas e eu, apenas por existir, o verdadeiro culpado.

Pés descalços, caminho até o armário, em meu quarto, e puxo a primeira gaveta, onde guardo um pedaço do passado. Retiro a caixa branca e volto para a cama. Como em um ritual diário, abro e retiro a fotografia lá de dentro. Observo-a sem piscar, como faço todos os dias. O sorriso de minha mãe sempre foi meu conforto. Não há emoção em meu semblante ou lágrimas inundando meus olhos. Apenas conforto.

Viro a fotografia e leio a notícia da morte dela em um recorte de jornal local de New Jersey. Eu o anexei à fotografia para que nunca esquecesse.

Minha mãe era uma jornalista e filantropa muito importante. Sua morte repentina gerou notícia nos principais jornais da região.

Leio e releio o pedaço de papel, além das outras notícias que guardei daquele dia. O dia em que eu deveria ter cuidado dela. As drogas não me haviam chamado dessa vez, mas eu a fiz chegar neste ponto. As preocupações e o pedido desesperado de minha mãe não foram suficientes para me fazer parar. Eu continuei e aqui estou vivendo, isolado, a vida forjada no passado que eu gostaria de apagar.

Guardo tudo novamente na caixa, no mesmo lugar, e sigo até a sala. Sento-me sobre o sofá negro, os pensamentos voltados para outro lugar, especificamente para os últimos acontecimentos. Mais uma vez, agi como um idiota. Eu sempre sou. Nunca quero proximidade com ninguém. Escolhi isso e é assim que vivo desde que decidi me isolar.

Latidos interrompem meus pensamentos e, quando Lola consegue

chamar minha atenção, pula sobre meu colo; então salta para o chão velozmente, correndo em direção à porta de saída. Ela acabou de chegar de um passeio, é impossível que queira sair outra vez. Sempre fica satisfeita com um passeio diário e hoje foi ao parque duas vezes. Não é possível que esteja pedindo para sair.

— O que quer? — Os latidos retornam e ela salta uma, duas, três vezes, correndo em minha direção mais uma vez. Minhas sobrancelhas se unem quando percebo que quer realmente sair. Lola gostou dela. Eu também.

Nos últimos anos passei por miseráveis noites sem dormir, minhas únicas companheiras. Entretanto as madrugadas, antes preenchidas por pesadelos, culpa, rancor e pela imagem de minha mãe, agora também abrigam outra pessoa que, vez ou outra, surge em minha mente. Ela é linda e carrega marcas que jamais se cicatrizarão. Não estou falando sobre a perna ou da falta dela. Falo sobre o trauma que essa jovem carrega dentro de si e do que isso pode ter causado em sua vida.

"Mel" seria de Melissa? Melania? Melicent? Isso, definitivamente, não importa!

Não sei o que aconteceu com ela, mas sei que aconteceu algo. Embora eu tenha poucas marcas visíveis em meu corpo, minhas cicatrizes, que estão dentro de mim, não desaparecerão. Elas agora me pertencem e nada nem ninguém as poderá extinguir. Cicatrizes profundas, as internas permanecem para sempre.

Mel quis ser minha amiga e eu não dei espaço para que isso ocorresse. Na verdade, desaprendi depois de anos vivendo em meu próprio mundo. Não soube como agir em relação a isso. Ela seria a primeira pessoa, depois de tanto tempo, que eu deixaria entrar. Mesmo que eu tenha, esporadicamente, cedido ao ímpeto de sair com algumas mulheres, elas jamais entraram. Procuravam o mesmo que eu, e não serei hipócrita a ponto de dizer que nunca procurei mulheres na rua. Muitas vezes, as necessidades fisiológicas de um homem não se limitam ao ato de comer, beber água e ir ao banheiro. Não. Meu corpo me traiu muitas vezes e eu busquei alívio através desse mecanismo sujo. Apenas sexo

fácil, gratuito e totalmente consensual.

A internet me ajudou e me deu exatamente o que precisei, mas confesso que, por mais que queira, não tenho procurado ninguém há alguns meses. É uma forma de me punir, preciso me penitenciar de alguma maneira.

Embora minha aparência não seja a mais agradável, posso dizer que faço isso exatamente para afastar as pessoas. Sempre que a dopamina faz seu trabalho de relaxamento em mim, volto para casa e me isolo, voltando a me sentir o mesmo *merda* de sempre. É por isso que vivo em Manhattan. Meus familiares sabem que estou aqui, embora não conheçam meu endereço. Eu poderia ir para longe, mas percebi que, no meio da multidão e do caos, somos invisíveis. Nova York é o lugar perfeito para quem deseja se esconder. Vizinhos não perguntam de onde você é e absolutamente ninguém cuida da vida alheia, como aconteceria em uma cidade pequena. Ninguém se aproxima, meu silêncio evidencia que não há a mínima possibilidade no inferno de eu deixar isso acontecer. Não é difícil isolar-se quando se está em Manhattan, o lugar onde todos estão sempre trabalhando, vivendo na correria diária, em seus mundos particulares.

Para todos, no entanto, eu apenas sou um bizarro homem que odeia se socializar, embora minha vizinha não tenha enxergado isso. Às vezes, tenho a sensação de que ela pode ver, através de meus olhos, quão sujo eu sou. É estranho; ficar perto dela me incomoda e, ao mesmo tempo, faz-me bem.

Decidi quebrar um pedaço de meu muro, ainda que o tenha construído com muito cuidado, para que ninguém ultrapassasse. Estou abrindo uma fenda, uma pequena fissura, passagem para apenas uma pessoa. Acho que não há mal algum em deixá-la entrar um pouco, mas como fazer isso? Realmente não sei. Talvez eu não consiga, mas preciso tentar. Depois de tanto tempo em isolamento quase total, a necessidade de estar perto de alguém que realmente queira minha companhia leva-me a acreditar, ao menos momentaneamente, que ainda posso seguir em frente. Embora não mereça, mesmo que seja uma ilusão, preciso disso. Depois de tanto tempo vivendo na sombra, não deve ser ruim deixar a luz se infiltrar em minha vida.

Mel

Como não amar o contraste dos edifícios com o verde vívido do Bryant Park? É um dos meus lugares favoritos em Nova York e voltar aqui, depois de tanto tempo, traz boas lembranças. Antes de eu sofrer o acidente, este era um dos lugares onde eu vinha com frequência. Estar aqui me traz a sensação de que tudo continua em seu devido lugar, embora eu saiba que as pessoas mudam de alguma forma. Eu mudei, não sou mais aquela menina que imaginava que a vida era eterna. Jamais havia suposto que as coisas poderiam mudar radicalmente, da noite para o dia, e que é possível acordar tendo pensamentos e perspectivas completamente diferentes.

As mesas e cadeiras verdes, espalhadas por todo o Park, possibilitam-nos descansar e admirar cada detalhe do lugar.

— Ainda bem que decidi ir até a sua casa — Alexia diz enquanto se senta na cadeira em minha frente. Ela me entrega a água que acabou de comprar e sorri. — Aposto que não me ligaria, acertei?

Bebo minha água diretamente na garrafa, enquanto ganho tempo para responder. Não sei o que dizer, mas mentir não é uma opção.

— Acertou! Provavelmente, não, Alexia. Acho que me desacostumei. Tenho meus amigos em Londres, mas apenas virtualmente.

— Tudo bem. Perdoo você! — brinca e eu solto uma leve risada.

— Obrigada!

— Então, parece que John está mesmo interessado em você, hein?

Sorrio, tomo mais um gole da água e ela me observa, com as sobrancelhas erguidas, esperando resposta.

— É o que parece! — digo, esperando satisfazê-la, mas Alexia não parece querer encerrar o assunto agora.

— Se você gosta de homens certinhos demais, ele é a pessoa certa —

informa, faz uma careta, bebe água e volta a me encarar. — É impressão minha, ou você não parece animada? John é um *gato*!

— Não me sinto preparada para um relacionamento ou algo parecido! — Fico ereta e observo Alexia. Ela é linda, com seus cabelos cacheados e pele morena. Encaro-a em expectativa. — E você, conte... tem namorado? Está a fim de alguém?

Alexia ri, mas se concentra, parecendo refletir sobre uma possível resposta.

— Tive um namorado em Oklahoma, mas, quando resolvi vir para Nova York, há um ano, ele decidiu terminar. — Parece triste, e eu decido não fazer mais perguntas sobre o assunto.

— Então você é de Oklahoma? Veio com sua família?

Ela faz outra careta.

— Não. Eu vim sozinha! Amo Nova York e vim tentar algo novo. Fiz o curso para corretora e, quando peguei a autorização, procurei emprego na Golden. Não tinha experiência no ramo, mas seu irmão me recebeu de braços abertos!

Sorrio, feliz que Alan ainda mantenha a personalidade altruísta.

— Alan é incrível!

— Eu sei! — Alexia olha para a mesa e, por alguns segundos, parece perdida em pensamentos.

— Bom, que tal dar uma volta? — pergunto, e ela sorri já se erguendo da cadeira.

— Vamos nos perder na biblioteca pública de Nova York? — Observo a imponente biblioteca, que fica dentro do Bryant Park, com entrada na Quinta Avenida.

Ergo-me da cadeira apoiando a mão no encosto. Puxo o vestido curto para baixo e me deparo com o olhar curioso de uma criança. É uma menina e parece ter em torno de seis anos. Ela estava brincando com uma bola, mas quando me levantei seus olhos foram atraídos para minha perna mecânica.

— Parece que ela está impressionada com a sua perna! — Alexia diz e eu sorrio, já acostumada à inocente curiosidade infantil.

— Isso é normal. Se tem uma coisa que eu amo nas crianças é que elas não conseguem fingir sobre nada. Absolutamente nada.

— Você é um robô? — a menina pergunta e Alexia ri.

Também não consigo segurar a risada.

— De certa forma, sim.

Ela acena com a cabeça, como se estivéssemos trocando confidências. Depois volta correndo para a mãe, enquanto eu e Alexia seguimos nosso caminho em direção à biblioteca.

Alexia é muito engraçada e em nenhum momento, até agora, questionou-me sobre minha prótese. Não sei se ela foi advertida por meu irmão ou se ele já lhe contou o que aconteceu, mas acredito que sua curiosidade ainda está lá, guardada e esperando o momento oportuno para se manifestar.

Alan já está fora há dois dias, mas meus pais me ligam mais vezes do que eu poderia contar. Meu irmão manda muitas mensagens e em todas parece bem animado, no entanto sinto sua preocupação. Eu o acalmo dizendo que estou bem, quando na realidade não estou. Tenho medo de chuva e odeio trovões.

Neste exato momento, estou deitada na cama, observando a chuva que incide nas grandes janelas, com a impetuosidade de rajadas de metralhadoras. Isso me assusta. Trabalho a respiração debaixo do lençol, mas algumas imagens se projetam em minha mente sem que eu as tenha invocado. Os gritos, os sons de sirenes e então eu me sento na cama. Os barulhos dos trovões parecem se intensificar e eu decido me erguer. Estou sem prótese, então me sento na minha cadeira de rodinhas, que me leva até o banheiro. Faço de tudo para limpar os pensamentos e me concentrar na respiração.

"Respire... Respire... " — Alan dizia sempre que eu entrava em desespero. Mesmo por telefone, já que falávamos toda semana. Em uma ocasião, liguei no meio da noite, apenas para ouvir sua voz tranquilizadora.

"Respire, minha irmã! Apenas respire! "

E então o ar parece entrar e sair de meus pulmões normalmente. Ignoro os barulhos do lado de fora e decido tomar um banho. Estou suada e, ao mesmo tempo, fria.

Caio sob o jato de água morna e deixo a água fazer seu trabalho tranquilizador. É como se ela tivesse o poder de tirar os medos e os pensamentos negativos que povoam minha alma. Passo o sabonete pelo corpo e, quando estou me enxaguando, as luzes se apagam.

Fecho a ducha com dificuldade, agora consumida pela total escuridão. Não consigo ver nada, o banheiro não tem janela e a porta está fechada.

Faço meu melhor para sair do boxe, mas minhas mãos guardam resíduos de sabonete; quando seguro na barra para saltar para fora da banheira, uma delas escorrega e eu desabo no chão. Tentei me apoiar com os braços, mas acabei batendo com a cabeça em algum lugar.

— Ai! — gemo alto, sentindo a dor aguda a atravessar minha cabeça e o braço. Permaneço alguns segundos de bruços, no chão, até sentir que a dor se ameniza. Segundos depois, eu me ergo, sento-me na cadeira de escritório e vou Tateando, até puxar a toalha que pende próximo ao boxe. Abro a porta com muita dificuldade e sigo, nua e encharcada, até o quarto.

Enxugo-me, ainda sentindo a dor aguda no cotovelo, mas não tão desesperada como antes. Os trovões e a chuva finalmente diminuíram, mas a energia ainda não voltou; a única luz que vejo é a dos faróis dos carros a infiltrar-se pelas frestas da janela.

Abro a gaveta de peças íntimas, agora iluminada pela luz do aparelho celular. A luminosidade é precária, mas consigo retirar um sutiã e uma calcinha, vestindo-os logo em seguida. Com muita dificuldade, encontro qualquer vestido no closet, puxando-o do cabide, de qualquer jeito. Enfio-me nele e em seguida seco os cabelos encharcados.

Embora tenha mais medo de trovões e de chuva, a escuridão não é minha amiga. Nunca foi! Minha visão já se ajustou, mas, por via das dúvidas, decido

encaixar a prótese antes de me levantar.

Já vestida, eu me ergo. Não quero ficar sozinha. Embora normalmente aprecie momentos de solidão, o escuro me faz odiá-los. Pensei em ligar para Alexia, mas, com a chuva incessante, seria loucura, já que ela não mora perto.

Imediatamente Christopher e Lola me vêm à cabeça e eu penso em pedir ajuda. Talvez o momento seja oportuno para tentar uma aproximação. Pedir para ficar com eles até que a luz volte pode não ser tão ruim, afinal, pode ser uma boa oportunidade para tentar entender esse homem. Tudo bem, ainda me sinto estranha pelo que acabou de me acontecer. Odeio sentir medo de tempestades. Elas me remetem automaticamente àquele acidente.

Afasto-me ao ver um raio refletindo na janela e logo em seguida ouço o barulho ensurdecador de um trovão. Quase caio novamente. Ando às pressas em direção à porta de saída e, antes que possa mudar de ideia, fecho-a, seguindo em direção ao apartamento de Christopher.

A escuridão só não me engole porque há placas fluorescentes indicando a saída em todas as partes do corredor. Sinto-me em um filme de terror. Assim que tenho certeza de que estou em frente à porta de Christopher, bato ininterruptamente, até que ela se abre, revelando um vulto alto.

Ele segura uma pequena lanterna, que ilumina escassamente. Viro o rosto para me esconder da claridade.

— O que faz aqui? Aconteceu alguma coisa? — questiona, a luz ainda direcionada ao meu rosto.

— Você... você pode me ajudar? — minha voz falha. — Eu estou sozinha em casa e, bom, odeio chuva e trovões. Estou apavorada, então...

— Entre — sua voz grave me interrompe e sinto uma mão me puxando pelo cotovelo.

— Ai! — Encolho-me, sentindo a dor devido ao tombo que levei no banheiro minutos antes, mas ele não diz nada, apenas se afasta.

Entro segurando o braço com a outra mão. Christopher ilumina meu caminho até que me sento no sofá. Sinto a aproximação de Lola e me derreto

imediatamente com sua recepção efusiva. Por alguma razão, a tensão que eu sentia se esvai imediatamente.

— Lola! — Christopher a repreende, afastando-a de mim.

— Tudo bem. Eu gosto de vê-la tão feliz ao sentir minha presença mesmo no escuro.

Ele não diz nada e deixa que Lola fique junto de mim.

— Desculpe incomodar, mas é que...

— Alguém feriu você? — o súbito questionamento me pega de surpresa. Amplio os olhos, mesmo sabendo que ele não consegue ver completamente meu rosto. Só é possível enxergar sombras e ouvir o barulho da chuva batendo no vidro da janela.

— Não. Por que acha isso?

— Você estava trêmula. Parecia apavorada.

— Eu... eu tenho muito medo de trovões e de chuva. Não me dou muito bem com tempestades — informo, mas não obtenho resposta. Apenas consigo ouvir a forte respiração de Christopher. Como estamos no escuro e ele não diz muita coisa, decido manter um diálogo. — Ah! Morro de medo da escuridão! Isso acontece comigo desde criança!

— Onde está seu irmão? — a pergunta me surpreende. Ele conhece Alan e sabe que ele é meu irmão. Talvez eu tenha contado, mas não tenho certeza.

— Ele está viajando a negócios!

— Ele não deveria deixar você sozinha! — Christopher parece me repreender.

— Oh, não! Tudo bem! Hoje foi apenas uma exceção. Alan nem pode sonhar que eu levei um tombo no banheiro ou...

— Você caiu? Você se machucou? — pergunta com genuína preocupação.

— Talvez eu tenha ganhado alguns poucos hematomas. Não foi nada! — Mais uma vez, ele não responde e nem sua sombra dá vestígios de qualquer reação. — Bom, conte-me! Você mora aqui há muito tempo? — tento mudar de

assunto.

— Há alguns anos.

— Sozinho? Quero dizer, só você e Lola? Onde estão seus familiares?

— Não estão aqui.

— Por quê?

— Porque não!

Abro a boca para fazer mais perguntas, mas, de repente, somos surpreendidos pelas luzes e pelo barulho do ar-condicionado, que voltam a funcionar de repente. Suspiro aliviada, mas, no segundo em que o olho, vejo que me observa com uma expressão surpresa.

— O que foi? Aconteceu...

— Você está sangrando! Do lado esquerdo da testa há sangue.

Coloco os dedos no lugar que ele indicou e sinto uma dor pungente.

— Droga! — Passo a mão sobre o rosto e sinto o sangue seco que se formou na superfície da pele.

— Nossa! Não imaginei que tivesse machucado tanto, eu...

— Deixe-me ver seu cotovelo. — Christopher senta-se ao meu lado, segura meu braço com delicadeza, e meu corpo, por alguma razão, entra em alerta.

— Há um pequeno corte no seu braço também. — Ele une as sobrancelhas e me encara nos olhos. — Tem certeza de que não foi atropelada?

Solto uma risada baixa, mas ele continua sério. Christopher realmente acredita que fui atropelada.

— O quê? Não! Claro que não!

Seus olhos descem para o meu vestido e me analisam com uma expressão curiosa.

— Tem razão — diz. — Você não iria para a rua nessas condições.

— Claro que não! Apenas olhe para a tempestade lá fora, eu jamais iria...

— Não estou me referindo à chuva. — Ele parece puxar uma respiração profunda, olha para o meu vestido novamente e eu faço o mesmo. Quando meus

olhos batem na camisola apertada e ridiculamente sexy que minha mãe me deu de presente, eu quase sofro uma síncope. Estou seminua, diante de um homem desconhecido que não parece tão constrangido como deveria estar.

— Meu Deus! — Cubro os seios com os braços e tento me erguer ao mesmo tempo. — Droga! Como não percebi? No escuro, meus vestidos são tão parecidos que... Droga! Desculpe!

Ele não diz nada, mas tenho a impressão de que se esforça para não rir. Recebo ajuda para me levantar e então ele diz:

— Você não deveria ter tomado banho no escuro, ainda mais em meio a uma tempestade como esta! Nunca se sabe...

— Vou para casa! — informo e ele nega com a cabeça.

— Tenho pomadas e ...

— Não! Realmente não há necessidade. — Abraço meu corpo.

Christopher parece contrariado enquanto me acompanha até o corredor. Ele abre a porta para que eu saia e me segue até meu apartamento. Quando estou em frente à porta, algo me vem à mente. Há duas fechaduras e, na inferior, é muito comum fecharmos o "pino" distraidamente, travando-a. Coloco a mão sobre a maçaneta e confirmo o que minha intuição advertia.[\[D1\]](#)

Eu não trouxe as chaves. Não trouxe minha bolsa e muito menos a porcaria do meu celular. O que há com minha cabeça? Tranquei a porta e estou impossibilitada de entrar em meu próprio apartamento.

Christopher

Há alguns minutos eu me perguntava o que ela estava fazendo na porta do meu apartamento e, agora, pergunto-me por que não quero que ela vá. Por alguma razão, não quero que fique sozinha. Não quero que caia sem que haja alguém lá para ajudá-la. É ridícula essa preocupação por uma pessoa que nem conheço direito, mas é como se meu instinto protetor falasse mais alto. Não me lembro de ter me sentido assim alguma vez na vida. Minha irmã, Anne, é quatro anos mais velha que eu e nunca me preocupei em protegê-la. Afinal, ela é a minha irmã mais velha! Quando estava com minhas antigas namoradas, eu me preocupava com meu próximo carro e com minha vida inútil. Nunca dei a elas o valor que, provavelmente, mereciam.

Acompanho Mel, enquanto ela caminha com os braços envolvendo o corpo. Parece consternada pela roupa que vestiu por engano, no escuro. Eu, ao contrário, quando a luz retornou, fiquei muito mais preocupado com a pequena ferida no rosto dela do que com a falta de roupa. Não nego que isso também me despertou instantaneamente. Mas seu constrangimento causou-me certo divertimento. Algo que eu não experimentava há anos.

Ela já está perto da porta do próprio apartamento e minha vontade é pegá-la nos braços e levá-la de volta para minha casa. Quero convencê-la a voltar, mas, antes que realize meu intento, algo na postura dela me chama a atenção. Mel observa a porta, coloca a mão na fechadura e fecha os olhos.

— Droga! — diz, abre os olhos e observa a fechadura.

— Aconteceu alguma coisa? — questiono-a já imaginando o que pode ter acontecido.

Ela se vira para mim e me olha como se o mundo estivesse prestes a acabar.

— Tranquei a porta por dentro antes de sair. Virei o pino e não peguei a

chave, o celular e nem a bolsa. — Ela está tremendo novamente e eu não sei se é por conta do ar condicionado ou por medo. Mas medo de mim? — Talvez, se chamarmos o chaveiro, eu...

— Impossível — interrompo-a. — Ainda cai uma chuva torrencial lá fora. Você vem comigo! — Estendo a mão a ela. Quero que confie em mim e não sei por que estou fazendo isso. Na verdade, é como se eu necessitasse de sua confiança.

Ela balança a cabeça em concordância.

— Não é minha intenção dormir em seu apartamento.

— Não se preocupe com isso. — Tento oferecer meu melhor olhar tranquilizador.

Ela segura minha mão e eu a levo de volta para meu apartamento. No momento em que entra, percebo que repara nos móveis e em tudo que, aparentemente, não prestou atenção antes.

— Você quase não tem móveis na sala — diz, ainda com os braços em volta do corpo. — Eu gosto disso! — conclui com um sorriso.

— Sim — limito-me a responder apenas isso. Porém, mesmo constrangida, ela quer fazer mais perguntas:

— Televisão... Você não assiste?

Eu a encaro e, no momento em que meus olhos, automaticamente, caem sobre seu decote, ela abraça ainda mais o torso.

— Posso lhe emprestar uma camisa. Acho que se sentirá melhor.

Ela concorda com a cabeça.

— Seria ótimo. Obrigada!

Eu apenas aceno de volta e sigo em direção ao quarto. Pego uma blusa limpa, com a estampa dos Yankees, e lhe entrego.

— Você pode se trocar no banheiro. Fica em frente, no corredor — informo e ela se apressa, com a blusa presa entre os braços, escondendo a camisola preta.

Vou para cozinha e retiro uma pizza congelada do freezer, colocando-a

no forno. Alcanço o suco de manga na geladeira e, quando me viro, paro no meio do caminho, observando-a vestida com a minha camisa dos Yankees. Seu rosto está lavado e ela sorri.

— Você é grande e sua blusa ficou enorme em mim. Acho que me sinto confortável agora — diz, mas não respondo; tento ignorar quão perfeita está dentro de minha blusa e ocupo-me com o suco que comprei especialmente para ela. Trouxe-o, por alguma razão, imaginando que Mel um dia fosse entrar e, então, quando menos espero, aqui está ela.

— Estou assando uma pizza. Sente fome? — Ergo as sobrancelhas e ela passa os dedos despretensiosamente na barra da blusa, como se estivesse tentando tirar uma sujeira inexistente.

— Sim. Na verdade, estou faminta! Não comi o dia todo! — informa e eu imagino o motivo que a fez não comer. Choveu à tarde inteira e seu medo de tempestades parece maior do que pude mensurar.

— Alguns minutos e estará pronta — informo enquanto caminho em sua direção, entregando-lhe o copo com o suco. Ela o pega da minha mão e leva aos lábios logo em seguida.

— Também amo suco de manga — diz e novamente não respondo. Apenas a observo, admirando a confusão em seus cabelos e me segurando para não passar os dedos nos cantos dos lábios dela, onde há resíduo do suco. Com sua pele agora limpa, percebo que o corte na testa é bem menor e superficial do que eu imaginava.

— Parece que não é nada! — diz limpando, despretensiosamente, os cantos dos lábios com a língua e se vira com o copo na mão. Mel senta-se no sofá preto, de couro, o único que tenho. Descansa o copo na mesa de vidro e passa a mão sobre o pelo de Lola, que se aconchega próximo a ela. Por alguns segundos, não consigo desviar os olhos da cena à minha frente.

Melinda

Lola se pendura em minha prótese e minha mão esquerda passeia por seu

pelo sedoso. Pelo canto dos olhos, noto o olhar dele sobre mim. Certo constrangimento ainda paira entre nós, mas vai se dissipando aos poucos, enquanto me ocupo com o suco e Lola.

— Por que você não assiste TV? — pergunto, lembrando-me de que ainda não recebi resposta.

Ele me observa com as sobrancelhas plissadas. Tenho a impressão de que seus incisivos olhos azuis podem atravessar o grosso tecido da blusa que estou usando.

— Não acho necessário.

— Não se interessa pelas notícias?

— Procuro as que me importam pela internet.

Assinto com o olhar pensativo. — Eu assisto a algumas séries, mas não muitas. Gosto de ler na maior parte do tempo. — Encaro-o esperando que diga alguma coisa, e nada. Ele apenas me fita, mas vejo uma expressão interessada sob a vasta barba que ele carrega.

— Você não gosta de fazer nada para se divertir ou passar o tempo? — continuo meu interrogatório.

— Não! — Ele se serve de suco, mas continua de pé do outro lado do balcão.

— Não se leve tão a sério. — Meu tom de voz é brincalhão, mas estou falando sério e ele, pelo que vejo, percebe isso. Acredito que Christopher esteja tentando sorrir e que algo o impede; noto que está travando uma luta para não parecer tão sisudo.

— Eu... — Inspiro, tentando impedir que as palavras saiam de minha boca. Queria dizer que o entendo, mas que essa introspecção e o isolamento só o deixarão pior, independente do que esteja se passando dentro dele. — Posso imaginar que bom é ter a Lola como companhia. — Olho-o de relance, com o intuito de saber se ouviu o que eu disse.

— Sim. Ela é minha única companhia. — Sua tristeza, disfarçada de indiferença, deixa-me penalizada. Não sei o que lhe aconteceu para que se feche

tanto, mas gostaria de saber, apenas para mostrar a ele que é possível seguir em frente. Muitas perguntas assolam minha mente com a intensidade de um furacão, mas as guardo para outro momento.

Terminamos de comer toda a pizza e, agora, Christopher lava os poucos talheres. Lola dorme sobre o tapete, próximo a mim. Recosto-me ao sofá e observo a chuva fraca, não mais assustadora, bater levemente na janela. O silêncio é confortável, mas meus olhos lutam para se manterem abertos. A exaustão física e emocional me pegou.

— Vou levá-la até meu quarto.

Meus olhos, que estavam quase se fechando, abrem exageradamente. Ele vem em minha direção e, quando está bem próximo, analisa-me.

— Vou deixar que durma no meu quarto. O outro está uma bagunça — informa, mas não aceito imediatamente; não quero atrapalhar a rotina dele, tirando-o do próprio quarto.

— Não me importo! Se não há outra cama, posso dormir no sofá.

Christopher ergue as sobrancelhas.

— Isso não foi uma pergunta. No outro quarto, há uma cama de solteiro. Eu me sinto melhor assim. — Encaramo-nos por alguns segundos e, embora eu não consiga ver sua face escondida no amontoado de barba, posso entender que ele não mudará de ideia; será inútil começar uma discussão. Odeio me sentir uma intrusa. Sei que meu vizinho gosta de estar sozinho e sinto que baguncei tudo.

— Tudo bem! Amanhã bem cedo eu ligarei para o chaveiro e você nem sentirá minha presença aqui.

Ele não diz nada e, em vez disso, estende a mão para que eu a segure. Ergo-me com sua ajuda e, de pé, sinto um cheiro limpo vindo dele. Um cheiro agradável.

Christopher se afasta e eu o sigo até o quarto. Assim que a porta é aberta, observo o cômodo. A mobília se resume a uma cama, dois criados-mudos de

madeira, na cor preta, e um abajur. Um livro descansa sobre o criado e as paredes, em frente à cama, são adornadas por várias telas impressionistas.

— A cama está limpa e há um banheiro aqui também, caso queira usar durante a madrugada.

— Obrigada! — Sento-me na cama e Christopher ainda está ali, na porta, com os olhos presos sobre mim. Eu o encaro de volta e ele, bem lentamente, afasta-se, fechando a porta e desaparecendo de minha visão.

Retiro a prótese e a coloco ao lado da cama. Puxo a colcha macia e sinto um cheiro semelhante ao dele.

Perco-me contemplando o quarto e me perguntando se os móveis dizem alguma coisa sobre o homem misterioso que vive aqui.

Christopher

A chuva volta a ficar forte do lado de fora, mas os sons vindos do quarto ao lado chamam a minha atenção. Parece que Mel está chorando, mas não tenho certeza. O barulho se mistura com os ruídos da água que bate contra a janela.

Ergo-me da cama e caminho lentamente, até alcançar a porta. Abro-a devagar e sigo pelo corredor, parando diante do quarto em que ela está. Agora consigo ouvir com mais clareza e confirmar minha suspeita. Não sei se devo entrar, ou apenas deixá-la em paz.

Talvez ela esteja sentindo medo da tempestade e, novamente, meu instinto protetor grita implorando para que eu a ajude. E se tiver caído novamente? A prótese pode tê-la atrapalhado e a feito cair.

Merda! O que eu faço?

O choro se intensifica e eu seguro a maçaneta, virando-a lentamente. Abro a porta devagar para não a assustar. Entro e vejo que a luz do abajur está acesa, mas a primeira coisa que me chama a atenção, assim que coloco os olhos na cama, é a prótese apoiada ali, ao lado. FRANZO o cenho tentando entender porque ela não está presa à perna da garota. Completamente ignorante sobre o assunto, eu imaginava que Mel dormia com a perna, mas agora vejo que estava errado.

Vagarosamente e descalço, caminho até perto da cama onde mel está deitada, de costas para mim. Noto que ela tem metade da perna. A garota se movimenta, treme e chora. Inclino-me e só então reparo que os olhos dela estão fechados. Ouço sua respiração, o movimento por trás das pálpebras e concluo que ela dorme. Está tendo um pesadelo e eu não sei o que fazer.

— Não a deixe morrer... — implora com a voz chorosa. — A chuva! — sua voz está baixa, mas ela não se acalma. Continua balançando-se em posição fetal, no canto da cama, enquanto chora e balbucia algo ininteligível, tudo ao

mesmo tempo.

Olho para a janela e noto a força com que a chuva bate contra o vidro. Isso, provavelmente, desencadeou o pesadelo. Eu a observo, mas ela continua a chorar e a tremer. Sento-me próximo dela e toco seu ombro delicadamente, enquanto a ouço chorar. Mel diz algumas frases que não consigo entender, mas não acorda com meu toque.

Meus dedos roçam o rosto da garota, onde sinto brotar um pouco de suor. Ela estremece, suspeito que devido ao meu toque, e grita, fazendo-me afastar as mãos. De repente seus olhos se abrem e param em mim. Quando penso que vai me expulsar por ter invadido sua privacidade, ela volta a chorar descontroladamente.

Engulo em seco, sem saber o que fazer. Mel cobre o rosto com as duas mãos e eu, impulsivamente, envolvo-a com os braços, segurando-a e puxando seu corpo para perto de mim. Ela parece surpresa com a minha reação, separa os lábios para falar, mas as palavras não saem, talvez por conta das lágrimas.

— Acalme-se. Foi apenas um pesadelo — consolo ouvindo-a chorar, convulsivamente, junto ao meu peito. Eu apenas a deixo assim. Não sei o que fazer, permaneço com as costas apoiadas à cama, o corpo dela sobre meu peito. Era para ser uma situação constrangedora entre dois desconhecidos, mas não me sinto assim. Agi por instinto, levado pela necessidade de amenizar sua dor.

Permanecemos assim por alguns minutos e Mel já não chora nem emite qualquer som. Nenhum de nós é capaz de falar, e as palavras não são necessárias agora; somente atrapalhariam este momento que não sei definir bem o que é.

Seguro-a para que ela sinta que não está sozinha e, quando olho para baixo, onde seu rosto está apoiado, percebo que voltou a dormir. Meus braços ainda a envolvem e eu a contemplo por algum tempo até que, lentamente, deito-a de volta na cama.

Mel ajeita a cabeça sobre o travesseiro, mas mantém os olhos fechados. Retiro os fios de cabelo que caem sobre seu rosto e mais uma vez me permito sentir a textura suave de sua pele com a ponta dos dedos.

Ergo-me, olho para a janela e reparo que a chuva está bem mais fraca.

Melinda

Meu sono foi inquieto, conturbado, perpassando desde acontecimentos reais até imagens provenientes apenas do sonho. Sentada sobre a cama do vizinho, olhando para a janela a qual o sol agora traspassa, não faço a mínima ideia de que horas são. Sei apenas que o pesadelo desta noite me deixou em uma situação embaraçosa. Estava tentando salvar a minha amiga Alice de uma tempestade, e isso me causou um terrível mal-estar. No entanto abraçar Christopher me acalmou a tal ponto que dormi rapidamente. Não sei definir as sensações provenientes daquele abraço, mas ainda posso senti-lo.

Ergo-me da cama e pego a prótese ao lado. Coloco a proteção de silicone na perna e em seguida encaixo a prótese. Não a carreguei durante a noite e, por essa razão, não conseguirei me movimentar tão bem como de costume, até chegar ao meu apartamento.

Algo sobre o criado-mudo me chama a atenção e percebo que há uma nota, com uma chave sobre ela. Alcanço-os e leio o bilhete que Christopher me deixou:

"O mesmo chaveiro que chamei da outra vez já resolveu o problema do seu apartamento. Esta é a sua nova chave. Tive que sair, mas fique à vontade para comer o que quiser."

Deixo o pequeno pedaço de papel e a chave no mesmo lugar. Caminho com certa dificuldade até chegar à sala e o cheiro de café impregnado no ar me faz fechar os olhos.

Sobre o balcão, há torradas e geleia. Meu estômago ronca imediatamente. Ele disse que eu poderia comer o que quisesse e, se isso está aqui, acredito que tenha feito para mim.

Varro todo o local com os olhos, à procura de Lola, mas não a encontro e presumo que ele a tenha levado para dar uma volta.

Ando vagarosamente, seguindo o ritmo da perna, e me sirvo de um pouco

de café. Tomo-o, sentindo o sabor deslizar sobre minha língua. Estou a ponto de provar uma das torradas, mas paro ao ouvir latidos vindos do lado de fora.

— Lola? — chamo-a. Com as sobrancelhas unidas, caminho tentando chegar o mais rápido possível à porta. No momento em que a abro, vejo Christopher, em frente ao meu apartamento, conversando com um policial. Lola parece impaciente enquanto eles conversam.

— Sim, mas por que você trocou a fechadura? Onde ela está?

— Christopher?

Ele se vira e sopra o ar, parecendo aliviado ao me ver.

— Ela está aí. É o que eu estava tentando contar — Christopher soa sarcástico, mas o policial de meia-idade ignora isso enquanto caminha em minha direção.

— Você é a irmã de Alan Clark?

Meu coração dispara no momento em que ele diz o nome do meu irmão.

— Sim, eu sou! Aconteceu alguma coisa?

O policial ergue as sobrancelhas grisalhas. Seus olhos verdes me fuzilam.

— Sim. Aconteceu! Você estava desaparecida desde ontem, mas parece que está tudo bem, não é? Seu irmão pediu que viéssemos verificar. Espero que tenha uma ótima explicação, mocinha! — Olha sugestivamente para Christopher.
— Bom, parece que meu trabalho está feito. Ligue para seu irmão ou ele pegará o primeiro voo da Califórnia!

— Sim, claro. Eu... eu me tranquei do lado de fora. Tive que dormir na casa do meu vizinho.

Ele acena, observando a blusa gigante que estou vestindo e não demora muito para que perceba minha prótese.

— Certo. Isso foi apenas uma verificação, mas aconselho que ligue para seus familiares. Eles estão preocupados!

Concordo com a cabeça, tentando não deixar transparecer o nervosismo que sinto ao imaginar meu irmão e meus pais aflitos, sem notícias minhas. Eu e Christopher observamos o homem entrar no elevador, enquanto Lola late

descontroladamente.

— Vou buscar sua chave. — Christopher se afasta em direção ao próprio apartamento e retorna, minutos depois, com a chave na mão. Lola não está mais ao seu lado e eu, por algum motivo, só consigo me lembrar do que ele fez durante a madrugada. Recebo a chave das mãos dele, e nossos dedos se tocam rapidamente, antes que ele dê dois passos para trás.

— Acho melhor você ligar para seus familiares.

— Desculpe por isso! Eu realmente não tive a intenção de lhe trazer transtornos.

— Não se preocupe.

— Obrigada por tudo!

Christopher não responde, mas acena levemente com a cabeça.

Afasto-me lentamente e sigo em direção à minha porta. Abro-a com facilidade e sorrio, podendo finalmente entrar em meu apartamento.

Fecho a porta atrás de mim e sigo em direção ao quarto, alcançando o aparelho celular, que está com a bateria quase no fim. Disco o número de meu irmão e ele atende ao primeiro toque:

— Graças as Deus! — sua voz soa desesperada e começo a narrar os acontecimentos da última noite.

— Merda. Esqueci que você odeia tempestades! Não deveria tê-la deixado sozinha sabendo que ainda tem esses episódios de pânico.

— Estou bem, Alan! Você tem a própria vida e eu preciso lidar com meus medos.

Ouço-o respirar profundamente.

— Eu sei, mas você poderia ter se machucado gravemente e ninguém estaria aí para...

— Eu não me machuquei e não iria me machucar gravemente — corto-o.
— Prometo que, se houver outra tempestade, não tomarei banho. Ficarei quietinha!

— Faça isso, por favor! — pede e eu sorrio, sentindo que Alan aparenta

mais calma agora. — Então, agradeça ao vizinho por mim.

— Sim. Ele e a cadela me ajudaram muito.

— Certo. Preciso ir agora, irmã! As coisas aqui estão indo bem, mas em ritmo frenético! Ainda não sei quando voltarei para Nova York.

— Okay. Não se preocupe comigo! Prometo me manter longe de problemas!

— É o que espero! Eu te amo, minha irmã!

— Eu também te amo!

O dia se arrastou lentamente, mas eu não poderia sair sentindo dores por todo corpo. A sensação é de que levei uma surra ontem à noite. O pesadelo e o choro compulsivo levaram-me a uma grande exaustão emocional. A imagem de Christopher me confortando no meio da crise não sai de minha cabeça. Ainda posso sentir o cheiro da camisa que ele vestia e o calor de seu corpo enquanto me embalava. Sinto um misto de vergonha e saudade, uma vontade quase incontrolável de voltar lá e pedir a ele que repita o gesto. Aquilo foi tão verdadeiro, tão honesto, tão bonito!

Ele não parecia se importar com o fato de eu estar sem prótese. Christopher só queria me confortar e isso me surpreendeu.

Dessa vez estou vestida com algo mais decente e a prótese está novamente encaixada em minha perna. Ela ficou o dia todo carregando e eu, na tentativa de burlar o tempo, perdi-me em um livro de Sidney Sheldon. Estou levemente maquiada e nervosa por estar prestes a ir ao apartamento de Christopher mais uma vez.

Não sei por que estou fazendo isso, mas é como se um ímã me puxasse para lá. Na última noite tive a certeza de que aquele homem não é tão frio ou insensível como eu imaginava. Christopher tem um coração, mas suas emoções parecem presas em algum lugar dentro da alma.

Já passa das nove da noite e, depois de ensaiar um pedido de desculpas, certifico-me de que estou com as chaves e meu celular nas mãos. Fecho a porta e

ando lentamente até o apartamento dele. Puxo o ar com força e bato à porta. Não sei por que estou tão nervosa, mas é como se eu não pudesse esperar para vê-lo mais uma vez.

Alguns segundos passam e, quando a porta se abre, vejo uma cabeça loira espreitando para fora. A mulher sorri, simpática, ao me ver. Parece estar sem roupa, já que não revela o corpo, apenas o ombro nu.

— Sim? — a simpática mulher pergunta, mas não consigo responder, as palavras não saem. Olho novamente o número do apartamento certificando-me de que estou no correto. A mulher olha para minha perna e novamente para meus olhos. — Não vai dizer nada? Christopher está no banho caso esteja procurando por ele.

Tento sorrir e acabo lhe dando um sorriso apertado e tímido.

— Tudo... tudo bem! Eu volto outro dia!

Ela parece sem graça, mas sorri de volta.

— Vou avisar que esteve aqui. Qual é seu nome?

— Sou a vizinha e me chamo Melinda.

— Okay, Melinda. Eu digo a ele que você o procurou.

Caminho de volta ao meu apartamento e, quando entro, bato a porta com força atrás de mim. Recosto-me a ela e, de repente, sinto-me idiota sobre algo que não deveria. Por que isso me incomodou tanto? Christopher é apenas meu vizinho e vê-lo com uma mulher não deveria me afetar dessa maneira!

Fecho os olhos sentindo meus instintos imaturos exacerbarem as emoções.

Christopher

Mesmo estando com Ioana, uma romena que conheci há poucos meses em um site de relacionamentos, com a qual passei algumas horas, confesso que meu cérebro não está limpo como desejei. Há vários meses não me encontrava com alguém, mas hoje decidi, finalmente, pôr fim à punição que impus a mim mesmo.

Poucas vezes convido mulheres para vir aqui, mas simplesmente não tive vontade de ir a outro lugar nem de marcar em um hotel. Confesso que busquei o lado mais fácil. Queria algo rápido e Ioana parecia a pessoa certa. Sem perguntas, apenas sexo. No entanto ela não parece querer ir embora tão rápido, e eu, enquanto tomo um banho, dou o tempo que ela precisa para ir sem se despedir.

Deixo a água morna cair sobre a nuca, sentindo a ducha fazer seu trabalho relaxante sobre mim. Espalmo as mãos sobre o azulejo e abaixo a cabeça, na tentativa frustrada de esquecer as coisas ruins que rondam minha mente. De repente a porta se abre e eu tenho a confirmação de que Ioana ainda não se foi. Viro a cabeça com a intenção de pedir-lhe que não entre, mas, quando meus olhos a encaram através do vidro embaçado, ela já está dentro do banheiro e vestida. Limpo o vidro com a mão para vê-la melhor.

— Já que você não sai, vim me despedir. Tenho que acordar cedo e não posso me atrasar para o trabalho amanhã.

Eu aceno e ela sorri com os olhos presos em meu corpo nu.

— Não se preocupe — respondo na esperança de que ela apenas saia, mas Ioana ainda me observa.

— Uma mulher bateu à porta e eu abri. Ela se chama Mel.

Inclino a cabeça e endireito o corpo, com as sobrancelhas unidas.

— Ela achou que havia chamado na porta errada quando me viu! —

Solta uma risadinha, mas, quando percebe que não gostei, seu sorriso se esvai imediatamente. De repente parece tímida ao notar minha expressão irada.

— Desculpe! Eu realmente não sabia o que fazer e...

— Acho que é hora de você ir — interrompo-a e ela, mais uma vez, lança-me um olhar de desculpas. Palavras não são mais necessárias e Ioana sai, fechando a porta atrás de si.

Inspiro o ar profundamente e solto-o com força. Fecho os olhos e volto a ficar na mesma posição em que estava.

Tenho procurado me manter ocupado no trabalho. A loja esteve movimentada nos últimos dois, e eu pude esquecer a realidade por algum tempo.

O aniversário da morte de minha mãe e a imagem de seu rosto sem vida dentro de uma caixa nunca saíram de minha cabeça. Entretanto os dias que rondam essa data infeliz conseguem ser ainda piores. É como se eu tivesse voltado no tempo apenas para encarar a expressão de tristeza da pessoa que deveria ter sentido apenas orgulho de mim.

Este é o segundo ano em que tento fingir que nada aconteceu, mas as imagens e o passado ainda estão aqui para me lembrar de tudo que fiz contra pessoas inocentes que cruzaram meu caminho.

— Tudo bem que você só conversa o necessário, mas hoje me parece aflito. Posso ajudar? — Nicholas, um dos funcionários que trabalha comigo, pergunta. Ele é baixo, pele negra e cabelos black power.

Eu o encaro rapidamente, enquanto termino de carregar algumas caixas de energético que acabaram de chegar. Ele me segue com o intuito de me fazer falar, como sempre faz.

Caso o ignore, ele continuará aqui, falando como se não houvesse amanhã. Já estou nesta loja desde que vim morar aqui e nunca mantive, nem sequer comecei, amizade com alguém, mas ele é o único que fala e eu sempre deixo.

— Estou bem — respondo sem fazer contato visual, mas posso vê-lo me

analisando, enquanto me segue segurando outra caixa.

— Você nunca está bem, Chris. Mas, só pelo fato de me responder dizendo que está, vejo que está pior do que eu imaginava.

Coloco a caixa sobre o balcão para que Nicholas guarde no lugar designado e me afasto, voltando em direção à saída, onde mais caixas me esperam. Ele ainda me segue, mas não me incomoda. É uma das poucas pessoas que, sendo praticamente ignoradas por mim, não me odeiam.

Apesar da aparente indiferença, eu o ouço, sei de sua vida, de suas batalhas; sei que ele, ao contrário de mim, deu muito orgulho aos pais. É aquele tipo de pessoa de quem eu jamais me aproximaria no passado, mas que hoje, sem dúvida, seria meu melhor amigo, se eu estivesse pronto para ter um.

— Sabe de uma coisa? Acho que você precisa de um encontro de verdade! Um encontro com uma mulher que faça seu coração acelerar! — Ouço-o calado. Minha vontade é rir desse papo adolescente, mas apenas continuo pegando as caixas na calçada e levando-as para dentro. Ele faz o mesmo. — Ok. Talvez eu tenha sido um pouco idiota e infantil, mas você... — Para de falar quando visualiza algo ou alguém.

— Com licença, Christopher! — a voz suave e macia de Mel nos interrompe e eu paro com as caixas entre os braços. Olho na direção dela e, por um momento, fico sem fala. Mel é de uma beleza tão honesta, tão simples, que não consigo deixar de encará-la.

— Sim? — minha voz soa baixo. Pela primeira vez eu me sinto desconfortável ao vê-la, como se tivéssemos tido um relacionamento e o rompido quando Ioana esteve lá. Ela viu. Mel presenciou algo de minha vida privada e agora é como se guardasse um segredo meu. Um segredo sujo.

— Tenho ouvido latidos quando passo pela porta do seu apartamento e gostaria muito de saber... — para de falar e, repentinamente sem graça, conclui: — Gostaria de saber se posso ficar com ela enquanto você está no trabalho, e eu, bom... eu ainda não estou trabalhando e pensei que seria uma boa ideia.

Franzo o cenho, pensando no que ela diz; Lola não costumava latir em

minha ausência. Passo os dias fora, no trabalho, mas levo-a para passear bem cedo, ou quando volto para casa.

Nicholas ainda nos observa com duas caixas nas mãos e, ironicamente, calado. Percebo que olha para Mel de cima a baixo, talvez imaginando como uma jovem tão linda perdeu a perna. Consigo ver a curiosidade em seus olhos.

— E então? — ela interrompe meus pensamentos analíticos sobre Nicholas. Penso por mais um momento e chego à conclusão de que isso seria ótimo para Lola. Mel já demonstrou gostar de animais e a cadela, um amor incomum por ela.

— Se não for atrapalhar... tudo bem!

— Você tem uma chave reserva? — pergunta ela.

Penso por alguns segundos, coloco as caixas sobre as de Nicholas e o encaro, esperando que ele leia em meus olhos um pedido para que saia. Ele sorri entendendo meu recado, e entra, fazendo um esforço absurdo com o dobro de caixas nas mãos.

Volto a atenção para o bolso da calça e retiro o chaveiro. Estendo a mão para que ela o pegue, mas Mel estreita o espaço entre as sobrancelhas.

— Não é uma chave reserva.

— Quando for buscá-la, pego as chaves de volta.

Ela me encara, surpresa, finalmente entendendo o que digo.

— Oh, claro! A que horas você sai daqui?

— Às quatro da tarde.

Mel sorri e pega as chaves da minha mão.

Nós nos encaramos por alguns segundos e ela se vira, caminhando pela calçada, para longe de mim.

Melinda

Minha vontade era não o procurar mais. No entanto, nos últimos dois dias, os latidos de Lola pareciam um pedido de socorro para que eu a salvasse do confinamento diário. Parece que Christopher não trabalha todos os dias, mas,

quando faz, deixa a cadela o dia inteiro presa e sozinha naquele apartamento.

Tentei me segurar para não ir ao trabalho dele, mas Lola me convenceu, com seus latidos, já que não tenho o número de telefone de meu vizinho. Só queria fingir que nunca o conheci, mas é impossível quando ele é o dono dessa cadela adorável.

Ela se sentiu em casa em meu apartamento, brincando a maior parte do tempo. Agora dorme sobre o carpete do quarto, enquanto me ocupo com um livro.

Olho para o relógio e percebo que Christopher pode bater a qualquer momento.

Alguns minutos passam e percebo que estava certa. Sigo até a porta e Lola, curiosa, acompanha-me.

Quando abro, vejo que Christopher segura uma sacola e sorrio para ele.

— Ela amou ficar comigo. Posso pegá-la todos os dias?

— Não trabalho nas segundas e nas quintas — informa e eu aceno com a cabeça.

— Okay! Posso ficar com ela todos os dias em que você estiver trabalhando?

Ele me encara por muitos segundos antes de responder:

— Tudo bem! Deixarei com você uma chave extra. Assim pode deixar Lola no apartamento antes da minha volta, se preferir. Qual é o seu número?

Respondo e, em poucos segundos, ouço o telefone tocando lá no quarto.

— Podemos nos comunicar melhor quando estiver com ela.

Concordo com a cabeça e sorrio, feliz ao perceber que terei a companhia de Lola quase toda a semana.

— Se em algum momento Lola a atrapalhar, por favor, apenas a deixe em meu apartamento.

— Ela não vai — limito-me a dizer apenas isso. Vou até a mesa de jantar e pego a coleira de Lola, encaixando-a nela. Entrego a cadela ao dono e espero que ele vá embora, mas Christopher está parado, observando-me. Quando penso

em perguntar o que houve, percebo que estende a mão para me entregar a sacola que segurava.

— É suco de manga — informa.

Minha boca se abre para dizer algo, porém apenas o observo por alguns segundos, até conseguir falar:

— Obrigada. Você foi muito gentil!

Ele acena rapidamente com a cabeça e se afasta pelo corredor. Eu os observo, o dono com sua cadela, até entrarem no apartamento.

Nos últimos três dias, fiquei com Lola e a levei para passear nos parques próximos ao nosso prédio. Ela tem sido a melhor companhia. Parece entender minhas limitações e respeitar meu tempo quando estamos na rua. Muitas vezes, apenas me olha enquanto andamos e, quando chego ao parque, vejo que é o momento em que corre sem parar. Posso sentir sua felicidade cada vez que saímos.

Christopher passa em meu apartamento todos os dias para buscá-la. Sempre traz uma sacola contendo algo da loja onde trabalha.

Passa das dez da noite e eu ainda não consigo dormir devido a mais uma tempestade que cai lá fora. Desta vez concentro-me em um livro, que leio desde que encerrei a conversa com meu irmão ao telefone.

Alan me alertou, mais cedo, sobre a possibilidade de chuva à noite, já que tem acompanhado as previsões climáticas para Nova York todos os dias. Ele não sabe, mas também faço isso e, obviamente, estava ciente de que depois das nove haveria outra tempestade de verão.

Desde que soube sobre o furacão Sandy, temia que acontecesse outros enquanto eu estivesse aqui, mas tempestades não são um grande problema, como é o caso dos furacões, e eu me sinto mais preparada para enfrentá-las que da última vez. Mantenho meu cérebro ocupado.

Inesperadamente a campainha toca. Endireito o corpo na cama e olho para a prótese ao lado. O timbre é insistente, então decido me sentar na cadeira

de rodinhas de escritório e deslizar até lá.

Perto da porta, eu paro, mas me sobressalto quando a campainha toca mais uma vez.

— Quem é? — pergunto, antes de abrir.

— Christopher!

Completamente surpresa, abro a porta. Ele olha para frente, mas, ao perceber que estou sentada na cadeira, baixa os olhos. Reparo que engole em seco e seus olhos encontram os meus. Sua face nada revela; nada diz sobre seus sentimentos, mas vê-lo aqui sem que eu o tenha chamado é surpreendente.

Christian

A chuva que cai do lado fora se transformou em um lembrete de como Mel veio parar em meu apartamento na última tempestade. Inevitavelmente pensei que ela poderia se machucar novamente, enquanto ouvia dos trovões.

Mel está sem a prótese, usa uma cadeira de escritório para se apoiar e locomover. Não sei explicar o que exatamente me trouxe até aqui, mas tenho certeza absoluta de que fui movido por um impulso.

— Oi — ela me cumprimenta, aparentemente calma dessa vez.

— A chuva! — digo a verdade sobre o motivo que me trouxe aqui, simplesmente não tenho uma mentira pronta. Mel sorri, compreendendo finalmente.

Sinto-me um idiota. Já a imaginava aos prantos, mas ela parece bem mais preparada que da última vez.

— Preciso enfrentar meus medos. Acho que já passa das dez e vou tentar dormir.

Olho para o pulso e verifico a hora. Só então noto que não estou usando um relógio, então arranjo uma coceira inexistente.

— Não está tão tarde. — Analiso o rosto dela. — Está tudo bem se quiser vir ao meu apartamento. Lola também tem medo de trovões.

— Cachorros são sensíveis a barulhos e acho que eu deveria ajudá-lo a cuidar dela.

— Estou assando uma pizza — informo, e ela ergue as sobrancelhas com uma surpresa maldissimulada.

— Você só come pizza? — pergunta, um sorriso curvando seus lábios. Antes que eu possa responder, somos surpreendidos pela claridade de um relâmpago, acompanhado de um estrondo. Mel se sobressalta e então eu percebo que ela estava o tempo todo fingindo. Olha para a janela com uma expressão assustada e engole em seco.

— Tudo bem! Eu aceito! — diz de prontidão.

— Então se certifique de que está com o celular e as chaves — advirto e ela sorri.

— E as duas pernas... — completa com um senso de humor que eu não sabia que ela tinha.

Mel se afasta e faz um gesto com a mão para que eu entre. Hesitante, dou um passo para dentro, enquanto ela desliza com a cadeira em direção ao corredor, desaparecendo logo em seguida.

Observo o ambiente decorado com belas cadeiras, quadros com imagens de Londres e, poucos minutos depois, ela está de volta.

— Vamos? — Segura uma bolsa, agora com a prótese encaixada na perna.

Abro a porta para que minha vizinha saia, certificando-me de que ela está com tudo de que precisa, e então a fecho.

Melinda

Há coisas na vida cuja razão desconhecemos; não sabemos por que acontecem e não sei atribuir qualquer significado a isso.

Pessoas que jamais imaginamos conhecer um dia surgem em nossas vidas e, rapidamente, damos-nos conta de que nada faz qualquer sentido. Talvez Christopher tenha aparecido em minha vida apenas para me mostrar que, mesmo inteiro fisicamente, tem limitações, traumas e medos.

Eu o percebo muito mais triste que eu, nas condições em que me encontro, mas, contraditoriamente, ele é a pessoa que está sempre surgindo para me ajudar quando necessito.

Ainda não conversamos. Lola foi bem efusiva e, desde que entrei aqui, nós duas não paramos de brincar.

Ela tem um coelho que um dia teve dois olhos e duas orelhas; hoje está velho e desgastado de tanto ser jogado de um lado para o outro. Até agora consegui abstrair a tempestade que cai do lado de fora e, aparentemente, Lola

também.

Olho para Christopher, que retira a pizza do forno, colocando-a sobre o balcão que separa a cozinha da sala onde estou.

— Christopher?

Ele eleva os olhos para me observar.

— Sim?

— Como encontrou Lola?

Ele larga a pizza sobre o balcão e me olha, analisando meu rosto, antes de responder:

— Eu a adotei em uma fundação que resgata animais que sofreram maus tratos.

Engulo com dificuldade e então, observando Lola com um olhar mais atento, posso imaginar que sua vida não foi fácil e que voltar a confiar em humanos deve ter sido difícil para ela. Encaro Christopher esperando ouvir mais a respeito, entretanto ele volta a atenção para a pizza, cortando-a vagarosamente.

— Como descobriu essa fundação?

Em vez de me olhar, Christopher pega a pizza e caminha em direção à sala, depositando-a sobre a mesa de café junto a qual me encontro. Ele senta no lado oposto do sofá e apoia os cotovelos sobre os joelhos. Aproveito o momento para analisar seu perfil e essa barba que mais parece ter sido negligenciada.

— Era da minha mãe — responde, os olhos perdidos na chuva que cai contra o vidro da janela.

— Era?

Ele me encara, como se tivesse sido tirado de pensamentos profundos.

— Ela morreu — dito isso, pega uma fatia da pizza e começa a comer, indicando que deseja encerrar o assunto. Fico triste em ouvir isso, mas decido nada comentar, mesmo com tantas perguntas dançando em minha cabeça, enquanto mordo minha fatia.

Alguns minutos de silêncio enquanto comemos a pizza, até que Christopher se ergue. Ele começa a se afastar em direção à cozinha, quando para

abruptamente. Vira-se para mim e seus olhos se fixam nos meus.

— Chris — diz.

— O quê? — pergunto, momentaneamente confusa.

— Prefiro que me chame de Chris.

Aceno e, sem que eu perceba, um sorriso se desenha em meus lábios.

— Chris... — sussurro de maneira que ele não possa me ouvir.

Vejo-o caminhar até a geladeira, onde pega uma garrafa de suco de manga, servindo dois copos. Enquanto faz isso, observo sua forma física, a camisa branca permite um vislumbre do abdômen escultural; homens estranhos também podem ter físicos excepcionais.

De repente Christopher para de servir o suco e volta o rosto em minha direção, pegando-me no flagra enquanto meus olhos viajam em cada detalhe de seu corpo.

— Não está tão gelado — diz parecendo notar minha expressão envergonhada.

— Adoro suco de manga de qualquer jeito. Está ótimo, obrigada!

Chris caminha até mim, entrega-me o copo e se senta ao meu lado.

— Como foi? — pergunta, mas fico confusa mais uma vez.

— Como foi o quê?

Ele olha para minha perna.

— O acidente. Você foi atropelada? — Ele nunca me fez qualquer tipo de pergunta, e, quando decide perguntar algo pela primeira vez, vai direto ao ponto? Que tipo de louco ele é?

— Pode-se dizer que sim. — Remexo-me no sofá, incomodada com a pergunta direta, mas satisfaço a curiosidade dele. — Acidente de carro, mas já faz alguns anos.

Ele concorda com a cabeça e decide ficar calado. Porém aproveito a pergunta para satisfazer minha própria curiosidade.

— Por que deixa crescer a barba a ponto de parecer negligenciada? Está pagando algum tipo de promessa? — Sinto o arrependimento brotar no instante

em que ele ergue as sobrancelhas. No entanto, para meu alívio, o lampejo de um sorriso, quase imperceptível, surge nos lábios de Christopher. Eu deveria soltar fogos de artifício, mas me contenho para não parecer uma idiota. Fico feliz em vê-lo mais à vontade comigo.

— Não. Eu apenas não me importo.

— Pois deveria. Você parece ser bem bonito por trás dessa montanha de pelos. — Mais um lampejo de sorriso, e não posso deixar de sorrir dessa vez.

— É impressão minha ou você está tentando sorrir?

Chris inspira demoradamente e recosta-se ao sofá, aparentemente relaxado com minha presença; logo parece pensativo novamente.

— Acho que não sei mais fazer isso há anos — diz e meu coração se parte ao meio.

— Não sei o que houve para que você se tornasse tão fechado, mas, seja o que for, quero que saiba que precisamos seguir em frente e tentar aprender algo com o que passamos. Devemos sempre seguir, Chris.

Seus olhos ainda estão fixos na janela, sem piscar uma só vez.

— A chuva passou — diz e, aos poucos, percebo que mudar de assunto subitamente, ou fazer algo que não precisa ser feito imediatamente, pode ser um sinal de que ele quer que o assunto chegue ao fim.

— Sim. Está tarde. Eu devo ir! — Ergo-me vagarosamente e Chris me observa calado, sem mover um músculo do corpo.

Eu o observo e sorrio.

— Acho que eu gostaria de ser sua amiga. Não é todo dia que encontro pessoas dispostas a adotar animais que sofreram maus tratos. Essas são as melhores pessoas, sabia?

Ele me olha atentamente, enquanto caminho em direção à porta.

— Amanhã é feriado — diz subitamente, fazendo-me virar para observá-lo. Lola já está sentada, a única orelha erguida, também me olhando. Parece entender o que falamos e isso é incrível.

— Eu havia esquecido! Então ficará até segunda sem trabalhar, hein?

Ele acena suavemente com cabeça, em concordância.

— Você não precisará pegar a Lola neste final de semana — declara, e não consigo esconder a decepção em meu rosto.

— Oh, ok! — Baixo os olhos e me viro novamente. Prestes a segurar a maçaneta, ouço a voz dele mais uma vez:

— Amanhã irei a Long Island. Lola gosta de praia. Se quiser, pode vir com a gente.

Viro-me rapidamente e um sorriso se desenha em meu rosto.

— Sério? Eu... eu adoraria! — e de repente me vem uma constatação, meu semblante se fechando novamente.

— Você não pode ir? Quando seu irmão irá voltar?

— Digamos que ele ainda não tem uma data definida. Eu... — Encaro o chão. — Não vou a uma praia desde o dia em que perdi a perna. Esta prótese não foi feita para andar na areia e... bom, muito menos para mergulhar na água. Ela é eletrônica e custou uma fortuna. Muitos amigos e pessoas que nem conheço ajudaram minha família a comprar. Meu pai teve que vender alguns bens e...

— Não se preocupe com isso — Chris me interrompe. — Você não precisará dela.

Eu o observo atentamente, com os olhos quase cheios de lágrimas. Há tempos, desejo ir à praia, mas ninguém se dispôs a me levar e eu nem pensei sobre isso.

— Obrigada. Isso significa muito para mim — então Lola late e corre de um lado para o outro. Pega o coelho esfarrapado, enquanto observo Chris curvar os lábios em sua direção. Acho que ela é a única capaz de fazê-lo sentir-se bem de verdade, ainda que seja por alguns momentos.

Chris

Ao mesmo tempo que a esperança parece ser nosso combustível, aquilo que nos impulsiona, ela nos engana e nos faz cometer atos que, algum tempo depois, percebemos que foram impensados e burros. Por que diabos eu me senti tão corajoso ao chamá-la para ir comigo a um lugar em que sempre vou sozinho? Na realidade, há meses não vou a Long Island com Lola e, impulsionado pela esperança de ter alguns dias longe das sombras, convidei Mel. Que diabos estou fazendo? Não sei, mas agora não há volta.

O sol já começou a dar os primeiros sinais de sua chegada, infiltrando-se entre as frestas da persiana. São quase seis da manhã. Em pouco mais de duas horas, Mel estará aqui. Ela me pareceu tão ansiosa e animada, que foi impossível voltar atrás em meu convite; convite movido por um impulso idiota. Naquele momento, parecia ser o certo a fazer. Quando pensei em Long Island, imaginei imediatamente como minha vizinha se encaixaria perfeitamente ali. No entanto não havia pensado que isso poderia me trazer um grau de intimidade que não estou disposto a ter com ela nem com ninguém.

Ergo-me da cama onde permaneci acordado boa parte da noite. A falta de sono não tem nada a ver com os pensamentos ruins que sempre povoam minha mente. Na verdade, passei a noite imaginando como farei para levar aquela garota a um lugar tão íntimo. Como farei para encaixar uma desconhecida dentro de um mundo que não mostro a ninguém, dentro de um passado que pertence somente a mim?

Sigo para o banheiro e, no momento em que passo pela porta, paro diante do espelho. Observo minha aparência, que reflete do outro lado. Não tenho hábito de me olhar, mas, depois de tanto pensar, preocupo-me com minha aparência. Passo a mão no emaranhado de barba enquanto meus olhos vagueiam pelo rosto. Ela realmente está uma bagunça negligenciada, muito grande e deixa-

me com um péssimo aspecto!

Ontem pude ver isso nos olhos dela e tenho me perguntado por que me incomodei tanto com isso. Essa não é uma postura comum, levando em conta que todos com quem tenho algum tipo de intimidade agem da mesma forma que Mel. Entretanto, eu me incomodei apenas com ela.

Não sei por que diabos ela se preocupa com minha aparência, mas o fato é que notei que ela me observava; talvez estivesse incomodada com meu desleixo.

Notei sua vontade de arrancar essa montanha de pelos desalinhados de meu rosto. Ela sempre me olha nos olhos, mas, vez ou outra, noto que analisa minha aparência.

Por alguma razão que desconheço, não quero que ela me veja como se eu fosse um louco. Talvez eu consiga lidar com o fato de que sou parecido com meu pai, mas, de alguma forma, incomoda-me saber que ela rejeita minha atual aparência.

Embora odeie isso, apenas preciso aceitar que não há como mudar o que não tem solução. O que vejo naquela garota vai muito além de resiliência. Ela perdeu uma perna, mas aceita o que a vida lhe deu. Não lamenta ter perdido, mas agradece o fato de estar viva. A garota é especial apenas pelo fato de enxergar além de minha aparência estranha. Sim, ela me acha estranho, mas não me considera asqueroso por isso.

É loucura olhar para meu rosto e odiar a mim mesmo por ser tão parecido com aquele que me trouxe ao mundo. Ele pode me odiar, eu posso odiá-lo, mas preciso dar o primeiro passo para me libertar desse sentimento ruim que me consome a cada dia.

Volto para o meu quarto, decidido a dar esse primeiro passo. Pegó o celular e ligo para Nicholas, que, mesmo neste horário, atende rapidamente.

— Estou sonhando, ou você está mesmo me ligando? Quando foi a última vez que fez isso, Chris? Deixe-me pensar... — O silêncio prevalece por poucos segundos. — Talvez nunca?

Eu puxo uma respiração profunda e digo:

— Acordei você?

— Dane-se, que não são nem seis da manhã e você me acordou sem pensar que as pessoas precisam dormir, mas, cara! Eu também sou um imbecil, já que não desliguei o celular! O importante é que está me ligando, por mais que já faça um ano que lhe passei meu número.

— Preciso de um favor, Nicholas.

— Qualquer favor, mas da próxima vez me ligue em um horário decente. Ainda estou dormindo!

Curvo os lábios e, em seguida, decido falar antes que eu mude de ideia. Nicholas vive perto e sei que é bom em tudo que faz. Ele irá me ajudar.

Melinda

— Tem certeza de que vai fazer isso? — Alan questiona do outro lado da linha.

Inspiro profundamente antes de responder:

— Chris é um cara legal. Ele me ajudou algumas vezes e...

— Você mal o conhece, Melinda!

— Eu o conheço o suficiente para saber que estou em boas mãos. — Inspiro novamente. — São quase oito em Nova York, Alan! Acho que você deveria estar dormindo!

— Coloquei o celular para despertar. Acho que é cedo para viajar com alguém que você mal conhece.

— Alan, apenas confie em mim, está bem? — Ouço-o respirar pesadamente. — Chris me ajudou e, se tivesse qualquer intenção ruim em relação a mim, já dei todas as oportunidades possíveis para que colocasse em prática seus "planos malignos". Uma delas foi dormir no apartamento dele!

— Certo. Tudo bem, talvez eu esteja exagerando, mas, por favor, mantenha o celular ligado, okay?

Reviro os olhos mesmo que ele não esteja me vendo.

— Manterei, mas não se preocupe, *tá* bom? Estou em ótimas mãos!

— Estão namorando, Melinda? Esse cara parece estranho e dá a impressão de que nunca toma banho.

— É somente a aparência dele. Chris toma banho!

— Chris? Tudo bem. Não me conte como sabe disso, okay?

Sorrio.

— Ele é limpo, a casa dele é impecável e a cadela é a coisa mais linda do mundo! Eu o chamo de Chris porque ele me pediu isso.

— Certo. Você me convenceu! Apenas espere minhas ligações!

— Ótimo, Alan. Agora preciso ir. Estou atrasada. Eu te amo!

— Amo você também. E... por favor, deixe o celular ligado.

— Você já disse isso.

— Eu te amo.

Sorrio, sentindo-me privilegiada por ter alguém que se preocupa realmente comigo.

Pego a mochila, a máquina fotográfica, tudo mais de que precisarei e saio em direção ao apartamento de Chris. Ainda bem que vamos de carro, pois minha mochila é um pouco grande; é inevitável levá-la, já que ele disse que passaremos o final de semana por lá.

Não me preocupei com o fato de que irei passar tanto tempo ao lado de um homem que mexe comigo de um jeito estranho. Principalmente porque foi algo espontâneo partindo de alguém que, até outro dia, não tinha a mínima intenção de olhar na minha cara.

No momento em que paro frente à porta dele, sinto um frio na barriga. A impressão é de que borboletas estão fazendo uma *Rave* dentro de meu estômago. Fico ansiosa em apenas imaginar a possibilidade de passar o fim de semana com Chris e Lola. Sei que farei algo diferente, e apenas o fato de vislumbrar isso em pensamentos é maravilhoso.

Bato à porta e espero por longos segundos até que ouço o barulho do trinco se abrindo. A porta se abre e eu, automaticamente, recuo um passo. Olho

para o alto, para o número acima do batente, e então volto a encarar o homem a minha frente. Alguns segundos — talvez minutos, não sei — passam e então ele se afasta, as sobrancelhas suspensas, claramente perguntando se vou ou não entrar. Só então percebo que estava paralisada feito uma tonta sobre a soleira. Não, eu não estou indecisa, não estou hesitando, quero fazer esse passeio! Entro sem poder tirar meus olhos dele. Pela primeira vez, sinto que o constrangi, mas, mesmo dando-me conta disso, não posso deixar de encará-lo; estou diante de um desconhecido.

Minha boca se abre, os olhos não piscam enquanto observo, perplexa, a versão sem barba e de cabelos cortados de Christopher. Minha expressão de surpresa parece tê-lo deixado, pela primeira vez, constrangido. Acho que jamais vi um homem tão lindo em toda a minha vida. Chris, sem barba, tem os traços mais incríveis que já vi. Seus cabelos têm um corte moderno, curto, dando-me a visão completa do rosto, sem intervenção dos fios rebeldes.

— Vai ficar me olhando com essa cara? — questiona enquanto se afasta para que eu entre. Passo por ele, mas meus olhos ainda não conseguem se desviar de seu rosto um só segundo. Eu poderia viver um século apenas observando-o e não me cansaria.

— Você tirou completamente a... — Aponto para seu rosto ainda mais sério e ele concorda com a cabeça. Chris rejuvenesceu uns dez anos ou mais. O leve furo no queixo e as discretas covinhas, enquanto a boca se aperta, fazem-me engolir em seco. Os olhos azuis estão ainda mais intensos que antes.

— Sim. Eu fiz — responde. — Acho que não seria legal para você andar por aí com um homem que negligencia a própria aparência. Além do mais, paguei minha promessa.

Uno as sobrancelhas.

— Você disse que não fez promessa alguma...

— Fiz a mim mesmo; prometi que não veria mais meu rosto como era, até que alguém me mostrou, apenas com os olhos, que aquele desleixo parecia, de algum modo, sem sentido. Minha intenção sempre foi me esconder das

peessoas e talvez essa tática tenha gerado resultado contrário.

— É impossível não o notar, Chris. Você está em Nova York!

— As pessoas me veem, mas não me enxergam! — explica, e eu engulo em seco, imaginando como é tentar ser invisível em meio a tantas pessoas. Acho que Chris fez um ótimo trabalho, no entanto. — Nova York é o lugar onde posso ser quem quero, mas percebi que não estava atingindo meu objetivo. Estava, na verdade, caminhando na via contrária, embora só tenha me dado conta disso hoje — essas palavras me fazem arrepender do que disse sobre a aparência dele.

— Eu... eu sinto muito se o fiz acreditar que era estranho, porque você não era!

— Não sinta! Sim, eu era. Ainda sou, mas, mesmo assim, você me ajudou.

Chris alugou um SUV para irmos à praia, que fica em uma ilha, ao lado da ilha Manhattan. Nunca fui a Long Island e confesso que estou ansiosa para conhecer. Por incrível que pareça, não me sinto mal estando dentro de um carro. Às vezes sinto certo desconforto quanto à velocidade, mas ele dirige cuidadosamente.

Se estava difícil ficar ao lado dele antes, agora, sem a montanha de barba e com os cabelos cortados, é quase impossível. Sinto-me ainda mais nervosa e não é apenas por conta da aparência dele, mas porque posso ver suas expressões com ainda mais clareza que antes.

Lola está no banco traseiro tentando enfiar a cabeça na fresta da janela. Sua língua está para fora e o vento bate em seu focinho. Sorrio enquanto a observo e, quando me viro para frente, meus olhos, automaticamente, caem sobre Chris.

Sua atenção está voltada para o volante e eu pego meu celular, à procura de uma *playlist* que havia separado no celular. Encaixo o fio do aparelho no som do carro e *Sign of the time*, Harry Styles, começa a tocar. É uma música triste, que fala de sentimentos reais.

Eu li em algum lugar que esta canção fala sobre uma mãe que estava dando à luz um bebê, quando surgiu uma complicação. Ela sabia que morreria, foi informada disso, e que a criança sobreviveria. Então percebe que tem apenas alguns minutos para falar com a criança: "Vá em frente e conquiste".

Enquanto ouço a música ecoar, olho para Chris e reparo em seu perfil pela milésima vez. Ele é lindo de todos os ângulos. Ao mesmo tempo que sinto estar ao lado de outra pessoa, vejo que este é o mesmo homem com quem me esbarrei um dia, na porta de meu apartamento; agora, porém, ele decidiu abrir a primeira janela da alma para mim.

Melinda

A música, nosso silêncio e alguns ruídos de Lola nos acompanharam durante boa parte do trajeto, até chegarmos a Port Jefferson, um belíssimo vilarejo localizado na ilha de Long Island. Atravessamos o mar em uma balsa, esperamos dentro do carro e logo estávamos em nosso destino.

Ele dirige pelas ruas, como se estivesse em casa, fazendo-me entender que este é um lugar onde ele costuma vir. Vez ou outra, sou flagrada observando-o; Chris sonda silenciosamente meus olhares com um erguer de sobrancelhas. Eu nada digo em resposta, simplesmente não tenho palavras para descrever o que vejo.

Não perguntei sobre onde ficaríamos, já que Chris assegurou conhecer a área muito bem. Ele deve nos levar para algum hotel barato por aqui ou a uma pousada que aceite cães.

Depois de rodar alguns minutos, estaciona o carro na calçada, em frente a uma belíssima e grande casa, com uma igualmente enorme garagem. A rua, assim como toda Port Jefferson, é extremamente arborizada. Muitas casas daqui são antigas, mas estão em perfeito estado de conservação. Talvez esta, em frente a qual paramos, seja uma pensão ou algo do tipo.

Desço do carro e, antes de fechar porta, vejo uma eufórica Lola passar por mim como uma flecha, correndo em direção a casa. Há um gramado impecável que a cerca e a cadela se diverte correndo de um lado para o outro. Olho para Chris e ele curva os lábios, aparentemente alheio ao fato de que a cadela brinca na propriedade alheia. Sorrio para ele e não sou correspondida. No entanto, sua expressão se suaviza. Meus olhos se prendem ao rosto dele e, mais uma vez, noto um elevar de sobrancelhas.

— Posso saber o que há de errado com meu rosto? Estou tão estranho para que me olhe com essa expressão estranha a cada cinco minutos?

Sorrio levemente. Ele terá que suportar meus olhares furtivos, é

praticamente impossível evitar.

— A culpa é sua! — acuso-o em tom de brincadeira.

— Minha? — questiona, mas sua voz soa baixo e controlada.

— Sim. Sua. E nem precisa ficar bravo comigo! Você deveria ter me prevenido! Não sabia que você iria passar por essa transformação e que seu rosto me impressionaria tanto. Ainda estou me acostumando com sua aparência, tá bom? Desculpe se isso o incomoda.

Chris estufa o peito e aperta os lábios, revelando as discretas covinhas.

— Tudo bem. Talvez você tenha razão. Agora percebo que realmente deveria ter avisado.

Pega uma mochila velha no porta-malas e também caminha em direção a casa. Eu o observo, parada, e ele para ao perceber que não o seguiu. Vira-se, encarando-me com as sobrancelhas unidas.

— Isso é algum tipo de pensão? — questiono-o, mas, em vez de responder, Chris caminha em minha direção. E para muito próximo a mim. Sua face está perto o suficiente para cortar minha respiração. Meu coração dá algumas batidas mais fortes quando ele inclina o corpo para frente, apenas para pegar a mochila que carrego. Depois ele se afasta, vira-se de costas, voltando a andar.

— Não. Não é uma pensão — finalmente responde enquanto caminha em direção à entrada principal. Eu o sigo até pararmos em frente a uma bela porta de madeira.

Antes de ele tocar campainha, a porta se abre abruptamente e uma mulher corpulenta, de aproximadamente 60 anos, surge. Seu rosto demonstra surpresa, assim que os olhos verdes, brilhantes de lágrimas prestes a cair, encaram Chris. A senhora fecha a boca com uma das mãos e logo não consegue conter a emoção. Chora copiosamente. Parece não acreditar no que os olhos veem.

— Meu filho!

— Não chore! — ele a repreende.

— Chris... — diz a senhora parecendo não o ter ouvido e recebe um leve sorriso. Lentamente, coloca as duas mãos sobre o rosto dele, que apenas a observa, deixando-se tocar pelas mãos trêmulas. Em seguida, ela o abraça apertado.

— Ah, meu amor... Você voltou a ser o meu Chris! — Eles permanecem alguns segundos abraçados, até que se afastam. Sinto-me uma intrusa, assistindo a algo tão íntimo. Tão deles.

Então os olhos da senhora me encontram e ela parece confusa com o que vê.

— Grace, essa é a Mel, minha vizinha!

E só então eu me dou conta de que estou na casa de alguém que ele ama. Talvez uma tia?

A senhora caminha até mim e Chris apenas a observa.

— Você é uma bela jovem e aposto que é responsável pela retirada daquela barba, acertei? Vocês são namorados?

— Mel é apenas minha vizinha — Chris responde imediatamente. — Não somos namorados!

Ela me observa e eu concordo com a cabeça.

— Somos amigos! — concluo, embora ele tenha dito que sou apenas vizinha. A expressão no rosto da mulher revela frustração, mas logo ela sorri.

— Entre, querida. Estou feliz que Chris tenha uma amiga. Há anos ele não traz ninguém aqui. — Ainda emocionada, limpa as lágrimas enquanto entra.

A casa é incrível e muito charmosa, tanto no interior quanto por fora. Há uma varanda nos fundos, de frente para um grande gramado, o qual antecede a praia. Daqui de dentro consigo ver um longo deque de madeira, onde há um pequeno barco ancorado. Apaixonei-me instantaneamente por este lugar. Não é uma mansão, mas espaçosa, a casa dos sonhos de muitas pessoas.

A senhora acaricia Lola, que se mostra entusiasmada ao vê-la. A cadela parece ter sentido muitas saudades, pelo modo como pula enquanto é acariciada. Percebo que é um ambiente familiar para Chris e Lola, mas ainda estou curiosa

sobre a dona da casa.

— Desculpe, querida. Não me apresentei — diz ela, interrompendo meus pensamentos. — Meu nome é Grace. Sou a babá de Chris desde que nasceu.

Eu me surpreendo. Afinal, ainda que a senhora não seja da família, Chris parece nutrir um carinho especial por ela.

— Muito prazer — cumprimento-a de volta. — Não sabia que estava vindo para sua casa. É um prazer conhecê-la! — Noto que Grace, algumas vezes, olha para minha perna, embora nada diga. Há curiosidade em seus olhos, mas ela não parece se importar.

— Os quartos estão no andar de cima, querida. Chris mostrará a você.

Eu sorrio abertamente e logo sou conduzida para o segundo andar. Subimos as escadas de madeira brilhante, até alcançarmos o andar superior. Chris abre a porta de um dos quartos que fica em um longo corredor e, assim que entro, dou de cara com uma vista espetacular. Vejo o incrível oceano Atlântico através das janelas.

— Uau! — exclamo, completamente encantada com a bela vista a minha frente. Viro-me para Chris, que está com as duas mãos nos bolsos da calça jeans. — Este lugar é incrível! Por que não me contou que estávamos vindo para a casa da sua babá?

— A casa não é dela, mas é como se fosse. Ela vive aqui sozinha.

— Então é sua? Por que não me contou?

— Não achei que fosse necessário e, não. A casa não é minha. Ela era da minha mãe, mas, como já contei, ela não está mais viva — diz. — Eu apenas sabia que você iria gostar daqui, assim como eu e Lola gostamos.

Um sorriso se desenha em meu rosto.

— Você acertou em cheio! Sua vizinha se apaixonou imediatamente por este lugar. Este é um vilarejo muito charmoso, Chris. Estou encantada! — Consigo ver seus lábios se curvando para o lado, na tentativa de um sorriso. — Grace mora aqui há muito tempo?

— A vida toda. Eu venho aqui desde criança.

— Onde está o marido dela?

— Morreu há alguns anos.

— Seus parentes não vêm?

Ele me olha, examinando meu rosto, em seguida assente de modo quase imperceptível.

— Nunca. Por essa razão, estamos aqui.

Eu o encaro, momentaneamente confusa, mas decido mudar de assunto ao perceber sua inquietação.

— O que faremos agora? — questiono-o com intuito de amainar a tensão.

— Troque suas roupas e desça. Estarei lá em baixo.

Eu aceno, nossos olhos presos uns nos outros por alguns segundos. Chris olha rapidamente para minhas pernas e em seguida se vira, desaparecendo rapidamente, fechando a porta atrás de si.

Eu observo o quarto bem-arrumado, a uma cama *queen*, ladeada por dois criados-mudos, cada um sustentando um abajur. Elevo a mochila que Chris colocou no chão e a deixo sobre a cômoda. Em seguida caminho em direção à janela. Observo o mar calmo, quase não vejo ondas baterem na areia.

Sinto-me tão bem e espero que cada minuto passe lentamente.

Chris

Assim que desço as escadas, vejo Grace sentada sobre a poltrona de balanço, na sala de estar. Lola está sobre o colo dela, cujas mãos vagueiam através do pelo macio. Grace me vê e Lola voa em minha direção, pulando e pedindo, através de gestos, que eu a leve para passear.

Grace se ergue da cadeira com minha ajuda e não tira os olhos de meu rosto. Sua expressão é tão espantada quanto a de Mel, embora não seja exatamente igual.

— Querido, há tanto tempo não via seu rosto por completo! Quando tirou

a barba e cortou o cabelo?

— Hoje cedo.

Ela sorri, em seguida me abraça mais uma vez. Grace é a única pessoa com quem tenho contato. É quem cuida de tudo por aqui; meu pai tem plena confiança nela. Fizemos um pacto: eu viria sempre visitá-la. Mas nos últimos anos, desde a morte da minha mãe, diminuí a frequência das visitas. Trouxe Lola poucas vezes, mesmo sabendo que ela se apaixonou por este lugar; a casa onde passei toda a minha infância.

Meu pai nunca vem aqui e queria que minha mãe vendesse a casa, mas ela jamais aceitou. Herdou de meus avós que morreram há muitos anos.

Eu e Grace falamos pouco sobre meu pai, mas, a meu pedido, ela prometeu jamais contar sobre minhas visitas. E sempre cumpriu a promessa. Já minha irmã, é casada e vive em outro estado; dificilmente viria aqui, pois é distante. No entanto não faz diferença, já que decidi, desde a morte de minha mãe, não mais atender às ligações dela.

— Qual é mesmo o nome dela? — Grace pergunta, nitidamente curiosa sobre a garota.

— Mel. É um apelido. Não sei o seu nome.

— Ela olha para você de um jeito tão...

— Ela está surpresa, assim como você. Por isso me olha dessa forma.

— Não. Ela gosta de você, filho! Eu conheço esse tipo de olhar.

Eu a encaro, analisando seu rosto; Grace parece esperançosa de que eu arranje uma namorada.

— Não tenho a intenção de namorar a Mel — afirmo enfaticamente para que ela não alimente esperanças. Grace me observa e eu posso ver frustração estampando seu rosto. Simplesmente não posso mentir para ela.

— Mas é da amizade que nasce o amor — insiste no assunto.

— Não somos amigos — afirmo.

Grace abre a boca para dizer algo, mas fecha logo em seguida, quando passos ressoam vindos do segundo andar.

Minha vizinha está no topo da escada, com uma expressão alegre, quando nos vê. Desce lentamente, segurando no corrimão, tomando todo o cuidado para não cair. Eu me apresso, indo em sua direção. A garota para e eu estendo o braço oferecendo ajuda. Mel sorri, segura minha mão e eu a ajudo a descer o restante dos degraus. Não pude deixar de reparar em seu vestido floral; é feminino e alegre, assim como ela. Está ainda mais linda que há alguns minutos.

— Vão dar um passeio? O dia está lindo! — Grace pergunta animada.

— Vamos à praia. Lola parece impaciente.

— Certo. Estou preparando uma torta de legumes com queijo. Quando voltarem, já estará pronta.

— Obrigada, senhora Grace! — Mel agradece, parecendo subitamente envergonhada. Encantadoramente envergonhada.

— Pode me chamar apenas de Grace.

Mel sorri timidamente enquanto assente.

Seguimos até a varanda, em frente à praia, e Mel parece nervosa quando olha para areia. Grace para na soleira e apenas nos observa.

— Não posso ir com a prótese!

— Então precisa retirá-la para que possamos ir até a areia. Levarei você, não se preocupe!

Ela me encara, mas, em vez de analisar meu rosto, como tem feito durante as últimas horas, olha-me intensamente nos olhos. Respira fundo e solta o ar audivelmente.

— Tudo bem! — Ela se senta no banco de madeira e aperta algo na lateral da prótese.

— O que é isso que você aperta? — Grace faz a pergunta que, na verdade, eu queria fazer. Às vezes dá a impressão de que lê meus pensamentos.

— É uma válvula. A parte que ainda tenho da perna é envolvida por silicone. Ela é encaixada e prende a vácuo. Preciso pressionar a válvula para que o ar saia e eu consiga retirar a prótese.

Grace concorda com a cabeça e eu volto a observar atentamente cada gesto de Mel. Lola está pulando em mim, dando saltos que fariam inveja em qualquer atleta olímpico. Ela pega o coelho alienígena; sabe que correrá até não poder mais.

— Prontinho. — Mel coloca a prótese sobre a cadeira. — Amanhã, se formos à praia novamente, eu a deixarei carregando.

Minhas sobrancelhas se unem com o que ela diz.

— Carregando?

— Sim. É uma prótese eletrônica e, portanto, precisa ser carregada como um celular.

Assinto, completamente surpreso com as explicações. Observo-a. Sentada, aguarda por um momento, mas logo se levanta. Procuro Grace com os olhos, mas ela não está mais na soleira da porta.

Aproximo-me desajeitadamente de Mel e seguro sua cintura. Súbito constrangimento me atinge. Ela envolve meu pescoço com os braços, parece igualmente constrangida, e eu a carrego sem pensar muito nas consequências.

Com Mel nos braços, caminho pelo gramado e logo sobre a areia, em direção ao deque. Pela segunda vez, consigo sentir seu cheiro. Um cheiro diferente, agradável, que invade meus sentidos quando estou perto dela. Faço o meu melhor para não reagir a ela. Para não reagir ao contato com sua pele; também faço o possível para esquecer que meus dedos apertam a lateral de seu corpo. Um corpo quente e cheio de curvas.

À medida que vou me aproximando do deque, Lola corre, circulando meus passos, até estarmos perto do mar.

— Eu... eu posso me sentar na areia? — pede, como se dependesse de minha autorização. Eu paro e a observo, analisando seu rosto animado.

— Em qualquer lugar.

Ela abre um sorriso e eu, vagorosamente, coloco-a sobre a areia. Uma sensação de vazio me domina no momento em que nos separamos completamente. Mel já está com os olhos presos no oceano, e os meus não

conseguem se desviar de seu rosto, que parece incrédulo ante a paisagem. Tanta emoção apenas por estar sentada na areia me comove.

Melinda

Posso sentir o cheiro do oceano quando o vento que vem dele sopra em minha direção. Fecho os olhos demoradamente, sentindo os fios de cabelo voarem sobre meu rosto. Gostaria tanto que este momento demorasse a acabar, que procuro assimilar cada segundo do final de semana.

Abro os olhos, percebendo que Chris sentou-se ao meu lado. Ele apoia os cotovelos nos joelhos, admirando o mar a nossa frente. Olha para tudo isso como se fosse a primeira vez. E eu sinto como se nunca tivesse tocado a areia. Tudo porque tive uma segunda chance.

— Aposto que você não se cansa dessa vista?

Sem fazer contato visual, Chris apenas curva os lábios na tentativa de um sorriso.

— Quem se cansaria? — diz, e meus olhos voltam para o mar.

— Você tem toda razão. — Embora eu esteja encantada com a beleza deste lugar, minha cabeça sempre gira, retornando na direção dele. Chris parece pensativo enquanto aprecia a paisagem.

Agora, com os cabelos cortados e sem barba, posso ver como os olhos e o nariz combinam perfeitamente com o restante de suas feições. Por que ele sempre escondeu isso? Mesmo que tenha me dito, é difícil de entender. É difícil compreender o motivo que o levou a esconder tamanha beleza. Deveria ser proibido alguém tão lindo como ele se esconder através da aparência.

Chris, mais uma vez, pega-me observando-o, e eu, ao invés de desviar o olhar, apenas encaro seu rosto. Ele também não desvia e, por um segundo, sinto meu coração dar uma cambalhota pela intensidade com que nos encaramos.

— Qual é o seu nome? — questiona com uma voz sussurrada. Eu o

observo imaginando o porquê de sua súbita pergunta. Nada nele beira à normalidade, então decido apenas responder:

— Melinda — sussurro de volta e ele une as sobrancelhas, mas logo curva os lábios, satisfeito com minha resposta.

— É um bonito nome. — Ainda pensativo, volta a observar a paisagem. Lola está, há algum tempo, tentando pegar os pássaros que ficam à beira mar, a alguns metros de distância. Ela molha as patas enquanto corre determinada a capturar algum, mas eles sempre conseguem fugir.

— Quer entrar? — Ouço Chris perguntar e então volto o rosto confuso para ele.

— Entrar?

— Sim. No mar!

Volto a observar a imensidão azul, com uma pontada de medo e ansiedade.

— Não sei se...

— Estamos no verão — ele me corta. — Aproveite, que o calor vai acabar em breve!

Sorrio, sentindo o coração se aquecer com a generosidade de Chris.

Lágrimas ameaçam cair, então pisco, respirando fundo para controlá-las. Ele apenas me observa, esperando pacientemente a resposta.

— Tudo bem — sussurro.

— Está com roupas de banho?

Aceno com a cabeça em concordância

— Pensei em apenas ficar aqui e tomar um banho de sol, mas seria... — Paro de falar enquanto sou engolida pela paisagem. — Sim, estou — concluo na tentativa de não parecer tão patética.

Chris se ergue sem aviso e, de repente, sinto-me pequena, frágil.

— Então tire o vestido — pede com a voz sussurrada e aceno com a cabeça positivamente. Puxo a barra da saia e em segundos estou de biquíni. Sinto-me estranhamente nervosa e envergonhada; Chris apenas me observa.

Preencho os pulmões até o limite e percebo que Chris se abaixa em minha direção.

— Pronta? — questiona com um leve curvar de lábios. Balanço a cabeça assentindo, sem dizer palavra.

Chris, subitamente, retira a camisa e meus olhos vão diretamente para o abdome dele, como se um ímã os atraísse.

Ele se aproxima ainda mais e, lentamente, toca minha cintura. Arrepios percorrem todo o meu corpo. Uma sensação de segurança me consome e a vontade de permanecer assim parece incontrolável. As mãos dele estão em minha pele, mas sinto que se infiltraram em minha alma.

Chris

A maioria das pessoas vive fingindo, mentindo, usando máscaras e se perdendo de si mesmas, mas Melinda não é assim. Mesmo que eu a conheça há pouco tempo, tenho certeza de que é exatamente o que demonstra ser. É uma daquelas mulheres cujas expressões são uma janela para cada um de seus sentimentos. Todas se abrem de tal maneira que, por alguns segundos, consigo enxergar que ainda existem pessoas boas no mundo.

Um sentimento conflituoso me consome quando com os braços envolvo a cintura dela. Caminho sem pressa sobre a areia fofa, em direção ao mar, mas posso ver, de canto de olho, que Melinda parece nervosa. Talvez esteja ansiosa por novamente ter a oportunidade de entrar no mar. Sinto-me feliz por ser a pessoa a lhe proporcionar isso. Sua presença me acalma, relaxa, e me faz sentir como se, talvez, as coisas não fossem tão duras como realmente são quando ela não está por perto.

No momento em que meus pés tocam o mar, o corpo de Mel treme quase imperceptivelmente. Seus braços estreitam ainda mais o meu pescoço e aperto com mais força sua cintura.

Ela me olha. Eu a olho de volta.

Logo estou caminhando para mais fundo. Não há ondas nesta parte

devido ao paredão de pedras que há logo à frente. Quando seu único pé toca a água, vejo um sorriso se abrindo em seu rosto. Ando ainda mais e logo ela está quase totalmente submersa.

— Pode soltar os braços. Eu a seguro — garanto, e ela parece duvidar, mas logo sorri e, quando menos espero, solta-se e se joga para trás. Aperto sua cintura enquanto vejo seu corpo, esbelto e cheio de curvas suaves, flutuar sobre a água cristalina do mar. Melinda, além de ter um rosto lindo, também é dona de um corpo incrível. A falta de uma perna não a deixa menos bonita, menos sensual. É perfeita em toda sua imperfeição. Não estou imune a sua beleza, confesso, mas também não posso desejá-la dessa maneira. E todos os meus anseios são pura e exclusivamente para o sexo. Ela não é assim. Não merece envolver-se com pessoas como eu.

Os braços delicados de Melinda flutuam enquanto seu enorme cabelo dança, imerso na água cristalina. Vê-la assim é como assistir a um filme em câmera lenta, ou apreciar uma pintura antiga que ganhou vida bem diante de mim. A mulher em meus braços não parece real e, por alguns minutos, permito-me apenas contemplar sua beleza.

Durante um momento, tenho a impressão de que ela está dormindo, mas então Melinda abre os olhos, contemplando o céu, enquanto sutis lágrimas escapam pelos cantos de seus olhos. Não sei o que está pensando, mas sua felicidade diante de algo tão simples leva-me a refletir; pergunto-me se eu deveria realmente me sentir um *merda*, como de fato me sinto quando estou longe dela.

Melinda

Acordo sobressaltada, como se uma imensidão de água estivesse me tragando. Éramos eu e Chris, mas as águas revoltas que vi em meu sonho não tinham absolutamente nada a ver o que vejo neste lugar. No sonho, o mar estava agitado e havia ondas, que me puxavam, levando-me para longe de Chris. Senti medo, muito medo de não voltar, como se aquilo fosse real. Mas então acordei e percebi que estava aqui, na casa de praia, em Port Jefferson. A felicidade inundou meu peito.

Enxugo o suor gelado na testa com o dorso da mão. Sento-me na cama e pego a prótese ligada ao carregador. Faço todo o procedimento preliminar e então a encaixo em minha perna.

Ergo-me e caminho em direção à janela. O céu azul revela uma manhã sem nuvens. Decido que é um bom presságio e que sonhos ruins são apenas sonhos ruins. Eles devem ficar lá, no lugar de onde nunca deveriam ter saído.

Geralmente meus sonhos envolvem o acidente com Alice. Esta noite foi a primeira vez que tive um sonho ruim sem ligação alguma com aquele desastre. Tinha mais a ver com essa conexão que sinto quando estou ao lado dele; com o medo de não conseguir entrar em sua vida, nem que seja para apenas ajudá-lo de alguma forma.

Abro a cortina e subo a persiana de madeira, deixando a luz se infiltrar do lado de dentro. Respiro profundamente, soltando o ar pela boca e sorrio, feliz em saber que ainda me restam dois dias neste lugar.

Ontem, depois de me proporcionar um dia incrível no mar, Chris sentou-se ao meu lado na areia e ficamos um bom tempo brincando com Lola. Retornei carregada por ele, que me trouxe até o quarto, para facilitar minha vida.

Em todo o momento em que estive envolvida naqueles braços, senti-me constrangida, confesso, mas, ainda assim, segura. Experimentei um frio na

barriga quando os dedos dele apertaram minha cintura com mais força. Algo naquilo me afetou de uma maneira inexplicável. Meu coração saltou e eu rezei silenciosamente para que Chris supusesse que aquelas reações se deviam ao medo, e não ao fato de que, fatalmente, sinto-me muito atraída por ele.

Amei cada segundo do momento em que ele afundou meu corpo na água salgada. Senti-me tão bem que poderia ter ficado lá por horas tentando emergir, segura nas mãos dele. Estou ciente de que não deveria ter reagido assim, não deveria sentir isso por ele. Mas quem disse que mandamos em nossos corações?

Jantamos com Grace, que parecia encantada em me ver sentada à mesa, ao lado de Chris. Ela me olhava como se eu fosse a solução de seus problemas, como se fôssemos namorados e, por um momento, desejei isso. Desejei que ele sentisse por mim tudo o que eu sinto por ele.

Depois do jantar, Chris saiu para fazer compras com Grace. Eu me ofereci para ir junto, mas ele me pediu que descansasse. Acabei acatando seu pedido, já que, provavelmente, ele viu meus olhos quase se fechando. Eu estava nitidamente caindo de sono. Não demorou muito, em questão de minutos depois que cheguei ao quarto, simplesmente apaguei.

Cuido de minha higiene pessoal, visto um biquíni e um vestido leve. O verão já dá sinais de sua partida, preciso aproveitar enquanto posso usar roupas desse tipo.

Pego o aparelho celular e confiro as horas; passa das 10h00. Abro exageradamente os olhos ao perceber que dormi demais.

— Mesmo com o pesadelo, nunca tinha dormido tanto! — sussurro assustada.

Envio a habitual mensagem para meu irmão e em seguida faço meu caminho em direção à porta.

Bocejo algumas vezes enquanto desço os degraus lentamente. No meio do caminho, eu me desequilibro, seguro rapidamente no corrimão e respiro aliviada ao conseguir evitar um tombo.

Completamente torta e com os joelhos dobrados, ergo-me, recobrando a

estabilidade, e, só então, depois de puxar o ar algumas vezes, termino de descer.

— Querida! Você está bem? — Grace surge quando coloco os pés no último degrau. Ela me lança um olhar de preocupação.

— Sim. Não foi nada. Apenas me desequilibrei — informo e ela sorri, mas percebo que ainda parece nervosa.

— Ouvi um barulho da cozinha e imaginei que você tivesse caído.

— Quase, mas eu estava segurando o corrimão, então consegui evitar.

— Ainda bem, querida. Essa escada é muito alta — diz, oferecendo-me a mão. — Venha. Vou preparar um chá. Gosta?

— Adoro! — respondo enquanto a sigo até a cozinha, segurando sua mão.

A mesa de café ainda está repleta de frutas, pães e queijos. Grace me serve um chá de ervas calmantes enquanto admiro o lindo gramado a estender-se fora da enorme janela. O mar está ainda mais bonito esta manhã e, imediatamente, sinto falta de Chris.

— Fiquei realmente feliz que Chris tenha trazido você para conhecer este lugar. A casa sempre está tão vazia.

Provavelmente induzida pela menção ao nome dele, decido perguntar, como se não estivesse tão curiosa:

— Ah, é? E... onde ele está agora?

Ela sorri, nitidamente percebeu meu olhar ansioso à espera de resposta.

— Chris foi correr. Ele sempre se exercita pela manhã. Já deve estar voltando!

Eu sorrio, feliz em saber que ele está aproveitando o tempo aqui.

— Vou deixá-la aqui, preciso cuidar do jardim, Melinda!

— Fique à vontade!

Grace sai e meu olhar retorna para o grande gramado.

Balanço o saquinho de chá na xícara e dou goles cautelosos no líquido quente quando um movimento, lá fora, chama minha atenção. Ao longe, consigo ver um casal se aproximar.

Ergo-me e os observo através da grande janela; duas pessoas caminham despreocupadamente. Percebo que é Chris, mas não consigo ver direito a mulher ao lado. Eles se aproximam e, finalmente, consigo visualizar o casal. Algo dentro de mim dá um nó, quando percebo como parecem bem juntos. Sinto-me mal, como se ele estivesse fazendo algo proibido. Como se estivesse me traindo. Não sei explicar ao certo, mas é ruim.

Chris parece sério enquanto a mulher loira, de cabelos curtos e dona de um corpo lindo, segura seus ombros. Ele move os lábios parecendo tentar sorrir, até que a mulher para em sua frente, diz algo e finalmente lhe arranca um sorriso. Isso me faz sentir um ciúme ridículo.

Nunca consegui fazê-lo sorrir dessa forma. Tudo bem que foi um sorriso rápido, mas foi um sorriso. Algo real que ele acabou de dar. Embora esteja sério, vejo que se sente bem na presença dela.

Eles param, olham um para o outro e, depois de alguns segundos, abraçam-se. Saio praticamente correndo para não ver o beijo que, certamente, virá a seguir, mas então tropeço. Não vejo um pequeno degrau a minha frente e acabo caindo, quase de cara, ao chão. Se não fosse tão rápida com minhas mãos, teria batido o rosto contra o piso duro.

— Merda! — Tento me erguer lentamente e logo ouço as vozes, cada vez mais próximas. Com muita dificuldade, estou de pé, olho novamente em direção à porta e dou graças a Deus por eles terem parado na varanda. Aproveito e saio por outra porta, sem ser vista.

Lola, que estava dormindo no tapete da sala, avista-me e decide me seguir. Vou em direção ao gramado, mas caminho para o lado oposto àquele em que Chris está com a mulher. Percebo que ele entrou na casa com ela o que me leva a crer que têm alguma intimidade.

Lola me acompanha com seu velho coelhinho de pelúcia, provavelmente imaginando que irei brincar com ela. A uma distância considerável da casa, decido me sentar sobre a grama bem-cuidada e aparada. Olho para o cotovelo curado de um corte há poucos dias, agora ralado. Solto uma exalação. Tento me

concentrar em Lola; parece animada enquanto joga o brinquedo sobre meu colo.

Com uma das mãos, seguro o coelho de pelúcia, enquanto Lola puxa a cabeça do bichinho, imersa em sua boca. Travamos uma guerra para garantir quem fica com o coelho, mas a cadela sai ganhando e corre como uma louca, segurando o brinquedo esfarrapado. A brincadeira logo perde a graça e ela retorna trotando, jogando o coitado sobre meu colo novamente. Observo o coelho sem olho, todo babado, e o pego. Lola avança para recuperá-lo, mas eu o jogo para longe de mim. Ela corre desesperada atrás do coelho.

— Atrapalho? — ouço uma voz masculina. Inclino o rosto e encontro um homem de aparência jovem, cabelos negros, vestindo uma bermuda, sem camisa e descalço. Percebo que olha para minha prótese, mas não diz nada. — Eu tenho essa casa de veraneio aqui, ao lado, há um ano. Nunca vi você por aqui. — Sorri, simpático, e tenho a impressão de que olha para o meu decote. Meus seios são um pouco grandes e eu me odeio por deixá-los tão expostos agora.

— É a primeira vez que venho aqui.

— Sério? Este lugar é lindo!

Lola surge e joga o coelho sobre minha perna. O homem sorri para ela, mas franze o cenho em seguida. A cadela late, quer que eu brinque com ela.

— Deus! O que houve com a orelha dela? — pergunta, curioso, talvez com um olhar repulsivo.

— Maus tratos. Ela não é minha, e sim do meu amigo — informo e ele ergue as sobrancelhas.

— Nossa, que pena! Desculpe, não me apresentei. Sou Nathan, muito prazer! — Estende a mão e eu a seguro.

— Melinda.

Lola continua a latir desesperadamente, parece exigir que eu pare de conversar com o homem. Pego o coelho e o jogo para longe. Ela não vai buscar e continua a latir. Franzo o sobreceixo tentando entender o que ela quer.

— Essa cadela parece estar com ciúmes de você — diz o homem com um sorriso no rosto.

— Sim. Ela parece gente! — digo, fazendo-o soltar uma leve risada.

— O que foi, Lola? Você precisa pegar o coelho! — pergunto, mas ela late ainda mais alto, surpreendendo-me. De repente, corre na direção da casa e, quando viro o pescoço, percebo que Chris se aproxima.

Ela pula sobre a perna do dono alegremente, como se não o visse há anos, mas não recebe atenção. Os olhos dele estão focados no homem ao meu lado. Chris não pisca enquanto caminha em nossa direção.

Melinda

Ainda sentada sobre o gramado, observo Chris, que caminha, decididamente, em minha direção. Está sem camisa, exatamente como o vi com a mulher, há alguns minutos. Também está descalço, e os músculos de seu abdômen se contraem à medida que ele anda. O homem ao meu lado finalmente percebe a presença do outro e se levanta. Eles se encaram, mas Chris desvia o olhar diretamente para mim.

— Preciso que venha comigo. Quero mostrar uma coisa — diz sem cumprimentar o homem que ainda o observa calado.

— Chris, eu estava conversando com Nathan, seu vizinho. Vocês se conhecem?

Com uma expressão sisuda, contrariada, ele olha para o homem e acena levemente com a cabeça. Quase imperceptivelmente.

— Não. Não o conheço.

— Também não conheço quase ninguém por aqui. Comprei a casa ao lado há cerca de um ano. Reformei e, somente neste verão, pude aproveitar. — O homem sorri, mas Chris contrai a mandíbula, demonstrando claramente o desinteresse em fazer amizades. Vejo que Nathan parece um pouco constrangido, mas não me convenço totalmente.

— Bom, vou embora. Foi bom conhecer você, Melinda —despede-se e logo se afasta, com um sorriso no rosto. Ele se vira e corre em direção à própria casa. Meus olhos o acompanham. A casa dele é linda, como a maioria dos imóveis por aqui.

— Vamos? — Chris chama minha atenção, fazendo com que eu o olhe. Estende a mão para ajudar a me levantar e eu a seguro. Depois me ergue e logo estamos caminhando, silenciosamente, de volta para a casa.

Pensando na mulher com quem ele estava, pergunto-me quem ela é. Será que ainda está lá? Ele parece um pouco agitado e algo me parece estranho entre nós. Talvez seja uma ex-namorada e, nesse caso, ele não terá problema em me dizer. Afinal, é apenas como uma vizinha que me enxerga.

Se conhecesse meus pensamentos em relação a nós dois, talvez me mandasse embora daqui o mais rápido possível. De qualquer modo, sei que ele me afeta de um jeito diferente. Além de lindo, Chris tem um lado protetor, acolhedor que, talvez, ele mesmo não conheça.

De repente Lola corre para dentro, em direção ao pote de água. Abandona o coelho esfarrapado ao lado da porta de entrada, que já estava aberta, e mata a sede.

Observo Chris até entrarmos na sala de estar. Tudo parece calmo. Não vejo ninguém, além de nós dois, a princípio, mas, então, ouço vozes; imediatamente sei que a mulher ainda não foi embora. Sinto-me subitamente nervosa.

As vozes vêm da varanda, Grace também está lá. Elas entram conversando animadamente e, quando finalmente me vê, a mulher para de andar e falar.

Embora sua expressão demonstre um pouco de surpresa, eu diria que, de alguma maneira, ela sabia de minha existência. Agora, tão de perto, analiso sua aparência. É linda. Os cabelos são loiros, curtos, na altura dos ombros, e os olhos, verdes. Tem um rosto delicado e aparenta estar na casa dos vinte. Não tenho certeza, mas parece jovem.

— Anne... — Chris chama sua atenção e ela, como se tivesse voltado de um torpor, sorri, encarando-o.

— Querido, ela é...

— A minha vizinha. Melinda — Chris completa e eu me sinto uma intrusa mais uma vez. Não sou sua amiga.

— Claro! — Ela se aproxima de mim e, com um sorriso no rosto, estende a mão.

— Muito prazer, Melinda. Eu sou Anne, irmã mais velha de Chris — e, de repente, sinto-me ainda mais idiota. Ela é a irmã, não uma namorada, como presumi.

Sorrio ao lembrar que, há poucos minutos, estava sentindo ciúmes da irmã mais velha dele. Tudo bem, eu não podia adivinhar, já que ele me havia dito que não tem mais contato com a família.

— Oi... Prazer em conhecê-la! — cumprimento de volta.

— Querida, não sei se Chris contou, mas faz um bom tempo que não nos falamos. Eu moro na Califórnia, mas, finalmente, Grace me deu uma forcinha. — Elas trocam olhares cúmplices.

— Grace contou para minha irmã que eu estava vindo para cá — Chris informa e olha para a senhora, que lhe devolve um pedido de desculpas silencioso.

Concordo com a cabeça, um pouco surpresa. Então ele tem uma irmã que se preocupa com ele?

— Também fiquei anos longe do meu irmão. Sei como é ruim — digo.

Ela sorri, mas seus olhos se enchem de lágrimas.

— Mas eu não tive contato algum nesse período em que ficamos afastados — confessa e, somente agora, percebo que Chris se fechou até mesmo para a irmã. O que o levou, afinal de contas, a fazer algo tão extremo? O que o levou a se esconder? São perguntas invasivas e não violarei a privacidade dele dessa maneira. Espero que algum dia se sinta confortável a ponto de me contar.

— Eu não suportaria, eu e meu irmão sempre fomos muito unidos. Dificilmente ficávamos sem nos falar por mais de uma semana — digo para quebrar o clima, e ela sorri.

— Que bom, Melinda! Você é uma pessoa de sorte. — Ela limpa as lágrimas que escapam dos olhos e sorri amplamente. — Mas hoje consegui pegá-lo. Amanhã, bem cedo, terei que retornar à Califórnia. Tenho negócios e um marido que precisa de mim. Mas foi bom abraçar meu irmão e conversar com ele — conta com a voz um pouco embargada.

Concordo com a cabeça, tentando não me emocionar.

— Que tal almoçarmos em um bom restaurante? Você ainda gosta, não é?

— Anne pergunta ao irmão, que concorda com a cabeça. Em seguida, ela me encara. — Você vem com a gente, não é?

Olho para Chris, mas não vejo qualquer indício de que ele realmente queira que eu vá. Suas feições nada demonstram.

— Acho melhor não. Vocês não se veem há um bom tempo. Tenho certeza de que têm muito o que conversar — respondo já caminhando em direção às escadas.

— Não suba sozinha, querida. Hoje você quase caiu e me causou um grande susto.

— Quase caiu? — Chris questiona Grace, as sobrancelhas unidas.

— Sim. Eu estava na cozinha, quando ouvi um barulho. Ela disse que se segurou no corrimão.

— Eu não iria cair. Estava com as mãos bem seguras.

— Essa escada é perigosa. — Grace realmente parece sentir medo enquanto coloco o pé no primeiro degrau.

— Eu subo devagar e correrá tudo bem — afirmo, mas logo sinto a mão de Chris segurar meu braço direito.

— Eu a ajudo a subir, mas quero que prometa me ligar quando quiser descer — diz e eu o encaro, perplexa.

— Não há necessidade. Não vou atrapalhar seu almoço com sua irmã por causa de uma escada.

Chris coça a cabeça, claramente contrariado.

— Então você virá com a gente.

— Sim. Venha, Melinda. Será legal — Anne incentiva, com a voz entusiasmada.

Observo as pessoas, todas receosas de que eu suba os degraus, e puxo o ar, resignada.

— Tudo bem. Eu vou, mas já aviso que não quero atrapalhar.

Chris estende a mão e, um pouco hesitante, eu a seguro. Enquanto caminhamos de volta à sala, Anne observa nossas mãos ligadas e olha para Grace novamente, em um gesto cúmplice.

Chris

The Season está relativamente cheio para um sábado à tarde. É feriado, natural que as pessoas tenham decidido almoçar fora. Odeio lugares públicos ou aglomerados, mas, quando o garçom nos conduziu até a mesa, perto de uma grande janela, com uma bela vista para o mar, eu me acalmei.

Anne parece melhor do que quando a vi pela última vez, na semana em que nossa mãe faleceu. Talvez eu não tenha reparado em quão mal fazia até mesmo a ela. Parece que meu sumiço fez com que as coisas dessem certo. Minha irmã se casou e seguiu adiante, feliz.

Quando Anne surgiu na praia hoje pela manhã, pensei ter visto uma miragem. Não era possível que, depois de alguns anos, minha irmã estivesse de volta à casa onde passamos boa parte da infância e adolescência. Achei que estaria com raiva, magoada por eu ter decidido me afastar, mas não; disse que entende, mas se recusa a aceitar minhas escolhas.

Depois de adultos, simplesmente paramos de vir para cá. Eu me afundei nas drogas e Anne, assim como nossos pais, tentou, de todas as formas possíveis, fazer com que eu deixasse o vício. Os esforços de minha família, porém, só me atingiram depois que concluí ser o único responsável pela morte de minha mãe e por sempre estragar a vida das pessoas.

— Não pense muito, meu irmão. Estou aqui, mesmo que seja por pouco tempo! — Anne diz, trazendo-me de volta das profundezas escuras de meus pensamentos. Ela segura minhas mãos e eu a observo.

Percebo que Melinda olha para a tela do celular, tentando não chamar a atenção. Não sei se ela realmente queria vir, mas insisti; se a deixasse, ela poderia tentar descer aquelas escadas sozinha. É patético, talvez um pouco exagerado, esse meu instinto protetor, mas, de algum modo, sinto-me

responsável por minha convidada.

— Estou feliz em saber que tirou a barba e cortou os cabelos. Grace me contou que seu rosto, durante todo esse tempo, estava irreconhecível.

— O que mais Grace contou? — Ergo as sobrancelhas, analisando o rosto de minha irmã.

— Não fique bravo com ela. Você mora em Manhattan e estou há meses aguardando uma oportunidade de o encontrar; precisava vê-lo, Chris. Nos últimos meses, você não apareceu na cidade e Grace acabou se abrindo para mim.

Inevitavelmente, reflito sobre o que acabo de ouvir. Embora, a princípio, eu tenha me assustado com a aparição repentina de Anne, tenho que reconhecer que a atitude de Grace foi correta. Ao avisar minha irmã sobre minha presença aqui, ao promover nosso encontro, ela acabou abrindo meus olhos; percebi que foi uma burrice deixar de falar com Anne. Eu deveria saber que ela não ficaria chateada com o meu sumiço, já que vive longe de meu pai. Talvez, tendo seu apoio, minha vida nos últimos anos tivesse sido menos pesada.

Depois de trazer nossas bebidas, o garçom anota os pedidos e em seguida se afasta.

— Então, Melinda. Você é de onde?

— Sou de Londres. Vim para Nova York morar com meu irmão. Pretendo fazer um curso de cinema no inverno.

— Nossa, o inverno começa em novembro. O que pretende fazer até lá?

Melinda parece pensativa, mas logo sorri e responde:

— Fotografar. Explorar Nova York. Pretendo viver da minha maneira.

Parece que Anne gosta da resposta simples e direta. Minha irmã tem um olhar admirado.

— Você está certa. Faça o que tiver de fazer, mas faça porque sente vontade. Não por obrigação.

Acho que, pela primeira vez, quero saber mais sobre Melinda, sobre suas vontades. Sobre quão confortável ela se sente neste passeio.

— Depois do acidente, acho que decidi ir devagar, aproveitar mais as coisas ao meu redor — Melinda diz e eu me surpreendo por ela ter tocado em um assunto que deve ser tão delicado para ela.

— Então você perdeu a perna em um acidente? — pergunta Anne, e eu percebo que continua sem um "filtro", fazendo perguntas diretas sem antes refletir.

Melinda acena positivamente com a cabeça, e meus olhos não a deixam. Noto que ela começa a endireitar o corpo demonstrando, claramente, estar incômoda com o assunto.

— Sim. Um acidente automobilístico.

— Aqui está — o garçom nos interrompe, chamando a atenção com nossas entradas. O assunto se encerra e somos servidos.

Enquanto comíamos nossas refeições principais, minha irmã contava como é sua vida com o marido, que um dia já foi um grande amigo meu. Ela conheceu Jake na faculdade e nunca mais se separaram. Até agora Anne evitou falar sobre nosso pai, mas sei que apenas espera um momento oportuno.

— Se me dão licença, vou ao banheiro.

— Ok — Anne diz.

Melinda se ergue, afastando-se, e eu a observo enquanto caminha em direção ao banheiro. Com o vestido curto e a prótese à vista, parece completamente alheia aos olhares curiosos de crianças e mulheres. Alguns homens também a observam discretamente, mas, pelo que me parece, não é somente a prótese o que lhes chama a atenção.

— Uau! Que menina linda, Chris! Vocês realmente não estão juntos? — Ane questiona, chamando minha atenção. Seu olhar é especulativo.

— Já disse, ela é apenas minha vizinha. O irmão viajou, ela adora Lola e eu a convidei para vir. Simples. Eu a conheço há pouco tempo.

Anne me analisa com um sorriso animado que conheço bem.

— Mas ela olha para você de um jeito tão, tão...

— Normal. Ela me olha como um ser humano normal.

— O que foi, Chris? Por que não aceita a possibilidade de que ela possa estar interessada em você? Isso é perfeitamente normal. Eu não me engano com as pessoas e ela me parece, sim, muito apaixonada.

Não consigo esconder certo desconforto e a exasperação.

— Não estou interessado

— Por causa da perna dela?

Fecho o semblante, irritado com o que ela diz.

— Claro que não.

— Foi o que imaginei. Você não a teria trazido para um lugar tão íntimo se não acreditasse que ela é uma pessoa especial.

— Ela é minha vizinha e... — Expiro asperamente. — Amiga — confesso e ela sorri.

— Okay. Estou satisfeita. — Anne fica ereta na cadeira. — Você sabe que devemos conversar sobre nosso pai, não sabe?

— Imaginei que fosse tocar nesse assunto. — Inclino a cabeça e a encaro nos olhos fixamente. — Ele morreu *pra* mim, Anne. Morreu.

Ela volta a endireitar o corpo, e seus olhos se enchem de lágrimas. Isso faz com que eu quase me arrependa do que disse.

— Ele não morreu, Chris... Nosso pai está vivo e sempre pergunta por você.

— Eu matei a mulher dele, matei minha própria mãe. Vocês não deveriam se preocupar comigo.

Ela nega com a cabeça, os olhos marejados novamente. Não tenho vontade de chorar, mas posso sentir sua dor.

— Desculpe. Eu... — Melinda está perto da mesa, parece desconcertada diante do choro de minha irmã. — Vou dar uma volta na rua. O dia está lindo! — Força um sorriso enquanto minha irmã limpa as lágrimas.

Antes que possamos responder, Melinda já está longe. Volto a atenção para Anne, que parece devastada.

— Nosso pai não o odeia, Chris. Ele está magoado porque você sumiu sem dar pistas. Pensa que se afundou ainda mais nas drogas. Não faz a mínima ideia de que você vem a Port Jefferson.

— A casa era da nossa mãe. Ela a passou para meu nome quando nem sonhava que eu destruiria a vida dela. É a única coisa que ele não conseguiu vender.

— A casa é sua porque nossa mãe quis assim, e você só aceitou isso porque era um desejo dela. Você ama esse lugar, Chris. Por que não se muda para cá?

— Porque a casa é dela. Sei que ela reclamava por eu não vir para cá. Nossa mãe implorava para que viéssemos todos juntos e eu nunca aceitei. Ela deveria estar aqui, não eu.

— Pare com isso! Você não entende? Não há culpados, apenas vítimas.
— Ela inspira com força. — Como tem se virado durante esses anos?

— Vendi aquele apartamento que estava em meu nome. Era meu pagamento pelo trabalho, junto com meu pai, na construção de um grande edifício em Boston. Vendi o carro e, com o dinheiro de tudo que consegui juntar, comprei um apartamento em Manhattan.

— Papai manda dinheiro para Grace todos os meses para manter a casa. Imagina que está abandonada — revela e eu concordo com a cabeça.

— Eu sei. Quando decidir o que farei, eu o deixarei saber e seu pai não precisará mais pagar Grace. Nem a casa.

— Você não deveria agir assim, Chris. Mamãe o amava muito. Nosso pai o ama. Você não a matou. A briga entre você e nosso pai foi algo momentâneo, que poderia ter sido resolvido naquela época.

Meus olhos estão fechados agora; ouvir essas palavras dói. Quero que ela pare, mas confesso que preciso escutar isso. Abro os olhos e vejo que Anne segura o próprio rosto.

— Há coisas muito além disso... — sussurro, mas ela nega com a cabeça.

— Não. Não há. Você passou por uma fase ruim com as drogas.

Envolveu-se com aquela drogada que só deu problemas e...

— Ela começou por minha causa e está pagando, eu...

— A conta, senhor. — O Garçom surge, depositando o papel sobre a mesa. Anne agradece e, em seguida, pego o minúsculo pedaço de papel. Vejo os números e percebo que há algo errado na conta.

— O que foi, Chris?

— Cobraram apenas dois pratos.

Ela franze o cenho, pega a conta de minha mão, analisa e, em seguida, chama o garçom. Ele se aproxima prontamente.

— A conta está errada. Um prato não foi cobrado.

— A jovem que estava com vocês pagou pela parte dela.

Anne e eu nos encaramos por alguns segundos. Melinda sabia que não a deixaríamos pagar e decidiu fazer isso, aproveitando nossa conversa.

— Ela pagou, Chris — Anne diz o óbvio e eu concordo com a cabeça.

Melinda

Chegamos à casa de Chris em um confortável silêncio, cada um perdido nos próprios pensamentos.

Não tiro da cabeça aquela situação no restaurante, quando vi que Anne chorava; eu me soquei mentalmente por não ter percebido antes de chegar à mesa. Não deveria ter aceitado ir àquele almoço. Sabia que eles precisavam conversar, mas acabei deixando que me convencessem. Resultado: senti-me uma intrusa no instante em que entrei ali.

Saímos do carro e, no momento em que entramos na casa, Chris parecia uma sombra atrás de mim. Insisti que sou perfeitamente apta a subir as escadas sozinha. A prótese traz certa instabilidade em determinados momentos, mas, tomando cuidado, consigo subir e descer escadas sem muitos problemas. Parecendo não acreditar nisso, ele me acompanhou, calado, até o andar de cima. Só se afastou quando teve certeza de que eu não estava mais "em perigo".

Aproveitei para descansar e acabei pegando no sono. Quando acordei me dei conta de que passava das 20h00. Queria me reunir com os outros, mas, quando estava pronta, lembrei que Chris me havia feito prometer que o chamaria quando quisesse descer. Então decidi enviar uma mensagem via celular.

Não demorou muito, ele já está batendo à porta. Eu a abro e, ao vê-lo, reparo em seus cabelos molhados. Estreito o espaço entre as sobrancelhas ao notar que sua camisa também está.

— Você está molhado.

Ele me olha, examinando-me o rosto e, em seguida, assente.

— Estava no banho.

Abro a boca parcialmente, surpresa ao perceber que ele interrompeu o banho só para vir até mim.

— Você não precisava...

— Sim. Eu precisava — interrompe-me. — Tenho certeza de que, se eu não viesse, você desceria a escada sozinha, apenas por teimosia — afirma e eu ergo as sobrancelhas.

— Okay. Estou pronta para descer.

Chris baixa os olhos para minha cintura, mas em seguida estende a mão. Pensei que fosse me carregar, mas me contento em segurar sua mão, exatamente como uma criança que está aprendendo a andar.

No patamar da escada, seguro o corrimão pela direita, enquanto Chris envolve minha mão esquerda. Com toda a paciência do mundo, descemos e, assim que toco o último degrau, ele para.

— Preciso terminar o banho.

Um pouco constrangida, aceno com a cabeça e ele retorna. A última coisa que quero é dar trabalho às pessoas, e saber que é exatamente isso que está acontecendo aqui me incomoda.

Sigo em direção à sala de jantar, que é ligada a cozinha, e vejo que Anne está sentada à mesa retangular, enquanto Grace, do outro lado do balcão, examina algo que está assando no forno. Conversam animadamente, enquanto Lola está deitada embaixo da mesa, a cabeça apoiada sobre os pés de Anne.

— Ah! Aí está você! — Anne me recepciona e eu sorrio. — Venha, sente-se com a gente. Grace está preparando uma carne assada com legumes. Ela é a melhor cozinheira do mundo.

— Concordo. — Sento-me à mesa, e Grace se junta a nós. De repente as duas me observam, ambas com um sorriso de satisfação no rosto.

— Melinda, como vocês se conheceram? — Anne pergunta, indo direto ao assunto, com um olhar de curiosidade. Tenho a impressão de que acreditam que somos algo mais que apenas amigos. Acho que não me importaria nem um pouco se fosse verdade, mas, da parte dele, não diria o mesmo; Chris parece fugir de qualquer coisa ligada a relacionamentos afetivos.

— Foi um desastre — declaro.

Elas soltam uma pequena risada e eu narro o primeiro e infeliz (ou não) encontro que tive com Chris.

Após me ouvir e parecendo pensativa, Anne comenta:

— Ele sempre foi reservado. Houve uma época em que se mostrava impaciente, mas nunca grosseiro com as pessoas. Isso realmente me surpreendeu. — Anne parece realmente intrigada sobre o que contei. Relatei como nos aproximamos até nos tornarmos amigos e como vim parar aqui. A história é normal, mas elas pareceram encantadas, como se eu estivesse narrando um conto de fadas. Um conto de fadas meio estranho, levando em conta que a mocinha não tem uma das pernas e que, em vez de ser uma boa companhia, atrapalha a vida do mocinho.

— Então Chris cortou o cabelo e tirou a barba no dia em que vieram para cá... — Anne constata e eu sorrio, assistindo à expressão surpresa em seu rosto.

— Sim.

De repente Lola se ergue e corre em direção às escadas. Chris está vindo e ela o recepciona efusivamente. Ele passa os dedos sobre a cabeça da cadela enquanto se aproxima da mesa.

Como se tivéssemos combinado, todas estamos caladas, somente observando. Tenho a impressão de que, sempre que ele surge, precisamos parar o que estamos fazendo para apenas apreciar sua beleza. Agora que está sem a barba e com os cabelos cortados, Chris se destaca de tal maneira que é impossível deixar de encará-lo. Recebe olhares de admiração até mesmo da irmã.

Ao perceber que está sendo observado, ele eleva as sobrancelhas.

— Aconteceu alguma coisa?

Volto a observar Anne e Grace, que, de repente, soltam risadas. Eu rio, contagiada pela espontaneidade delas. Até Lola late como se soubesse que estamos felizes.

— Okay. Vocês devem ter bebido algo — ele afirma e logo em seguida senta-se à mesa.

— Hum... acho que seria uma ótima ideia bebermos. Que tal um vinho? Você gosta, Melinda? — A irmã de Chris pergunta e eu concordo com a cabeça.

Grace se ergue imediatamente.

— A adega da sua mãe está intacta. Posso buscar um bom vinho para acompanhar o jantar?

Chris assente em silêncio e Grace sai, retornando alguns minutos depois, com um vinho nas mãos. Ele o abre e logo somos servidos.

Passamos um tempo agradável no jantar. Rimos de assuntos bobos, exceto Chris, que nesses momentos apenas observava calado. Na maioria das vezes, ele se expressava com monossílabos e, quando muito, fazia alguma observação sucinta sobre algo que a irmã contava, do tempo em que eram crianças. Mas sua expressão era leve e tranquila.

Pelo que Anne e Grace disseram, a mãe deles era uma pessoa maravilhosa. Amava os animais e desejava que esta casa fosse de Chris, já que ele passava longas temporadas aqui com ela e adorava isso. Aos poucos encaixo as peças do quebra-cabeça que é a vida de meu vizinho, mas ainda estou longe de acabar.

Aqui, na varanda, o ar está fresco, indicando que o verão se aproxima do fim. O lugar é calmo e o único indício do mar a nossa frente é o reflexo da luz da lua sobre as águas calmas.

Grace já se recolheu e estamos apenas eu, Chris e Anne conversando. Aliás, apenas nós duas. Chris parece ausente, pensativo, enquanto passa as mãos sobre os pelos sedosos de Lola, que já dorme entre mim e ele no sofá.

— Bom. Preciso dormir. Amanhã bem cedo o táxi estará aqui na porta para me levar ao aeroporto.

— O quê? Levarei você ao aeroporto — Chris impõe e Anne sorri.

— Não será preciso.

— Faço questão — ele insiste e ela solta uma leve risada.

— Já paguei o mesmo taxista que me trouxe. Não quero jogar meu dinheiro fora.

Chris parece contrariado. — Sempre foi do seu jeito.

Ela ri novamente.

— Sempre. Nesse aspecto não mudei nada, Chris.

De repente percebo que Anne, que estava sorrindo há um segundo, começa a chorar. Chris a observa e se ergue imediatamente. Vai até ela e eles se abraçam, um abraço apertado. Essa cena me provoca um nó na garganta. Engulo em seco, segurando as lágrimas para não chorar diante dos dois. Então me ergo com a intenção de os deixar a sós, mas ela vem até mim e me abraça carinhosamente.

— Espero que essa amizade se transforme em algo mais — sussurra tão baixinho que quase não consigo ouvir. Não respondo, apenas sorrio, com os olhos úmidos. — Foi maravilhoso conhecer você, Melinda! — Despedimo-nos e ela se afasta, caminhando em direção ao quarto.

Chris acompanha a irmã até a sala, vejo que conversam baixinho e volto a observar a lua cheia. Minutos depois, ele está de volta; segura um grande cobertor e uma garrafa de vinho. Eu franzo o cenho e ele ergue as sobrancelhas.

— Você precisa tirar a prótese. Vamos à praia — não pede, não quer uma resposta.

Um sorriso se desenha em meu rosto e, sem responder, começo a retirar a perna eletrônica.

— Espere. — Chris vai em direção à praia mal-iluminada, abrindo a manta na areia. Quando retorna, eu já estou pronta e esperando por ele.

— Pronta?

Balanço positivamente a cabeça, as borboletas fazendo festa em meu estômago. Chris se aproxima de mim e seus olhos analisam meu rosto. Abaixa-se e seu braço direito me envolve acima da cintura. Com a outra mão, ele me ergue. Enlaço seu pescoço com os braços e inspiro profundamente o cheiro que a pele dele exala; um aroma de sabonete misturado a outro, suave, dele mesmo. Sinto uma vontade quase incontrolável de descansar o rosto em seu ombro.

O que está acontecendo comigo? Acho que jamais me senti assim com

outro homem.

Eu já namorei, "fiquei" e me enrolei, mas nunca senti esta necessidade de me agarrar a uma pessoa e não soltar mais. Talvez seja porque, depois que perdi a perna, não tive tempo para conhecer pessoas, sempre ocupada com a fisioterapia e outros tratamentos.

— Está tudo bem? — Chris pergunta, puxando-me de volta de meus pensamentos.

Eu o encaro, e ele para, virando o rosto para mim. Sustentamos nossos olhares, e consigo sentir o hálito quente que sai da boca dele. Caso se inclinasse mais um centímetro, nossos lábios se encontrariam.

— Você está um pouco trêmula — afirma, quebrando a conexão que havia entre nós.

— Estou? Não percebi.

Chris acena, analisa meu rosto na penumbra e imediatamente volta a caminhar na areia. Chegando ao cobertor já estendido, ele me solta devagar e, em seguida, senta-se ao meu lado. Pega a garrafa de vinho já aberta e dá um pequeno gole. Logo me oferece, eu aceito e bebo também. Apoia os braços nos joelhos, e decido olhar para o céu, admirando a lua cheia, cuja luz reflete como espelho sobre o oceano.

— A lua está linda, Chris.

Ele não responde, continua na mesma posição, observando-me. Eu o encaro, mas seus olhos não deixam os meus.

— O que foi? — questiono e vejo seu peito se expandir.

— O que aquele cara queria com você? — questiona e logo dá outro gole na garrafa de vinho. Confesso que me surpreendo muito com a pergunta.

— Não sei. Talvez estivesse curioso sobre quem sou — respondo, tomando a garrafa de suas mãos. Bebo um gole generoso, sinto-me nervosa, agitada. Em seguida a devolvo. — Sua irmã parece ser uma pessoa incrível — comento e o observo, o perfil do rosto.

Ele assente com os olhos perdidos na escuridão do mar.

— Sim. Ela é. Anne é parecida com a nossa mãe em muitos aspectos. É altruísta e ama os animais. Sempre admirei isso nela, seu senso de justiça. Minha irmã é aquela pessoa que está sempre disposta a ajudar o próximo. — Admiro a eloquência e a paixão com que ele fala. Percebe-se que tem uma grande admiração pela irmã.

— Então, por que se afastou dela?

Ele vira o pescoço para me observar.

— Eu destruo as pessoas. — Volta encarar o horizonte.

— Isso não é verdade — discordo e vejo seu peito subir e descer, enquanto ele dá outro gole no vinho. Faço o mesmo em seguida.

— Você não me conhece.

— Gostaria de conhecer mais. Porém o pouco que sei sobre você já mostra que há um coração aí dentro.

— Não se engane — adverte, e dou uma leve risada.

— Não costumo me enganar com as pessoas.

Chris nada diz em resposta, então tomo a bebida de sua mão, dando outro generoso gole. Faço uma careta imediatamente, um pouco admirada com o que acabo de fazer.

— Acho que não deveríamos tomar vinho como se fosse água — opino e, contradizendo-me, dou mais um gole na bebida. Chris toma a garrafa de minha mão e a segura firme.

— Acho que você deu muitos goles nessa garrafa. É hora de parar.

Dou uma risada mais alta que o normal. Sinto que estou um pouco alegre, mas não bêbada.

— Bobagem, dê aqui essa garrafa. — Tento pegar de volta a bebida, mas ele a ergue, visivelmente represando um sorriso. Surpreendo-me com sua súbita vontade de mostrar os dentes; isso me encoraja a continuar. Seguro seu ombro, forçando-o a se abaixar. Sei que ele se diverte. Embora não esteja rindo, os olhos têm um brilho brincalhão.

— Isso não vale. Você é muito mais alto que eu. — Tento escalar seu

corpo para pegar a garrafa, mas Chris se joga para trás, com ela na mão, e eu caio sobre ele. Solto uma risada alta até perceber que nossos rostos estão próximos demais. O hálito de vinho saindo da boca dele faz cócegas na minha.

Meu coração bate erraticamente enquanto analiso o rosto de Chris, que, com o braço, envolve minha cintura, apertando-a.

— Melinda — diz, sua voz é um sussurro. Eu cedo ao impulso de levar os dedos ao rosto dele, sentindo a textura de sua pele pela primeira vez. Chris não se move nem desvia o olhar. Meus dedos deslizam pela mandíbula áspera, a barba incipiente arranhando minha pele. Ele não faz qualquer movimento, permanecemos feito estátuas. Como se nada ao nosso redor existisse.

Cabelos caem sobre minhas faces e Chris, delicadamente, afasta uma mecha, levando-a para trás de minha orelha. Meu coração agora tenta não explodir, sinto um frio na barriga. Respiro com dificuldade, à medida que o rosto dele se aproxima do meu. Ele olha para meus lábios, analisa-me o rosto como se estivesse memorizando a imagem. Segura minha nuca, o nariz tocando o meu, e então sinto sua respiração ainda mais perto. Ainda mais quente. Ele faz um movimento com a garganta e toca minha boca com a sua. Fecho os olhos imediatamente.

Quando sinto a textura de seus lábios, meu coração cai em queda livre. O beijo é lento a princípio, mas segundos depois se torna profundo e urgente, como se nossos lábios soubessem exatamente o que fazer um com o outro. Sua língua invade minha boca, tornando o beijo quente e sensual. Isso faz com que meu coração acelere de maneira descompassada. Não sei como acabei assim, mas estou deitada, as costas na manta. Chris apoia o cotovelo ao meu lado e metade de seu corpo está sobre mim. Uma mão segura minha mandíbula enquanto a língua faz uma dança sensual com a minha. Seguro sua nuca, como se quisesse retê-lo, fundir-me a ele. Estou em êxtase enquanto sinto seu gosto. Um gosto de vinho e hálito fresco. É como se fizéssemos isso o tempo todo, tamanha a sintonia que existe entre nós.

Melinda

Chris pressiona o corpo contra o meu, fazendo com que eu sinta seu calor, sua força, sua dureza. Entrelaça os dedos em meus cabelos, enquanto lábios fazem um caminho em meu pescoço e no lóbulo da orelha. Sua boca é cálida, úmida e nossas respirações parecem mais difíceis a cada segundo.

De repente as mãos dele passeiam sob meu vestido, provocando arrepios e sensações inimagináveis. Dedos viajam por minha pele nua, parando logo abaixo dos seios. Solto um gemido baixo e, inesperadamente, ele para. Cessa o movimento da mão e dos lábios, afastando-se rapidamente. Seu calor também se vai, junto com todas as incríveis sensações.

Deitada, ainda ofegante e completamente confusa com a atitude de Chris, olho para o céu. Meus cabelos estão uma confusão e algumas mechas caem sobre meu rosto.

Com a ajuda dos cotovelos apoio-me e me sento. Subitamente sinto medo de olhar diretamente para Chris. Pela visão periférica, percebo que ele se ergue lentamente até ficar de pé. Também está ofegante.

Não quero que sinta arrependimento, raiva ou pena. Eu não suportaria. Tenho medo de olhá-lo; posso não gostar do que veja. Por outro lado, se não fizer isso, acabarei fazendo especulações e, já sei, a ansiedade irá me enlouquecer.

Respiro fundo, crio coragem e ergo a cabeça para observá-lo; o que vejo é uma expressão de dor passando por seu semblante. As pálpebras estão fechadas e as mãos esfregam o rosto furiosamente.

Engulo em seco, confusa com o que vejo. Não sei dizer ao certo o que passa pela mente de Chris, mas, como se afastou de repente e se não quer continuar, só posso presumir que está arrependido.

Analiso seus gestos, parece aborrecido. Depois de alguns segundos

provavelmente tentando se recuperar do suposto arrependimento, finalmente me olha; sua expressão agora é imperturbável.

— Está tarde — sussurra, e eu abaixo o rosto, deixando a frustração me consumir por inteiro diante da frieza dessas palavras. Ele age como se não tivéssemos acabado de nos agarrar, de nos beijar. Não diz que isso foi um erro, mas também não nega o que a atitude demonstra. Talvez eu prefira seu desprezo a esse silêncio.

— Tudo bem. Apenas me deixe na varanda — forço-me a dizer.

Chris hesita antes de vir em minha direção, mas concorda com a cabeça e me carrega de modo desajeitado. Sinto vontade de chorar por ter deixado transparecer minha frustração. Ele provavelmente notou que estou muito interessada e fará de tudo para me manter longe. Sinto-me patética.

Segurando-me no colo, Chris caminha apressadamente até a varanda. Nunca desejei tanto minhas duas pernas intactas. Queria sair correndo, mas sou abrigada a aceitar a ajuda.

Meus braços estão frouxos e meu rosto, virado para o lado oposto. As lágrimas picam meus olhos; querem sair, mas não permito.

Ele me coloca sobre a poltrona da varanda e rapidamente se afasta, como se meu corpo o queimasse. Volta para a praia e retorna à varanda poucos segundos depois, com o cobertor e o resto do vinho. A garrafa é grande e não me surpreende que ainda haja bebida dentro.

Chris deposita o cobertor e a garrafa sobre a cadeira de madeira, ao lado do sofá onde estou. Segura o encosto com as duas mãos e, por mais que eu esteja perdida enquanto encaixo a prótese, sei que ele me olha.

— Melinda...

Continuo dando atenção à prótese, tentando não deixar que as emoções tomem conta de mim. Minha expressão, presumo, é a pior possível, já que ele ainda está ali.

— Não acho que seja uma boa ideia você ficar aqui — é o que diz.

Eu o observo e sua expressão impassível retorna.

— Quero ficar, Chris. Vá dormir, não se preocupe com a escada. Ficarei aqui a noite toda. Não se preocupe comigo. — Forço um sorriso, mas falho vergonhosamente. Ele analisa meu rosto, aparentemente avaliando meu pedido, e por fim se decide.

— Certo. Eu vou. Ligue-me quando quiser ir para o quarto. Seu telefone está sobre a mesa.

Concordo com a cabeça e então nos observamos por alguns segundos, até que ele se afasta, desaparecendo pela porta de entrada.

Volto a olhar a escuridão, tentando me concentrar na bela lua. O silêncio e as reminiscências de um momento que parece ter sido pura ilusão invadem minha mente. O cheiro, os lábios e o calor dele ainda estão aqui.

Olho para a garrafa que foi deixada na cadeira ao lado e me ergo. Eu a pego e puxo com dificuldade a rolha. Volto a me sentar no sofá e dou um gole no vinho. O líquido desce queimando minha garganta e eu me dou conta de que, se beber mais, ficarei "alta". Vinhos devem ser degustados, não "derramados" dessa forma e, além disso, não estou acostumada a bebidas alcoólicas. No entanto insisto, tomando outro generoso gole. Talvez eu queira me punir por ser tão idiota.

No momento em que retiro a garrafa da boca, minha cabeça gira. Faço uma careta e jogo a garrafa quase vazia de lado. Tento me deitar no sofá, mas de repente tudo gira ao meu redor. Agora, em vez de uma lua, vejo duas brilhando no horizonte.

Ergo-me bruscamente e o enjoo aumenta apenas com o movimento. Respiro fundo e caminho decididamente em direção ao banheiro.

Sinto o vômito subir à garganta e agradeço que haja um banheiro social aqui embaixo. Ando apressadamente, tropeço e quase caio algumas vezes no caminho. Sigo até a porta e, assim que me aproximo, cubro a boca com a mão direita, impedindo que o vômito venha antes que eu alcance o banheiro. Com a mão esquerda, seguro o trinco; abro a porta, jogo-me, literalmente, no chão e vomito até não aguentar mais.

Alguém segura meus cabelos para trás, só agora noto. Não consigo me virar para saber quem é, ainda me sinto mal, meu corpo convulsionando. Eu me contorço, agarrada ao vaso sanitário, desejando que isso acabe logo.

Chris

Seguro os cabelos dela, que não me impede. Não tem forças para o que quer que seja. Eu deveria ter levado a garrafa comigo, mas não acreditava que ela seria capaz de beber mais. Notavelmente, não está habituada a beber e eu me sinto culpado por tê-la, de alguma forma, incentivado.

Eu estava no sofá o tempo todo, esperando o momento em que ela decidisse subir e, quando a vi andar apressadamente, tropeçando, quase caindo, percebi o que estava acontecendo. Alarmado ao vê-la assim, corri para alcançá-la. Esperava que déssemos apenas alguns goles na bebida, mas não foi o que aconteceu. Não fui capaz de prever isso.

Melinda se contorce, enquanto expulsa os últimos resíduos de dentro dela. Quando vejo que está imóvel, eu a seguro, puxando-a para meu peito. Limpo seu rosto com uma toalha que eu havia molhado na pia, antes de segurar seus cabelos. Ela encosta o rosto em meu peito, os olhos quase fechados. Passo o pano úmido em sua face e então a seguro como a uma criança, erguendo seu corpo, carregando-a. Ela está mole e eu a levo até o sofá, onde a deposito. Está quase inerte. Em seguida volto para limpar a bagunça.

Quando retorno, minha vizinha dorme. Seu vestido está um pouco sujo e as mangas caem sobre os ombros. Ela está com a prótese e imagino que a incomode. Aquela noite, em minha casa, percebi que a tinha retirado para dormir. Agora sou eu quem deve executar essa tarefa, mas não faço a mínima ideia de como fazer isso.

Eu a observo e ouço passos descendo as escadas. Vejo que minha irmã está vindo até mim. Ela tem uma expressão preocupada no rosto.

— Por que não está dormindo, Anne? — questiono.

— Estava sem sono. Ultimamente tenho acordado durante a noite. Vim

pegar mais água, mas então me deparei com vocês. Aconteceu alguma coisa? — Confusa, ela observa Melinda, que dorme sobre o sofá.

Concordo com a cabeça.

— Melinda bebeu demais. Servi mais vinho a ela. Levei outra garrafa quando estávamos na praia. Ela vomitou.

Anne fecha os olhos com força, como se tivesse se lembrado de algo.

— Meu Deus. Como eu sou burra! Pedi à Grace que pegasse o vinho, mas me esqueci completamente que você não deveria...

— Não sou alcoólatra, Anne — interrompo-a. — Quem bebeu demais aqui foi Melinda, não eu.

— Ela não deve ter costume com álcool. Mas você poderia ter uma recaída por minha causa. As drogas pesadas sempre são consequência do álcool. Eu sou uma *burra*, meu Deus.

Observo o rosto de minha irmã, parece inconsolável. Ergo-me, caminho na direção dela e encaro seu rosto; quero que perceba que não uso mais drogas.

— Nunca mais usei drogas, Anne. Já bebi outras vezes. Essa não foi a primeira vez. Embora você esteja certa sobre o álcool, não bebo no dia a dia. Evito ao máximo. Bebi hoje porque queria, de certa forma, celebrar meu reencontro com você. Não farei de novo e não sinto vontade de usar drogas. Sempre que penso nelas, eu as conecto com a culpa que sinto por ter tratado nossa mãe como tratei.

Anne parece aliviada.

— Fico feliz em ouvir isso, Chris. — Olha novamente para Melinda, que continua inerte no sofá. — Acho melhor você cuidar dela. Quer que ajude ou busque água?

Nego com a cabeça.

— Ela está dormindo profundamente. Vá dormir também.

Anne sorri, concordando com a cabeça.

— Certo. Vou buscar água para mim e desaparecer. Sei que cuidará dela.

Eu aceno, ela me abraça apertado, busca a água e logo volta para o

quarto.

Volto minha atenção a Melinda. Observo sua perna, tentando me lembrar da explicação no outro dia. Ela mencionou uma válvula na lateral, onde o ar é liberado. Decido pressioná-la e só então consigo retirar a prótese. Melinda não se mexe e eu tomo todo cuidado para não a machucar.

Sua perna está com a proteção de silicone e eu decido deixá-la. Mel parece tão frágil, tão pequena, tão linda.

Envolvo seu corpo entre os braços e a carrego. Sua cabeça cai, mas a apoio em meu peito, levando-a para o quarto. Parece mais pesada agora, devido ao relaxamento do corpo.

Estou um pouco ofegante quando termino de subir as escadas. Atrapalho-me com a porta, mas a abro, empurrando-a com os pés. Assim que entro, coloco Melinda sobre a cama e ajeito sua cabeça no travesseiro. Ergo-me e a observo. Afasto-me com a intenção de sair, mas paro. Engulo em seco, volto até ela e sento-me ao seu lado.

Não tenho coragem de sair. E se ela vomitar em si mesma e engasgar com o próprio vômito? E se não conseguir me chamar?

Inspiro com força, enquanto analiso o rosto dela. Meus olhos caem nos lábios cheios e, instintivamente, passo o polegar sobre eles. Ela é linda e eu me segurei para não fazer o que mais queria, para não estragar tudo entre nós. Melinda é minha amiga, mas há algo nela, além da beleza, que me atrai. De alguma forma, transformou-se em uma peça importante em minha vida sem graça, mesmo que eu não queira admitir isso em voz alta.

Melinda

Os lábios quentes de Chris beijam-me a testa. Os dedos passeiam por minha mandíbula, deslizam pelo pescoço com suavidade e provocam-me arrepios por todo o corpo.

Curvo os lábios, satisfeita com o toque e desejando que ele não pare nunca. Observo o rosto lindo e admiro seus traços, enquanto ele sorri para mim. Um sorriso como jamais vi. Estamos deitados de frente um para o outro, em absoluto silêncio. As profundezas dos olhos azuis estão próximas o suficiente para que eu não consiga me esquivar.

— Linda — sussurra, mas, de repente, começa a sumir. Momentos depois, evapora como fumaça enquanto minhas mãos, inutilmente, tentam alcançá-lo.

Abro os olhos. Pisco algumas vezes e, vagarosamente, com ajuda dos cotovelos e das mãos, sento-me na cama. Observo o silencioso quarto ao meu redor, sem Chris, sem beijo, sem nada. Parecia real. Quase pude sentir a respiração mesclando-se à minha. Tenho a impressão de que ele esteve comigo durante toda a noite.

Olho para o lado e percebo que há um espaço vazio na cama. Pergunto-me se ele esteve aqui ou se tudo foi realmente um sonho.

Fecho os olhos, sentindo a cabeça latejar, como se meu cérebro estivesse sendo prensado com força. Enquanto massajeio as têmporas extremamente doloridas, fragmentos da noite passada invadem-me a mente. Imagens dos beijos e do afastamento repentino de Chris surgem em minha memória novamente.

Por que ele não quis continuar com os beijos? Por que se afastou? Talvez não pudesse lidar com o fato de estar com uma aleijada; uma mulher mutilada, incompleta. Balanço a cabeça em negativo, recusando-me a nutrir pensamentos autodestrutivos. O resultado dos tratamentos não pode simplesmente

desaparecer, apenas por eu ter sido rechaçada por um homem. Não. Já aprendi que esse tipo de pensamento é um inimigo silencioso que vai se infiltrando de forma dissimulada, um inimigo que se traveste a ponto de se confundir com nossa própria essência, transfigurando a verdade ante nossos olhos. Se ele me beijou é porque sentiu desejo, e não pena.

Meus sentimentos em relação ao Chris são uma mistura desconcertante de emoções, que me deixam confusa e furiosa comigo mesma. Não sei como agir, e a sensação de impotência deixa-me vulnerável.

Viro-me para o lado de fora da cama com a intenção de me erguer, mas não vejo a prótese. No lugar onde ela deveria estar, sobre o criado, há um comprimido e um grande copo d'água. Rapidamente pego a pílula e jogo-a na boca. Em seguida bebo a água, um gole generoso. Ainda está gelada; quem quer que a tenha deixado aqui, fez isso há pouco tempo.

Olho para meu vestido amarrotado e um pouco sujo. Imediatamente me lembro; além do porre horrível que tomei, eu vomitei. Droga. Eu vomitei.

Chris estava lá e tenho certeza de que me trouxe para o quarto. Vomitei na frente dele. Amplio os olhos com espanto, constatando o óbvio. Talvez eu tenha vomitado nele.

— Oh, meu Deus! — Fecho a boca com as duas mãos, imaginando que Chris me odeie e provavelmente me queira a milhas de distância a essa altura. Depois daquele beijo, daquele porre, certamente dará uma desculpa para não me ver até amanhã, o dia em que voltaremos para Manhattan.

Ouço um movimento na fechadura e, de repente, vejo Grace entrar no quarto segurando uma bandeja. Chris está logo atrás, com a prótese nas mãos.

— Querida. Achei que estivesse dormindo. Está melhor? — Grace questiona com uma expressão preocupada.

Eu apenas aceno com a cabeça, enquanto ela deposita a bandeja sobre a cama. Pelo visto, já sabe sobre minha vergonha de ontem à noite.

— Estou melhor, Grace. Obrigada — respondo, mas meus olhos estão presos em Chris, que coloca a prótese ao meu lado. Ele parece normal para quem

foi alvo de meu vômito na última noite. Para diante de mim e nossos olhos se prendem por alguns segundos.

— Que bom que tomou o remédio. Acho que o sanduíche com bacon vai ajudar na ressaca — diz e eu ergo as sobrancelhas.

Volto a observar a bandeja contendo o sanduíche e um suco que suponho ser de manga. Grace já está encostada ao batente da porta, sorrindo, observando-nos como se fôssemos um casal apaixonado.

— Espero que goste, querida. Vou descer.

Concordo com a cabeça e ela sai, fechando a porta atrás de si. Chris se senta ao meu lado, na cama. Olha para frente, parecendo querer dizer algo, mas tenho a impressão de que não consegue falar.

— Chris... — chamo e ele vira o rosto para mim. Um "v" entre seus olhos está em evidência enquanto ele analisa meu rosto. Devo estar amassada, com olheiras e pálida devido à ressaca. — Obrigada — agradeço, contendo-me para não dizer o que realmente tenho em mente. Queria questioná-lo sobre o motivo de ter interrompido aquele beijo; sobre o que o fez afastar-se abruptamente. Desejo saber a razão de seu arrependimento, mas não pergunto. — Acho que preciso de um banho antes de comer qualquer coisa — informo e ele curva o canto dos lábios.

— Espero que o banco que coloquei no banheiro esteja ajudando.

Eu aceno, feliz que Chris não tenha desaparecido como imaginei. Percebo que seus bloqueios são maiores e que, talvez, ele tenha sido levado por um impulso quando se afastou.

— Sim. Está funcionando.

Ele assente e logo me olha com curiosidade.

— Quando está dormindo e precisa ir ao banheiro, o que usa para se locomover? — questiona.

— Uma cadeira de escritório — respondo e ele ergue as sobrancelhas.

— Eu a vi nela quando abriu a porta do apartamento para mim.

— Sim. Isso facilita minha locomoção dentro de casa.

Ele novamente une o espaço entre as sobrancelhas, parecendo ponderar algo.

— Então você, provavelmente, teve alguns problemas aqui.

— Hum... não. Levo a prótese comigo. Ontem a esqueci no quarto e, digamos, tive que dar meus pulos.

Ele eleva as sobrancelhas com uma expressão de surpresa.

— Desculpe... Não tinha pensado nisso...

— Não. Está tudo bem. Pular não faz mal, Chris. — Paro de falar e sorrio timidamente. — Já que está aqui, pode me ajudar a chegar ao banheiro? Neste momento, acho que meu corpo e minha cabeça não permitiriam que eu fosse pulando — comento sorrindo, tentando quebrar a tensão que se instalou entre nós. Quero tentar esquecer o houve ontem, na praia. Se ele não quer ter algo além de amizade, ao menos isso eu gostaria de manter. Sinto que Chris é uma pessoa especial, mesmo que eu o enxergue de uma maneira diferente; principalmente depois daqueles beijos que me causam arrepios apenas em lembrar.

Ele assente e logo me ergo. Segura meu cotovelo e, quando estou de pé, sinto seus braços envolvendo minha cintura. Quando menos espero, Chris me carrega e caminha devagar até alcançar o banheiro. Eu me pergunto se será assim sempre que nos encontrarmos; se meu coração baterá descompassado sempre que ele me tocar, mesmo que seja apenas para me ajudar, como agora.

Chris me coloca no chão lentamente, deslizando as mãos na minha cintura e se afastando alguns centímetros.

— Quando precisar descer, estarei no sofá esperando.

Aceno com a cabeça e ele fecha a porta atrás de si, deixando-me ainda mais confusa em relação aos meus sentimentos.

— A quem quer enganar, Melinda? Não conseguirá ser apenas amiga dele. Você está apaixonada, sua tonta — falo baixinho, enquanto observo a porta fechada.

Nas horas subsequentes, não vi Chris. Depois que ele me acompanhou até o andar de baixo, não demorei muito a me jogar sobre o mesmo sofá onde estive desmaiada na última noite. Havia acordado às 13h00. Dormi muito à noite, mas não o suficiente para que me sentisse melhor. Passei o dia apagada, no sofá, na companhia de Lola, tentando me recuperar da dor descomunal na cabeça. Nenhum comprimido foi capaz de me ajudar. Fiz uma nota mental de jamais beber vinho em excesso.

Minha cabeça latejava e, somente agora, depois de ter estado aqui o dia todo, sinto-me melhor.

Massageio as têmporas freneticamente e bocejo, como se ainda não tivesse dormido o suficiente. Sinto-me fraca, mas consigo me erguer. A casa parece abandonada e um pouco escura, já que o sol está se pondo do lado de fora. Parece que decidiram me deixar sozinha.

Depois de me erguer, apoio-me ao encosto. Olho para Lola, que desperta com meus movimentos.

— Está melhor?

Dou um leve sobressalto ao ouvir a voz de Chris. Está sentado na poltrona ao lado e eu não havia notado. Inspiro o ar profundamente, com as mãos sobre o peito.

— Meu Deus. Você me assustou.

— Desculpe. Achei que tivesse me visto — diz e logo acende o abajur na mesinha ao lado.

— Sim. Acho que estou melhor. Obrigada. Está aí há muito tempo?

— Apenas alguns minutos — responde e se ergue.

— Venha. Vamos ver o sol se pôr — convida, aproxima-se de mim e estende a mão. Eu prontamente a seguro. Caminhamos até a varanda, mas apenas vejo o reflexo do sol bater nas águas, tornando-as cristalinas.

Chris mais uma vez vem até mim e, inesperadamente, carrega-me como se essa atitude fosse natural em sua vida. Não há qualquer constrangimento enquanto sou envolvida entre seus braços. Eu o encaro com uma expressão

surpresa, mas ele não me olha enquanto caminha em direção à praia. Não o questiono, apenas deixo-me ser conduzida, mesmo sabendo que não retirei a prótese.

Ele caminha em direção ao píer a nossa frente, onde um pequeno barco a motor está ancorado.

No momento em que coloca os pés sobre a superfície de madeira, Chris me deposita no chão. Caminhamos lentamente até o fim da plataforma e, à medida que me aproximo do final do píer, o alaranjado no céu se revela no horizonte. Ao longe, as folhas das árvores são de um verde vibrante. O intenso tom alaranjado que aparece por entre elas reflete de modo impressionante no mar.

Meus olhos não abandonam essa visão; gostaria de estar com o meu aparelho celular ou a câmera, para congelar o que vejo. Somente agora percebo que não a usei nesses dias em que estive aqui.

— Sente-se. — Chris segura minha mão, ajudando-me a sentar na madeira.

Ficamos os dois com os pés pendurados, observando a beleza natural deste lugar. Por alguns minutos, o silêncio confortável nos acompanha. Tenho a sensação de que tudo que fizemos na noite passada, de alguma forma, trouxe à tona algum questionamento que estava escondido dentro dele. Chris parece pensativo, mas não fugiu de mim. Em todos os momentos sempre esteve lá para me ajudar de alguma forma.

— Chris.

Ele vira o pescoço para me encarar. Seus olhos cristalinos analisam meu rosto por alguns segundos, a luz natural clareando seu rosto, ainda mais lindo agora.

— Você se arrependeu? — as palavras saem da minha boca antes mesmo que eu as possa deter.

Ele inspira profundamente e volta a olhar para o horizonte.

— Não.

— Então por que se afastou?

Chris novamente me encara.

— Acho que você não é o tipo de mulher com que estou acostumado a me envolver. Não acredito que mereça a única coisa que sou capaz de oferecer. Merece alguém melhor que eu. Alguém que a ame de verdade. — Sua expressão não demonstra qualquer resquício dos sentimentos que imaginei que ele tivesse por mim. Por alguma razão, sinto que essas palavras têm a agudez de um punhal.

— Não sou diferente das mulheres com quem você sai só por não ter uma das pernas — digo e me arrependo imediatamente, desejando que as palavras não tivessem saído de minha boca. Fecho os olhos, sentindo-me ridícula por usar minha condição e agir como se fosse digna de pena.

— Você, o que é, não se restringe à aparência, Melinda. Isso não alterou sua beleza ou o desejo que senti por você ontem à noite. Isso não tem nada a ver...

— Desculpe. Sou uma idiota. Sei o que quis dizer, eu só... — O vento se choca violentamente contra meu rosto e cabelos dançam sobre minha face. — Esqueça o que eu disse. Você tem toda a razão. Só estava curiosa, mas acho que o entendo — minto com o intuito de encerrar o assunto.

Ele examina meu rosto antes de voltar o olhar para o céu alaranjando.

— Algumas vezes eu penso... — Chris começa a falar, mas sua atenção está voltada para o mar. — Penso que seria ótimo se tivéssemos nos conhecido alguns anos atrás. Acho que tudo seria diferente. — Volta a me olhar. — Gosto da sua companhia, Melinda. Acho que consigo conviver com uma amiga.

Permaneço imperturbável por fora, mas por dentro essas palavras me queimam.

— Adoraria continuar sendo sua amiga, Chris. Não. Na verdade, eu só vou adorar ser sua amiga se você me passar o contato de sua irmã e da Grace. Gostaria de manter contado com elas. — De repente algo me vem à mente. — Chris, espero que sua irmã não tenha me visto...

Ele concorda com a cabeça, os lábios curvados em um leve sorriso.

— Ela viu você desmaiada no sofá.

— Meu Deus! Anne deve achar que sou alcoólatra e que isso é algo comum em minha vida.

— Não. Ela não pensou isso. Acho que se preocupou mais comigo que com você — diz e meu cenho franze.

— Não entendi. A bêbada aqui sou eu, não você — informo, mas ele não esboça qualquer reação.

— Eu era um drogado — revela subitamente, a voz calma enquanto fixa os olhos em algum ponto. Surpreendo-me com sua confissão, pois acreditava que ele jamais diria algo tão pessoal para mim. Muito menos isso. Chris é um enigma e sua declaração, que a princípio me deixou espantada, agora me faz sentir empatia por ele.

— E a bebida é um...

— Um gatilho — Chris completa minha frase e volta a atenção para mim. — Anne se sentiu culpada, mas eu a fiz entender que nunca mais usaria essas merdas.

Assinto em silêncio, acreditando mais do que nunca em suas palavras. O quebra-cabeça da vida dele é muito mais complexo do que eu imaginava. Já desconfiava que Chris havia passado por muitos problemas, mas jamais poderia imaginar que ele tivesse se envolvido com drogas chegando ao fundo do poço.

Melinda

Chris me deixou na casa com Lola, enquanto foi ao mercado acompanhar Grace. Disse que precisava deixar a despensa cheia antes de ir embora, amanhã. Eles me convidaram, mas eu recusei temendo atrapalhar em vez de ajudar. Prefери ficar e fazer companhia para Lola.

A noite está fresca e a temperatura, agradável nesta época do ano. Caminho lentamente, observando as casas bem-iluminadas de um lado e, do outro, a escuridão do mar. Na praia, sob a tênue iluminação das lambadas que ladeiam a extensão do gramado, o vento brinca com meus cabelos, atirando-os para os lados.

Estou apreensiva e em clima de despedida, perguntando-me se terei a oportunidade de voltar aqui novamente, se eu e meu vizinho continuaremos a nos ver como antes... Tantas questões povoam minha mente.

Não vou mentir; senti-me e ainda me sinto rejeitada, afinal, Chris deseja apenas minha amizade e não pode me oferecer mais que isso. Faço o possível para fugir dos pensamentos destrutivos, mas vez ou outra as dúvidas sobre o que o levou a se afastar criam respostas em minha cabeça.

Acredito que ele tenha sentido desejo por mim, mas não o suficiente para continuar. Chris não quer dizer claramente o porquê, mas quem em seu lugar diria? Eu, provavelmente, não, poderia parecer grosseiro. E seria!

Desde o acidente, não estive com homens, mas, anteriormente, tive algumas relações que não deram certo e sobrevivi. Não fui uma depravada, mas, com meu último namorado, vivi momentos quentes e agradáveis. Não quero ser vista como uma boneca de porcelana prestes a quebrar; embora tenha minhas limitações, estou longe de ser tão frágil quanto Chris pensa. Se por minha própria vontade tivéssemos ido além dos beijos, eu não o culparia caso depois não me quisesse mais. Ao menos, eu me sentiria desejada por um homem

novamente.

A luz da lua reflete no oceano e, mesmo distante, posso vê-la, movimentando-se como cristais sobre as águas do mar. Lola caminha ao meu lado, respeitando meu momento. Parece sentir que não estou para brincadeiras, mas talvez esteja apenas cansada, depois de passar a tarde brincando com Chris.

Como não fui capaz de tirar uma mísera foto deste lugar? Estive tão desligada aqui, que me esqueci completamente. No entanto meus olhos foram suficientemente capazes de captar tudo e guardar em minha memória para sempre. Port. Jeferson é um lugar inesquecível.

Lola começa a latir inesperadamente, e eu paro, observando-a com as sobrancelhas unidas.

— O que houve? — pergunto para Lola, que ergue a única orelha, com os olhos fixos atrás de mim.

— Você não deveria andar sozinha por aí.

Sobressalto-me ao som da voz masculina. Viro-me e encontro o mesmo homem do outro dia.

— Sou eu, Nathan. O vizinho. — Ele sorri e, após vê-lo sair da sombra, sorrio de volta.

— Nathan — repito seu nome, e ele se aproxima de mim, parando ao meu lado.

— A noite está linda, não acha? — comenta observando a lua.

Lola late, mas ele a ignora.

— Sim — respondo com os olhos presos nele, analisando seu rosto de perfil. Nathan é alto, talvez do mesmo tamanho que Chris, não tenho certeza. Porém parece mais alegre, animado.

— Então, Melinda. Onde está seu namorado? — questiona, provavelmente referindo-se a Chris, certamente sondando nosso relacionamento.

Inspiro antes de responder.

— Namorado? Eu não... a gente... eu e Chris não somos namorados. Somos amigos.

Ele curva os lábios em um sorriso, elevando as sobrancelhas.

— Ele é bem ciumento para um amigo.

Sorrio e imagino Chris com ciúmes de mim. Quem dera isso fosse verdade; ao menos, assim, eu saberia que ele sente algo por mim. Mas, se sentisse, não me rejeitaria como fez.

— Está enganado.

— Então estou feliz que esteja enganado. — Olha para a escuridão do mar, mas volta a me observar com uma expressão curiosa. — Você mora em Nova York?

— Sim. Em Manhattan, com meu irmão. Eu e Chris somos vizinhos.

— Vizinhos? — Parece surpreso, mas sorri. — Também moro em Manhattan. Venho passar finais de semana e feriados aqui. O que faz, Melinda?

— Acabei de me mudar de Londres. Pretendo fazer alguns cursos, mas somente em novembro. Até lá, quero aproveitar meu tempo livre.

Ele assente ainda pensativo.

— Podemos sair um dia. Eu seria muito invasivo se pedisse seu número de telefone?

Elevo o sobrecenho.

— O que você faz, Nathan? — pergunto em vez de responder.

Ele curva os lábios em um sorriso, talvez percebendo que não disse nada sobre si.

— Sou advogado, especialista na área criminal.

Assinto, imaginando que momentos de descanso como este sejam raros na área dele.

— Então deve estar aproveitando uma trégua no trabalho, acertei?

— Em cheio. Amanhã estarei no escritório. — Nathan está vestido com uma camisa branca e bermuda cargo. Retira o celular do bolso e me entrega para que eu registre nele o meu número.

— Eu ficaria feliz em manter contato com você. — Faço o que ele me pediu sem qualquer resquício de culpa, pois ao menos sinto que há interesse da

parte dele. Nathan não faz meu coração cair em queda livre nem meus pulsos acelerarem, mas não sou cega; ele é bonito, interessante, e me sinto bem ao perceber seu olhar de admiração sobre mim.

— Aqui está. — Devolvo o celular e ele o coloca no bolso da bermuda.

— Espero que um dia esteja livre para sairmos — diz e eu concordo com a cabeça.

— Até novembro acredito que estarei livre.

Ele ri.

— É ótimo saber disso.

Ficamos alguns minutos conversando, mas, depois de responder aos seus questionamentos, decido voltar para a casa de Chris. Ainda sinto dores de cabeça e uma boa noite de sono irá me ajudar.

— Estou muito cansada. Preciso dormir.

Nathan baixa os olhos e observa minha prótese demoradamente. Em seguida seus olhos encontram os meus.

— Desculpe a curiosidade, Melinda. Sua perna... Foi acidente? — pergunta. Eu me surpreendo com a pergunta repentina, mas balanço a cabeça positivamente.

— Sim — é a única resposta que pude dar, mas ele insiste no assunto.

— A prótese não tirou sua beleza externa. Agora, conhecendo você um pouco mais, percebo que é uma pessoa linda por dentro também. Parece acidente de moto. Dificilmente carros fazem um estrago tão...

— Foi acidente de carro — afirmo, satisfazendo sua curiosidade, esperando que ele pare.

Nathan eleva as sobrancelhas.

— Deve ter sido algo bem...

— Preciso ir, Nathan. Foi muito bom conhecer você.

Ele parece, finalmente, entender meu recado, encerra a conversa e sorri.

— Sim, claro. Desculpe. O prazer é todo meu, Melinda. Eu ligarei em breve para você.

Despedimo-nos com acenos de cabeça. Nathan parece uma pessoa fácil de lidar. Porém, em muitos momentos, mostrou-se curioso demais sobre minha vida, e eu me vi sendo interrogada pelo advogado, não pelo homem que havia acabado de conhecer. Mas acredito que ele não fez por mal. Talvez nem tenha percebido isso.

Chris

— Querido, as compras já estão todas guardadas. Vai voltar para Manhattan amanhã cedo?

Recosto-me à cadeira e observo a expressão triste no rosto de Grace. Estou ciente de que ela sabe que não quero ir; que me sinto mal por deixá-la sozinha.

— Depois do café da manhã, voltaremos para Manhattan. Preciso trabalhar à tarde.

Grace suspira e sei que se segura para não chorar.

— Meu filho, por que trabalha em um lugar de que não gosta? Você tem o dinheiro que herdou da sua mãe, tem esta casa e poderia estar atuando como engenheiro civil. Seu pai falava tanto em como você era o melhor..

— Não — corto-a. — Não uso nada da minha mãe, além desta casa. Eu trabalhava para ele e não fui capaz de me manter na empresa por motivos que você conhece muito bem. Os projetos não eram meus, eram dele. Eu o ajudava neles, mas ele executava — digo com o tom de voz firme. — Não quero mais falar sobre isso, Grace. — Eu a encaro, e ela acena com a cabeça em concordância.

— Está bem, querido. Mas não quero que fique muito tempo sem vir, como da última vez. Traga Melinda de novo. Além de linda, ela é um amor de pessoa.

— Não sei. Ela é só minha vizinha. Eu a trouxe porque ela se deu bem com Lola.

— Você já disse isso, mas parece se preocupar muito com "sua vizinha",

não acha?

— Só queria saber se ela estava acordada.

— Você me perguntou se havia possibilidade de alguém se engasgar com o próprio vômito. Agora há pouco, depois que chegamos e você percebeu que ela havia ido sozinha para o quarto, não conseguiu esconder o aborrecimento. Acredito que isso também seja preocupação.

Olho para o lado, como se procurasse uma via de escape.

— Okay. Eu estava preocupado. Não quero que minha visita morra dentro da minha casa.

Grace eleva as sobrancelhas, não acredita em minhas palavras.

— Vou dormir, Chris. Estou cansada. Levei a cadeira para o quarto da Melinda, mas ela estava no banho no momento em que entrei. Avisei que tinha deixado lá.

Assinto e Grace vem até mim, depositando um beijo em minha cabeça, como se eu tivesse sete anos de idade.

— Boa noite, Grace.

— Boa noite, querido.

Ela se afasta e vai para o quarto. Olho para Lola, que apoia a cabeça sobre meu pé, mas meus pensamentos tentam entender o que é isso que está acontecendo dentro de mim. De alguma maneira, sinto-me culpado. Eu a beijei e agora temo ter aniquilado todas as chances de tê-la perto de mim.

É inexplicável essa vontade de estar perto dela. Não quero confundir isso com meus desejos sexuais, mas realmente tenho me preocupado com minha mente depois daquele beijo. Eu estava me perdendo nos lábios cheios de Melinda. Em retrospecto, sabendo que poderia alimentar nela qualquer tipo de expectativa sobre nós, foi uma atitude idiota. Por outro lado, tenho medo de que ocorra o contrário. Não estou preparado para aceitar alguém em minha vida, ainda mais se houver a possibilidade de que algum mal aconteça a ela. Não posso me esquecer de que todas as pessoas que passaram por minha vida sofreram de algum modo. Não sei se conseguiria suportar mais, ainda sou um

covarde.

Ergo-me da cadeira e caminho até o sofá. Desabo sobre ele, deitando de barriga para cima, olhando fixamente para o teto. Fecho os olhos à medida que as lembranças daquele beijo me assolam. Intrigado, por mais que tenha feito um esforço para esquecer, vez ou outra eu me lembro dos beijos e da sensação de tocar a pele macia de Melinda. Seus lábios estavam cheios e imploravam por mais. A verdade é que nunca tive interesse em beijar uma mulher daquela forma intensa e ainda estou surpreso com minha falta de controle, o que nunca foi um problema. Ela não tem noção da sensualidade de seus beijos. Melinda não faz a mínima ideia do que nossas línguas juntas, aliadas ao calor da boca dela, fizeram em mim. Eu me perguntei durante todo o dia o motivo dessas imagens surgirem em minha mente, mas não encontrei resposta.

Minha mente é tomada por lembranças, como num filme. Imagens do passado confundem-se com as do presente, exaurindo-me e me deixando letárgico...

Abro os olhos repentinamente e eles vagueiam pelo ambiente, até que percebo onde estou. Dormi na sala de estar. Ergo-me e, no relógio preso à parede, vejo que passa das duas da manhã. Esfrego o rosto com as duas mãos e decido subir as escadas em direção ao quarto.

No topo, ao avistar a porta do quarto onde Melinda dorme, eu paro. Observo-a por alguns segundos e, como se nela houvesse um ímã, sou atraído para lá. Seguro a maçaneta rezando para que esteja trancada e eu consiga me afastar, mas, assim que a giro, vejo que está aberta.

Abro a porta vagorosamente, espio do lado de dentro e a vejo dormir. Eu não deveria estar aqui. Tampouco deveria ter velado o sono dela naquela noite, quando Melinda passou mal. Mas eu simplesmente não conseguia deixar de olhar para ela, temia que vomitasse e se engasgasse. Caso eu pegasse no sono, seria flagrado aqui, de plantão, podendo assustá-la e dar margem a pensamentos equivocados.

Melinda dorme de lado, a coberta cobrindo metade do corpo, deixando à mostra a curva dos seios sob a camiseta branca e um pouco transparente. Eles parecem exatamente como os imagino, rijos e grandes. Minha bermuda se aperta imediatamente com essa inofensiva visão. Puxo o ar profundamente e me afasto com o intuito de sair.

Não deveria ter entrado. Eu não deveria.

— Chris...

Congelo, quando a ouço chamar meu nome. Viro-me, pensando ter sido flagrado a observá-la, mas vejo que está dormindo.

Melinda se mexe, parece respirar com dificuldade, e volta a me chamar. Ela se contorce como se estivesse presa. Parece apavorada, e não sei o que fazer diante disso.

Definitivamente, não está tendo um sonho agradável. As lágrimas descem de seus olhos e quero segurá-la para que não sinta medo.

Ela diz algo ininteligível, as mãos nos lençóis, puxando-os.

— Estou presa. Alguém me ajude — sussurra, mas sua voz, mesmo baixa, parece apavorada. Embora eu tenha pesadelos, nunca chegaram a isso. É um pouco assustador.

Ignorando o fato de estar aqui sem ter sido chamado, aproximo-me dela lentamente. Eu já havia presenciado algo parecido em meu apartamento, quando os trovões a assustaram. Mas o que vejo agora me causa agonia. Ela parece chorar; apesar de baixa, sua voz soa como um grito desesperado, implorando ajuda.

Seguro os ombros de Melinda na tentativa de fazê-la parar. Parece apavorada, mas logo se acalma enquanto a chamo baixinho.

— Estou aqui. Melinda, acorde — quase imploro. Ela se contorce e, repentinamente, abre os olhos. Está ofegante, perdida até seus olhos me encontrarem.

— Shh... acalme-se. Eu estou aqui...

Ela me observa com uma expressão triste. Sustentamos os olhares.

— Desculpe, eu... Você estava falando e eu estava passando. Você parecia apavorada e...

— Só me abrace — implora com a voz chorosa. — Por favor!

É irresistível a maneira como ela pede. Melinda parece tão vulnerável, tão triste que não penso, apenas a seguro, puxando-a contra o peito, sentindo seu corpo tremer enquanto a envolvo entre os braços.

Melinda

Chris ainda me tem entre os braços protetoramente e, como que por mágica, os tremores provocados pelo pesadelo vão se dissipando. O silêncio é preenchido pelas batidas aceleradas do coração e pelo som da respiração forte e profunda dele, que ressoam ao meu ouvido. Já não choro, mas minhas bochechas estão um pouco molhadas.

Encontrava-me presa às ferragens, mas o fogo tomava conta do carro enquanto eu implorava ajuda. Chris estava perto, mas não conseguia me ajudar. Parecia desesperado, seu corpo sujo de sangue, observando minhas tentativas frustradas de sair. Depois de me ver ali, algo aconteceu e ele conseguiu se aproximar. Suas mãos seguraram-me e eu despertei.

— Melinda... — chama depois de alguns minutos em silêncio. Inclino a cabeça para observar seu rosto. Ele olha para algum ponto específico do quarto, pensativo enquanto me acolhe entre os braços.

— Você tem esses pesadelos com frequência? — Chris não faz contado visual.

— Sim.

Observo sua garganta se movimentar.

— Eu sonho com a minha mãe... — confessa e eu não respondo, esperando que ele prossiga. — Não fui um bom filho, e ela nunca me culpou em meus sonhos. No entanto... — Movimenta-se na cama, nitidamente inquieto. — As pessoas ao redor sempre me julgam. Em meus sonhos, nunca consigo me aproximar dela, todos a protegem de mim.

Fico pensativa ao perceber o sentimento de culpa nas palavras dele.

— Sua mãe o amou, Chris. Tenho certeza de que, onde quer que esteja, não tem motivos para culpar você.

Ele se mexe mais uma vez, inquieto com o que digo.

— Ela tem muitos motivos... — sussurra e meu coração se aperta. Sinto seu peito subir e descer demoradamente. A sensação de estar assim, agarrada a ele, é a mesma de estar em casa. Como se tivesse encontrado meu lugar. Tudo nele é agradável, até o cheiro, o calor corporal. O engraçado disso tudo é que Chris veio me salvar de um pesadelo, mas vive um acordado.

Depois de todo esse tempo sem fazer contato visual, ele me observa fixamente.

— Sente-se melhor? — pergunta.

Eu queria dizer que não, apenas para tê-lo aqui, nesta posição, mas concordo com a cabeça.

— Sim. Obrigada. Você me acalmou — confesso, observando as profundezas azuis no rosto dele; parecem repletas de tristezas e dúvidas.

Chris analisa meu rosto, olha para minha boca e, imediatamente, meu coração acelera.

Sinto sua respiração tocando-me a pele do rosto sutilmente, e minha boca se abre bem devagar.

Beije-me — entoo mentalmente. Analiso os lábios de Chris, que me afasta, deixando-me delicadamente sobre o travesseiro. Tento ignorar a sensação de vazio que penetra minha espinha no mesmo instante. Inspiro profundamente, observando-o movimentar a garganta, aparentemente desconfortável.

— Vou deixar você dormir — anuncia, e eu não respondo. Ele se ergue devagar e meu coração acelera. — Amanhã voltaremos para Manhattan — informa, sua voz quase em um sussurro.

— Já disse para Chris que a quero rever o mais rápido possível — Grace fala enquanto me abraça pela terceira vez. Eu sorrio e desejo em silêncio que isso se cumpra.

— Será um prazer voltar a Port. Jefferson — digo e sinto o aperto do abraço dela mais uma vez.

Quando Chris se aproxima, vejo que os olhos de Grace se enchem de

lágrimas. Eles se encaram por alguns segundos, até que ela joga os braços em volta do pescoço dele, que retribui. Tenho a sensação de que Chris está abraçando a própria mãe. É assim que a vejo em relação a ele.

— Prometa não demorar meses para voltar?

— Vou tentar não demorar muito — é sua resposta a uma aflita Grace. — Manterei contato por telefone como sempre faço.

Depois de ajudar a guardar nossos pertences no carro, eu me acomodo no assento do carona; Lola se enfia obedientemente no banco traseiro.

Hoje acordei bem cedo para aproveitar os últimos minutos aqui e decidi tirar fotos antes de partir. Fotografei Lola e o nascer do sol, mas não pude ir até o píer. Não acordaria Chris para me levar até lá; não seria justo depois do que ele fez por mim no meio da madrugada. Essa foi a segunda vez que me salvou de um sonho terrível e eu não poderia privá-lo do merecido sono.

Enquanto dirige, Chris está calado, concentrado no trânsito. Eu o observo disfarçadamente através dos óculos escuros. Ele não percebe.

Metade da janela traseira está aberta para que Lola coloque o focinho para fora. Sempre me perguntei por que os cães fazem isso, até que li em uma matéria que o faro de um cão, de tão evoluído e complexo, não se contenta com o ar que circula apenas no interior do carro. Eles querem mais. Querem variadas correntes aromáticas, para poder diferenciar cada cheiro, um a um. A única orelha de Lola se movimenta, insuflada, para frente e para trás. Tenho a impressão de que ela ficaria assim para sempre.

Mexo em meu celular algumas vezes, mas, em determinado momento, sinto-me incomodada. Como quebrar o silêncio que se estabeleceu entre nós?

— Conte-me algo sobre você. Algo que ainda não me disse — minha súbita pergunta chama a atenção de Chris que me olha rapidamente. Acho que vou conseguir atingir meu objetivo.

— O que disse?

— Conte-me algo sobre você! — repito e espero pacientemente a resposta. Não sei se ele me satisfará, mas o observo com expectativa. A intenção

por trás da pergunta é suavizar o "clima" estranho que se instalou.

— Acho que já contei muitas coisas sobre mim — esquivava-se e eu sorria, pensando que talvez ele tenha falado mais dele do que eu sobre minha vida.

— Verdade. Mas você nunca contou o que faz nas horas vagas. — Ergo as sobrancelhas desafiadoramente, esperando uma resposta. — *Vaamos*, Chris! — choramingo, implorando. Ele me olha de relance e faz um ruído com a garganta.

— Gosto de ler — confessa, os olhos presos na estrada. Chris pode não gostar, mas se esforça para não ser “o chato”.

— Que tipo de livro?

Ele inclina a cabeça.

— Sobre construções. Todos os tipos. Gosto de ler sobre execuções de projetos ambiciosos e inovações construtivas ao redor do mundo. Isso me dá prazer quando não estou fazendo nada.

— Então temos um futuro engenheiro aqui? — brinco, mas ele não sorri.

— Eu sou engenheiro — suas palavras me pegam completamente de surpresa. Não sei o que dizer, apenas o observo, perplexa.

— Sua vez — diz como se estivessemos em um jogo.

— Mas... mas você é um...

— Meu pai tem uma construtora, mas hoje, como pode ver, não atuo na área e estou longe de atuar. Agora, vamos ao jogo...

Tento me concentrar em mim depois de ouvir essa confissão.

— Gosto de assistir a séries e...

— Isso você já disse outro dia — corta-me. — A pergunta foi: Conte-me algo sobre você, de preferência que eu não saiba.

Encaro um ponto fixo, pensativa, tentando imaginar algo tão surpreendente quanto o que ele me disse.

— Quando eu tinha seis anos, ganhei um globo de neve dos meus pais de presente. Minha mãe disse que era meu amuleto da sorte e que eu deveria guardá-lo para sempre. Eu acreditei nisso. Nada tinha mais valor do que aquele

pequeno objeto. — Observo Chris, que olha fixamente para a estrada, e continuo: — Então, durante anos, o pequeno globo me acompanhou, até o dia em que nos mudamos de casa. Eu tinha treze anos quando o perdi, na mudança. Daquele momento em diante, acreditava não ter mais sorte porque havia perdido meu amuleto. Somente anos depois, superei a perda. Era um objeto barato, mas que, para mim, não tinha preço. — Paro de falar e engulo em seco, impactada pelas lembranças que assaltam minha mente. As melhores que eu poderia ter.

— Quebrei o aquário com o peixe da sorte da minha irmã. Acho que ela nunca superou isso — Chris confessa, curvando os lábios em um leve sorriso. Lança-me um olhar rápido e eu sorrio de volta, admirada com a espontaneidade de suas palavras.

A semana passou tão rápido, que nem percebi que faltam poucos dias para a chegada de Alan. Meu irmão me interrogou durante toda a semana e meus pais acreditam que estou namorando o vizinho por ter ido a Port. Jefferson com ele.

Estive ocupada com Lola, passeios e algumas compras. Durante os dias, não vi Chris, mas estive em seu apartamento quase todas as noites. Pizza, perguntas sobre nossas vidas e uma amizade que cresce a cada dia. Pensei que ele se fecharia depois que voltássemos de Port. Jefferson, mas vejo que me enganei. Meu vizinho agora me envia mensagens para que eu leve Lola até seu apartamento. Sempre que a levo, permaneço um bom tempo com eles.

Ele está mais falante agora — okay, ainda tenho que iniciar todas as conversas.

Chris fala sobre a mãe e a irmã, mas evita mencionar o pai. Sinto que guarda ressentimentos muito profundos por conta da morte da mãe. Ele me contou superficialmente que teve problemas com drogas, falou sobre como todos sofreram em sua família devido a isso, principalmente sua mãe. Acredita que a matou por conta das decepções que lhe causou. Agora percebo que se isolou por achar que, dessa forma, não fará mal a mais ninguém. Disse várias vezes que

longe dele as pessoas estariam a salvo. Mal sabe que, embora eu ainda sinta o pulso acelerar quando o vejo, estar ao seu lado e de Lola tem sido minha salvação.

— Acho que você deveria ter uma TV em seu apartamento — aconselho enquanto aliso os pelos sedosos de Lola.

Chris está abrindo o frango xadrez que pedimos há pouco e, ao me ouvir, volta-se em minha direção, erguendo as sobrancelhas, olhando-me como se eu estivesse louca.

— Não me faz falta.

— Agora vai fazer. — Alcanço minha bolsa ao lado e tiro de dentro dela dois DVDs. Ergo-me e me aproximo de Chris, entregando-os a ele, sentindo-me um pouco constrangida.

Chris franze o cenho, observando minhas mãos, que, estendidas, oferecem-lhe o embrulho.

— O que é isso? — questiona, com uma expressão surpresa.

— São DVDs. Documentários sobre grandes construções. Acho que irá gostar.

Ele pisca algumas vezes, e percebo certa tensão em seus gestos. Ergo as sobrancelhas e Chris finalmente pega o embrulho.

— Prometa comprar uma TV. Eu adoraria assistir a isso com você. Além do mais, há algumas séries sobre o assunto. Você pode assistir a várias coisas relacionadas. Não que deva abandonar os livros, não é isso, mas não precisa banir a TV como se ela fosse algo terrível.

Ele curva os lábios em um sorriso. Meu coração quase para com essa visão e passa a bater descompassado. Há tempos mantemos certa distância, mas ainda sinto o gosto dos lábios dele e a sensação deles nos meus.

— Obrigado... — agradece com os olhos no embrulho.

— É uma forma de agradecimento. Você me levou a Port. Jefferson. Mostrou um pouco da sua vida e me apresentou sua irmã e Grace. Obrigada.

Chris finalmente me olha, parece constrangido, mas sorri timidamente.

— Terei que comprar uma TV com entrada para DVD. Isso é meio antiquado. Você sabe em que ano estamos, não sabe? — Chris diz com sarcasmo na voz, mas parece gostar do que fez.

Eu rio.

— Adoro DVDs. Eles são tão... legais — tento dizer algo inteligente, mas nada sai.

Chris ergue as sobrancelhas e em seguida sorri. Um sorriso rápido, cada vez mais frequente; e raro, já que ele não esboçava qualquer sentimento. Acho que está se abrindo a cada dia para mim. No entanto não há como ignorar a tortura que significa estar perto dele e não o beijar.

— Eu colecionava DVDs na adolescência — confessa e eu o encaro, surpresa.

— Guarde-os. Não o estou pressionando. Espero que um dia, quem sabe, você compre uma TV — digo, rezando para que ele não adie isso por muito tempo. É um incentivo para que não se feche em seu mundinho e encontre outras alternativas quando estiver no ambiente triste que é esta casa.

Depois de comer sobre o balcão da cozinha, algumas vezes nos esbarramos enquanto eu lavava os talheres. Sentir seu toque, mesmo que seja rápido, traz a lembrança dos dias em que ele me carregou para o mar, para o píer ou apenas pelos degraus que levam ao andar de cima da casa de praia. Sinto falta disso, embora não saiba o porquê. Afinal, foi apenas um fim de semana ao lado do vizinho. Eu deveria me contentar com sua amizade, como ele disse, mas não posso mentir para mim mesma. Gosto dele e, cada vez que nos encontramos, ou mesmo quando estamos prestes a nos ver, fico ansiosa, pensativa, como se estivesse o dia inteiro desejando isso.

— Aconteceu alguma coisa? — Chris interrompe meus pensamentos, e eu, surpresa, pisco algumas vezes. Guardo a última louça e tento sorrir para disfarçar meu desconcerto, mas não sei se obtive sucesso.

— Não, nada. Eu só... preciso ir — digo enquanto me afasto e alcanço minha bolsa. Eu a coloco sobre o ombro e me viro para Chris, que me encara de

uma maneira diferente.

— Amanhã pegarei a Lola no mesmo horário.

Ele assente, curvando os lábios em um sorriso quase triste.

— Obrigado, Melinda.

Aceno com a cabeça e olho para Lola, que dorme no tapete. Então saio e fecho a porta atrás de mim.

Caminho pelo corredor, mas, em vez de ir para meu apartamento, decido pegar o elevador. Sinto uma súbita vontade de andar, sentir o vento em minha pele e pensar sobre o que está acontecendo dentro de mim em relação ao Chris.

O elevador se abre e eu caminho pelo pequeno saguão em direção à saída.

Cumprimento Chang, o porteiro, que me cumprimenta de volta. Conversamos sobre trivialidades, e saio pelas ruas, sem rumo. São 20h00 e ainda há muitas pessoas por aqui. Caminho despreocupadamente, mas pensativa sobre os sentimentos confusos dentro de mim.

De repente uma mulher apressada colide comigo.

— Desculpe — pede.

Inclino a cabeça para olhá-la e paro, encarando-a com um lampejo de reconhecimento. É como se seu rosto me fosse familiar.

A moça sorri, seus lábios pintados de um vermelho intenso, e então a reconheço. Ela não sabe quem sou.

— Não se preocupe — tranquilizo.

A moça acena e se afasta em direção ao prédio onde moro; para o apartamento de Chris.

Naquela ocasião, quando bati à porta dele, ela estava lá. Eles tinham transado. Eu havia me sentido mal naquele dia, mas agora é mais que isso; é como se ele estivesse me traindo. Meu coração responde batendo com muita força.

Eu deveria ter ido para minha casa e não para a rua esbarrar com uma "ficante" do Chris. O que estava pensando?

Inspiro fundo tentando controlar a porcaria dos meus batimentos cardíacos. Fico parada aqui muitos minutos, como se meu corpo não soubesse o que fazer. Dou alguns passos, mas decido voltar. Não quero imaginar o que eles estão fazendo agora.

Subo de volta e a porta do elevador se abre. Caminho em direção ao meu apartamento e, quando estou procurando as chaves na bolsa, ouço vozes. A porta de Chris se abre e eu observo a mulher saindo. Seus lábios, antes vermelhos, agora estão manchados.

Decido entrar antes que Cris apareça e veja que estou aqui, mas não sou capaz de inserir a chave na fechadura, tamanho é o tremor de minhas mãos. Olho novamente para eles e o vejo; está me observando.

— Que dia? — pergunta a mulher, mas tudo o que ele faz é me olhar. — Quando você pode ir a minha casa, Chris? — insiste ela.

Eu abaixo a cabeça, encho os pulmões e tento me concentrar na fechadura. Consigo destrancar a porta e entro imediatamente.

Melinda

Pressiono as costas contra a porta, fecho os olhos e sinto o coração bater, ainda com força, em meu peito. Não tenho o direito de me sentir assim. Chris é meu amigo e foi claro ao falar sobre como se sentia. Eu aceitei e preciso entender, de uma vez por todas, que ele não quer nada além de amizade.

Esfrego o rosto, na tentativa frustrada de esquecer o que vi agora há pouco. Arrasto-me para o quarto e ouço o toque do celular. Alcanço-o dentro da bolsa e, quando olho para o visor, vejo o nome de minha mãe brilhar na tela. Inspiro tentando recobrar-me e atendo:

— Oi, mãe.

— Se eu não ligar, você esquece que tem uma mãe — diz e eu reviro os olhos impaciente. — Sei que está rolando os olhos, Melinda.

— Mãe, por favor! Conversamos há dois dias. Não seja dramática.

— Eu já disse a você que me preocupo! — Ouço o que parece ser uma respiração mais forte do outro lado da linha. — Você realmente não está namorando seu vizinho, filha? Sabe que pode se abrir para mim, não sabe?

— Ele é apenas meu amigo, mãe. Não saio com ninguém desde o acidente. As coisas não acontecem tão rápido quando acabamos de conhecer alguém.

— Se está aí tempo suficiente para conhecer um rapaz e confiar nele a ponto de viajar com ele, pode muito bem estar namorando.

— Bom ponto, senhora Diana.

— Engraçadinha. Diga logo!

— Não, mãe... Eu. Não. Estou. Namorando. O. Meu vizinho — afirmo pausadamente, para que ela entenda de uma vez por todas.

— Promete contar se algo acontecer? Talvez seja bom ter um namorado.

— Novamente noto o som de sua respiração.

— Certo, mãe. Você será a primeira a saber.

Depois de conversar e ouvir muitos conselhos sobre a vida, desligo, satisfeita por ter esquecido Chris e sua "ficante" por alguns momentos. Sinto-me tensa e decido tomar um banho para em seguida me jogar na cama e não pensar em mais nada.

Um dia após encontrar Chris e sua "amiga" na porta do apartamento, não fui capaz de pegar Lola como havia combinado. No outro e tampouco nos próximos cinco dias, também não.

Evitei sair de casa. Alexia me ligou algumas vezes, então pude matar algum tempo com ela por telefone e por mensagens. Contei como foi meu passeio a Port. Jefferson, e ela quis saber mais sobre meu vizinho. Eu me esquivei, falei que contaria pessoalmente, e ela disse que viria me ver ou que poderíamos marcar em algum lugar.

Chris enviou-me duas mensagens. Numa delas perguntava se eu estava bem; na outra indagava sobre a razão de eu não ter ido buscar Lola.

A princípio eu não soube o que responder. Sinto falta dela e queria realmente cumprir com o combinado, levando-a para passear, mas não o quero ver. Na verdade, não estou conseguindo lidar com o fato de que ele possa estar com qualquer mulher, mas não comigo. Sou a única idiota que deseja o cara que quer ser um amigo.

Além do mais, não posso me apegar ainda mais à Lola se não tenho maturidade suficiente para aceitar apenas a amizade de Chris. Então acabei mentindo, dizendo que estava com uma forte gripe. Ele pareceu um pouco preocupado e quase mexeu com minha consciência. Quase. No fim, não me deixei abalar, pois precisava pensar rápido, e essa foi a única desculpa que me veio à cabeça. Não me arrependo. Preciso me preparar e aos poucos me afastar dele, ou irei sofrer as consequências de um amor não correspondido.

Nos últimos dois dias, tenho tido sonhos, mas eles não têm nada a ver

com aqueles pesadelos horríveis que me acoissam há anos. Não. Tenho sonhado com coisas que não deveria. Que envolvem o corpo dele completamente nu sobre o meu. Não sei se sou capaz de encará-lo sem demonstrar meus sentimentos, meus desejos que crescem. Alan voltará amanhã e preciso me concentrar nisso.

Depois de organizar a casa, decido sair para fazer umas compras. A despensa está vazia e preciso deixar tudo pronto para o retorno de meu irmão. Não comprarei muitas coisas, só o essencial.

Chamo um táxi e peço que siga direto para o Woole Foods. O taxista me deixa na porta e eu passo mais de uma hora escolhendo frutas orgânicas e alimentos mais saudáveis.

No tempo que decorreu, entre olhar e escolher, acabei comprando mais que deveria e precisei da ajuda de um dos funcionários, que, gentilmente, acompanhou-me até um táxi.

No instante em que o carro estaciona em frente ao meu prédio, peço Chang que me ajude com as compras. O porteiro pega as bolsas e as coloca no elevador. Porém, quando tudo está dentro e ele se prepara para entrar, a voz da última pessoa que pensei ouvir hoje ressoa aos nossos ouvidos.

— Pode deixar. Eu a ajudo.

Eu me viro e observo Chris, que me encara do lado de fora do elevador. Chang também o observa, surpreso, como se a voz de meu vizinho fosse um acontecimento para ele.

O porteiro se afasta e eu agradeço a ajuda. Chris entra, pressiona o botão e a porta se fecha. Meu coração idiota já está acelerado. Parece que faz uma eternidade que não o vejo. A barba está manchando seu rosto, deixando-o ainda mais lindo que da última vez em que o vi.

— Você parece ótima. Já está até indo ao mercado, carregando compras. Nem um vestígio da gripe que disse ter...

Não respondo, sei que ele está sendo sarcástico. Sinto seu olhar sobre mim, mas tento me concentrar apenas em meu coração que, neste exato

momento, parece querer sair pela boca. Meus olhos estão presos ao chão, subitamente fascinada com minhas sandálias.

Tento entender o que ele faz aqui a essa hora, quando deveria estar no trabalho. Mas minha curiosidade ainda não é maior que a determinação em me manter afastada. Sinto que, diga o que disser, entregarei meus reais sentimentos em relação a ele. O ciúme que senti na outra noite me fez entender que gosto de Chris muito mais do que imaginava.

A porta do elevador se abre, meu vizinho se abaixa e pega todas as sacolas que estão no chão. Quando me aproximo do meu apartamento, giro a chave na fechadura e abro a porta, dando espaço para que ele entre.

Chris coloca as compras sobre a mesa, para facilitar meu trabalho. Não faz contato visual e, ao invés de me sentir melhor por isso, sinto-me frustrada, convicta de que ele não se importa. Com uma expressão séria, eu diria até brava, Chris passa por mim, meus olhos agora nos dele.

— Obrigada, Chris.

Ele me encara, o cenho franzido.

— Você não vai mais ficar com a Lola, não é? — a pergunta me pega desprevenida. Pressiono os lábios em uma linha reta e o observo com uma expressão de desculpas.

— Não posso... — respondo e Chris respira fundo, aparentemente tentando conter a tensão impressa em seu rosto. Queria confessar que estou apaixonada por ele e que esse é um dos motivos para me afastar, mas não consigo sequer pensar na possibilidade de me declarar e ser rejeitada mais uma vez.

— Eu entendo. Não sinta que me deve obrigações.

— Sei que não devo nada, mas sei que isso será difícil para mim. Eu... simplesmente não posso, Chris. Desculpe.

— Não peça desculpas. — Desvia o olhar e sai, desaparecendo pela porta. Eu a fecho e recosto a testa nela, sentindo um nó se formar em minha garganta.

Quando me viro, ouço um bater fraco. Dou um sobressalto e seguro o trinco, rezando para que seja ele. Abro a porta e o vejo, encostado ao batente, com uma expressão aflita no rosto.

— Chris... — sussurro.

Ele dá dois passos em minha direção e para seu enorme corpo rente ao meu. Posso empurrá-lo, mas sou traída por meu próprio corpo, que reage no mesmo instante em que sente sua proximidade. Sei que é estupidez. Prometi a mim mesma não voltar atrás, mas aqui estou eu, derretendo-me por este homem.

— Posso dizer uma coisa? — pergunta e eu engulo em seco, os olhos presos nos lábios dele. Não tenho condições de responder então ele prossegue.

— Desde aquele beijo. Desde o dia em que conheci a textura dos seus lábios... — ele balança a cabeça —, não consigo pensar em outra coisa a não ser...

— Chris...

— Sei que não deveria, mas é que eu... eu preciso. Preciso beijar você, Melinda. Eu preciso de você. De alguma forma que não sei explicar, preciso de você.

Meus batimentos cardíacos aceleram ferozmente quando sinto, ainda mais forte, sua respiração atingir meu rosto. De repente, Chris segura minhas faces, analisa meu semblante, meus lábios e, quando menos espero, pressiona a boca na minha. E novamente estou beijando meu vizinho lindo e problemático. Um beijo ainda melhor que o primeiro. Ainda mais viciante. Com o próprio corpo, ele pressiona o meu contra a parede, fazendo-me perder a capacidade de raciocínio.

No momento em que sua língua invade minha boca, eu ofego, sentindo como se tivesse procurado por isso por toda a vida. Chris tem a capacidade de me deixar confusa, excitada e apavorada. Tudo ao mesmo tempo. Um turbilhão de emoções enquanto sinto, pela segunda vez, o seu gosto. Um gosto forte e suave ao mesmo tempo. Uma mão segura minha nuca e o corpo dele pressiona mais forte o meu. Consigo sentir sua dureza em minha barriga e gemo em sua

boca.

— Chris...

— Mel...

Ele se esfrega em mim desavergonhadamente e minhas mãos vagueiam desesperadas por seus cabelos macios. Porém, subitamente, imagens da mulher de lábios manchados surgem em meus pensamentos, forçando-me a repeli-lo. Chris percebe que estou tentando empurrá-lo e se afasta, sem fôlego, encarando-me com os olhos estreitados.

— Eu a machuquei? — pergunta, tentando recuperar o ar.

Eu queria dizer que sim, que ele me machucou no dia em que me rejeitou e na semana passada, quando recebeu aquela mulher em seu apartamento, mas apenas nego com a cabeça; sei o significado da pergunta. Sei que não tenho direito de me sentir assim.

— Não. Eu estava pensando sobre... aquela mulher — confesso com a voz baixa e ofegante. Chris fecha os olhos e inspira o ar com força.

— Ioana? — pergunta, e eu me sinto idiota por parecer a louca ciumenta. No entanto preciso saber o que ele tem com aquela mulher. Afinal, já os vi juntos duas vezes.

— A morena, sua "ficante", sua nova namorada. Eu não sei. É só que... foi a segunda vez que a vi em seu apartamento e, bom, não entendo por que está aqui me beijando se tem outras mulheres.

— Ela é uma mulher que foi ao meu apartamento sem me avisar.

— Mas, pelo que tudo indica, vocês trocaram beijos e promessas de se encontrarem novamente — digo, e Chris curva os lábios em um leve sorriso sem humor. Deve me achar uma tola agora.

— Seria ridículo se eu dissesse que ela me agarrou e me beijou quando eu não pedi. Não. Não percebi que ela estava vindo para me beijar, mas permiti esperando que, depois disso, ela fosse embora. Ioana apareceu sob o pretexto de ajudar um cachorro. Disse que um amigo o encontrou e deixou na casa dela. Quer que eu vá lá e o pegue porque se lembrou da Lola e achou que eu faria o

mesmo pelo outro cão.

Completamente surpresa, eu apenas o encaro. Chris não parece mentir agora. Está sério, convicto do que diz. Em poucas palavras, esclareceu todas as dúvidas que pairavam a minha volta durante toda semana; tempo que gastei imaginando os dois juntos, em todas as possíveis posições sexuais, embora não tivessem tido tempo para isso. Ela ficou no apartamento dele por apenas alguns minutos, dificilmente o suficiente para que fossem tão longe. Mas minha mente maquiavélica já havia pensado em tudo que pode ser feito em um curto espaço de tempo. Que mulher não aproveitaria, estando sozinha com um homem como ele?

Meu coração volta a bater descompassado quando, mais uma vez, sinto dedos deslizarem sobre minha mandíbula. Chris contempla meu rosto, e proveito para observar as profundezas azuis que são seus olhos. Acho que nunca vi um homem me olhar assim, de forma tão intensa. Não sei o que eles dizem, mas sei que são tão profundos, tão intensos que eu gostaria de mergulhar neles.

— Simplesmente não consigo me afastar de você, Melinda — sussurra com a testa encostada a minha. — Venha para minha casa — continua, sua voz baixa, como se o que pede fosse segredo.

— Eu... — Minha voz some quando tento entender o teor da pergunta.

— Preciso apenas que você esteja lá com Lola. Não tentarei nada. Confie em mim.

— Não me importo se tentar — as palavras saem antes que eu as possa deter. Chris se afasta e olha diretamente em meus olhos, com firmeza.

— Não quero machucá-la... — não fala em me ferir fisicamente. Sei o que está tentando me dizer.

— Não sou criança. Também não sei se estou preparada para me envolver.

Chris parece surpreso com minha confissão.

— Você nunca esteve com outros homens?

— Não. Quero dizer, sim. Na verdade, sim. Eu já estive. Quero dizer que

há algum tempo não saio com alguém e...

— Tudo bem. Eu entendi — diz e eu me calo. É inacreditável como me torno uma idiota ao lado dele. Não consigo explicar coisas simples. Respiro profundamente e encaro seu rosto sério.

— Não sou frágil. Não vou me quebrar, Chris! Não vou morrer se o que quer que aconteça entre a gente durar apenas uma noite — minto. Na verdade, não sei o que dizer agora. Não sei se sobreviveria se o experimentasse de fato. Se o sentisse dentro de mim. Eu teria que pagar para ver.

Chris me observa atentamente, parecendo pensar sobre o que digo. Sei que não quer se comprometer, e estou mostrando isso a ele. Talvez seja uma loucura, mas não tenho noção das coisas que faço quando estou perto dele.

Chris

É inegável. Meu desejo por Melinda cresce exponencialmente a cada vez que a vejo e tento tirá-lo de dentro de mim. Não sei de onde vem isso, mas sei que é algo que transcende tudo o que eu já senti por qualquer outra mulher.

Não me senti aliviado com a ausência dela todos esses dias, por saber que não alimenta sentimentos em relação a nós; não foi o que aconteceu. A verdade é que uma estranha sensação de vazio tomou conta de mim.

Ela me ignorou por alguns dias e, de alguma forma, isso me incomodou. Há tempos não me importo com nada, mas a certeza de que Melinda não queria vir ao meu apartamento levou-me a questionar seus motivos. Não sou idiota, eu mesmo disse a ela que deveríamos colocar limites em nossa relação e, com isso, eliminei todas as possibilidades de estarmos juntos, mesmo apenas como amigos.

Eu a beijei em Port. Jefferson e depois ela me viu com outra mulher. Não foi a primeira vez que minha vizinha me viu com Ioana e agora não posso deixar de presumir seus pensamentos. Melinda não é ingênua a ponto de imaginar que não saio com outras mulheres.

Claro que deve estar se sentindo rejeitada. Não que eu acredite que ela goste de mim, que sinta algo realmente importante, mas sei que não está alheia, assim como não sou indiferente a ela.

Erroneamente a fiz entender que não queria um relacionamento com ela por causa de suas limitações. Pelo que entendi, Melinda não tem estado com homens desde o acidente que resultou na perda da perna. Então, ao não esclarecer minhas verdadeiras razões, talvez a tenha magoado. Seus olhos demonstraram isso quando me viu, e vê-la daquela forma me fez pensar que ela seria mais uma que eu prejudicaria de alguma forma.

Durante os últimos dias, senti como se estivesse perdendo sua companhia

para sempre. É impossível dizer que não me sinto vivo quando ela está em minha casa, com Lola; que, por alguns momentos, consigo esquecer as coisas ruins que rondam minha mente.

Ter estado de uma maneira mais íntima com ela em Port. Jeferson, ter inserido Melinda em um lugar tão pessoal, despertou algo que estava adormecido há anos dentro de mim, mas que ainda não sei identificar exatamente. Talvez seja aquele instinto protetor. Uma vontade de cuidar, proteger. É óbvio que estou muito atraído por ela e imaginar que não terei mais sua presença em minha casa dá a sensação de que a única luz que iluminava nossas vidas, aquele ambiente sombrio, apagou. E o mais estranho disso tudo é que não me lembro de quando me tornei tão dependente dela.

— Só venha comigo? — peço e ela olha para o teto, a expressão insegura, examinando-o como se a resposta estivesse lá.

Melinda morde o lábio inferior e imediatamente me vejo ansioso pela resposta. Neste momento estou disposto a qualquer coisa só para mantê-la perto de mim e de Lola. Sei que é egoísmo, já que é só da presença dela que preciso agora. Eu mesmo não posso dar mais que isso; mas sei que apenas preciso.

Finalmente ela me encara e sorri, não com os lábios, mas com os olhos, algo que a diferencia da maioria das pessoas que conheço.

— Tudo bem. Eu vou — responde. Dessa vez não sou capaz de conter o sorriso mais longo que já consegui mostrar. — Preciso guardar as compras, logo estarei lá, o que acha?

Concordo com a cabeça e me afasto, um pouco hesitante, observando o belo rosto.

— Vou esperar... — Saio, fechando a porta atrás de mim.

Uma hora e meia depois, quando achei que Melinda havia desistido de vir, ela aparece. Seus cabelos estão um pouco úmidos e soltos; os olhos castanho-claros, brilhantes. As bochechas estão rosadas e ela veste um vestido azul-escuro, solto e de alças finas.

Quando percebe a presença de Melinda, Lola corre desajeitada, desesperada, saltando sobre nossa visitante, na tentativa frustrada de alcançar seu rosto. Eu apenas a observo curvar o corpo para dar o acesso que a cadela tanto quer.

— Estava com tantas saudades, Lola. — Ela solta uma risada, admirada pela recepção calorosa. Devo estar com uma expressão idiota no rosto ao observar a cena. A impressão é de que a casa triste e fria se aqueceu e tornou-se mais alegre com a presença dela. Como num passe de mágica, as duas figuras dão vida ao ambiente.

Depois de dar toda a atenção para Lola, Melinda vem até mim e, um pouco tímida, sorri.

— Oi... — cumprimenta.

Tenho certeza de que está se lembrando dos beijos que trocamos há pouco tempo. Estou pensando exatamente a mesma coisa. Os lábios naturalmente rosados e cheios sorriem para mim, convidando-me a beijá-los mais uma vez. Abraça-la, toca-la, sentir a textura de sua pele e de seus lábios pressionados nos meus é tudo que me vem à mente quando estou perto dela. Devo estar louco por querer isso; é incontrolável, mas não ruim. De repente sinto vontade de seguir em frente, cansado de viver dessa forma, cercado de lembranças que não vão me levar a lugar algum. Mas não sei lidar com esses pensamentos, eles surgem sem que eu os tenha convidado.

— Oi... — sussurro de volta.

Os olhos dela caem em meus ombros, depois em minha boca. Ver como me observa leva-me a presumir seus pensamentos. Queria saber o que passa por sua mente, mas tento refrear, ao menos momentaneamente, minha capacidade de imaginação. Agora prefiro mostrar o que de fato eu quis fazer desde que a vi hoje, com as compras.

— Venha — chamo e recebo um olhar surpreso. Seguro sua mão e a levo para o quarto. Abro a porta e deixo que ela entre primeiro.

Melinda observa a parede que agora abriga uma TV LCD e diz:

— Você...

— Sim. Comprei uma TV e um aparelho de DVD. Segui sua sugestão sobre as séries e, bom, acho que podemos... — Faço um barulho com a garganta, tentando não parecer ansioso — podíamos assistir juntos. O que acha?

Ela me olha, analisando meu rosto, mas sorri abertamente.

— Eu adoraria, Chris. Quando podemos fazer isso?

— Agora. — Vejo-a movimentar a garganta e me preocupo, mas logo a noto animada; provavelmente tenta mascarar o nervosismo. — Não fui à loja hoje. Mudei minha escala de trabalho para ficar com Lola... Estranho, ela parece mais desanimada — comento omitindo o motivo de minha cadela estar assim. Também não digo a Melinda que a presença dela deixa Lola muito mais alegre.

— Então, espero que tenha pipocas.

Eu tento sorrir.

— Tenho alguns pacotes de Oreo.

— Eu adoro.

Melinda

Documentários sobre grandes construções não são nem de longe algo chato. Pelo contrário, são fascinantes. Eu estava animada em assistir, porque já havia visto algumas vezes, mas isso que estou vendo agora é incrível.

Neste momento estou tendo uma aula de como Freedom Tower, a torre do novo complexo do World Trade Center, foi construída. Ela está localizada onde ficavam as Torres Gêmeas, destruídas no onze de setembro, no pior ataque terrorista da história dos EUA.

Estamos sentados sobre a cama, lado a lado, envolvidos em vários travesseiros e concentrados em cada detalhe dessa construção. Lola estava deitada e com a cabeça apoiada nas pernas de Chris, mas correu para a sala onde fica sua caminha. Ela é obediente e gosta de dormir na própria cama.

— Incrível, Chris. Eles construíram uma torre inacreditavelmente forte — digo, com os olhos presos na tela, impressionada.

— Utilizaram um tipo de concreto desenvolvido em um laboratório, em New Jersey. Usaram menos água, substituindo-a por produtos químicos, mantendo o concreto úmido sem reduzir a resistência. — Encosta a cabeça no travesseiro, olhando para o teto como se algo ali chamasse sua atenção. — Pude ver de perto o começo da construção, há muitos anos, quando meu pai me levou até lá. — Uma expressão melancólica domina seu rosto enquanto ele se endireita na cama.

— Incríveis suas explicações técnicas sobre tudo isso, Chris. Você deveria continuar exercendo essa profissão. — Vejo que ele me olha rapidamente e retorna a atenção para a TV.

— Estou bem assim.

Decido não prosseguir com o assunto e volto a me concentrar no documentário. Quando me dou conta, já estamos assistindo a outro, assim como eu mesma havia sugerido.

Em determinado momento, meus olhos dispersam, distanciando-se das imagens na TV, depois de sentir os dele sobre mim. Chris está me observando. Viro meu pescoço automaticamente, para me certificar disso, e vejo que estava certa. Mesmo pego no flagra, ele não desvia o olhar.

De repente o documentário deixa de existir, quando o vejo se aproximar ainda mais de mim. Já estávamos do lado um do outro, agora muito, muito próximos. Ele passa os dedos sem pressa pela lateral de meu rosto, seus olhos analisando meus traços detalhadamente. Apenas esse toque faz com que meu pulso acelere, e o desejo por seus beijos reacende dentro de mim.

— Chris... — sussurro, enquanto seu rosto se aproxima do meu.

— Melinda, preciso muito beijar você de novo. Eu pre... — Encosta a testa na minha e deixa os lábios roçarem os meus. — Quero muito beijá-la agora. — Seu pedido, cheio de desejo, deixa-me quase sem ar. Não preciso responder, minha expressão demonstra o que ele deve fazer.

Chris entende meu pedido silencioso e nossos lábios se encontram no beijo mais lento, mais suave e mais sensual que já pude experimentar. Sinto sua

língua entrar em minha boca, movendo-se de forma carinhosa. Em seguida, ele a desliza em minha mandíbula e pressiona o rosto em meu pescoço, inspirando e sentindo meu aroma.

— Seu cheiro, Melinda. Esse cheiro é... sublime — murmura em meu ouvido e me arrepio no mesmo instante. Repentinamente desesperada para sentir mais dele, alcanço sua boca novamente. Seguro cada lado do rosto dele, na tentativa de mantê-lo perto. Uma mão passeia pela lateral esquerda de meu corpo e alcança a barra do vestido que estou usando.

Novamente sinto os dedos de Chris deslizarem sob o tecido, acariciando-me os quadris, subindo e apertando minha cintura. Sobe a mão ainda mais e sinto o coração bater com mais força quando ele encontra meu sutiã. Um gemido baixo escapa dos lábios dele. A carícia de sua mão é tão boa, desejo que nunca pare. Parece natural, não me sinto envergonhada por isso.

— Deus, Melinda. Você tem uma pele tão macia! — Afasta o rosto do meu e me encara, esperando minha aprovação.

— Por favor, Chris. Não pare de me tocar! — meu pedido é quase uma súplica.

— Não quero parar. — Com os olhos presos em meus seios, Chris delicadamente puxa para baixo a alça do sutiã. Seus lábios estão entreabertos enquanto puxa a outra alça. Ele suspira. — Você é linda. É completamente linda.

Fecho os olhos sentindo seus elogios resvalarem sobre mim. Até este momento, não imaginava que essas palavras fossem me fazer tão bem.

Chris beija sensualmente meu ombro esquerdo e arrepios percorrem todo o meu corpo. Ele me beija novamente, e eu agarro seus ombros como resposta. Seus dedos tocam meus mamilos enquanto nossas línguas se misturam com fúria e desejo.

— Deus, você é... perfeita — diz entre beijos sufocantes. Sua boca segue o mesmo percurso das mãos. Quando seus lábios me tocam os seios, deixo a cabeça pender para trás, dando todo o acesso de que ele precisa. Minhas mãos passeiam entre os cabelos de Chris com a intenção de mantê-lo assim.

Subitamente, ele para. Olha-me com a expressão séria; uma que experimentei ao ser rejeitada em Port. Jefferson. Seu peito sobe e desce sob a blusa. Percebo que respira com dificuldade, os olhos intensos nos meus.

— Melinda... preciso saber se está ciente do que estamos prestes a fazer. O alívio acalma meu coração acelerado.

— Estou ciente, Chris. Eu quero você.

— Mas preciso dizer uma coisa... — adverte, como se estivesse me dando uma última chance de parar; de interromper ou desistir. — Não posso me comprometer. Não posso simplesmente dizer que conseguirei manter algo além... disso. Preciso que compreenda que não quero machucar você e...

— Não estou pedindo compromisso, Chris. Só quero sentir você dentro de mim. — Minhas palavras o calam.

Imediatamente, ele retira a camisa branca. Eu observo o abdômen rijo e engulo em seco. Chris se ergue, retira o short, garantindo um show particular e extremamente sensual. Está tão lindo sem roupa, e eu, muda, não consigo organizar os pensamentos ante essa visão.

Sento-me na cama e, com a ajuda dele, o vestido está fora de meu corpo. Deito novamente. As alças do sutiã deslizam sobre meus ombros. Ele me observa com olhos famintos, mas não me sinto exposta, sinto-me desejada. Sinto-me adorada, mesmo que a perna eletrônica esteja exposta diante de um homem em um momento íntimo.

— Melinda... Você... seu corpo, suas curvas são... incríveis. Deus, como desejei você! — Aproxima-se de mim e lentamente se abaixa com os olhos em minha calcinha. Parece pronto para me devorar e meu coração bate descontroladamente. A impressão é de que em todo esse tempo, desde o acidente, eu apenas esperava por ele.

Chris me olha enquanto estou apoiada com os cotovelos. Na TV o documentário continua a ser exibido, mas ambos estamos alheios a ele. Vejo apenas o homem seminu diante de mim. Quase não pisco enquanto o observo.

Ele se ajoelha a minha frente e eu permaneço imóvel. Beija minha perna

intacta e olha para a prótese como se a estivesse contemplando.

— Quero tirar sua prótese. Posso? — pede com uma voz quase grave e sensual.

Sorrio.

— Sim. Já sabe como fazer isso, certo? — Lembro-me de quando ele retirou a prótese quando estava bêbada.

Chris concorda com a cabeça, mas rapidamente volta a atenção para minhas pernas. Segura meus quadris e deposita vários beijos na virilha. Minha cabeça cai para trás, enquanto sinto os lábios dele em mim.

Ele retira a prótese bem lentamente. Observo até que ela se desprende totalmente de mim. Chris a coloca no chão, ao lado da cama, e em seguida retira a proteção de silicone cuidadosamente.

Quando estou completamente exposta, ele se ergue e analisa meu corpo sem a prótese. Subitamente, sinto-me insegura, nervosa como jamais estive. Por mais que ele tenha tentado me deixar à vontade, não posso ignorar o fato de que é a primeira vez que um homem me vê assim.

Abaixa-se novamente, de frente para mim, e suas mãos tocam meus quadris. Fazem seu caminho, deslizando até alcançar minhas coxas. Meu peito sobe e desce com ansiedade. Chris passa os dedos em minha perna amputada, traçando lentamente a cicatriz, que começa na parte interna da coxa e se estende até o fim. Observa como se fosse a coisa mais erótica que já viu.

— Não sinta vergonha, Melinda — sussurra. — Você é linda exatamente do jeito que é — acrescenta, os dedos deslizando sobre minha pele nua, contemplando, suspirando.

De repente traça um caminho de beijos lentos sobre minha perna. Eu congelo, um pouco tensa por tê-lo tão intimamente junto a mim. Acredito que Chris sente minha tensão, pois rapidamente sobe, roçando o corpo no meu. Seu rosto está muito próximo, nossos lábios quase se tocando.

— Não precisamos fazer isso agora. Quero que se sinta confortável — murmura, roçando o nariz no meu.

— Eu preciso, Chris. Preciso de você dentro de mim — minhas palavras o calam novamente. Seus olhos caem sobre meus lábios e, mais uma vez, ele me beija profundamente. Um beijo intenso, que me tira o fôlego. Ele não precisa de mais nada para entender o que quero e logo retira, habilmente, meu sutiã, jogando-o para longe. Ofega enquanto seus olhos passeiam por meu corpo.

— Melinda, quero muito você... Cada. Maldita. Parte. De mim. Quer você — e, com isso, ergue-se e retira a boxer. Pega algo dentro da gaveta de cabeceira e, quando dou por mim, está a minha frente, colocando o preservativo. Engulo em seco, suspirando em antecipação. Ele se posiciona entre minhas pernas, segura meus quadris com firmeza, puxando meu corpo de encontro ao dele.

— Chris... — sussurro enquanto o sinto, dolorosamente lento, entrar. Grunhindo enquanto se afunda em mim, ele me aperta e, segundos depois, deixa o corpo cair sobre o meu. Sua testa se aproxima da minha e ofegamos em uníssono, com os lábios quase grudados um no outro. Chris acelera e meus olhos se fecham, enquanto sinto o movimento de sua pélvis.

— Melinda... — ele me chama e eu abro os olhos, encontrando os dele, intensos sobre mim. — Não feche os olhos. — Ergue-se um pouco, as mãos apoiadas, cada uma a um lado de meu corpo, e olha, contemplando os próprios movimentos. Chris com certeza é uma visão de se admirar. Ele baixa o corpo novamente, segurando meu rosto com as duas mãos. — Consegue sentir isso, Melinda? — pergunta e penetra com força. — Consegue sentir meu desejo por você?

— Sim. Eu sinto, Chris... eu... — não consigo terminar a frase, perdendo-me nas sensações incríveis que o corpo dele provoca. De repente o calor aumenta, meu coração acelera quase explodindo no peito. Agora estamos incoerentes, buscando satisfação um no outro; centrados em cada milímetro de prazer que se estende sobre nós.

Ouçõ os gemidos de Chris mais altos e pronuncio seu nome entre gemidos, agarrando-o, contraindo-me em torno dele. Sentindo o clímax me

atingir.

— Oh, Deus... Chris...

Ele acelera ainda mais. Sua boca busca a minha, faminta, molhada enquanto meus braços o envolvem com força. Então Chris solta um berro furioso e se despedaça dentro de mim, meu nome saindo de seus lábios em um gemido agonizante...

Melinda

Acordo ao som de batidas fracas, que parecem vindas da porta. Pisco, mas sou incapaz de me mover. Estou tão envolvida pelos braços de Chris que não gostaria que ele acordasse. Minha cabeça está apoiada em seu ombro e eu me pergunto como vim parar aqui. A verdade é que não faço a menor ideia de como peguei no sono tão facilmente. Tudo bem que, desde que fui a Port. Jefferson, sinto-me mais relaxada. Algo naquele lugar me fez muito bem. No entanto, aqui, de volta a Nova York, na maioria das vezes ainda tenho dificuldades em pegar no sono.

Inclino a cabeça com o intuito de observar o rosto calmo de Chris, que dorme profundamente. Tudo o que consigo fazer agora é observá-lo dormir. Neste momento posso ver a criança que habita dentro dele, tão relaxado, tão sereno.

De repente, uma súbita vontade de beijá-lo quase me domina, mas tento suprimir esse desejo. Chris está nu, eu também e, por mais que estejamos suados devido ao calor de nossos corpos, não me lembro de, em momento algum, ter acordado durante toda a madrugada. Simplesmente apaguei. Sem sombra de dúvidas, foi o sono mais profundo que tive desde o acidente.

O barulho na porta retorna, fazendo com que Chris abra os olhos sonolentos. Pisca algumas vezes até que sua visão se foca em mim. Ele me encara com um olhar confuso, provavelmente surpreso por eu ainda estar aqui. Talvez também esteja se perguntando a razão de estarmos tão grudados, mesmo que nossos corpos estejam quentes.

— Chris, não sei como peguei no sono, mas a verdade é que apaguei. Era para eu ter ido *pra* casa, mas...

— Tudo bem — ele me corta com uma voz grave, os braços e pernas ainda sobre mim. — Não me lembro também de quando apaguei — confessa,

sua voz calma e os olhos presos nos meus. Chris agora analisa meu rosto. — Você não precisa ir... — suas palavras me desconcertam. Sinto-me incapaz de formar algo relevante em resposta. Da maneira como são ditas, dão a impressão de que escondem um duplo sentido. As lembranças da noite passada; dos beijos sobre minha cicatriz e de tê-lo dentro de mim, invadem minha mente.

Inspiro o ar profundamente e deito a cabeça em seu peito, sentindo agora as batidas rápidas de seu coração. Inesperadamente, o barulho retorna, mais alto dessa vez, e eu o encaro, perguntando silenciosamente quem poderia ser a essa hora.

— Acho que você precisa atender à porta.

Chris inspira, enchendo os pulmões, e eu me afasto para o lado, sentindo o calor de seu corpo se esvaír. Senta-se na cama, pega o short que está jogado ao chão e o veste. Eu o observo com admiração, tentando gravar cada detalhe em meu cérebro.

Quando Chris sai do quarto, eu me sento, pego o celular na mesinha de cabeceira e analiso o visor. Havia abaixado o volume para assistirmos aos documentários e acabei me esquecendo de aumentar novamente.

O primeiro nome que brilha na tela é o de meu irmão. Há mais de dez ligações perdidas. Rapidamente pego meu protetor, além da prótese, e os encaixo na perna. Quando termino, procuro minhas roupas e vou ao banheiro para me vestir.

Termino de colocar o vestido, ouço passos e saio do banheiro. Chris entra no quarto com uma expressão séria.

— Melinda... seu irmão. Ele está na sala esperando você.

Abro os olhos exageradamente, perplexa com o que ele diz.

— Meu irmão está aqui? — pergunto esperando que ele negue, mas Chris concorda lentamente com a cabeça. — Alan disse que chegaria à noite — informo um pouco aturdida, mas ele não diz nada em resposta.

— Ele não está muito amigável — informa.

Esfrego o rosto, analiso o vestido e respiro fundo.

— Não se preocupe. Eu vou... — Nossos olhos se prendem por alguns segundos e, então, sigo em direção à sala de estar.

Alan está de pé, próximo à porta de entrada, enquanto Lola cheira seus sapatos compulsivamente. Ele está com os braços cruzados e não parece nada feliz em me ver. Na verdade *sei* que não está contente em me ver aqui.

— Alan, por que veio tão cedo? — questiono na tentativa de quebrar a tensão entre nós.

— Eu queria fazer uma surpresa, mas parece que fui surpreendido, não é? Você tem dormido aqui todos os...

— Não — corto-o com uma voz áspera. — Foi a segunda vez e...

— Não me diga que perdeu a chave de novo, perdeu? — Olha por cima de meu ombro e sei que Chris está bem atrás de mim.

— Vamos para casa e lá podemos conversar com calma — peço, já caminhando em sua direção.

Alan parece pensativo, não consegue disfarçar o incômodo que sente. Imagino que me ver saindo do quarto do vizinho — que ele considera um sujeito estranho — não deva ser muito agradável para meu irmão.

— Estão namorando?

Eu olho para Chris, que me observa calado, esperando que eu diga a ele o que deve ser dito.

— Não, Alan. Não estamos — respondo.

Alan estreita o espaço entre as sobrancelhas e analisa Chris com um olhar severo.

— Ela não é uma diversão, cara. Minha irmã não é um tipo de brinquedo, entendeu? Você não...

— Alan! — eu o interrompo. Ele me observa parecendo fazer grande esforço por se conter. — Não preciso que ninguém me defenda, entendeu? Sou adulta o suficiente para saber o que é bom para mim. Agora vamos.

Inconformado e aparentemente sem alternativa, Alan se vira, abre a porta e sai, deixando-a aberta para que eu o siga. Observo Chris com um olhar de

desculpas, e ele pisca os dois olhos, acenando com a cabeça para que eu vá atrás de meu irmão. Concordo em silêncio e saio, fechando a porta atrás de mim.

Assim que entro no apartamento, vejo Alan, de costas, observando o dia ensolarado do lado de fora da janela. Fecho a porta e ele se vira para mim; agora tem um olhar doce, mas triste.

— Não quero que se machuque — é tudo o que diz. Eu sorrio fracamente.

— Eu sei. Você é meu irmão, é normal que não queira que eu me machuque — digo, tentando quebrar o clima tenso e parece que está funcionando. Alan se aproxima de mim e sorri.

— Ele é estranho, Melinda. Aquele cara é estranho. Confesso que me surpreendi quando o vi sem barba e com um corte no cabelo. Se não fosse o apartamento, diria que era outra pessoa. Mas, mesmo que esteja aparentemente melhor, não acho que aquele cara esteja disposto a ter algo mais sério com você. — Meu irmão se afasta e esfrega o rosto com uma das mãos. Parece cansado. Os olhos verdes estão avermelhados. — Chang disse que já viu mulheres subirem para o apartamento dele. Ele quer brincar, Mel. Vai fazer você de idiota.

— E quem falou que quero algo sério? — minto, tentando fazer meu irmão entender que não sou uma criança. — “Meu corpo, minhas regras”. Ele não faz ou fez nada que eu não quisesse. Sou uma mulher, embora você me trate como se eu fosse aquela adolescente do passado. Não, irmão. Sei me cuidar. Não preciso que ninguém me defenda contra os homens. Já tive outros relacionamentos e não morri.

— Eu sei. Desculpe. Eu apenas sei que tudo mudou depois daquele acidente. Só quero garantir que não se machuque. Você sabe tanto quanto eu que ele é estranho...

— Não, não é. Há um muro bem erguido, mas ele está tentando desfazer. Sei que está tentando e que vai conseguir. Ele é capaz. Não se preocupe comigo, por favor. Chris e Lola me fazem bem do jeito que são. Não estrague tudo com sua superproteção.

— Tudo bem. Está certo. Não vou intrometer a menos que ele lhe faça mal.

— Não fará. Chris, acima de tudo, é um grande amigo. Precisamos um do outro.

Alan ergue as sobrancelhas e sorri com os lábios fechados. Nós nos abraçamos apertado e eu sinto que agora ele entende que não mudará meus pensamentos sobre Chris.

Chris

Pensei que Melinda fosse parar de me visitar, mas todos os dias ela tem aparecido em minha casa para buscar Lola. À noite temos nos encontrado lá, no meu apartamento. Não pensei que o irmão dela nos permitiria esses momentos juntos. Embora ela seja maior de idade, dona da própria vida, não posso deixar de entender a atitude superprotetora dele. Mas, segundo Mel me contou, não houve briga como eu temia. Alan, pelo visto, é um sujeito pacífico e acabará entendendo que a irmã caçula sabe se cuidar.

O que me intriga é o fato de ter dormido tanto. Depois de anos, consegui ter uma noite inteira de sono profundo. Não paro de me perguntar o que mudou; como me permiti dormir tão grudado àquela mulher e não me incomodar com isso.

— Mesmo que eu tenha sido o responsável por arrancar aquele ninho de rato que você cultivava na cara, ainda não consigo me acostumar em ver você assim. Parece outro Christopher — Nicholas diz, enquanto guardo as garrafas de refrigerante na geladeira. Meus pensamentos estavam tão longe que não notei sua presença.

— Precisa se acostumar.

Ele ri.

— Eu vou. Espero que tenha impressionado aquela linda mulher da prótese.

Paro o que estava fazendo e o observo com o cenho franzido. Ele ergue

as mãos em sinal de rendição.

— Calma, cara. Eu a vi aqui e suponho que seja alguém especial. Sabe como é, vi como a presença dela o incomodou. Você estava disperso além do normal.

— Melinda é minha amiga e vizinha.

— Vizinha? Acho que você tem uma bela vizinha. Sim, eu não pude deixar de reparar naquelas curvas. Aquela prótese até realçou a beleza dela. Pelo que percebi, estava rolando algo entre vocês.

— Ela foi comigo para Long Island. Lola gosta dela. — Não sei por que estou dando explicações a ele.

Nicholas sorri e me dá tapinhas nas costas.

— Eu também me apaixonaria por ela facilmente. Eu entendo.

— Mas eu não estou... — antes que eu consiga concluir, Nicholas já se afastou de mim.

Depois de deixar Lola em meu apartamento, Melinda não pôde ficar. Disse que iria jantar com o irmão e uma amiga. Por incrível que pareça, minha casa ficou menor e, ainda que eu não queira me lembrar do passado, não pude evitar, depois de ter rejeitado certo telefonema; o número não aparecia em meu visor há um ano.

Decidi ir à academia e ficar por lá até conseguir esquecer completamente aquele número. Mas quanto mais eu tento apagar, mais o bom senso pede que eu ligue de volta. Minha consciência grita implorando que eu faça o certo e enfrente o passado.

Saio da academia depois das onze da noite e chego ao meu apartamento depois de caminhar 20 minutos. A noite está fresca; os ventos deixam a temperatura mais amena. Assim que coloco os pés em casa, sou recepcionado animadamente por Lola. Sento-me no sofá e passo as mãos sobre o pelo macio da cadela. Ela tenta me lambar, mas não deixo, erguendo-me. Prestes a ir para o chuveiro, ouço um barulho vindo da porta.

Observo através do olho mágico e paro de respirar no momento em que focalizo a mulher do outro lado da porta. Engulo em seco e me afasto como se a madeira, repentinamente, estivesse me queimando.

O ruído da batida se repete, eu respiro fundo, os olhos fechados, seguro a maçaneta e a giro lentamente. Minha consciência berra, implorando que eu abra, assim como na ocasião da ligação. Dessa vez, decido obedecer.

No instante em que vejo a ruiva de olhos azuis, é como se tudo voltasse repentinamente a minha cabeça. A mulher que estava ao meu lado nos piores momentos de minha vida está de volta.

— Oi... — a voz sai em um sussurro, exatamente como no dia em que a conheci. A beleza e os lábios vermelhos compõem uma aparência suave, um rosto angelical. Uma mulher encantadoramente perigosa. Meus olhos não conseguem deixar os dela, o que a faz sorrir. Estou sério, observando seu rosto corar, enquanto ela olha para o chão. Tão tímida, tão frágil, tão falsa...

Chris

— Como me encontrou aqui, Karen?

Ela pisca como se estivesse confusa com a pergunta, no entanto sorri. Um sorriso meigo e doce.

— Eu estava incomunicável. Estava incapaz, como você deve saber, mas pude contar com algumas pessoas generosas — responde.

Tento manter a calma, mas sei que estou falhando. Estar na presença dela é o mesmo que olhar para o espelho e ver as cicatrizes do passado gritando de volta.

— Eu deveria ter sido avisado pelo porteiro sobre sua visita.

— Ah, Chang foi muito gentil. Ele me deixou entrar para fazer uma surpresa ao meu namorado.

Pressiono a ponte do nariz e me afasto, dando espaço para que ela entre.

Assim que Karen pisa no apartamento, eu fecho a porta. Ela analisa tudo minuciosamente e os latidos repentinos de Lola chamam sua atenção. Examina minha cadela e ergue as sobrancelhas com um olhar incrédulo.

— De onde saiu isso? Esse cão não tem uma orelha?

— Isso é uma cadela.

— Isso é uma aberração.

— A única aberração dentro dessa sala é você — digo e ela me olha com descrença.

— Chris. Sou eu, Karen. Você não pode estar falando sério. Eu não uso drogas desde que fui parar naquele lugar odioso. Não sou mais aquela mulher, eu...

— Talvez esteja pior — interrompo. — Como me encontrou?

— Você deveria me tratar melhor, Chris. Eu não citei seu nome em momento algum naquele maldito Tribunal. Levei a culpa por tudo.

— Você levou a culpa porque é culpada. As drogas eram suas — afirmo e ela se cala por alguns segundos. Os olhos azuis se enchem de lágrimas. Embora a droga fosse dela, a culpa fosse dela naquele momento, sei que fui indiretamente responsável por Karen estar naquele caminho. O remorso, em vez de extinguir-se com o tempo, convulsiona em meu peito até hoje.

Quando nossa relação estava mal, ela começou a beber descontroladamente. Porém sei que sempre usou essa falsa doçura, a bela aparência frágil para enganar todos que cruzaram seu caminho. Já estive apaixonado por ela, mas, quando chegamos ao fundo do poço, decidi me afastar. Não sei bem como fiz isso, mas fiz. Afastei-me de tudo e de todos que estavam me fazendo mal de alguma maneira.

Karen se aproxima timidamente de mim, seus olhos presos aos meus. Ela toca meu ombro e, antes que tente fazer algo mais, eu a impeço, segurando seus pulsos e a afastando lentamente.

— Chris, sou eu... a mulher que esteve sempre ao seu lado — murmura.

— Vou perguntar outra vez: como descobriu meu endereço?

— Já disse, tenho meus contatos. Ainda frequenta sua casa em Port. Jefferson? — Senta no sofá como se ainda fosse minha namorada e quisesse saber o que comi no almoço, como se ainda fizesse parte de minha vida.

Lola apenas rosna, mas não late.

A verdade é que não vejo Karen desde os dias que antecederam sua prisão. Mesmo com uma família rica, ela não escapou de uma temporada na cadeia. Assim como eu, era usuária de cocaína, mas bebidas alcoólicas eram seu ponto fraco.

— Você pretende jogar, mas não estou disposto a isso. Saia daqui — exijo com a voz áspera.

— Você não pode fazer isso. — Seus olhos ainda brilham pelas lágrimas.

— Eu deveria imaginar que você apareceria como se nada tivesse acontecido.

— Mas nada aconteceu. — Karen anda de um lado para o outro, como se

repentinamente estivesse desesperada, o short evidenciando as pernas torneadas. Usa essas roupas propositalmente; veio decidida a me seduzir, mas não imagina que sua beleza não me afeta mais.

Eu a estudo, na esperança de entender o que pretende. Karen para de andar e me observa, analisando meu rosto.

— Senti tanto a sua falta, Chris. Não sou um monstro. Estava apenas emocionalmente abalada por tudo. Você estava terminando nosso namoro de anos. Não conheci outros homens antes de você e nem pretendo conhecer, sabe por quê? — Não respondo e ela continua. — Porque eu te amo. Amo você, Chris. E, mesmo que tenha caído naquele mundo obscuro das drogas, faria tudo de novo por você.

Ainda com uma expressão séria, demonstrando apatia, analiso o rosto, agora vermelho e manchado pelas lágrimas. Karen chora, tornando os olhos azuis ainda mais claros. Sua beleza é incontestável, mas seu caráter, não. Tenho consciência de que fui o único responsável por sua inserção no mundo das drogas e, embora acredite que sua situação não justifique tudo o que fez, o remorso, o medo de estar sendo injusto ainda estão aqui em mim.

— Tudo bem. Você me encontrou, mesmo que eu tenha dito que, quando estivesse preparado, a procuraria. Agora você realmente precisa ir — determino.

Ela nega com a cabeça. As lágrimas rolando sobre as bochechas. Em outra ocasião, eu estaria limpando essas lágrimas. Puxaria o corpo dela contra o meu, deixaria claro que estou aqui para protegê-la dos monstros que criou na própria mente, mas todo o medo que tive esse tempo todo, o medo de encontrá-la e sentir exatamente isso, acaba de cair por terra. Não tenho vontade de fazer isso. Simplesmente não quero que ela continue aqui. Não preciso mais dela. E, por incrível que pareça, a presença dessa mulher me trouxe alívio. Alívio em saber que não sinto mais nada por ela.

— Você não iria me procurar nunca, não é, Chris? Nunca! — A última palavra sai vários tons acima do normal. Lola rosna e late em seguida. Karen se afasta, dando dois passos para trás, limpa as lágrimas e puxa o ar. — Por quê?

Por que se afastou de mim? Eu precisava tanto de você, Chris.

— Não. Você não precisava. Estávamos fazendo mal um ao outro — afirmo com convicção na voz. — Você sabe que o que fez foi muito grave. Eu acreditei ser o único culpado.

— Mas você me levou a tudo isso que passei, Chris. De certa forma, a responsabilidade também é sua. Eu estava perdida. — Ela sorri levemente e me olha com o que parece ser adoração. — Por mais que seja culpado tanto quanto eu, você foi a única pessoa capaz de me fazer feliz. Podemos fazer isso funcionar, Chris. Eu prometo. Aquele lugar foi como uma clínica de reabilitação. Eu estou limpa.

Decido não responder. Em retrospecto, sei que ela tem razão. Também sou culpado.

— Não me diga que já está com outra? Você até tirou aquela a barba horrenda e... — De repente, ela para de falar e eu franzo o cenho.

— Como sabe que eu usava barba? Nunca usei barba enquanto estive com você.

Karen olha para o chão, passa as mãos sobre os cabelos lisos e me encara nos olhos.

— Uma pessoa de nosso antigo convívio o viu na rua e me contou — a resposta não me convence totalmente, mas não estou disposto a saber quão sujo ela pode ter jogado para descobrir minha localização.

— Certo. Apenas vá embora — peço com os olhos presos aos dela.

Karen se aproxima de mim, segura meus ombros novamente e, dessa vez, eu não a afasto.

— Quem é ela? Quem é a pessoa que está destruindo tudo o que eu e você construímos, Chris?

— Se alguém conseguisse destruir tudo o que construímos no passado, eu seria grato a essa pessoa para o resto da vida.

— Você está sendo injusto comigo. Sempre errei tentando acertar, Chris. Ainda amo você. Quero salvar nosso relacionamento, por isso estou aqui.

— Não desejo seu mal, mas agora, olhando para você de perto, percebo que ainda não estou preparado para essa conversa.

Ela me analisa, e a impressão que tenho é de que está estudando a pessoa em que me transformei depois dela. Depois de tudo. Realmente não tenho qualquer traço daquele *merda* que fui. De repente seus dedos vêm em direção aos meus lábios para me silenciar, mas estou calado.

— Tudo bem, eu entendi. Você ainda precisa de tempo. Eu lhe darei esse tempo, Christopher. Se esperei até hoje, posso esperar um pouco mais.

Melinda

Viro meu primeiro *Shot* de tequila e, obviamente, o último da noite. Acabei cedendo ao pedido de Alexia para brindar à nova sociedade de meu irmão e seu sócio John, que vão expandir a empresa para todo o país. Todos fazem o mesmo com suas bebidas e em seguida chupamos limões para amenizar o calor que desliza por nossa garganta.

Estamos em um restaurante mexicano no TriBeCa. Eu deveria saber que John estaria aqui. A sorte é que estou muito feliz na companhia de meu irmão para me preocupar com suas tentativas de me juntar ao amigo.

Alan está solteiro novamente. Parece ter se desentendido com a namorada após passar tantos dias na Califórnia. Curiosamente, não parece triste com a situação, e eu decido não perguntar nada sobre isso agora.

Aproveitei alguns momentos em que os homens falavam sobre negócios e engatei um papo com Alexia. Contei tudo sobre meu belo vizinho e sobre como me sinto, cada dia mais envolvida por ele.

— Preciso ver esse vizinho! — sussurra ao meu ouvido, fazendo-me sorrir. Alexia se ajeita na cadeira e prende um cacho rebelde atrás da orelha. — Você não está envolvida. Está apaixonada — constata e, por sorte, os rapazes ainda conversam, não prestam atenção no que ela diz.

— Eu... eu acho que sim.

Ela ergue as sobrancelhas.

— Eu sabia! — grita, chamando a atenção dos dois homens. Alexia fecha a boca com as mãos, sorri e olha para o relógio de pulso.

— Deus, preciso ir.

— Vai pegar um táxi? — questiono.

— Sim. Eu vou — diz enquanto pega a bolsa que está pendurada na cadeira.

— Você não pode ir sozinha para casa a essa hora! — Alan interfere, surpreendendo-me. Alexia e ele se olham por alguns segundos e eu acho que perdi algo aqui.

— Sempre vou sozinha para casa. Qual é o problema?

— Você mora no Bronx. Esse é o problema!

Ela eleva as sobrancelhas.

— Não é perigoso.

— A essa hora todos os lugares são perigosos — Alan diz e se ergue. — Vamos. Eu levo você.

Alexia sorri e parece gostar da preocupação repentina de meu irmão.

— John, leve a minha irmã, okay?

John me olha enquanto acena com a cabeça.

— Com o maior prazer.

Alexia me abraça apertado e Alan beija minha cabeça. Joga algumas notas na mesa e puxa minha amiga pelo braço. Eles parecem apressados e eu os observo sair.

Passo alguns minutos com John, que decide continuar falando sobre negócios. Ele é tão metódico, tão certinho que não lembra em nada o homem errado por quem tenho estado apaixonada. De repente me dou conta de que prefiro completamente o lado “errado”.

— Bom, acho que estou chateando você com todo esse assunto sobre transações e mudanças que iremos fazer na empresa.

— Não. Acho que é natural sua empolgação. Afinal, vocês se tornarão grandes agora.

John parece sentir orgulho de si mesmo depois de minhas palavras.

— Sei que é uma mudança repentina de assunto, mas queria muito perguntar se... — John parece repentinamente nervoso. — Se você quer assistir a alguns filmes ou séries na minha casa, o que acha?

Eu sorrio, mas suas palavras me fazem lembrar imediatamente de Chris. Aceitar esse convite é como trair algo tão íntimo que tenho compartilhado somente com meu vizinho.

— Acho que não, ainda. Desculpe, John. Não sei se isso é uma boa ideia. Ele me estuda por alguns segundos e depois sorri.

— Eu entendo. Mas, quando achar que é boa ideia, terei prazer em receber você em minha casa.

Prestes a responder, vejo algo parecido com um raio no reflexo da janela.

— Acho que vai chover.

— Não. Foi a luz do lado de fora que piscou, não se preocupe — John informa para meu alívio.

— De qualquer maneira, está tarde. Vamos?

— Claro, eu a acompanho até sua casa.

John me leva de carro até a porta do prédio. Despeço-me dele, desço do carro e, rapidamente, caminho até a portaria. Sinto a chuva fina cair sobre mim e subo os degraus rapidamente. Assim que coloco os pés no *lobby*, congelo com o que vejo. Chris sai do elevador com uma mulher. Talvez a mais linda que já vi. Ele segura o braço dela de uma maneira possessiva, como se fossem muito íntimos. Isso me causa um sentimento ruim. De repente, a voz de meu irmão, dizendo que aquele homem me machucaria, grita em minha mente.

Os olhos de Chris param em mim, e ele interrompe os passos. A mulher parece confusa, mas, quando me vê, tenho a impressão de que me reconhece. Ergue as sobrancelhas e faz questão de olhar para minhas pernas. Tem uma expressão entediada. O problema é que meu coração está acelerado e eu, desconcertada. Sem pensar muito, dou meia-volta e saio pela porta de vidro, apressada, em direção à rua.

Ouçó a voz de Chris me chamando, mas não dou ouvidos. Continuo andando até que uma claridade assustadora e um estrondo, provenientes de um raio, fazem-me parar. Meu coração acelera e eu sinto como se aquilo fosse me atingir. O pânico domina meu corpo quando a água da chuva se intensifica.

Não consigo me mover. Estou completamente paralisada.

Chris

Não sei em que momento perdi a paciência. Os dramas dessa mulher estavam me enlouquecendo. Ela se recusou a sair do meu apartamento e, por essa razão, fiz questão de acompanhá-la até a saída. O problema é que eu não imaginava que, exatamente neste momento, poderia encontrar Melinda.

Ela parece não acreditar no que vê. Não se move, e não sei o que dizer. Por sua expressão de espanto, ou surpresa, tenho a certeza de que a magoei. Não bastou me ver duas vezes com Ioana; agora me encontra com Karen. Provavelmente está interpretando a situação de maneira errada.

Mesmo que tenha deixado claro não estar disposto ou preparado para um relacionamento, devo ao menos respeito a ela, afinal compartilhamos momentos íntimos. No mínimo, Melinda acha que sou um tarado, que me aproveitei de sua vulnerabilidade, de seu corpo e que agora estou apenas usando outra mulher.

Solto o cotovelo de Karen e faço menção de falar com Melinda, porém esta já está andando apressadamente em direção à rua. Eu a sigo, mas, antes que possa alcançar a porta, sou puxado pelo braço. Quando encaro a mulher que me retém, minha ex-namorada, ela parece confusa.

— Quem é essa... mulher?

Não respondo e me desvencilho de seu aperto. Saio pela porta e, em poucos passos, sinto a chuva cair sobre mim, chuva que parece cada vez mais forte.

Não preciso andar muito para encontrar Melinda, parada, de costas para mim. Ela treme, como se algo muito ruim a tivesse feito parar. Não preciso perguntar o que aconteceu; sei que ela tem verdadeiro pavor e que reage mal a relâmpagos e trovões. Agora, sob a chuva, dá a impressão de que não consegue se mover.

Aproximo-me dela e, antes de tocá-la, eu a chamo:

— Melinda.

Ela não se vira e tampouco demonstra que me ouviu. Toco seu ombro, e Mel se assusta, dando um sobressalto, virando-se para mim. Outro trovão ressoa ainda mais alto, e vejo a expressão de terror no rosto dela. Melinda cobre o rosto com as duas mãos, na tentativa de se esconder daquilo que a atormenta.

Impulsivamente, eu a abraço apertado, segurando seu corpo contra o meu. Eu a carrego, abrindo passo de volta para o prédio, buscando nos abrigar. Corro e, assim que entro, percebo que Karen continua lá, parada, com os braços cruzados, observando-nos entrar.

— O que está fazendo com essa mulher nos braços, Christopher?

— Vá embora, Karen — exijo enquanto sigo em direção aos elevadores.

— Está chovendo. Como vou embora? — grita, o desespero está nítido em sua voz.

— Do mesmo jeito que chegou até aqui.

Com Melinda ainda trêmula em meus braços, caminho até um dos elevadores. Chang se apressa e pressiona o botão para que ele desça.

— Ela vai ficar doente — diz ao perceber o corpo trêmulo em meu colo. Eu aceito a ajuda, mas em seguida lanço um olhar de advertência ao porteiro.

— Certifique-se de que aquela mulher esteja bem longe deste edifício. Não autorizei a entrada dela aqui e não vou autorizar. Principalmente sem ser avisado.

Chang parece envergonhado, e não posso fazer nada para aliviá-lo. Quase nunca falo com ele, quanto mais adverti-lo, mas deixar que Karen entrasse foi um grande erro.

— Desculpe, ela realmente foi bem convincente.

Eu aceno, entendendo perfeitamente o que ele quer dizer. Sei o quanto Karen pode ser persuasiva quando quer. Mas seu poder de convencimento não funciona mais comigo.

Finalmente a porta do elevador se abre e logo estou em meu andar. Sigo rapidamente até o apartamento. Não tenho dificuldades em abrir a porta, já que a

deixei aberta, na pressa por tirar Karen daqui.

Entro, fecho a porta e coloco Melinda lentamente sobre o sofá. Os barulhos dos trovões estão cada vez mais fortes, e ela apenas abraça o próprio corpo, com um tremor fora do comum.

Corro para pegar toalhas limpas e, ao retornar, envolvo o corpo de Melinda, aquecendo-a. Ela está sentada, o vestido molhado. Lola se aproxima e se senta ao lado dela, mas não a toca, como se entendesse sua situação. Apenas a observa com a orelha levantada.

Eu me abaixo, ajoelhando-me a frente de Melinda, que olha para a janela. Treme ainda, os braços envolvendo o próprio corpo.

— Ei... — sussurro para não a assustar, mas a angústia está estampada em seu olhar. Não sei o que fazer com essa raiva que toma conta de mim, diante da incapacidade de tranquilizá-la.

Seguro seu rosto suavemente, movendo-o de modo que fique rente ao meu. Vejo manchas escuras abaixo dos olhos por causa da maquiagem borrada. Seus cabelos estão grudados em cada lado do rosto. Mesmo estando uma bagunça, Melinda consegue ser a mulher mais linda que já vi.

Nossos olhos se encaram e o profundo silêncio é quebrado repentinamente por um soluço. Melinda soluça incessantemente. Tenta fechar os lábios com a mão, mas eu a impeço, segurando seus pulsos com um sorriso no rosto.

O soluço é adorável e sobrepõe a atenção que ela dava aos relâmpagos e à chuva torrencial que incide, como rajadas de metralhadoras, sobre as janelas. Mel parece finalmente vencer o medo.

Ergo-me, sigo até a cozinha, encho um copo com água e retorno, entregando-lhe. Melinda o segura com as mãos trêmulas, mas eu a ajudo a colocá-lo na boca. Bebe todo o conteúdo e em seguida analisa meu rosto. Quando penso que o soluço cessou, ouço o ruído afogado mais uma vez. Sorrio, respiro fundo e retiro algumas mechas que estão coladas ao rosto dela.

Eu a estudo, perguntando-me se devo ou não falar sobre a cena que ela

presenciou há pouco. Não quero que Melinda pense que sou um sacana e que estive com ela apenas para usá-la e satisfazer meus desejos.

— Aquela mulher que você viu quando entrou, ela é...

— Não precisa... — Soluça. — Você não me deve explicações. Eu... — Outro soluço. — Estou ciente de que não teremos nada só porque transamos. Não se... — mais um soluço — preocupe.

Por mais que o assunto seja sério, não consigo esconder outro sorriso. Melinda nunca esteve tão bagunçada e tão encantadoramente linda como agora.

— Eu quero falar — insisto. — Mas antes vá se trocar no meu quarto e volte com uma de minhas blusas.

— Não há necessidade. Eu moro ao lado...

— Gosto de vê-la usando minhas camisas — confesso e ela se cala, encarando-me com uma expressão surpreendida.

— A prótese, preciso secá-la.

Saio atrás de outra toalha e volto entregando-a para ela. Enquanto Melinda seca e retira a prótese, eu me sento ao lado, apoiando os braços nos joelhos. O soluço parece finalmente ter acabado. Decido que agora é o momento de esclarecer o que ela viu. Por alguma razão, não quero que me veja como imagino que esteja me enxergando agora.

— Ela é minha ex-namorada — confesso.

Melinda para de secar a prótese sobre o joelho e me observa.

Eu continuo:

— Não nos falávamos há alguns anos e, de repente, ela surgiu. Não estamos transando nem desejo ter algo novamente com ela...

— Tudo bem. Eu só achei que...

— Que não consigo manter meu pau dentro da calça por muito tempo? — sugiro em tom de brincadeira, arrancando-lhe um sorriso, mas outro estrondo, do lado de fora, ressoa, e ela volta a ficar séria. Olha para a janela sem piscar. Eu a observo, admirando até mesmo a expressão assustada de seu rosto. Não vou mentir; minha vontade é puxá-la para meus braços e prometer que nada ruim

acontecerá. Mas me contenho. Não posso alimentar falsas expectativas agora, antes de ter certeza de que é isso realmente o que quero. De que não irei ferrar com a vida dela, com tudo, como sempre fiz. Como sempre faço.

Melinda

Deixo a prótese sobre o sofá e, com os olhos fixos na janela, observo a chuva bater com violência contra o vidro. Ela ainda persiste do lado de fora, e me pergunto se algum dia conseguirei lidar com algo tão natural quanto isso. Meu maior problema ainda são os relâmpagos.

— Melinda... — a voz de Chris puxa-me de volta à realidade. Inspiro o ar com força e o encaro. Parece preocupado.

— Por que sente tanto medo da chuva?

Penso antes de responder. Ele estava me contando sobre a ex, e eu simplesmente não consegui me concentrar.

— Desde o acidente — informo.

Chris parece pensativo sobre o que acabei de dizer. — Havia muita chuva no momento do...

— Não precisa dizer nada agora. Eu entendi. — Acho que notou minha expressão aflita. Chris se aproxima de mim e segura delicadamente meu ombro, apertando-o com os dedos. Eu sorrio. — Espero que goste da chuva um dia, assim como eu. Ela acalma, os relâmpagos são apenas consequências. Você está segura agora — sussurra e suas palavras quase me fazem chorar. Está tentando me ajudar, e isso é a coisa mais fofa que já vi, vindo de um homem como ele.

— Acho que você estava falando sobre sua ex — digo, lembrando-o.

Ele sorri, entendendo que as explicações irão me desviar dos problemas internos com as tempestades.

À medida que fala, meu coração, que estava acelerado devido ao medo e,

claro, ao fato de ver meu vizinho ao lado daquela mulher, vai se acalmando. Chris fala sobre o tipo de relação doentia que tinham. Confessa que usaram drogas no passado e que acredita ser o culpado por muitas coisas erradas que a ex foi capaz de fazer; afinal foi quem a inseriu nesse submundo. Conta também que pediu a ela que não o procurasse até que ele estivesse preparado.

Confesso que sinto certo incômodo com o que ele diz. Então Chris pensou em procurar a mulher que, pelo que entendi, só lhe trouxe problemas.

— Ainda a ama? — não consigo evitar a pergunta que praticamente escapa de minha boca.

Ele nega com a cabeça.

— Nunca a amei. Talvez tenha me apaixonado por ela, uma paixão forte o suficiente para me deixar cego. Mas sou uma pessoa diferente hoje.

Analiso o rosto dele, pensativo, pesaroso, como se de repente algo ruim viesse a sua mente.

— Além da morte da sua mãe, das drogas, aconteceram coisas ainda piores?

Ao ouvir minha pergunta, Chris volta-me a atenção. Ele demora alguns segundos para responder.

— Aconteceram coisas que não me deixam orgulhoso de mim. Embora não tenha usado drogas, eu me coloquei em situações de risco ao lado da Karen. Já estava tentando ajudá-la, mas a fiz pior ainda.

Novamente um barulho e um pulo. Minha mente que, até então, tinha esquecido a tempestade, direciona meus olhos novamente para a janela.

De repente o celular toca dentro da bolsa que está na mesinha, e Chris se apressa em pegá-la para mim. Retiro o aparelho, vejo que é meu irmão e atendo rapidamente

— Melinda, você está bem?

— Alan? Onde você está? Está caindo o mundo lá fora. Não dirija, por favor...

— Estou na casa da Alexia. Se você não estiver bem, eu vou agora.

— NÃO — berro e Chris parece confuso com minha reação. — Não quero que dirija. Por favor, prometa! Eu estou bem. Estou na casa do Chris. Não se preocupe comigo — tranquilizo e o ouço respirar profundamente.

— Está certo. Assim que a chuva diminuir, vou para casa.

— Obrigada, Alan.

— Cuide-se.

Desligo o celular, sentindo-me mais calma, sabendo que meu irmão está seguro, longe dessa chuva.

— Por que seu irmão está longe? Vocês não estavam juntos?

— Ele decidiu levar nossa amiga até o Bronx. Estávamos no TriBeCa e ele não a deixou ir embora sozinha a essa hora...

— Como você veio?

— O sócio e melhor amigo do meu irmão me trouxe.

Chris ergue levemente as sobrancelhas, surpreso.

Um silêncio estranho paira entre nós, até que outro barulho surge e meu corpo parece tremer por dentro. Envolver meu corpo com a toalha, mas o tremor não diminui.

— Merda, você está tremendo. — Chris se ergue, aproxima-se de mim e, sem pedir licença, pega-me nos braços.

— O que está fazendo? — questiono-o com uma expressão surpresa.

— Vou secar você. — Entra no quarto e me coloca sobre a cama, seguindo até o armário em sequência. De lá ele retira uma camisa cinza, com a bandeira dos Estados Unidos estampada nela.

— Tire o vestido e vista isso — não é um pedido e eu ergo as sobrancelhas demonstrando surpresa.

— Está me obrigando a vestir sua camisa? — pergunto e ele cruza os braços, encarando-me com um olhar desafiador.

— Sim. Estou. E, se não vestir sozinha, eu coloco em você. — Suas palavras e os pensamentos que se infiltram em mim fazem com que eu engula em seco.

— Acho que não seria boa ideia você tirar minhas roupas. — Dessa vez eu me assusto, dando outro sobressalto por causa de mais um relâmpago, seguido de um estrondo.

— Se isso fizer você esquecer daquela porcaria de chuva lá fora, eu o farei. — Encaramo-nos. Eu sentada sobre a cama; Chris de pé, já com os braços soltos, como se estivesse pronto para o ataque.

— E por que ainda não as tirou?

Chris ergue as sobrancelhas e só então percebo que pensei em voz alta. É isso? Acabei de oferecer meu corpo para ele descaradamente?

— Tudo bem.

Chris aproxima-se de mim e se abaixa, deixando o corpo rente ao meu. Ele analisa a barra do vestido e a toca com uma leveza impressionante. Ergue o tecido até acima de minha cabeça, retirando-o habilmente.

Não sinto mais vergonha dele, apenas desejo de que me toque mais uma vez.

Melinda

Estou apenas de sutiã e calcinha. Chris se abaixa e me estuda o rosto, mas logo seus olhos descem para meu corpo. Vejo seu peito subir e descer em uma respiração mais pesada. Um pouco hesitante, encosta os dedos em minha cintura com delicadeza. Desliza as mãos pela lateral de meu corpo até alcançar meu rosto. Com suavidade, atrai minha cabeça, fecha os olhos e, quando os reabre, as profundezas azuis me encaram, atravessando-me os olhos como se pudessem ver minha alma. Seu nariz encosta no meu e, cada singelo toque deixa-me arrepiada. De repente estou vivenciando algo diferente, inexplicável, mas que posso afirmar, com toda certeza; é a coisa mais verdadeira que senti.

— Seu cheiro... Eu gosto tanto do seu cheiro, Melinda! — diz, enquanto desliza o nariz sobre meu pescoço.

— Chris — inclino a cabeça, dando livre acesso a ele —, o que está fazendo comigo? — sussurro, fazendo-o parar o que estava fazendo para me observar.

— Quer que eu pare? — Sua expressão é confusa. Acho que interpretou minha pergunta de maneira errada. Prendo seu rosto com as duas mãos.

— Seja o que for que esteja fazendo comigo, apenas continue. Nunca gostei tanto de ser tocada por um homem como por você. — Minha confissão provoca-lhe o sorriso mais demorado que foi capaz de dar desde que o conheci.

— Eu também — murmura, retomando a expressão séria. — Só consigo pensar no quanto gosto de ter você aqui, como agora. E sim. Também me pergunto sobre o que você está fazendo comigo.

Não consigo esconder um sorriso ao sentir a sinceridade em sua voz.

— Quantos anos você tem, Chris?

Ele ergue as sobrancelhas, obviamente confuso com minha pergunta fora de contexto. Eu entendo, mas senti necessidade de saber tudo sobre ele.

— Você adora fazer perguntas inesperadas nos momentos mais

improváveis.

— Eu sei. Apenas responda.

— Vinte e sete — informa, um pouco pensativo. Quando o conheci, imaginava que ele fosse mais velho por conta da barba, mas agora vejo que aparenta ser mais jovem. No entanto, seus olhos ainda parecem mais vividos, sempre tristes e profundos, revelando os momentos ruins que passou.

— Eu tenho vinte e três. — Sei que ele não me perguntou, mas não me lembro de ter lhe contado. — Acho importante sabermos nossas idades já que estamos mais... íntimos — justifico. A última palavra sai como um sussurro e Chris sorri mais uma vez.

— Acho que agora estamos mais íntimos. — Ele volta a ficar sério. — Eu quero você, Melinda. Preciso de você. Preciso de você agora. — Ele se ergue, retira a blusa e a bermuda em um verdadeiro espetáculo. Em seguida se deita, atraindo meu corpo. Apoia o cotovelo, ficando de lado, o rosto muito próximo ao meu. Sua respiração faz cócegas em meus lábios, os dedos deslizam sobre minha mandíbula e seios.

— Você é tão perfeita. Eu me pergunto por que é tão difícil me controlar quando estamos juntos.

— E eu me pergunto a mesma coisa, Chris. Gosto de estar aqui. De sentir você e... — Ele não me deixa terminar de falar e logo toma minha boca em um beijo profundo, forte e completamente erótico. Neste momento a tempestade que cai do lado de fora se transforma em nada além de apenas uma chuva. Esqueço de tudo quando sinto o gosto da língua dele em minha boca.

Suas mãos vagueiam por meu corpo, os lábios ainda presos aos meus. Os dedos deslizam por minha barriga até tocarem o tecido da calcinha. Sem restrições, Chris toca a pele sob o tecido, arrancando-me um suspiro profundo.

— Você é tão... macia.

— Chris... — murmuro, segurando sua cabeça, enquanto seus lábios fazem o trajeto do meu pescoço, até os seios. Enquanto me acaricia, ele volta a me beijar, agora com mais intensidade; a boca me devorando com força e desejo,

nossas mãos, ávidas, explorando os corpos famintos um do outro. Quando me dou conta, estamos nus e, em poucos minutos de beijos e *amassos* quentes, ele está colocando o preservativo que pegou em algum lugar. Chris se encaixa entre minhas pernas e afunda em mim lentamente, sem nenhuma pressa de parar.

Sinto-me preenchida por ele, completamente entregue a este momento.

Enquanto ele se movimenta, os olhos azuis não deixam os meus um segundo sequer. Chris ofega com a boca encostada na minha, mas não me beija. Geme a cada estocada enquanto continua...

Mais forte.

Mais rápido.

Seus olhos se fecham e Chris enterra o rosto em meu pescoço. Eu gemo ao sentir que ele se entrega de uma forma tão crua, tão natural. Minhas paredes internas o apertam e eu emito ruídos que nem sabia ser capaz de produzir. Estou em êxtase e desejando que isso nunca acabe, que ele fique dentro de mim para sempre. Estamos alheios a tudo fora daqui, enquanto os movimentos aceleram, e ele não para.

Está tudo tão silencioso... Não sei se devido ao cessar dos gemidos, ou se ao amainar da tempestade há alguns minutos.

Chris não sai de dentro mim e tampouco afasta o rosto aconchegado ao meu pescoço. Não me movimento, temo que ele se distancie. Não quero perder o calor de seu corpo, não quero que isso acabe, seja lá o que for que estou sentindo agora.

Sei que ele também sentiu, pelo modo como me olhava enquanto se movia dentro de mim.

Os únicos sons que podemos ouvir agora são os de nossa respiração, ainda errática. Ele não diz nada, mas seu coração ainda está acelerado, assim como o meu.

Alguns segundos depois, Chris se mexe, saindo de dentro de mim. Tento olhá-lo nos olhos, mas ele não faz contato visual. De repente meu vizinho está

distante, tão distante que o resolvo chamar. Mas ele simplesmente se ergue, procura a bermuda e a veste rapidamente.

— Chris... — chamo mais uma vez, mas, em vez de me responder, ele simplesmente se vira e sai do quarto, fechando a porta com uma batida fraca.

Confusa e completamente aturdida, eu me sento e cubro-me com o cobertor, sentindo-me repentinamente envergonhada. O que eu fiz? Será que interpretei os sentimentos de Chris de maneira errada? Engulo em seco, na tentativa de segurar as lágrimas que querem sair. Eu me recuso a chorar, sequer sei se tenho motivo para isso.

Ele apenas saiu do quarto sem dizer nada. Por mais que eu saiba que estamos apenas fazendo sexo, como havíamos combinado, não posso ignorar o que aconteceu hoje. Não havíamos feito nada depois do que aconteceu no dia em que vimos aos documentários. Evitamos ficar no quarto todas as vezes em que vim aqui, porque sabíamos que, se isso acontecesse, estaríamos exatamente onde estamos hoje.

De repente a porta se abre e ele entra abruptamente com minha prótese nas mãos. Chris a deixa ao meu lado, pega minhas roupas e me entrega.

— Você precisa ir. Seu irmão pode chegar a qualquer momento e bater aqui. — Ele ainda não faz contato visual, mas sei que algo aconteceu. Finalmente me encara, mas não consigo decifrar o que seus olhos dizem. — Sinto muito... — é o que diz antes de se virar e sair do quarto mais uma vez.

Chris

Se fosse esperto, eu a teria levado diretamente para o apartamento dela. Se fosse esperto, não teria feito sexo com Melinda. Se eu realmente fosse esperto, não a teria deixado entrar. E quando eu digo "entrar", não estou me referindo a minha casa, e sim a mim. Ela entrou em mim.

Como e quando isso aconteceu?

Se Melinda não sabe o que estou fazendo a ela, eu, menos ainda, sei interpretar o que ela está fazendo comigo. Uma coisa era tê-la perto, outra bem

diferente é tê-la dentro. Gosto de estar na presença dela. Isso me faz bem. Tire-me do inferno que vivo na alma. No entanto parte da barreira que deixei cair por causa dela entrou em colapso e desabou. Hoje Melinda pôde ver através de mim. Hoje despiu minha alma.

A cada movimento que fiz para dentro dela, caiu um pedaço do muro que eu havia construído com tanto cuidado, e ele terminou de desabar. Uma confusão de sentimentos e desejos conflituosos deixa-me desesperado. Quanto mais ficamos juntos, mais tenho certeza de que esse desejo que sinto está se transformando em algo além daquilo com que consigo lidar. Sinto que algo dentro de mim está fugindo do controle e não sei como mudar isso. É o desespero da constatação de que estou completamente perdido.

Lola dorme na própria cama e estou sentado no sofá. Meus cotovelos estão apoiados sobre os joelhos e minhas mãos cobrem o rosto. Ouço o barulho da porta do quarto se abrindo e demoro alguns segundos para erguer a cabeça. Quando finalmente consigo olhar para ela, desejo não ter feito isso. Seu nariz está vermelho e tenho absoluta certeza de que a chuva não tem nada a ver com isso. Ela não faz contato visual enquanto passa por mim. Por alguma razão, meu coração acelera ao perceber que Melinda realmente irá embora. Eu a mandei ir. Não deveria estar me sentindo tão mal por isso.

Melinda segura a fechadura, mas leva alguns segundos para abrir a porta. Assim que o faz, no entanto, sai rapidamente, batendo a porta atrás de si. O pânico se instala dentro de mim e isso parece como um fim de algo que nem começou.

Trabalho no caixa, passando as mercadorias de uma senhora sorridente. Estou em "modo" automático. Mesmo dormindo boa parte da noite, não pude deixar de me sentir um *merda*. Queria apenas tirar o medo dela e acabei transferindo-o para mim. Temo que isso continue; que isso que estou tentando esconder dentro de mim seja real. Eu deveria estar preocupado, pensando sobre quão afetado me senti com a visita de minha ex-namorada. No entanto sua

presença se transformou em um borrão diante de tudo o que aconteceu entre mim e Melinda na noite passada.

Descompensado pelo total desacerto entre minha racionalidade e meu coração, decido sair do caixa, deixando a cliente aturdida. Não faço contato visual, mas acredito que ela esteja se perguntando qual é o meu problema. Jogo o boné para longe e caminho pelas ruas, apenas tentando entender o que estou fazendo com minha vida.

Depois de andar pela Quinta Avenida sem rumo, sinto o celular vibrar dentro do bolso da calça jeans. Eu o alcanço e vejo o nome de minha irmã Anne brilhar na tela. Respiro fundo e atendo.

— Anne...

— Chris, meu irmão. Como está? — Percebo que a voz dela está um pouco alterada. Ela parece nervosa.

— O que aconteceu? — O silêncio do outro lado da linha faz com que eu pare de andar.

— Sei que não quer falar com o nosso pai, mas...

— Mas... — Eu a encorajo a continuar.

— Mas acho que deve saber que ele está internado — solta, e eu congelo ao ouvi-la. Meu coração acelera com força no peito. — Chris... Há uma semana, papai sofreu um infarto. Ele foi socorrido a tempo e, graças a Deus, está bem. Ainda está internado e, desde o dia em que despertou, chama por você.

— Em que hospital ele está?

— Fica em New Jersey. Vou enviar o endereço por mensagem. Estou na casa dele há três dias. Você precisa vê-lo. — O silêncio permanece por muitos segundos.

— Chris?

— Tudo bem. Eu vou.

Ouçó o que parece ser o som de uma respiração forte do outro lado da linha.

— Obrigada.

Volto o celular para o bolso, dou meia-volta e começo a correr em direção ao meu apartamento. Sei que meu pai está bem, mas ouvir Anne dizer que ele sofreu um infarto e imaginar que ele poderia não estar mais aqui me fez acordar. Agora sinto medo de que não consiga resolver de vez todos os nossos problemas. Talvez seja o momento de enfrentar e resolver as pendências.

Chris

Já faz mais de uma hora que estou aqui, velando o sono de meu pai. Parece ter envelhecido 30 anos quando apenas dois se passaram. É inacreditável o tamanho de suas olheiras, e as marcas de expressão estão ainda mais visíveis em seu rosto.

Anne saiu para levar Lola para a casa dele, mas já deve estar voltando. Não consigo pensar em mais nada enquanto o observo, depois de tanto tempo sem vê-lo.

Não vou negar; pela primeira vez em anos, sinto minhas emoções presas na garganta. Mas não choro. Simplesmente não sei chorar. Não sou desprovido de sentimentos ou algo do tipo, mas costumo controlar minhas lágrimas e, quando isso não acontece, apenas acordo com o rosto molhado algumas manhãs. Isso foi o mais perto de chorar que consegui desde que minha mãe morreu.

— Chris... — minha irmã sussurra atrás de mim. Eu me viro e ela me entrega um copo de isopor contendo água. Pego-o de sua mão e caminhamos em silêncio para fora do quarto. Anne tem os olhos cansados, demonstrando que não dorme há alguns dias. No entanto, sorri.

— Lola está segura agora.

Concordo com um aceno de cabeça.

— Não acredito que você realmente está aqui — diz.

Eu bebo minha água em um gole só e jogo o copo em um lixo próximo daqui.

— Nem eu — confesso e Anne continua a sorrir.

— Espero que se acertem agora.

— Grace está lá?

— Ela precisava descansar. Esteve aqui durante dias. Meu pai avisou somente Grace sobre a internação e a proibiu de nos chamar. A sorte é que,

depois, a consciência dele falou mais alto; ela disse que nosso pai parecia desesperado. Queria que eu viesse e, quando cheguei, implorou para ver você, Chris.

— Ele realmente está bem?

— Ele passou por uma angioplastia. Ontem conversei com o médico e parece que não foi muito grave. É muita sorte que, no momento do ataque, estivesse na casa de um amigo que vive próximo ao hospital. Ele foi atendido muito rápido. Isso fez toda a diferença.

— Ele poderia estar dirigindo — afirmo, consciente de que poderia ter sido ainda pior. Anne assente com a cabeça.

— Sim. Mas agora está bem. Isso é o que realmente importa.

Concordo com a cabeça.

— Depois você me leva para casa? Não tenho carro e tive que pegar um táxi com Lola na gaiola.

— Claro que levo. Você não tem um carro porque não quer.

— Não tenho um carro porque não preciso. Só um maluco para ter um morando em Manhattan.

Ela ri.

— Isso é verdade. — Anne volta a ficar séria. — Como está Melinda, Chris? Não me esconda nada sobre ela.

— Ela está bem.

— Quero saber como estão. Ela é uma boa pessoa e preciso que me conte se ainda estão se vendo.

Esfrego o rosto demoradamente com as mãos.

— Eu estava... Nós estávamos nos vendo, mas acho que ferrei com tudo. — Admito e Anne não diz nada, esperando que eu continue. — Karen apareceu na porta do meu apartamento — conto e Anne amplia os olhos, observando-me com uma expressão incrédula.

— Ela não estava presa? Não me diga que “ficou” com aquela...

— Não — interrompo. — Eu a expulsei.

— Isso é maravilhoso, Chris!

Nego com a cabeça e conto tudo que fiz a Melinda depois de termos estado juntos pela segunda vez.

— Isso foi ridículo e completamente canalha, Chris!

Engulo em seco, totalmente consciente do que fiz.

— Eu... eu estou completamente perdido. Não sei bem o que estou sentindo em relação a isso que estamos fazendo. Sinto-me dependente dela. Emocionalmente dependente. Lola também precisa da presença dela. Sinto-me como se estivesse em casa quando estamos juntos...

— Chris... "isso" que está sentindo é paixão. Você conseguiu expulsar Karen para cuidar de Melinda.

Eu a encaro calado; a palavra que ela usa para definir meus sentimentos deixa-me momentaneamente aturdido. No fundo sei bem o que está acontecendo, mas ouvi-la dizer em voz alta traz certo desespero.

— Gosto dela e percebi que, talvez, estejamos envolvidos demais. Eu ainda não...

— E isso não é bom? — interrompe-me. — Não é bom ter alguém ao lado? Alguém por quem você queira chegar em casa mais rápido depois de um dia cheio, somente por saber que irá encontrá-la? Não é bom ter Melinda por perto?

— Sim. Isso é bom. Vou conversar com ela quando voltar.

— Faça isso. Acho que você se escondeu demais nos últimos dois anos. Enfrente o que o impede de continuar. Melinda é uma pessoa muito querida. Não pense que ficará esperando por você a vida inteira, ela não irá. Pelo pouco que conheci dela, percebi que tem uma maneira muito positiva de enxergar vida. Ela, diferente de você, tem feito de tudo para enfrentar os problemas e seguir em frente. Se sentir que ao seu lado pode sofrer mais que já sofreu na vida, desistirá de você.

As palavras de minha irmã ficaram martelando em minha cabeça durante

o tempo em que estive no refeitório do hospital. Meu pai estava sedado devido a alguns exames que havia realizado, e agora estou voltando para o quarto.

Uma parte de mim deseja desesperadamente que ele não acorde enquanto eu estiver aqui, mas a outra precisa resolver todas as pendências que ficaram para trás. Sei que não é a melhor hora, mas, se ele quer minha presença, certamente não deixará para depois.

Assim que entro no quarto, congelo ao notar que meu pai está de olhos abertos, vidrados, encarando o teto, como se ali tivesse algo interessante para ver. Imagino que esteja entediado, tendo em vista que é um homem muito ativo. Um homem que nunca para.

De repente ele vira o pescoço e seus olhos param em mim. Percebo o aumento da frequência cardíaca no aparelho ao lado da cama.

— Acalme-se. Você não pode se alterar. Se continuar assim, vou chamar o médico e ir embora — aviso e me afasto. Quando estou prestes a me virar para encontrar a porta de saída, ouço sua voz baixa:

— Fique, por favor. Eu vou me acalmar. Prometo.

Eu o observo por alguns segundos e, lentamente, caminho até me aproximar da cama. Vejo que respira fundo na tentativa de se acalmar e percebo que está funcionando.

— Christopher... — começa, seus olhos azuis cheios de lágrimas.

Eu aperto a mandíbula, puxando o ar com força. Sabia que seria difícil, mas estar na frente dele, depois de tanto tempo, e vê-lo tão frágil deixa-me desestabilizado. Ele é um homem que nunca chora, forte, mas agora simplesmente está emocionado.

— Eu preciso... — continua. — Preciso que você me perdoe, filho — e de repente todo o rancor, toda a raiva que um dia pensei sentir por ele, desintegra-se, transformando-se em compaixão. Engulo em seco, um nó formando-se em minha garganta e, instantaneamente, lágrimas inundam meus olhos. Permaneço em silêncio, simplesmente não consigo falar. Imaginava que ele diria que estava pronto para ouvir meu pedido de perdão, no entanto não foi o

que aconteceu. Meu pai não é homem de se humilhar, chorar e pedir desculpas. Ele simplesmente me desarmou.

— Diga alguma coisa, filho. Eu... eu queria poder ir atrás de você, mas não tive coragem — ouço e o encaro com perplexidade. Ele não está com raiva de mim? Não me despreza? Onde está aquele homem rancoroso que me culpou pela morte da esposa? Que me acusou de ser o assassino de minha mãe?

— Eu... — começo, mas logo trago as palavras e respiro fundo. — Você disse... você disse que fui o responsável pela morte da minha...

— Esqueça isso — corta-me, sua voz ainda baixa e fraca, embora firme. — Se soubesse o quanto me arrependo dessas palavras, o quanto isso me faz mal, entenderia meu sofrimento. À medida que o tempo foi passando, você não faz ideia... Isso foi corrosivo. Fui um *verme* e estou ciente disso. — Ele ri nervosamente, mas eu noto sua frequência cardíaca aumentar novamente.

Aproximo-me dele sentindo as lágrimas escorrerem por minhas faces. Não sabia que estava chorando até o momento em que, por um impulso, segurei suas mãos nas minhas. Neste instante percebo que tudo o que pensei em lhe dizer durante todos esses anos não serve para absolutamente nada. Nutri uma raiva que, na verdade, jamais existiu, porque eu sempre soube que ele tinha razão.

— Você precisa se acalmar, pai. Por favor... — Arthur Blank, meu pai, agora sorri largamente. As lágrimas descem enquanto ele aperta minhas mãos na dele.

— Eu ainda sou seu pai? — sua voz embargada, deixa-me sem ação. Pela primeira vez em anos, deixo que as lágrimas rolem sem culpa e choro compulsivamente. Abaixo-me e dou-lhe um abraço desajeitado. As palavras não precisam ser ditas enquanto as emoções dizem por si só o que ambos estamos sentindo.

Melinda

Ergo-me com um grito, sem ar. Meus olhos percorrem o quarto escuro

antes que eu perceba onde estou. Eu os fecho e suspiro lentamente enquanto seco as lágrimas. A porta do quarto se abre e meu irmão adentra abruptamente. Ainda tento respirar, como se o ar tivesse sumido de repente.

— Acalme-se... eu estou aqui, querida. Respire devagar. Apenas respire.

Faço o que ele pede, concentrando-me em minha respiração, que está cada vez mais lenta e profunda. Ele me abraça e, depois que me sinto melhor, as lágrimas começam a escorrer por minhas bochechas.

— Odeio esses pesadelos, Alan. Eu me recuso a aceitar viver no medo de novo.

— Você vai se livrar deles. Prometo.

Eu sorrio.

— Não prometa algo que não depende de você — Ao ouvir minha voz brincalhona ele ri.

— Mesmo assim eu prometo. Você é forte e está aqui. Não deixou de viver, mesmo depois de ter passado por algo tão ruim. Sempre seguiu em frente, lutou para ficar de pé, e não digo isso apenas pela perda de uma das pernas.

Abraço-o de volta e concordo:

— Tem razão. E prometo que não vou cair.

— Assim é que se fala. Parou de tomar os remédios para ansiedade e para dormir?

Aceno com a cabeça.

— Desde que me mudei para cá. Estou vivendo bem sem eles.

— Você não pode cortar um medicamento por conta própria.

— Eu fui ao médico antes de vir e ele autorizou diminuir as dosagens até cortar.

Ele me encara com o cenho franzido.

— E você fez o que ele disse?

— Quase. Eu diminuí, mas decidi cortar antes do tempo.

Alan ergue uma sobrancelha, crispando o semblante.

— Certo. Você é adulta e sabe o que faz. Acha que consegue voltar a

dormir?

— Sim.

Beija o topo de minha cabeça e se ergue.

— Ah, mais uma coisa que preciso perguntar. Percebi que está mais calada há uns três dias. Isso tem a ver com o vizinho?

Meu sorriso desaparece no instante em que Alan fala sobre Chris.

— Sim. Ele... sumiu — forço-me a dizer.

Alan esfrega o rosto exaustivamente com as mãos e começa a andar de um extremo ao outro. Ele para e apoia as mãos na nuca.

— Não vou dizer que a avisei, você sabe que fiz isso, certo?

— Alan, você já está dizendo.

Ele olha para o teto e volta a atenção para mim.

— Acho que esses pesadelos fazem algum sentido para mim agora. Você está com estresse e ansiedade de novo. Esse cara é o responsável.

Não respondo, pois é verdade que estou me sentindo ansiosa desde que não vejo meu vizinho nem Lola, há três dias. Ele desapareceu para não ter que cruzar comigo no corredor, ou aconteceu algo. É a falta de notícias que me deixa completamente confusa. Não deveria estar me sentindo assim, mas não comando meu corpo e minhas reações quando se trata do que sinto por Chris. Não dá para apagar meus sentimentos, do contrário eu o faria.

— Vá dormir, Alan. Já estou bem melhor.

— Está certo. Qualquer coisa, grite.

Ergo as sobrancelhas e ele sorri.

— Brincadeira. Durma. — Alan beija minha testa e sai, fechando a porta em seguida.

Timidamente, o verão dá lugar ao outono. O clima ainda é ameno, mas as rajadas de vento causam certo arrepio em meu corpo. Faço uma nota mental; da próxima vez em que sair, usarei um leve casaco.

Caminho em direção à Rua 3, ciente do que estou prestes a fazer, mas

não me importo. Não tenho intenção de me humilhar, mas apenas de me certificar de que está tudo bem com ele. O sumiço repentino de Chris e Lola não é algo com que eu deveria me preocupar, mas aqui estou eu, caminhando pelas ruas de Nova York há alguns minutos.

No momento em que me aproximo da porta de vidro da loja, respiro profundamente e a puxo para entrar. Um sino toca avisando sobre minha chegada e o colega de Chris aproxima-se de mim. O jovem rapaz, negro, cabelos black power, sorri largamente quando me vê.

— Como vai, vizinha do Chris?

Eu sorrio de volta.

— Oi. Eu sou Melinda.

— Eu sou Nicholas.

— Nicholas... — repito seu nome. — Chris está aí?

Ele ergue as sobrancelhas com uma expressão surpresa.

— Ele não contou a você?

Meu coração acelera. Parece que eu deveria saber de algo.

— Não. O quê? O que ele deveria me contar?

— O pai dele sofreu um ataque cardíaco e está internado em New Jersey; Chris foi para lá.

Meus olhos se ampliam quando ouço essas palavras.

— Meu Deus. Eu não sabia!

— Parece que está tudo bem agora. Chris me ligou e disse que tinha que ajudar a irmã a cuidar do pai. Pelo que me contou, deve retornar hoje.

— O hospital é longe daqui?

— Não. Ele está em New Jersey. É aqui ao lado.

Aceno, concordando com a cabeça.

— Bom saber que o pai dele está bem.

Nicholas sorri largamente.

— O pai está ótimo!

— Obrigada pelas informações, Nicholas. Eu estava preocupada.

— Um minuto. — Ele se afasta, vai até uma das geladeiras com porta de vidro e retorna com um suco de manga nas mãos.

— *Pra* você. Esse é o seu preferido, não é?

Minha boca se abre quando percebo que Nicholas sabe muito mais sobre mim do que eu imaginava.

— Nossa, não sei o que dizer.

— Então não diga nada. É de coração.

Aceno com um sorriso e pego o suco. Nicholas ainda sorri enquanto me afasto. Saio da loja como se uma montanha tivesse saído de minhas costas. Sinto-me mais leve agora. Chris não estava tentando fugir de mim, ele teve que se afastar por causa do pai.

Caminho pelas ruas de volta ao meu apartamento, paro no cruzamento e espero pacientemente que o sinal para pedestres abra. Há muitas pessoas ao meu redor, a luz fica verde, e, ao atravessarmos, somos surpreendidos por um veículo em alta velocidade.

O carro quase atropela algumas pessoas que andavam mais rápido à minha frente e eu congelo, levando alguns segundos para recuar. Minhas pernas estão trêmulas e, com o susto, eu me desequilibro. No segundo seguinte, ouço um estrondo e meu corpo vai em direção ao chão. Bato a testa contra o meio-fio de concreto e ainda tento me erguer, mas sinto as pernas bambas como gelatina.

Ainda no chão, eu olho em direção ao carro e vejo que bateu no muro de concreto, do outro lado da rua.

De repente o dia mais terrível da minha vida se materializa bem diante de meus olhos. A fumaça subindo do veículo enquanto o para-brisa traseiro se movimenta de um lado para o outro.

— Melinda, por favor responda! — Não sei há quanto tempo a voz de Nicholas está me chamando, mas ela parece distante, muito distante. Meus olhos ainda estão fixos naquele carro. O dia repentinamente fica escuro. Tudo vira um borrão. Novamente ouço a voz do amigo de Chris, insistente. Sinto mãos amparando meu corpo e ouço os barulhos das sirenes.

Meus olhos ainda estão vidrados no carro, na ambulância... No para-brisa. Na chuva. No medo.

Chris

Os médicos liberaram meu pai com a condição de que não ficasse sozinho. Eu o levei para a casa dele, em Hoboken, dirigindo seu carro. Anne e Grace já nos aguardavam, partiram antes para deixar tudo organizado.

Ontem, quando chegamos aqui, meu pai insistiu para que eu ficasse mais um dia, queria conversar. Aceitei, embora ainda sentisse certo incômodo, uma ansiedade estranha me empurrava a procurar Melinda. Sabia, porém, da importância desse momento ao lado de meu pai; o que estava acontecendo entre nós não poderia ser ignorado, já não podíamos adiar esse confronto.

Não quero ligar para Melinda, sei que ela não quer falar comigo depois do que fiz. Posso imaginar a raiva que está sentindo. Mais uma vez fui um covarde, como havia sido em Port. Jefferson. Preciso olhar diretamente nos olhos dela. Preciso pedir perdão pelo que fiz. Ela não merece, nunca foi como as outras mulheres com que estive, embora eu a tenha tratado exatamente como se fosse uma qualquer.

Desde que cheguei aqui, tentei imaginar por que ele decidiu morar em um apartamento. Um lugar que eu não conhecia, mas que pertence ao meu pai. Imaginava que ele ainda vivia em uma casa e agora me surpreendo ao perceber que estava enganado.

Em alguns lugares da casa há fotografias de minha mãe. Isso trouxe-me certo conforto, já que guardo apenas uma foto dela. Meu pai ainda a tem como sua mulher. Respeita sua memória, enchendo a casa de recordações felizes. Pensei que fosse fugir delas, mas acho que justamente isso o manteve vivo. As lembranças de minha mãe o mantêm vivo.

Grace esteve cuidando de nossa alimentação e Lola parece à vontade no enorme apartamento. Embora o prédio seja antigo, a arquitetura do lugar é

moderna e a vista da ilha de Manhattan, de tirar o fôlego. O lugar é incrível, mas ainda enorme para um homem solitário. Imediatamente tudo isso me fez enxergar a mim mesmo daqui a alguns anos. Sozinho, covarde e me sentindo um *merda* por ter reduzido minha vida a nada.

Depois de ajudar a colocar meu pai na enorme cama, o enfermeiro sai do quarto deixando-nos sozinhos.

Meu pai não queria que o contratássemos, mas mudou de ideia depois de perceber quão estranha parecia a ideia de algum de nós, familiares, limpando sua bunda.

Ajeito o cobertor sobre ele, que me observa como se não acreditasse que estou aqui. Sigo em direção à grande janela de vidro; observo a vista do Rio Hudson, os arranha-céus ao fundo compondo uma vista espetacular.

— Você sempre gostou de Manhattan, filho — interrompe meus pensamentos. — Quando comprei este apartamento só conseguia pensar em você. Não é à toa que a escolheu para se esconder de mim.

Eu me viro, cruzo os braços e o encaro; parece mais calmo e aparentemente melhor.

— Sabe onde moro?

— Sempre soube, filho. — Ele puxa uma respiração profunda. — E também sei que frequentou sua casa em Port. Jefferson durante esse tempo.

— Grace...

— Grace não tem nada a ver com isso. Não foi difícil presumir, conhecendo-o como conheço. Sou seu pai e sei tudo sobre você. Todos os dias, desde que me mudei para cá, observo Manhattan tentando adivinhar o que você estaria fazendo.

— Por que não me procurou?

— Porque você precisava de um tempo e eu não suportaria ser rejeitado por meu próprio filho devido às coisas terríveis que falei. Eu mereci isso.

— Sabe sobre mim? Sobre tudo que faço?

— Não sei tudo. Sei que vive em um bom apartamento em Manhattan e

que trabalha em uma modesta loja de conveniência. Não o procurei. Não o vigiei. Apenas quis saber se estava bem. Se não precisava de ajuda.

— Eu estava.

— Você gosta de trabalhar ali? Não sente falta da construção?

Olho para o chão e me viro de novo, ficando de costas para ele. Observo a miniatura das Torres Gêmeas no parapeito da janela.

— Eu me acostumei com o trabalho.

— Sei que vive sozinho porque acha que deve se punir, mas...

— Vamos esquecer isso, pai. — Eu me viro novamente. — Eu o perdoo e quero que me perdoe também por ter causado...

— Você não causou nada — interrompe-me. — Estava doente e eu deveria ter cuidado de você. Deveria entender o que estava passando em sua cabeça. Você era usuário de drogas e deveria ter sido tratado como tal.

— Eu não uso mais.

— Eu sei. Só em olhar para você percebo que, em vez de se tornar pior com a vida solitária que escolheu, passou a refletir sobre o passado e repensar as próprias atitudes. Você sempre foi uma pessoa boa e não será uma fase ruim que determinará seu caráter.

— Eu fui um covarde, pai. Minha mãe sofreu e morreu por minha causa.

— Não. Sua mãe sempre fumou, desde que você era criança, e nunca largou o vício. Era hipertensa e nunca se cuidou como deveria. A verdade é que mais cedo ou mais tarde isso aconteceria. Os médicos disseram que era inevitável. Você nunca foi culpado. Ela sempre o amou, filho. Não duvide disso — suas palavras me fazem soltar os ombros e relaxar. Sinto-me vulnerável agora, enquanto as lágrimas ameaçam a cair. Cubro o rosto com as mãos, sentindo meu corpo tremer, percebendo que reaprendi a chorar. Então, a única coisa que sou capaz de fazer é deixar as lágrimas rolares mais uma vez.

Não sei o que aconteceu com minhas lágrimas, que não conseguem se manter dentro dos olhos. Bom, na verdade, dadas as circunstâncias, à carga

emocional carreguei nos últimos três dias, é totalmente compreensível. Foram muitas coisas em muito pouco tempo.

Eu e meu pai fizemos as pazes e ele me disse que não sou o culpado pela morte de minha mãe. Acho que não faz a mínima ideia do que suas palavras provocaram em mim. Eu precisava ouvir de sua boca e ele me deu isso. Disse o que eu precisava ouvir simplesmente porque acredita naquilo que disse. Falou com o coração. O cara que me acusou de matar minha mãe retirou a acusação e, agora, a emoção é muito grande para que eu consiga administrar.

Ele finalmente dormiu depois de nossa conversa. Anne e Grace passaram o dia tão felizes devido ao meu entendimento com Arthur que não pude estragar isso indo embora. Elas não param de sorrir enquanto preparam algo para comermos.

Sentado sobre o sofá bebo, observo a tarde do lado de fora; admiro Manhattan e imagino o que Melinda pode estar fazendo agora. Pergunto-me se ela ainda sente raiva de mim. Se ainda pensa em mim. Duvido. Se estivesse em seu lugar, eu seguiria minha vida, afinal, como disse Anne, fui um canalha a deixando daquela forma depois de ficarmos juntos.

Grace chama minha atenção, entregando-me o aparelho celular que eu havia deixado sobre a mesa. Ele está vibrando e eu estranho ao ver o nome de Nicholas no visor. Atendo imediatamente.

— Nicholas?

— Acho que você deveria saber que, nas últimas duas horas, estive com Melinda em um hospital.

Endireito o corpo, ficando ereto ao ouvir o nome de Melinda.

— Não entendi. Hospital? — Ergo-me, tentando entender o que ele disse.

— Ela foi até a loja, procurou por você, mas quase foi atropelada quando voltava para casa. Na verdade, um carro em alta velocidade quase atropelou as pessoas que atravessavam na faixa de pedestre. Ela estava...

— Não. Não me diga que ela está...

— Ela está bem. Melinda só estava no lugar errado, na hora errada. O

homem, por sorte, não atropelou ninguém. Eu vi quando ela se desequilibrou com o susto e caiu. Fizeram um curativo na testa dela e agora estamos esperando o irmão dela chegar.

— Como ela está?

Nicholas demora alguns segundos para responder, mas logo sussurra:

— Acho que em estado de choque. Não disse uma palavra desde que viemos para o hospital.

Fecho os olhos imaginando o sofrimento dela neste momento. Provavelmente deve ter sofrido um transtorno ao se deparar com um acidente. Melinda deve ter se lembrado do pior dia de sua vida.

— Cuide dela. Não a deixe sozinha. Eu vou até aí.

— Acalme-se! O irmão dela já está chegando para buscá-la. Ela vai para casa. Melinda está bem, já disse.

— Eu vou.

— Então suponho que votará a trabalhar?

— Não. Conversarei com nosso gerente.

— Chris, eu não sabia que você tinha pai ou uma família. Você nunca falou sobre eles... Okay, nunca fala sobre nada. Mas saber que você não é um perdido na vida me surpreendeu positivamente.

— Eu não tinha pai até três dias atrás.

— Então era da sua família que estava se escondendo, acertei?

— Talvez, Nicholas. Talvez eu estivesse me escondendo de mim mesmo. De quem eu sou verdadeiramente.

— É impressão minha ou você não voltará mais a trabalhar na loja? Porque, se for o que estou pensando, desejo que siga o caminho certo, irmão.

— Amanhã estarei na loja para conversar, Nicholas.

— Certo.

Despedimo-nos, eu desligo e encerro a ligação. Demoro alguns segundos para tentar assimilar o que houve e conto para Anne e Grace o que aconteceu com Melinda.

— Deus, Chris... Ela está bem? — Anne pergunta com uma expressão triste.

— Deve ser traumático reviver, de certa forma, o que passou! — Grace diz, com as mãos em ambos os lados do rosto.

— Fisicamente, acredito que esteja bem, mas parece estar em choque ou algo do tipo. Preciso ir até lá.

— Claro, vá... Ela precisa de você, Chris. Pegue um dos carros do papai, que depois explicarei a ele o que houve.

— Eu...

— As chaves estão ali. — Ela aponta para uma das gavetas da cozinha. — Se puder, traga Melinda para cá. Passe um tempo com ela aqui. Tenho certeza de que nosso pai vai adorar conhecê-la. Além do mais, estou indo para casa hoje e voltarei daqui a alguns dias, com Jake.

— Trará seu Marido? — pergunto surpreso.

Ela sorri.

— Sim. Estamos pensando em nos mudar para cá, mas, quando voltar, na semana que vem, conto nossos planos com a empresa.

— Certo. Preciso ir. — Beijo a testa de minha irmã e a de Grace, pego a chave do mesmo carro em que trouxe meu pai e saio pela porta. Sinto-me mais confiante depois que me acertei com ele. Externar minha dor diante do homem que me trouxe ao mundo deixou-me mais forte para enfrentar qualquer problema.

Melinda

Aos poucos, minha mente voltava ao normal, enquanto meu irmão me trazia para casa. Ele tentou falar comigo, mas só agora pude de fato responder às suas perguntas. Graças a Deus, Nicholas explicou tudo o que havia ocorrido e que eu não tinha machucado realmente.

Fui capaz de tomar banho sem ajuda, mas meu irmão ficou perto da porta, conversando comigo o tempo todo. Vesti um pijama que ele escolheu e

finalmente pude ser levada para a cama. Alan está sentado ao meu lado, observando-me enquanto meus olhos não deixam o teto.

— Você nunca havia passado por uma situação como essa antes, não é?

— Alan pergunta com uma expressão triste.

— Ainda tenho pesadelos e pavor das tempestades, mas nada como hoje. Nunca havia presenciado um acidente depois do que aconteceu comigo. Isso me assustou. O carro bateu e...

— Tudo bem. Não diga mais nada, querida — ele me interrompe. — Quando estiver melhor, vamos encontrar um médico. — Eu não respondo e ele continua. — Pedi pizza. Pense em pizza e não em coisas ruins. Já passou e você está bem agora. — Sorrio, mas ainda não digo nada em resposta. — Se estiver difícil, volte para Londres, mas não sofra, por favor! — Vejo que Alan está tentando segurar as lágrimas. Não deve ser fácil lidar com uma irmã problemática como eu.

— Eu amo esta cidade, Alan. As coisas vão melhorar. Prometo. Não quero voltar para Londres e nem que conte aos nossos pais o que aconteceu.

— Se não quer, não voltará. Mas preciso falar o que está acontecendo, Melinda. — Alan beija minha testa, sobre o adesivo que cobre um corte profundo e pequeno. Ele passa os dedos em meus cabelos e sorri.

— Conversei com o tal Nicholas. Ele me disse que você estava atrás do Christopher.

— Sim. Estava. O pai dele...

— Nicholas me contou tudo.

Ergo as sobrancelhas, surpresa com o que ele diz.

— Então você sabe o motivo que o fez sumir.

Alan concorda com a cabeça.

— Foi um motivo sério e justificável. Mas já pensou sobre John? Ele não é complicado e está louco para sair com você novamente.

— Ele é metódico e só fala sobre si mesmo, seu trabalho e suas realizações. Eu o acho meio narcisista.

— Deixando as obviedades de lado, ele é um cara legal. Descanse um pouco. Quando chegar a pizza, trago para você.

Sorrio já com as pálpebras se fechando.

— Se não acordar, guarde uma fatia para mim.

Alan beija o topo de minha cabeça, ergue-se e sai do quarto. Não demora muito para que meus olhos pesem ainda mais.

Sinto um calor bem-vindo se aconchegando perto de mim, na cama. Um cheiro familiar invade meus sentidos. Meus olhos não conseguem se abrir para tentar assimilar o que está acontecendo. Meu corpo relaxa, embalado pelo cheiro inconfundível de Chris. Eu me viro para abraçá-lo, ainda duvidando que isso seja real. Seria fruto de minha imaginação? Ele puxa meu corpo, atraindo-me para perto dele.

— Estou aqui, Melinda — sussurra. Eu sorrio brevemente. Sua respiração toca meu rosto tão delicadamente que sinto arrepios por todo o corpo.

— Preciso que me perdoe. Eu sou um idiota.

Não consigo responder ao que ele diz. Apenas sinto o hálito quente sobre o rosto. Dedos percorrem minha cabeça, mandíbula e boca, tudo tão lentamente que sou incapaz de falar enquanto o ouço sussurrar. Meus olhos não se abrem, tento sentir mais deste homem. Agora me sinto tão bem. Tão em paz...

Abro os olhos e tudo que vejo é o vazio ao meu lado. Inclino a cabeça examinando cada parte do quarto.

— Parecia tão real... — murmuro voltando a cabeça ao travesseiro. Foi tão real que ainda posso sentir o cheiro dele em toda parte, impregnado em mim. Espreguiço-me esticando os braços e bocejo com os olhos fechados. Quando os abro, dou de cara com Chris saindo do banheiro. Ele está de calça e camisa, completamente vestido, mas com os cabelos molhados. Congelo ao perceber que nada daquilo foi um sonho. Ele realmente esteve comigo a noite toda?

— Chris...

Ele para quando percebe que estou acordada. Devo parecer espantada

com os olhos grudados nele.

— Usei seu banheiro, não queria sair sem falar com você.

— Tudo bem — sussurro enquanto percebo, completamente perplexa, que dormimos juntos de verdade. Não foi um sonho.

Chris caminha até mim cautelosamente. Ele se senta ao meu lado, no lugar onde estava dormindo há poucos minutos. Fecha os olhos e, quando volta a abri-los, estão presos aos meus.

— Melinda, eu... eu quero que você me perdoe. Eu... fui um canalha quando a mandei ir. Quando a tratei daquela maneira. Sei que deve sentir raiva de mim, mas...

— Como entrou aqui? — interrompo-o, mesmo que seja óbvia a resposta.

— Seu irmão. Depois de algumas ameaças de morte e uma promessa de arrancar meus braços caso eu fizesse mal a você, ele me deixou entrar.

Um riso breve escapa de meus lábios.

— Não ria. Ele estava falando muito sério — Chris brinca, na tentativa de melhorar o clima entre nós. Mas sei que sabe que meu irmão pode cumprir a promessa. — Foi uma atitude canalha... — Ouço-o, mas decido não dizer nada em resposta. Ele sabe que concordo com ele. Então... você me perdoa?

Observo-o, tentando não me encantar com seus olhos intensos sobre os meus.

— Antes preciso saber de uma coisa, Chris.

Ele espera minha pergunta com uma expressão curiosa.

— Como está seu pai?

Chris pisca algumas vezes, parecendo perdido, obviamente surpreso.

— Bem. Ele... ele está bem agora. Vai se recuperar.

Sorrio e exprimo meu alívio:

— Graças a Deus. Fico feliz que estejam se acertando. Você tinha contado sobre ele e... eu estou feliz.

— Sim. Eu e meu pai nos acertamos. — Chris não consegue esconder um

pequeno sorriso. — Certo. Já que estamos em dias de perdão, preciso saber, Melinda. Você me perdoa?

Antes de responder, inspiro longamente:

— Claro que sim — sussurro e Chris segura meu rosto delicadamente, com as duas mãos.

— Acho que estou preparado. — Ele, suavemente, encosta a testa na minha. — Preparado para algo além disso que estamos vivendo. Eu quero saber, Melinda... preciso saber se você aceita levar isso que estamos fazendo adiante.

Engulo em seco diante da inesperada proposta. A expressão de meu rosto deve ser de completa confusão e surpresa porque Chris parece assustado.

— O que foi... disse algo errado?

Eu nego com a cabeça.

— Não. Mas também quero saber se "isso que estamos fazendo" é somente sexo ou algo mais sério. Quero saber se você só está querendo me manter por perto ou se quer algo mais sério como um...

— Um momento para nos conhecermos mais a fundo — completa com a voz firme. — Quero que continue a fazer o que estava fazendo desde que nos conhecemos. Quero ter você por perto, ao meu lado e dentro de mim.

Fico sem palavras, observando-o, enquanto sinto meu coração bater erraticamente. O espaço entre as sobrancelhas dele diminui formando um pequeno “v”. Acho que nunca o vi tão ansioso por uma resposta como agora.

Chris

Melinda se senta na cama e ajeita os longos fios de cabelos que caem sobre o rosto, jogando-os para trás. Ela me encara e nossos olhos se prendem por alguns segundos. O silêncio torturante faz com que meu coração acelere ainda mais. Não estou sabendo lidar com esse sentimento; um sentimento que, talvez, eu jamais tenha experimentado. O nervosismo, o medo de que ela tenha desistido de mim, deixa-me vulnerável. Não sabia, até o momento em que a vi dormindo, frágil, indefesa sobre esta cama, o quanto preciso dela. Não me lembro quando exatamente isso aconteceu, mas o fato é que em algum momento eu me vi completamente dependente dessa mulher, de sua presença. Da mesma forma aconteceu em relação ao meu pai. Não sabia o quanto precisava me resolver com ele até o momento em que o vi naquela cama. Percebi que tudo que fiz, todo o sofrimento que passamos durante esse tempo afastados, poderia ter sido evitado. O problema é que pensamos que não precisamos do outro para viver. Foi o que pensei até me ver cada vez mais afundado nesse abismo de solidão.

— Chris... — Melinda interrompe meus pensamentos e inspira longamente. — Você precisa ser mais claro. Sabe que estamos nos conhecendo há um tempo. Isso que está tentando dizer... Seria um pedido de namoro? — e novamente estou usando de subterfúgios a fim de escapar, temendo prometer o que não posso cumprir; é isso: mais uma vez estou tentando me sabotar. Foi o que fiz nos últimos anos e é exatamente o que estou tentando fazer agora. É o que faço diante de qualquer ameaça de felicidade.

— Não vou mentir, isso me assusta. Esse sentimento me deixa vulnerável e não gosto da ideia de perder o controle sobre mim — digo, e Melinda está atenta, observando-me sem desviar os olhos dos meus. — Não sei dizer o que houve, mas é como se eu dependesse de sua presença.

— Por quê? — sussurra, seus olhos brilhantes enquanto ainda examinam

meu rosto.

— Porque você controla cada maldita batida... — Seguro sua mão direita, pressionando-a contra meu peito.

Melinda parece surpresa, abre a boca parcialmente, mas fecha sem dizer uma palavra.

— É isso — continuo. — É exatamente isso que você faz comigo. Consegue sentir a força com que pulsa meu coração? Você controla cada batida dele. — Meus olhos começam a arder sob as pálpebras e tento esconder a emoção que sinto ao dizer essas palavras. Acho que ela sabe quão difícil é para mim exprimir o que sinto; percebe e parece se esforçar para conter as lágrimas também.

— Chris... Eu, eu não sei o que dizer...

— Diga sim — interrompo-a. — É um pedido de namoro, chame-o do que quiser. Só não me peça para me afastar porque não vou. Não consigo.

Melinda sorri largamente e joga o corpo contra mim. Eu a aperto e meu rosto instintivamente segue o caminho até seu pescoço. Inspiro seu cheiro, como se isso fosse me acalmar. Acho que é a primeira vez que gosto do vício que adquiri desde o dia em que a conheci, do vício de senti-la, de cheirá-la. É só disso que preciso.

Melinda

E então algumas palavras substituíram o sentimento de rejeição que eu havia experimentado mais uma vez. Ficou claro em minha mente que ele não está sabendo lidar com o turbilhão de emoções que o tem assaltado. O encontro com o pai deve ter trazido muitas memórias tristes. Mas Chris finalmente conseguiu dizer o que sente e, embora eu ainda tenha medo, acredito nele, na sinceridade de suas palavras. Não creio que o tempo cure tudo, como dizem, mas sei que suas feridas ainda estão abertas, que cicatrizarão um dia, mesmo que algumas marcas permaneçam.

Sei que ele precisa de mim e desejo poder tirá-lo desse "buraco negro",

mesmo tendo a consciência de que não sou a pessoa mais indicada para ajudá-lo. Creio na ajuda mútua. Chris me faz bem, assim como eu a ele. Acredito que esteja na metade do caminho, já que se entendeu com uma das pessoas mais importantes de sua vida, o pai.

Depois de conversarmos, de ouvir de sua boca que estamos realmente em um relacionamento, decidi dar uma chance para esse sentimento. Chris até me convidou para conhecer seu pai, já que ficaria na casa dele por alguns dias, mas preferi adiar esse momento. Acredito que ambos precisamos de um tempo sozinhos. Embora tenha aceitado nosso relacionamento, achei necessário um pequeno período de reflexão.

Já passou uma semana desde a última vez que o vi. Nós nos falamos quase todos os dias por telefone. Chris tem me contado tudo a respeito do pai, sobre como o tem ajudado na recuperação apenas estando por perto.

Conversei com Anne por telefone. Parece bem animada em saber que estamos em um relacionamento de verdade, além de feliz com o reencontro entre o pai e o irmão. Ela queria que eu estivesse lá, mas entendeu meus motivos. Não vou mentir, sinto saudades dele e até me arrependi um pouco de não ter ido. Sinto muito a falta de Lola e fiquei feliz em saber que Grace ficará morando por algum tempo na casa do pai de Chris.

— Acho que deveria ter trazido um casaco mais pesado. Está frio aqui — Alexia se queixa enquanto caminhamos pelas ruas do Central Park. Fomos ao cinema e depois decidimos caminhar apreciando os primeiros dias de outono.

— Foi sua ideia vir até aqui. Por mim estaria em casa agora — digo abraçando o corpo.

— Você esteve presa em casa por uma semana inteira. Fico feliz que esteja aqui. Acho que, mesmo dando esse tempo em casa, você tem se esforçado para não entrar em “parafuso”, Melinda. Só acho que uma semana é tempo demais.

— Eu sei. Confesso que tive medo de sair e me deparar com algum louco por aí jogando o carro sobre os pedestres. Sei que o homem não atingiu

ninguém, mas, e se tivesse feito?

— Não pense mais sobre isso, Melinda. Não podemos controlar as pessoas. O mundo está cheio de doentes e precisamos rezar para não nos encontrarmos com um deles.

Concordo com a cabeça, mas observo que Alexia tem estado pensativa desde que saímos do cinema.

— Vai me contar o que está acontecendo? — inquiri. Ela para, analisa as próprias botas e sopra o ar com força.

— Tá legal. Eu... eu *meio que* estou gostando do seu irmão.

Ergo as sobrancelhas, mas confesso que não estou tão surpresa com essa revelação. Desde o dia em que meu irmão a levou para casa, senti um “clima” entre eles. Algo diferente.

— Sou tão óbvia assim? — pergunta ao notar minha expressão calma.

— Eu imaginava. Acho que Alan também está gostando de você.

— Ele me beijou... — confessa e eu espero que ela prossiga. — No dia em que me levou para casa. Chovia, estávamos sozinhos e ele me beijou. Foi constrangedor e, ao mesmo tempo, bom. Desde então, não sei lidar com isso porque foi estranho. Alan é meu chefe e nunca demonstrou nada em relação a mim. Há dias não paro de pensar sobre isso. Você é a irmã dele e...

— E...

— E não quero que diga nada disso a ele. Acho que, se tiver que acontecer algo, que seja naturalmente, sem interferências.

— Não, claro. Acredite em mim, eu não puxarei o assunto. A não ser que ele queira falar.

— Eu sei. — Alexia olha para o visor do celular, analisando-o.

— Bom, acho que devemos ir...

— Devemos? Você vem comigo para minha casa? — questiono e ela sorri.

— Pensei em pedir uma pizza, o que acha? Depois vou deixá-la em paz. Estreito os olhos, desconfiada; Alexia parece estranhamente nervosa.

— Certo. Alan não está lá — aviso, mas ela abre a boca, como se estivesse perplexa com o que eu disse.

— Eu não estou indo por causa do seu irmão. Vou por você, Melinda.

Analiso seu rosto, mas sorrio, demonstrando que não estou chateada por ela tentar arranjar um pretexto para ver meu irmão.

— Okay. Vamos pegar um táxi.

Entramos na portaria do prédio e Chang, que está afixando alguns papéis no quadro de recados, sorri quando nos vê. Passamos por ele e percebo que nos observa, atento, até entrarmos no elevador.

Quando as portas se abrem em meu andar, Alexia parece ainda mais tensa, olhando para o chão, como se estivesse me escondendo algo.

— Eu já disse que ele não está aqui, Alexia. Você sabe que meu irmão é o último a sair de uma reunião. Relaxa.

Ela sorri nervosamente enquanto acena com a cabeça.

Giro a chave na fechadura e, quando abro a porta, congelo ao observar o interior. Dentro da sala de meu irmão, estão as pessoas mais importantes da minha vida. Minha mãe, meu pai e Alan. Ele está sorrindo muito, mas minha mãe obviamente chora quando me vê.

— Filha. — Ela corre até mim, aperta meu corpo contra o dela, e eu faço o mesmo, retribuindo o abraço.

— Mãe... — Completamente surpresa com a súbita aparição, não consigo dizer mais nada. Apenas nos abraçamos por alguns segundos. Ela parece bem, os cabelos loiros bem curtos e alinhados. Os olhos castanhos brilham por causa das lágrimas.

— Ah, querida! — Segura meu rosto com as duas mãos. — Senti tanto a sua falta!

Sorrio, tentando não chorar, mas sei que as lágrimas já rolam livremente por meu rosto.

— Eu também, mãe.

Meu pai aproxima-se ao lado. Seus olhos também brilham e acredito que,

assim como nós, esteja se esforçando para segurar as lágrimas.

— Pai. — Tomo a iniciativa de abraçá-lo e sinto que ele me aperta ainda mais forte.

— Filha. Você parece ótima — diz com a voz embargada.

— Vocês também parecem ótimos.

— Não conseguimos segurar a ansiedade até o próximo ano. Espero que tenha gostado da surpresa — diz minha mãe, enquanto Alan se aproxima e deposita um beijo em minha testa.

— Se não fosse Alexia, talvez eu não conseguisse tirar você de casa para fazer a surpresa — confessa meu irmão.

Eu imediatamente olho para minha amiga, que sorri envergonhada. Agora tudo faz sentido. Por isso ela parecia estranha o tempo todo.

— Desculpe. Foi por uma boa causa — Alexia brinca, as mãos para cima em rendição. Eu sorrio, aproximo-me dela e a abraço.

— Desculpe ter pensado...

— Tudo bem. Agora preciso ir... Esta é uma reunião familiar.

— Fique — Alan nos interrompe. — Levo você para casa em breve.

— Não quero incomodar.

— Você mora longe daqui e não seria incômodo algum levá-la. Que tal me deixar retribuir o favor?

Alexia sorri parecendo constrangida, mas aceita o oferecimento.

Passamos alguns momentos descontraídos depois que nos juntamos para um almoço em família. Alan tinha preparado tudo às minhas costas, eu não havia percebido.

Ocupei a mente com assuntos relacionados a minha infância, à fisioterapia e, depois de relaxados no sofá da sala, notei o olhar tenso que minha mãe lançava sobre mim.

— Alan nos contou sobre o que aconteceu com você na semana passada, filha.

— E por isso vocês vieram correndo?

Diana e Gregory trocam olhares.

Alan se ergue e convida Alexia para conhecer o escritório. Eles saem rapidamente. Sei que não querem presenciar a conversa embaraçosa que terei com meus pais.

— Sim. Viemos correndo para talvez convencer você a voltar com a gente para Londres. Lá pode ser mais seguro, filha.

— Diana, você prometeu que a convidaria, e não importaria nossa vontade — meu pai a repreende. Minha mãe fecha os olhos por um par de segundos e inspira.

— Não vou, mãe. Gosto daqui e não tenho intenção de voltar agora.

Eles se olham novamente.

— É o vizinho? Vocês... vocês estão namorando?

Engulo em seco e tento imaginar o que dizer sobre o "meu vizinho".

— Sim. Eu e Chris estamos começando algo...

Uma ruga se aprofunda entre as sobrancelhas um pouco grisalhas de meu pai.

— Alan disse que ele é estranho — comenta minha mãe, e eu rolo os olhos ironicamente.

— Alan não o conhece para dizer isso — contraponho.

Meu pai se ergue do sofá e anda de um extremo ao outro da sala.

— Filha, ficaremos aqui apenas uma semana. Ele não deveria estar ao seu lado agora? — questiona minha mãe.

— Ele tem um compromisso esta semana. Não se esqueça de que apareceram de surpresa; além disso tudo é meio novo entre a gente. Mas acredito que ele... — Somos interrompidos pelo som da campainha.

Alan surge na sala e corre para atender. A voz que ouço a seguir faz com que meu coração acelere no mesmo instante.

— Oi... Melinda está?

Meus pais erguem as sobrancelhas ao notar meu súbito nervosismo.

— Sim. Entre — Alan pede com hesitação na voz.

Ergo-me e, quando Chris entra na sala, seus olhos caem sobre mim. Logo em seguida ele repara no casal ao meu lado, analisando-os. Não deve ser difícil saber que está diante de meus pais, já que minha mãe e eu somos muito parecidas.

Chris

Uma súbita vontade de ver Melinda, um impulso adolescente, fez com que eu chegasse em um momento íntimo. Estou diante dos pais dela, que me analisam dos pés ao último fio de cabelo. Eu deveria ter esperado que ela respondesse à mensagem que enviei minutos antes de chegar aqui, mas nunca imaginei que Mel estivesse justamente com os pais.

Tento manter a calma, mas esta é uma situação incomum em minha vida. Algo que, provavelmente, nunca aconteceu. Melinda se parece muito com a mãe, mas também tem leves traços do pai. Agora sei de onde vem a cara fechada e o porte imponente de Alan. Ambos têm olhos verdes, altura e expressão parecidas.

— Chris... — Melinda vem até mim. Ela me abraça desajeitadamente, segura minha mão e me puxa para perto dos outros.

— Esses são os meus pais, Diana e Gregory Clark.

Eu seguro a mão da mulher que ainda me observa com as sobrancelhas erguidas. Forço uma tranquilidade inexistente, na tentativa de esconder o súbito desespero.

— Sou Christopher. Muito prazer.

— Olá, Christopher.

Ofereço a mão para o pai de Melinda, que demora alguns segundos até segurá-la. Melinda parece ansiosa ao perceber o clima tenso que se instalou entre nós.

— Desculpem. Cheguei em um momento errado. Eu posso voltar depois. Não quero atrapalhar.

— Chris, eles me fizeram uma surpresa. Eu também não sabia que viriam — Melinda diz e eu me surpreendo. Não é à toa que ela parece aturdida, um pouco aérea. Isso deve parecer surreal para ela também.

— Você chegou no momento certo, Christopher. Sente-se — Diana pede

e eu olho para Melinda antes de me acomodar no sofá. O irmão dela não está mais na sala e eu me pergunto se ele se sente feliz ao me ver nesta situação.

Sento-me ao lado de Melinda e um silêncio desconfortável se instala. Tento pensar em algo inteligente para dizer, mas desisto, simplesmente não sou bom em puxar qualquer assunto, principalmente quando sei que o único tema que interessa às duas pessoas a minha frente diz respeito ao relacionamento entre mim e a filha deles.

— Melinda estava falando de você, Christopher. Parece que ainda estão começando um namoro, não é? — Diana questiona com uma expressão séria e um olhar inquisidor.

— Sim. Estamos começando.

Melinda sorri e acena, na tentativa de me acalmar.

— Então você é o vizinho? Como se conheceram?

Respiro lenta e profundamente, troco olhares com Melinda mais uma vez e começo a contar, sucintamente, como nos conhecemos. Falo de Lola e da ligação que Melinda tem com ela.

Não sou capaz de contar o tempo em que estive respondendo às perguntas sobre meu relacionamento com Melinda. Eles não foram muito invasivos, mas obviamente pareciam preocupados sobre minhas intenções em relação à filha deles. Mantive-me firme, dizendo apenas a verdade sobre o quanto estamos envolvidos. Em outro momento, eu jamais estaria passando por algo assim. Na verdade, achei que isso não aconteceria mais. Entretanto aqui estou eu, sentindo-me feliz por ter conhecido os pais da mulher que se transformou, em tão pouco tempo, na pessoa mais importante para mim.

Depois de finalmente conseguir respirar com tranquilidade, acalmar os ânimos por ter sido discretamente prensado à parede, vejo Alan, que surge na sala apenas para tirar Melinda de perto de mim. Eles vão para um dos quartos, mas ela não parece muito feliz em se afastar. A mãe decide ir junto e então, em um piscar de olhos, estamos eu e o pai dela, senhor Gregory Clark, sozinhos na sala.

De braços cruzados, ele me observa atentamente, os olhos praticamente grudados em mim. Sorri discretamente, um sorriso sem humor, e examina meu rosto enquanto se aproxima.

— Christopher, meu caro. Na conversa que tivemos, senti que você é um bom rapaz. Vi sinceridade em suas palavras, mas... se fizer mal a minha filha, tenha certeza de que o matarei, e ninguém, absolutamente ninguém, irá notar, sabe por quê? — pergunta e eu nego com a cabeça, emudecido. — Porque farei parecer um simples acidente, entendeu? — Eu tinha me esquecido de que meu coração existe até o momento em que ele dá um lembrete muito alto e bem rápido.

— Sim, claro — digo, forçando um sorriso, com uma voz embaraçosamente fraca.

Ele segura meu ombro, os olhos presos aos meus.

— Melinda já sofreu muito. Espero que ela tenha contado sobre o acidente.

Concordo com a cabeça, calado, demonstrando que sei o que houve com ela, e ele continua:

— Espero que Melinda tenha dito que perdeu a melhor amiga naquele dia; que ficou com a perna presa debaixo do carro depois de ter sido arremessada para fora; que a mulher, a causadora do acidente, estava bêbada, mas se recusou a fazer o teste do bafômetro e que essa mesma pessoa, hoje, vive normalmente, como se não tivesse matado alguém e quase tirado a vida da minha filha. Você entende o que quero dizer, filho? — suas palavras causam-me um súbito mal-estar. Ele foi terrivelmente honesto.

Tento expulsar algumas lembranças ruins que invadem minha mente. Também não tive um passado agradável, tampouco me orgulho dele, mas tudo o que ouvi me deu a real dimensão do sofrimento que Melinda passou.

— Eu, eu posso imaginar — digo e ele assente com a cabeça, mas continua a falar:

— Eu participei dos melhores e do pior momento da vida da minha filha.

Do coma que parecia durar uma eternidade. Sofri assistindo ao sofrimento dela. Participei da cirurgia, das fisioterapias, dos momentos em que ela desistiu por não conseguir lidar com algo machucando o que sobrou da perna. — Ele para de falar, olha para um ponto fixamente, como se algo tivesse surgido em sua memória. — Mesmo com tudo que passou, nunca ouvi minha filha lamentar, reclamar ou se revoltar com a vida. Foi difícil deixá-la vir para cá, porém não pude negar a coisa que ela mais queria. Mas, apesar de estar lhe dizendo tudo isso, saiba que não quero que se sinta obrigado a estar com ela. Não quero que sinta pena da minha filha ou que brinque com ela. Quero que a ame, entendeu? A única coisa que minha filha precisa, depois de tudo que passou, é de amor.

— Por que eu teria pena? Ela é a mulher mais linda que conheci. O que sinto por sua filha é muito mais forte, muito maior que tudo que já senti na vida. Não posso colocar isso em palavras, simplesmente não sei como — minha réplica saiu tão naturalmente que não sei como fui capaz de formulá-la. Apenas queria mostrar a esse homem que meus sentimentos são verdadeiros. Senti necessidade de dizer isso, mesmo que não faça a mínima ideia de como fiz. Ele merecia ouvir cada palavra, porque eu faria exatamente a mesma coisa se estivesse em seu lugar.

O homem me analisa por alguns segundos, inspira notavelmente aliviado e disfare leves tapinhas em minhas costas, como se tivesse finalmente percebido minhas intenções.

— Ótimo. Que bom que estamos entendidos. — Ele se vira, mas volta a atenção para mim. — De qualquer forma eu ainda posso matá-lo — e se afasta, caminhando para a cozinha, abrindo a geladeira e se servindo de água, como se não tivesse me ameaçado. Não importa, de qualquer maneira tenho certeza de que ele só cumpriria as ameaças se eu realmente fosse algum psicopata, mas sei que acreditou em mim. Apenas sei.

O homem me oferece uma garrafa e eu aceito imediatamente. Minha garganta está seca e não sei se é pelo nervosismo ou se pela conversa que tivemos. Isso também não importa, o importante mesmo é que tive, finalmente,

êxito em algo em minha vida. A impressão é de que estou conseguindo sair da “zona de conforto” para enfrentar o mundo mais uma vez.

Melinda

Na semana em que meus pais ficaram em Nova York, pude fazer inúmeros passeios turísticos com eles. Em determinado momento, senti-me extenuada com tantas perguntas e pedidos para que eu voltasse para Londres, mas também me senti segura e muito bem enquanto estivemos juntos. Fomos à Torre One, que agora ocupa o lugar das Torres Gêmeas. Senti-me realmente dentro da realidade do que é aquela megaconstrução. O maior edifício dos Estados Unidos, um dos mais altos do mundo, agora ocupa um lugar na cidade de Nova York. A vista de Manhattan, de cima do arranha-céu, é simplesmente de tirar o fôlego. Tudo ficou absolutamente minúsculo quando estávamos a 541m de altura. Fizemos compras e jantamos em família. Uma semana excepcionalmente repleta de coisas para fazer.

Chris não voltou para casa e era isso o que queria me dizer quando foi pego de surpresa, no dia em que conheceu meus pais. Decidiu ficar com o pai, planejar a volta dele ao trabalho. Arthur Blank havia implorado ao filho que ficasse e eu, depois de muito conversar com Chris, nos poucos momentos em que falamos por telefone, tentei convencê-lo a fazer o que o pai pedia.

Chris tomou a decisão de voltar a fazer aquilo que mais ama, retornar para o ramo da construção civil.

Agora que estamos em um "relacionamento sério", percebo que ainda não tivemos um momento sequer para estarmos juntos realmente, como namorados. Durante as últimas semanas, quase não nos vimos de verdade.

Ontem, finalmente, Chris retornou a Nova York. Fez questão de se despedir de meus pais e eu achei linda sua atitude.

Ele disse que não trouxe Lola para o apartamento e eu me pergunto por que razão. Bom, teremos tempo para falar sobre isso.

Meu, agora, namorado esteve cuidando da empresa do pai. Chegou a

ficar três dias em Boston no lugar dele, que ainda se recuperava. Agora, pelo que parece, Arthur está bem melhor, pronto para cuidar de tudo novamente.

Estou contente, tenho a impressão de que, aos poucos, a vida de Chris está voltando para as mãos dele.

Sentia sua falta e imagino que não teremos mais pretextos para ficar longe um do outro. Sinto saudade de seu toque; estou ansiosa por senti-lo próximo a mim. Parece que estamos longe há anos. Não vejo a hora de poder estar perto dele, tocá-lo, beijá-lo sem que ninguém esteja nos vigiando. Essa necessidade de estar com ele traz certo medo, medo de que isso acabe.

Alan está em uma de suas reuniões e eu o avisei; iria para a casa de Chris e ficaria lá. Meu irmão não se objetou e, durante todo o dia, eu só pensava no quanto seria bom ter Chris perto de mim, sentir seu cheiro mais uma vez.

O relógio marca 19h00, e eu estou dentro de um vestido leve, cinza, de manga comprida.

Depois de me olhar no espelho mais vezes do que posso contar, saio do apartamento e sigo até a porta de Chris. Meu coração se acelera, já na expectativa de finalmente encontrá-lo a sós. Bato à porta e espero ansiosamente que ele abra. Alguns segundos passam, ouço o barulho do trinco e finalmente a porta se abre.

Chris surge vestido com uma camisa branca que mostra perfeitamente o desenho do peito e do abdômen bem-trabalhados; calça de moletom preta e os pés descalços. A roupa simples, em um homem como ele, abraça cada pedaço do corpo. A barba está um pouco grande, mas bem aparada e os cabelos curtos, um pouco bagunçados. Uma bagunça perfeita.

— Oi — sussurra, seus olhos presos aos meus.

— Chris... — murmuro com um leve sorriso.

Ele dá um espaço para que eu passe e, no momento em que paro na sala, percebo que a decoração está um pouco diferente. Há um grande tapete bege e duas pequenas mesas em cada lado do sofá, sobre as quais há vasos com tulipas, que enfeitam também o balcão da cozinha. Mudanças sutis, mas que fizeram

toda a diferença. Eu caminho em direção à grande janela e passo uma das mãos na cortina nova, de cor creme.

— Anne esteve aqui mais cedo. Ela é a responsável pela nova decoração — Chris confessa arrancando-me um sorriso.

— Ela tem muito bom gosto. Queria ter tido a oportunidade de vê-la — digo enquanto reparo no pequeno lustre de cristais, sobre uma nova mesa redonda de madeira.

— Você a verá no fim de semana.

Viro-me ao som de sua voz e noto que ele caminha decididamente em minha direção.

— Ah, é? — Tento ignorar as batidas frenéticas do coração, enquanto meus olhos observam-no se aproximar. — E posso saber onde?

Chris para em frente a mim, bem próximo. Suas mãos vão de encontro ao meu rosto e os dedos deslizam delicadamente, até repousarem em minhas faces. Fecho os olhos, sentindo as carícias do polegar sobre a pele. Inclino o rosto como um gato carente, desejando mais desse toque. Desejando mais dele.

— Melinda... — sussurra e em seguida encosta a testa na minha. Sinto o calor da respiração que incide sobre minha pele e entoo mentalmente um pedido, implorando que ele me beije.

— Senti tanto a sua falta — confessa com a voz grave e baixa.

Abro os olhos e, com as mãos, traço um trajeto em direção ao rosto dele. Eu o acaricio assim como ele faz comigo. Sua boca se aproxima lentamente, até que sinto os lábios macios nos meus. Quando a língua de Chris toca a minha, meu coração quase explode no peito. Lábios colados, nossas línguas dançando vorazmente.

Ele me puxa pela nuca para aprofundar o beijo e eu me derreto em seus braços. É incrível como nossos lábios se encaixam um no outro tão naturalmente.

Arrepios percorrem minha espinha quando sinto uma mão descer a lateral de meu corpo e parar na cintura, apertando-a.

— Deus, Melinda... como esperava por isso! — diz com os lábios ainda grudados nos meus. Outra mão envolve meus cabelos com força. Ele vira meu rosto e desliza a língua sobre meu pescoço.

Repentinamente, Chris me carrega e caminha comigo nos braços, pela sala. Nossos lábios presos, ansiosos, desejando desesperadamente que a cama nos encontre no meio do caminho.

Melinda

Ergo o rosto em direção ao sol, ficando maravilhada com o céu azul, vívido e sem nuvens. Rajadas do vento atingem meu rosto, mas, ao contrário de como acontece de dezembro a fevereiro, são suaves; e o frio do novembro nova-yorkino é suportável.

Estou dentro de um vestido cinza, jaqueta preta, meias pretas e botas de cano baixo.

Parada em frente ao prédio onde moro, espero Chris dar a volta no quarteirão, pois não conseguiu uma vaga para estacionar. Ele chegou antes que eu pudesse descer, mas não pôde permanecer na fila dupla por muito tempo. Via mensagem, pedi que estacionasse em qualquer lugar, mas ele faz questão de parar o carro em frente ao prédio para me poupar uma caminhada.

Eu me atrasei depois de experimentar a quinta peça de roupa. O nervosismo, a apreensão que antecede um momento tão importante, o almoço na casa do pai de Chris, deixa-me inquieta e insegura sobre minha aparência e, principalmente, sobre o que ele vai pensar a meu respeito. Sinto-me uma adolescente, como se nunca tivesse passado por algo assim. Já tive namorados e, embora tenha sido apresentada algumas vezes, posso afirmar que nunca experimentei essa sensação antes.

O carro para em minha frente, Chris desce imediatamente, mas, antes de abrir a porta, analisa meu rosto, seus olhos descendo, observando meu corpo, enquanto um sorriso curva seus lábios.

— Preciso me acostumar com sua beleza.

Sorrio ao mesmo tempo que ele me pega desprevenida com um beijo rápido nos lábios. Chris abre a porta e espera pacientemente que eu entre.

Ele entra no carro, mas, antes de dar a partida, puxa uma respiração profunda e em seguida me observa.

— Espero que goste do meu pai.

Sorrio, percebendo que ele também está nervoso com a situação.

— Tenho certeza de que vou amar seu pai.

Realmente o adorei. Ele não se surpreendeu ao ver minha prótese, nem demonstrou estranheza, pelo contrário, parecia muito feliz ao me ver. Claro que alguém já havia contado a ele sobre mim e minha perna eletrônica, disso eu não tenho dúvida. Quando o vi, soube que iria me encantar imediatamente.

Chris é muito parecido com Arthur Blank, tanto fisicamente como no modo de falar. Os olhos azuis foram o que mais me chamou a atenção. Não só pela cor incrível, mas pela profundidade do olhar; notavelmente triste, apesar de expressivo como o do filho.

Senhor Blank me abraçou apertado quando me viu e sorriu, vez por outra, ao notar uma troca de carinho entre mim e Chris.

Anne está aqui com o marido, Jake, um homem bonito, de cabelos castanhos e olhos verdes. Ela demonstra estar muito feliz com ele finalmente ao seu lado, mas ambos parecem ansiosos, acredito que pela volta à cidade natal.

Jake e Chris conversaram bastante. Pelo que entendi, foram colegas de faculdade e há anos não se viam, principalmente por causa do afastamento de meu namorado. No entanto, pela forma como interagem, parecia que se viam com frequência. É assim que parece quando vejo Chris próximo à família.

Grace também fez parte do almoço que ela mesma preparou. Agora estamos todos reunidos na sala de estar, apreciando a inacreditável vista da silhueta de Manhattan.

Arthur mostrou-me fotos da esposa, Emma, mãe de Chris, todas espalhadas em vários pontos do enorme apartamento. É gratificante poder presenciar o amor que cada um aqui presente nutre pelo outro. Algo bonito de se ver. Senti-me em casa, feliz e completamente à vontade.

— Vocês vão se casar? — a pergunta direta do senhor Arthur, em um tom suave, pega-me completamente desprevenida. Acredito que não só a mim, mas a

todos os presentes.

Levo a xícara até a boca, tomando o café repetidas vezes, calada, temendo dizer besteiras. Chris me observa, mas o pai parece ansioso pela resposta. Anne e Grace trocam olhares, nitidamente surpresas, embora pareçam compartilhar da mesma curiosidade do senhor Blank.

— É a primeira vez que vocês se veem, pai. Não acha que está cedo demais para essa pergunta? Estamos juntos, mas ainda no começo...

— Isso não importa — interrompe Arthur. — No momento em que vi sua mãe pela primeira vez, eu já sabia que ela seria a mulher com quem iria me casar — as palavras do pai calam o filho, que parece pensativo agora. — Tenho certeza de que você sabe, Chris. Você sabe, mas ainda não se deu conta disso. — Os dois trocam olhares.

Por um momento, eu reflito sobre o assunto; não creio que atualmente Chris deseje algo além do que estamos vivendo. Ele passou dois anos sem relacionar-se com alguém. Isso que está acontecendo agora é, certamente, algo novo para ele. Estamos nos conhecendo e não é o momento de falarmos sobre algo tão sério. Depois de ponderar em silêncio, decido permanecer calada, considerando a resposta dele suficiente.

— E o curso que irá começar, Melinda? Animada? — Anne pergunta na provável tentativa de mudar o assunto.

— Na verdade vou mudar de curso. Pretendo fazer fotografia no lugar. Eu amo fotografia. Quero me especializar nisso e começar a estudar moda no próximo ano.

— Acho que Nova York é um lugar perfeito para moda, Melinda. Em breve começaremos mais um ano.

Concordo com a cabeça e em seguida engrenamos no assunto.

As horas seguintes são ainda mais agradáveis. Todos parecem muito interessados em nosso relacionamento e Grace não para de repetir o quanto somos lindos juntos.

— Bom, acho que está na hora. — Anne se ergue do sofá, segurando a

xícara de chá. Observo o casal com um olhar confuso. Eles estão indo embora? Pensei que viveriam aqui até que a reforma da casa ficasse terminada.

— Eu e Jake decidimos aproveitar este momento para dizer que... — Ela olha para o marido, que acena e sorri, encorajando-a a continuar. — Bom, este é o momento para dizer que finalmente, depois de alguns tratamentos, eu estou grávida.

— Filha... — Senhor Arthur se ergue imediatamente, já com os olhos inundados de lágrimas.

— Pai... — Eles se abraçam e logo Chris está ao lado de irmã. Ele espera o pai se afastar e a abraça também.

— Não sabia que estava fazendo tratamentos. — Chris parece surpreso, depois de beijar a testa de Anne. Ela sorri.

— Decidimos não contar para ninguém — responde com um brilho no rosto.

Em seguida todos estamos parabenizando o casal.

— Pedi a ela que não contasse até termos certeza — Jake esclarece e beija a cabeça da esposa.

Observo Chris, que ainda parece sem palavras com a notícia de que será tio. Sua expressão é um misto de surpresa e emoção, mesmo que não tenha derramado uma lágrima.

Melinda

Minúsculos flocos de neve se agitam e voam rapidamente do lado de fora, pelo ar frio de dezembro. Deitada no sofá, acaricio o pelo macio de Lola, que se apoia sobre minha barriga. O apartamento de Chris agora representa uma pausa acolhedora, um lugar somente nosso. Um lugar em que aprendemos a amar.

Aos poucos trouxe minhas roupas e quase sempre durmo aqui. Alan, que mal para em casa devido ao trabalho, apenas me liga uma vez por dia, mas acredito que aquela desconfiança discretamente nutrida contra Chris tenha ido embora. Os dois ainda não são amigos como eu gostaria, mas, em raros momentos desde que começamos a namorar de verdade, saímos para jantar todos juntos.

Meu irmão e Alexia decidiram entrar de cabeça em um namoro, depois de um bom período saindo às escondidas. Ela só confessou que estava de fato com meu irmão quando foi flagrada saindo do apartamento dele. Desde então, começaram um namoro, que parece ir bem até agora.

Chris tem levado muito a sério o trabalho com o pai e ficado alguns dias da semana em Boston, onde está a sede da empresa. Assim que conhecer e se atualizar sobre tudo que perdeu nos últimos anos, poderá trabalhar mais próximo.

Ele me mostrou alguns projetos e contou a história da "AC Blank construção". Fiquei perplexa com o tamanho e pela estrutura da empresa, além de maravilhada ao saber como o pai dele deu os primeiros passos nesse ramo.

Comecei a fazer um curso de fotografia ao qual dedico os dias em que Chris está trabalhando. Fotografia tem mais a ver comigo, já que possuo uma câmera e, sempre que posso, estou me aventurando com ela. Amo cinema, mas seria um curso intensivo, rápido e um complemento para quem se formou na

área. Não quero adquirir um diploma, e sim conhecimento, e esse curso que eu faria não seria o bastante.

Estou lendo um livro que conta a história de um *serial killer* de New Jersey; ele apavorou famílias e toda a cidade. Foi Alexia quem me emprestou este livro, e agora me pergunto a razão de o estar lendo. Coisas como pessoas que perseguem outras apenas para matar e ter muito prazer nisso são demais para uma pessoa como eu.

Chris está sentado na cadeira, o notebook e alguns projetos, espalhados sobre a mesa. Os cabelos estão lindamente bagunçados e ele, compenetrado na tela enquanto as sobrancelhas se alternam entre franzir e erguer.

Deixo o livro de lado, coloco Lola no chão e me ergo. Meu namorado ainda está completamente focado, os dedos digitando rapidamente no teclado. Aproximo-me segurando seus ombros tensos e os massajeio lentamente. Ele interrompe o que está fazendo, inclina o rosto para trás e encosta a cabeça sobre meus seios.

— Você precisa de um tempo — digo ainda pressionando seus ombros e o pescoço com os dedos.

— Preciso de um tempo com você.

Abaixo-me para beijar seus lábios, mas braços fortes envolvem minha cintura, puxando-me, surpreendendo-me e colocando-me com facilidade sobre as pernas dele.

Enlaço seu pescoço com os braços enquanto nos encaramos. Ele me aperta e eu sinto seu calor, sua força, sua dureza em mim. Chris entrelaça os dedos em meus cabelos, enquanto me beija profundamente. Sua boca é cálida, úmida e extremamente suave. Ele separa os lábios dos meus apenas o suficiente para falar e eu sorrio ao notar a forma apaixonada como me olha.

— Tenho me perguntado todos os dias como você conseguiu se infiltrar em absolutamente cada espaço perdido que eu achava que nunca mais fosse encontrar.

Meu sorriso se esvai no mesmo instante em que absorvo essas palavras.

Jamais o ouvi dizer algo que sequer chegasse perto disso. Estamos juntos há quase três meses, mas Chris nunca confessou que estava apaixonado, tampouco usou frases tão profundas quanto essas.

— O que foi? Disse alguma besteira? — Ele me olha preocupado.

— Não. — Sorrio e seguro seu rosto com as duas mãos. — Você apenas me deixou sem palavras. Eu... — ele me cala com mais um beijo quente e profundo. Quando dou por mim, Chris se ergue facilmente, como se não me sustentasse nos braços. Sem tirar os lábios dos meus, caminha em direção ao quarto.

Acordo sobressaltada ao som de vozes exaltadas e latidos vindos da sala de estar do apartamento de Chris. Sento-me na cama, esfrego o rosto e, quando percebo que há uma discussão entre meu namorado e uma mulher, encaixo a prótese o mais rápido que posso. Ergo-me e visto um roupão. Saio do quarto apressada e, quando me aproximo do corredor, ouço a voz feminina com mais clareza.

— Não me peça para ir. Não grite comigo, seu idiota! — a voz não me é estranha. Decido ficar escondida, tentando entender o que exatamente está havendo. — Você me ligou semana passada, queria se encontrar comigo. Você me queria e, agora, simplesmente me manda embora? Não sou uma vagabunda! — Neste momento meu coração dá um lembrete alto de sua própria existência. O que essa mulher diz causa-me grande mal-estar. Sou acometida por uma enorme vontade de sair daqui e interrogá-la com as unhas cravadas em seu rosto. Os latidos de Lola disputam com a voz aguda da mulher.

— Cale a boca! — a voz de Chris ganha vários tons acima do normal e eu decido encarar o que quer que esteja acontecendo. Não preciso me esconder, já que sou a namorada dele. Seja o que for, temos que enfrentar juntos.

Ao me ver, a mulher não parece surpresa como imaginei que estaria. Ela ergue a sobrancelha como se esperasse que eu fosse aparecer a qualquer momento.

— Melinda... — Chris se aproxima de mim, mas interrompe os passos ao ouvir a voz da ex, a ruiva de olhos azuis.

— Aí está ela... — Seus olhos descem para minha prótese e analisam cada parte de meu corpo e rosto com desdém. Enquanto estou descabelada, com a cara amassada, Karen está incrivelmente linda. Impecavelmente vestida e, com seus saltos, alguns centímetros maior que eu. Sim. Eu também fiz questão de observá-la assim como ela faz comigo.

— Quem é você? — pergunto, fingindo nunca ter visto a mulher antes.

— Sua memória está ruim, querida? Conte a ela, Chris — a mulher desafia um Chris nitidamente nervoso. Ele esfrega o rosto em um gesto cansado, na tentativa aparentemente frustrada de se acalmar.

— Saia daqui, Karen. Suma da minha vida! Você fez parte do meu passado. É lá que deve ficar.

— Sim. Eu faço parte do seu passado, do presente e do futuro. Eu fui presa por sua culpa. Eu estive esse tempo todo dentro de uma maldita prisão por sua culpa — Karen rosna.

— NÃO! — com a voz grave, Chris berra, e Karen se cala. Eles se encaram e em seguida ela sorri. Um sorriso sem humor.

— Quem me colocou no mundo das drogas? Você. Você terminou comigo no momento em que mais precisei de apoio, Chris.

— Terminei com você no momento em que mais precisei, Karen. Não quero chamar a polícia. Eu juro que não quero, mas, se continuar aqui, é o que farei. Deixei muito claro que você não poderia entrar aqui! — Talvez eu nunca tenha visto Chris tão perturbado como agora.

— Eu vim visitar amigos. Você não seria capaz de chamar a polícia. — Karen parece desconfiada de que Chris realmente seja capaz. Ela demonstra um medo real nas feições.

— Quer apostar? — Noto como os músculos da face dele se contraem.
— Saia!

Karen me olha, como se eu, de repente, fosse a pessoa que destruiu a

vida dela.

— Preferiu essa aleijada a mim? Preferiu essa aberração de cachorro e uma aleijada... a mim, Chris? Isso só pode ser uma piada de péssimo gosto.

Lola late, parecendo compreender que foi insultada.

— Ela é minha namorada e eu... — Não espero que Chris termine de mandar essa louca embora e, sem paciência, aproximo-me da mulher, empurrando-a para a porta que está aberta.

— O que está fazendo? — Tenta se desvencilhar, e eu não sei de onde encontro forças para empurrá-la para o corredor. A mulher tropeça, tenta retornar, mas Chris para entre nós duas, impedindo que a louca se aproxime de mim.

— Quero que desapareça da minha vida, entendeu? SAIA!

Com os olhos cheios de lágrimas, ela analisa o rosto furioso de Chris por alguns segundos. Karen finalmente entende o recado, provavelmente temendo que ele cumpra a promessa. Então se afasta, girando sobre os calcanhares e caminhando a passos largos até o elevador. Chris me leva para dentro, bate a porta com força, e é como se o silêncio repentino nos sufocasse.

Chris

E então tudo o que eu sentia durante os dois últimos anos retorna com força para dentro de mim. Aquele sentimento de culpa, aquela magoa de mim mesmo. Autodepreciação, a sensação de que talvez Karen esteja certa. A culpa que eu antes carregava em relação à morte de minha mãe multiplicou-se milhares de vezes devido a algo que sempre me perturbou.

Sempre me condenei por ter causado tanto estresse à minha família, mas recentemente meu pai me fez entender que eu era um doente e que a morte de minha mãe aconteceria com ou sem minha ajuda. Que a morte dela era algo certo. No entanto, os acontecimentos que me fizeram pensar dessa forma não são invenção de minha mente. Foram reais, e um deles me encheu desse remorso que guardo ainda hoje, o que me levou de fato para o buraco. Karen se transformou em meu maior pesadelo e eu queria acreditar em minhas palavras quando digo que nada do que ela fez, depois que me conheceu, foi minha culpa.

— Você realmente ligou para ela? — a voz triste de Melinda quebra o silêncio que se instalou desde que Karen partiu. Eu a observo pela primeira vez depois de vários minutos, tentando tirar essa sombra que insiste em se expandir dentro de mim.

— Não — sussurro. Melinda inspira, notavelmente aliviada com o que eu disse. Não imaginei que ela fosse acreditar tão rapidamente em minha palavra. — Você acredita em mim? — questiono-a e ela sorri. Um sorriso breve, mas eu noto.

— Se estou com você, é claro que acredito. Eu não a conheço, Chris, mas conheço você — e a poeira escura que nubla minha mente vai se dissipando aos poucos, dando lugar à luz que essa mulher, sem saber, é capaz de emanar.

Aproximo-me dela lentamente e guardo algumas mechas atrás de sua orelha. Meus olhos se fecham e minha testa encontra a dela. Inalamos

simultaneamente.

— Por que acredita em mim? — sussurro com os lábios junto aos dela. Abro os olhos e vejo que Melinda já estava me observando.

— Porque você está dentro de mim, Chris. Você também se infiltrou em mim de uma maneira que não sei explicar. Eu sinto que posso confiar em você completamente. Sei que não a procurou.

— Só merecem estar dentro de você aqueles que alcançarem seu coração em primeiro lugar, Melinda.

— Você alcançou — suas palavras me calam. Ela apenas está dizendo em outras palavras que... me ama?

— Você também.

Melinda sorri com os olhos. Eu gosto dos olhos dela. São muito expressivos e seu rosto, tão delicado. Eu ficaria nesta posição por horas e não me cansaria de olhá-la.

Sinto-me culpado por ter deixado a empresa no colo de meu pai por tanto tempo. Eu poderia ter deixado os problemas de lado e o ajudado. No entanto, sinto orgulho dele. Arthur Blank descontou no trabalho toda frustração e o medo. Varou noites e, em dois anos, a empresa ganhou mais duas filiais.

Jake também estará ajudando. Ele está vendendo a própria empresa na Califórnia e se juntando a uma nova filial em Nova York. E é lá que estarei trabalhando a partir do próximo ano. Confesso que essas mudanças repentinas, mesmo sendo boas, ainda me assustam. Entretanto não deixarei que o medo vença, não dessa vez.

Estive com Jake para uma reunião em um restaurante que fica dentro do Bryant Park. Discutimos sobre os novos projetos em que vamos trabalhar, juntos, no próximo ano.

Saio do restaurante caminhando, com o terno pendurado nos braços, pensamentos e perspectivas de como será o desenvolvimento da empresa no próximo ano pairando em minha mente. Gosto de desenvolver. O engenheiro é,

sobretudo, um observador. Sempre gostei de analisar tudo a minha volta, mesmo que ainda estivesse trabalhando em uma lojinha de conveniência. Agora estou tendo novamente a oportunidade de perguntar a mim mesmo o que posso fazer de novo.

Retiro o aparelho celular de dentro do bolso da calça e envio uma mensagem para Melinda. Quero encontrá-la, mas sei que hoje tem aula. Mel está animada com o curso de fotografia e eu, sentindo-me cada vez mais apaixonado por ela.

Meu celular vibra com uma mensagem e, quando abro, vejo que é dela.

"Estou no fim da aula. Que tal nos encontrarmos no seu apartamento em uma hora? "

Sorrio observando a tela do celular. Depois de dois dias chegando tarde em casa, conseguirei ter a presença de minha namorada novamente. Meu vício. Quem diria, há alguns meses, que eu finalmente conseguiria lidar com meus fantasmas e seguiria em frente? É como se eu tivesse acordado somente agora. Não consigo mais me ver longe dela; lembrar de como era minha vida sozinho naquele apartamento.

Chamo os inúmeros táxis amarelos que passam pela Rua 42, até que um finalmente para. Entro no carro e ele me leva em direção ao meu prédio.

Quando para na porta do edifício, eu pago o motorista e, assim que coloco os pés do lado de fora, uma visão chama minha atenção. Meu corpo não se move enquanto observo Melinda conversando animadamente com um sujeito de terno e gravata. Ele não me é estranho.

Aproximo-me até perceber de quem se trata. Sim. O homem “conversando animadamente” com minha namorada é o meu vizinho de Port. Jefferson. Decido ir até eles e mostrar para o idiota que aquela mulher solteira que ele viu em Port. Jefferson, a mulher que ele nitidamente queria, agora tem um namorado.

Aproximo-me deles, o homem com um sorriso aberto na face, enquanto seus olhos descem furtivamente para os seios de minha namorada. Quando ele

me vê, seu sorriso se esvai no mesmo instante.

Melinda, que estava de costas para mim, percebe e se vira para me encontrar bem atrás dela.

— Chris, amor. Lembra do Nathan, seu vizinho em Port. Jefferson?

Encaro o homem que agora sorri, provavelmente na tentativa de disfarçar o descontentamento ao me ver.

— Sim — digo. A tensão entre nós dois só aumenta. O que esse cara faz logo em frente ao prédio em que moramos?

— Ele passava na rua quando nos esbarramos — Melinda responde minha pergunta silenciosa.

— Que coincidência — não consigo disfarçar a ironia em minha voz. Nathan parece ter notado, vejo pela expressão séria que compôs de repente.

— Eu estava na casa de uma cliente que mora em um prédio, a dois blocos daqui. — Isso não me convence e, pela maneira como me olha, ele sabe disso.

Seguro os ombros de Melinda possessivamente, meus olhos ainda presos no homem, agora elegante, a minha frente.

— Bom... — Ele desvia os olhos para Melinda e, neste exato momento, eu gostaria de arrancá-los com minhas próprias mãos. — Foi bom revê-la. Desculpe não ter ligado como havia prometido, acabei perdendo seu telefone. Essas agendas telefônicas não são nada confiáveis. — Minha namorada parece um pouco surpresa com minha reação, e eu também, mas ainda consegue sorrir para o idiota engravatado.

— Não tem problema, Nathan. Essas coisas acontecem.

— Claro. Podemos marcar de nos encontrar um dia, agora que tenho seu telefone. — Ele dá ênfase à última frase para me afrontar, e eu noto. *Uma ova que você irá se encontrar com a Melinda, seu otário. Isso nunca irá acontecer.*

Ele segura a mão dela e acena para mim antes de seguir caminho pelas ruas de Nova York.

— Uau. — Melinda se vira. Envolve meu pescoço com os braços e me

encara. — Parece que você não gostou muito de ver seu vizinho.

— Não gosto dele — restrinjo-me a dizer apenas isso.

— Posso saber o porquê?

— Ele está nitidamente interessado na minha namorada.

— Sua namorada está ocupada demais, apaixonada por um rapaz lindo, de olhos azuis, que atende pelo nome de Christopher. — De repente ela diz estar apaixonada por mim e eu me calo por alguns segundos. Melinda une as sobrancelhas, na certa interpretando erroneamente minha expressão. Ela retira os braços de mim, mas eu os seguro imediatamente.

— Desculpe... — diz, confundindo minha mente.

— Por quê?

— Por eu ter dito que estou apaixonada. Acho que pode ser cedo para...

— Eu a silencio com um beijo nos lábios. Quando me separo, seguro sua nuca, deslizando o polegar no rosto delicado.

— Nunca mais me peça desculpas por dizer isso. Será que não percebeu quão envolvidos estamos? — Inalo uma inspiração profunda. — Estou completamente apaixonado por você. Não sou bom com palavras, mas quero que entenda que, quando eu estava perdido, quando minha mente estava escura, somente seu amor pôde me puxar de volta.

Chris

— Está falando sério? — Melinda pergunta com os olhos cheios de lágrimas. Ela parece incrédula, como se eu não fosse capaz de dizer tais palavras. Mas me declarar não foi tão difícil como pensei, já que isso que sinto é real.

— Nunca falei tão sério em toda a minha vida. Preciso me livrar de tudo que me leva para baixo. Preciso me libertar e só com você sou capaz de fazer isso. Não me pergunte o porquê. Eu não sei. Só tenho uma certeza, se isso não for paixão, não sei nomear.

Melinda chora, permitindo que as lágrimas caiam pelo rosto. Eu as limpo com o polegar, enquanto pessoas sem rostos passam por nós apressadas, alheios ao momento especial que estamos vivendo. Pressiono os lábios em sua testa demoradamente e, em seguida, ela me abraça, encostando a cabeça ao meu peito. Entrelaço os dedos aos cabelos dela e sinto seu calor contra o corpo.

— Posso confessar uma coisa? — pede depois de alguns segundos abraçada a mim.

— Diga.

— Eu me sinto tão insegura quando aquela mulher se aproxima.

— Você está falando da...

— Sim — sussurra, então percebo quão mal a presença de Karen fez, e ainda pode fazer, a ela.

— Vou cuidar para que ela não se aproxime da gente.

— Você não tem esse controle. Ela não parece ser do tipo que desiste.

— Ela é difícil.

— Eu sei.

— Vamos entrar. Quero que durma comigo hoje. Quero cuidar de você.

Da janela do apartamento de meu pai, consigo observar a brilhante e espetacular ilha de Manhattan. Hoje é Dia de Ação de Graças, data em que minha mãe fazia questão de reunir todos da família para um almoço farto. Depois de anos passando sozinho as comemorações especiais, tendo Lola como minha única companhia, estou com todos aqui, reunidos para uma das datas mais importantes no país.

Viro-me e observo meu pai conversando com Melinda, contando sobre como sabia que nasci para seguir seus passos. Sobre como foram difíceis esses anos em que estivemos afastados. Ela ouve atentamente tudo o que ele diz e eu sorrio, sentindo os olhos arderem sob as pálpebras. Não sei por que essa visão me deixa tão abalado. Parece surreal estar aqui e sentir novamente que sou amado pelas pessoas. Sentir que não está tudo acabado como eu pensava; que não fui o único culpado por as coisas chegarem àquele ponto.

Hoje está sendo um dia de reflexão porque, mesmo estando com Melinda há tão pouco tempo, sei que ela é a mulher que esperei por toda a vida. Não existe explicação para isso, mas, como disse meu pai, eu apenas sei. Meu subconsciente já sabia.

Olhar para ela, com Lola dormindo sobre seus pés e rodeada por todos os demais aqui presentes, dá a sensação de que tudo está finalmente tomando um rumo certo. Karen quase me fez acreditar que eu ainda era aquele *merda* que fui no passado, mas Mel me trouxe de volta. Não menti quando lhe disse que seu amor sempre me puxou de volta. Eu me encantei por ela desde o primeiro instante em que a vi. Só não sabia que, desde aquele momento em que nos cruzamos no corredor, aquela mulher linda já estava mexendo comigo. Aferrei-me a uma negação ridícula, a qual veio à tona desde de que Melinda penetrou em minha vida.

— Estou tão feliz em ver sua vida se transformando, Chris. — Anne se aproxima por trás e me abraça, apertando minha cintura, apoiando o rosto às minhas costas. — Melinda foi a melhor coisa que apareceu na sua vida.

— Eu sei... — respondo, ela se separa, e contorno seus ombros com o

braço esquerdo. — Melinda é muito especial para mim.

— Para todos nós, Chris. Mel é o nosso anjo. — Anne beija meu rosto e sai quando o marido a chama para procurar o abridor de vinho. Continuo segurando o copo de suco de manga, tornou-se o meu favorito.

Aproximo-me deles e me sento ao lado de Melinda. Agora ela está cercada por meu pai e por mim.

Contorno a cintura dela e a atraio, beijando-a na têmpora.

— Chris, sua namorada não para de elogiar a vista. Acho que ela gostou daqui.

— O senhor é privilegiado por morar em um apartamento com essa vista extraordinária. Não há como não se apaixonar.

— Eu teria mais sorte se minha esposa querida estivesse aqui comigo.

Melinda parece sem palavras ao ouvi-lo, e meus olhos inevitavelmente voam para a foto de minha mãe sobre a mesinha, ao lado do sofá. Ela sorri amplamente, como se aprovasse o que estamos fazendo aqui neste momento.

— Mas sei que ela está aqui. Hoje sua mãe está aqui, Chris. Ela está nos abençoando.

Concordo com a cabeça e Melinda segura a mão de meu pai, dando-lhe apoio.

A cada dia, eu e Melinda temos mais coisas em comum; mais do que eu imaginava ser possível. Ela gosta de levar a vida mais tranquila, de assistir a inúmeros documentários; apresentou-me suas séries preferidas e, por muitas vezes, eu me vejo explicando alguns de meus novos projetos a ela. Sempre está interessada em meu trabalho, minha carreira, em tudo que faço. Assim como eu no que diz respeito a ela.

Mel me dá espaço quando percebe que preciso, mas notei que ficar sozinho hoje em dia, quando estou namorando esta mulher, significa estar longe por apenas cinco minutos. É o máximo de tempo que consigo estar longe quando ela está em meu apartamento. Eu me viciiei nela, em seu cheiro e no timbre de sua voz. Eu me apaixonei perdidamente por esses expressivos olhos castanhos.

Conversamos sobre tudo, mas evitamos falar de coisas que nos machucam; que nos machucaram no passado. Sempre que ela fala sobre a amiga, tem vontade de chorar, principalmente no último mês: dois anos da morte da garota. Inevitavelmente pensei que deveria me abrir completamente, para que ela soubesse que também vivenciei terríveis momentos, mas, sempre que tento falar de minha vida nas drogas, não consigo ultrapassar certos limites, abordar os momentos mais delicados, como aqueles em que cheguei ao fundo do poço. Ainda não consigo falar sobre minha vida ao lado de Karen.

Fizemos um acordo. Por enquanto, não falaremos sobre coisas ruins, focaremos no "daqui para frente". Por essa razão, tomei uma decisão. Há dias estou pensando nisso, e a vontade só cresce dentro de mim. Sim. Quero estar com Melinda todos os dias. Quero tê-la em minha vida e acordar tendo-a enroscada a mim. Quero me casar com essa mulher que transformou minha vida em tão pouco tempo e hoje pretendo lhe dizer tudo isso.

Melinda

A vista da grande janela do apartamento do pai de Chris é o cenário perfeito para um dia alegre como este. Os arranha-céus refletindo-se no rio Hudson são a coisa mais incrível que essa vista pode proporcionar. Queria que meus pais estivessem aqui, mas eles simplesmente não podem vir em todas as datas comemorativas. Em compensação, Alan e Alexia parecem se divertir enquanto conversam com Grace na cozinha. O senhor Arthur não se incomodou em ter outras pessoas em sua casa e, pelo que parece, sente-se ainda mais feliz por isso.

O pai de Chris pede licença e sai de meu lado. Precisa tomar os remédios e logo caminha em direção aos quartos. Eu tomo um copo de vinho enquanto passo as mãos sobre o pelo macio de Lola, que está com a cabeça apoiada sobre meus pés. Observo Chris conversar com Jake e Alan; obviamente devem estar falando dos novos projetos. Como meu irmão tem uma corretora que está crescendo a cada dia, imagino que estejam conversando sobre uma futura

parceria. Sorrio ao perceber que, finalmente, meu irmão parece gostar de Chris, e o fato de eles estarem se falando tão naturalmente enche meu coração de alegria.

— Posso interromper os pensamentos da donzela? Como está o vinho?

— Alexia se senta ao meu lado e eu sorrio.

— Muito bom. Espero que esteja gostando.

— Que lugar incrível, Mel. Obrigada pelo convite.

— Chris pediu para chamar vocês.

— Parece que esse seu vizinho e novo namorado se transformou de um tempo para cá. Vocês são tão lindos juntos, minha amiga!

— Você e Alan também fazem um belo casal.

Alexia guarda uma mecha cacheada atrás da orelha. Seus olhos parecem brilhar de felicidade.

— E a tal Karen? Parou de importunar?

— Não sei. Chris não diz mais nada. Prometemos não tocar mais no nome dela. Talvez ela tenha desistido.

— Talvez alguém tenha enfiado aquela louca em um hospício.

Sorrio pela naturalidade de Alexia ao falar sobre o assunto.

Olho para Chris, seus olhos presos no aparelho celular. A expressão, antes relaxada e feliz, transforma-se visivelmente, e o que vejo agora é um semblante fechado de preocupação.

— Chris parece estranho. Dê uma olhada — digo a minha amiga.

— É, parece ter visto um fantasma! O que será que houve?

— Não sei.

Imediatamente a imagem de Karen vem à minha cabeça. Não deixarei que ele fique mal pela perseguição daquela mulher. Ergo-me devagar, mas, quando estou de pé e volto a olhar para Chris, ele não está mais conversando com os outros dois. Giro a cabeça, procuro-o, mas é como se ele tivesse desaparecido em um passe de mágica. Talvez Karen tenha insistido e, provavelmente, ele saiu da sala para dizer àquela mulher ridícula que pare de o perseguir.

Meu coração acelera com a possibilidade de ele falar com a ex mais uma vez. Sei que já me deu provas suficientes de que não quer estar perto dela, mas é inevitável me sentir insegura quando se trata de uma pessoa que ficou ao lado dele durante anos. Mesmo que ela lhe tenha feito mal, em algum momento foram apaixonados. Às vezes me vem à cabeça a ideia de que Chris está comigo para esquecer aquela ruiva de olhos azuis, mas então eu me lembro de como ele a tratou naquela ocasião e de como foi sincero ao dizer que não tinha ligado para ela.

Ainda de pé, decido dar um tempo a ele. Converso com Alexia sobre a possibilidade de Chris estar tentando se livrar da ex-namorada.

— Vá atrás dele. Não o deixe sozinho falando com essa mulher perigosa. Sério, ela só pode estar com orgulho ferido por saber que Chris ama você.

— Ele realmente parecia estranho.

Espero alguns minutos, mas, quando percebo que ele não retorna, decido caminhar pela casa a sua procura. Sigo até o corredor que leva ao escritório e ouço um barulho alto. A impressão é de que algo caiu no chão com muita força e se espatifou.

— Deus, o que aconteceu? — sussurro e engulo em seco. Sigo devagar e, quando me aproximo da porta do escritório, ela se abre repentinamente.

Quando dá de cara comigo, Chris arregala os olhos. Da forma como me olha, dá a impressão de que me vê pela primeira vez na vida. Reparo no movimento de sua garganta e em como ele se afasta de mim lentamente.

— Chris... você está bem? — pergunto.

Ele não responde, seus olhos me analisando como se eu realmente fosse uma novidade na vida dele. Então me olha, mas seus olhos não estão focados em mim.

— Chris... você está me assustando — digo e ele esfrega o rosto com as mãos. Quando me olha novamente, tenta sorrir, mas falha.

— Eu tive um problema com... a nova empresa e...

— Não minta para mim — corto-o com a voz firme. Chris puxa o ar

várias vezes e coça nuca incessantemente.

— É ela, não é? Foi a Karen quem o deixou assim?

Meu namorado agora encara meu rosto sem piscar.

— Sim — sussurra com a voz fraca e baixa.

— Você precisa fazer alguma coisa para que ela desapareça de nossas vidas, Chris.

Ele fecha os olhos demoradamente.

— Eu vou fazer. Vou tirá-la da... minha vida. Eu preciso. — As mãos que novamente encontram seu rosto estão trêmulas.

— Deixe-me sozinho por alguns minutos, por favor.

— O que ela disse, Chris?

— As mesmas coisas de sempre. Ela me culpa pelo que... pelo que aconteceu.

— Não caia na armadilha dessa mulher. Ela não quer vê-lo bem, Chris. Não acredite em nada que aquela louca diz, por favor! Chame a polícia. Defenda-se — aconselho. Aproximo-me, mas, quando estou prestes a tocar seu rosto, sou impedida por mãos segurando meu pulso com firmeza.

— Não... — sussurra com os olhos fechados.

— Deixe-me sozinho, por favor, Melinda. Eu preciso ficar sozinho...

Surpreendo-me com a estranha atitude, mas decido me afastar. Seja lá o que ele esteja passando, eu deveria ser a primeira pessoa com quem quisesse se abrir, mas é como se eu fosse uma completa desconhecida agora. Chris não abre os olhos e as mãos trêmulas vão de encontro ao rosto dele mais uma vez.

Afasto-me e, antes de passar pela porta, olho-o sobre o ombro pela última vez, tendo a certeza de que o muro que havia desabado entre nós se reergueu, ao menos neste instante, dez vezes mais fortificado que antes.

Chris

A conversa com Jake durou até o momento em que fui interrompido pelas ligações incessantes de Karen. Tentei disfarçar, mas chegou o momento em que precisava dar um basta nisso. Há dias ela tem me ligado e eu, ignorado. Fiz uma nota mental de ir à primeira delegacia quando o feriado de Ação de Graças terminar. Estou decidido a afastá-la tanto de mim quanto de Melinda. O grande problema agora é consertar o erro que cometi ao ler a última mensagem enviada por ela.

" Ou você me atende ou irei até a casa de seu pai acabar com essa comemoração idiota de Ação de Graças. Acredite em mim, não há o que comemorar."

Hoje é um dia importante para meu pai e não posso deixar que nada atrapalhe este momento. Não sei se Karen conhece o novo endereço dele, mas, definitivamente, não quero pagar para ver.

A fúria encontrou meu corpo, meus sentidos, tão rapidamente que precisei sair da sala para resolver isso. Pedi licença ao Jake fingindo uma calma que não existia. Karen decidiu infernizar minha vida depois que conseguiu sair da prisão, e agora isso se transformou em seu melhor passatempo.

Sigo a passos largos até o escritório. Fecho a porta e ligo para a mulher que insiste em tentar desestabilizar minha vida, usando a única arma que tem, o passado.

O telefone chama uma única vez e a voz de Karen ecoa do outro lado da linha.

— Você não deveria me tratar tão mal, Chris.

— Você deveria me esquecer, Karen.

— Como posso esquecer o homem que só me fez mal? Que me destruiu?

— Eu não a destruí. Vá cuidar da porcaria da sua vida e nos deixe em paz. — A fúria que sinto reflete-se em minha voz, demonstrando claramente que minha ex está conseguindo atingir seu objetivo.

— Deixar quem em paz? Você e aquela aleijada? — Ela gargalha tão alto que eu afasto o fone do ouvido.

— Um dia eu tive pena de você, Karen, mas, depois de todas as suas visitas e ligações indesejadas, percebi que jamais mereceu minha compaixão.

— Não preciso da sua pena ou da sua compaixão, seu idiota. Eu preciso do seu amor, Chris. — As últimas palavras saem num sussurro.

Fecho os olhos e clamo mentalmente pela calma, inutilmente.

— Vou desligar e fazer o impossível para garantir que você nunca mais nos procure. Não se atreva a vir aqui ou certamente voltará para a prisão. — Quando estou prestes a desligar, suas palavras me impedem:

— Eu o venho vigiando há anos. Mesmo estando dentro daquela cadeia, segui seus passos.

Estranho a informação, mas permaneço atento e pergunto:

— Que tipo de doença é essa que a faz me vigiar?

— Você não esteve lá para mim, Chris. Você não me apoiou, não ficou do meu lado. Meu pai foi o único que me tirou da prisão por duas vezes. Você fugiu como um covarde. Desapareceu. Minha sorte é que você sempre foi óbvio demais e não foi difícil saber que frequentava a casa de praia em Port. Jefferson.

— Eu fugi, você tem toda razão. Fugi porque não suporto me lembrar das coisas que fiz estando ao seu lado; das drogas que usei, do tempo que perdi com uma mulher que só trouxe desgraça para minha vida. Seja lá o que tivemos um dia, você precisa entender que acabou.

— Não. O que tivemos foi intenso, Chris. Nunca, nenhum homem foi capaz de preencher o espaço vazio que você deixou dentro de mim.

Fecho os olhos, inspirando uma grande porção de ar.

— Vou desligar...

— Melinda tinha uma vida inteira pela frente, não acha?

— Não fale dela. Ela é minha namorada. Aceite isso de uma vez por todas.

— Namorada? Em breve você vai enjoar daquela aleijada.

— Eu amo aquela mulher mais do que a mim mesmo. Melinda é tudo *pra* mim. Não vou aceitar que você tente estragar o que tenho com ela, entendeu?

Ela se cala e o silêncio prevalece por alguns segundos até que Karen volta a cuspir as palavras.

— Eu odeio aquela idiota que insiste em cruzar meu caminho. ODEIO! — o tom de sua voz está carregado de raiva e desprezo enquanto ela jorra as palavras. Consigo sentir seu ódio daqui.

— Esqueça a minha mulher! — exijo com a voz firme.

— Como vou esquecer a mulher que desgraçou a minha vida? Que cruzou, literalmente, o nosso caminho, hein? — pergunta com tranquilidade e suas palavras me deixam confuso.

— Do que está falando? — Engulo com dificuldade, temendo ouvir o que ela tem a dizer.

— Era ela... O tempo todo era ela. Melinda é a mulher que estava no outro carro naquela noite de sábado, Chris.

Ainda confuso, franzo o cenho, tentando entender o que Melinda tem a ver com o que aconteceu. A primeira imagem que vem à minha mente é daquele cruzamento, do acidente em que me envolvi com Karen.

— Do que está falando? — repito a pergunta, dessa vez retoricamente, e isso só demonstra minha perplexidade em constatar que pode ser verdade o que ela diz.

— Estou falando que a aleijada é a mulher do outro carro, seu imbecil. A mulher que você quase matou.

Fico em total silêncio, completamente aturdido, atônito com as palavras que apenas confirmam aquilo que estava no fundo da minha mente.

— Isso não é possível. Melinda é de Londres — tento argumentar, na tentativa de convencer a mim mesmo de que Karen está mentindo.

— Ela morava em Nova York quando sofreu o acidente. É uma pena que não morreu no lugar da amiga...

— Mentira. Isso é mentira...

— Melinda é a imbecil que cruzou o nosso caminho naquela noite chuvosa. No dia em que você ferrou com tudo. Pesquisei sobre ela quando soube que vocês estavam juntos.

Penso imediatamente nas poucas menções de Melinda ao acidente que sofreu. Lembro que falou rapidamente sobre a amiga cujo nome tem dificuldades até mesmo em pronunciar, tamanho o trauma sofrido. Penso no acidente que mudou sua vida e a deixou gravemente ferida; o acidente do qual sou o grande culpado. Claro que, dentre milhões de pessoas, tinha que ser ela a estar no outro carro.

Apertando o aparelho com muita força junto ao ouvido, fico imóvel como uma estátua, os olhos presos no nada. Minha pulsação explode enquanto as palavras de Karen reverberam em meu crânio com cada batida de meu coração.

— Não pode ser verdade — sussurro ao mesmo tempo que deixo o telefone cair. Seguro minha cabeça como se ela, repentinamente, estivesse a ponto de cair também. Passo as mãos pelo rosto várias vezes e nego com a cabeça, não aceitando a verdade que minha ex despejou em mim. A única verdade.

Como pode ser possível? Estou ao lado da pessoa, pronto para viver uma vida junto dela, da única pessoa de quem eu deveria estar longe. Melinda deve odiar a responsável pela morte da amiga e pela perna arrancada, não imaginando que essa pessoa sou eu.

Minhas mãos tremem e agora tudo parece fazer mais sentido. Talvez a negação dentro de mim me impediu de procurar a verdade que sempre esteve ali, estampada a minha frente o tempo todo; o fato de estar diretamente ligado ao maior trauma sofrido pela pessoa que mais amo.

Impulsivamente, pego o primeiro objeto de vidro, uma bailarina, sobre a mesa, e a arremesso contra o chão de madeira.

Cubro o rosto com as duas mãos, desejando não enxergar a realidade; seguro a nuca novamente e caminho em direção à porta.

Preciso sair daqui. Pego o celular sobre o tapete e caminho decididamente para a porta. Quando a abro, dou de cara com Melinda. Seus olhos expressivos estão preocupados comigo e eu me culpo por tê-la feito se apaixonar por mim.

Algumas horas atrás, minha vida parecia ter encontrado o rumo que tanto desejei e bastou um telefonema para que ela voltasse ao começo de todo o meu pesadelo.

Caminho sem rumo pelas ruas do Central Park. Não sei como dirigi até aqui, não sei como não me enfiei em outro acidente grave, dirigindo no "piloto automático". O frio penetra minha espinha, mas não paro de andar e muito menos me preocupo com isso. Não sei como consegui sair de lá, mas a verdade é que tive que arrumar uma desculpa esfarrapada para fugir daquele apartamento sem que as pessoas percebessem o tornado em que me transformei. Não sei como Melinda reagiu depois que pedi a ela que me deixasse sozinho. Não pude vê-la mais. Pedi a Anne que a avisasse que precisiei sair de repente.

Por sorte, o irmão de Melinda estava lá; provavelmente, ele a levou para casa. Não fui capaz de enfrentá-la naquele momento e ainda não posso encará-la agora. Não sei se o pretexto que inventei, ajudar Nicholas em um problema grave, convenceu, mas precisava sair. Apenas precisava.

As lembranças daquela noite retornam como o grande pesadelo que eu queria arrancar da mente e que nunca fui capaz de apagar. Por ironia do destino, a única pessoa capaz de mitigar a lembrança daquele acidente, daquela noite que trouxe tanta desgraça a minha vida, foi Melinda; uma das pessoas mais prejudicadas por isso.

Eu jamais poderia imaginar que ela fosse a garota que estava no outro carro. Sabia que uma mulher havia morrido, vi a reportagem e soube que a outra estava em estado grave no hospital, mas não procurei saber detalhes sobre aquela

noite, sobre quem exatamente eram as vítimas daquele acidente. Lembro-me de fragmentos de conversas, de momentos raros em que Melinda se abriu e falou um pouco sobre a própria vida. Tudo o que ela disse a respeito da tragédia de que foi vítima foi bastante vago. Em muitos momentos me senti tentado a lhe contar que havia passado por algo semelhante e que poderia entender um pouco de seu sofrimento. Então percebi que não poderia comparar, pois a perda dela é irreparável e seria presunção da minha parte supor que conhecia a dimensão de seu sofrimento. Sequer pensei em lhe perguntar quando ou onde ocorreu, ou sobre quem mais estava no carro, porque eu sabia que um dia ela iria se abrir espontaneamente, como havíamos combinado.

Melinda não conhece tanto Nova York porque "havia passado uma pequena temporada", era o que me dizia. Nos últimos anos estive em Londres. Com o pouco que me disse, simplesmente assumi que tudo havia acontecido por lá; coincidências como esta com que deparo agora simplesmente não acontecem.

Como ela não soube quem era eu? Como não reconheceu Karen ao vê-la? — essas perguntas emergem de repente em minha mente conturbada, e eu me sinto ainda mais confuso. Como é possível que ela não tenha reconhecido os causadores de seu sofrimento? — pergunto-me e sinto gelar o sangue pela possibilidade que agora me parece inevitável.

Então algumas lembranças da época se assomam; tanto meu pai quanto a família de Karen, no intuito de evitar um escândalo, deram um jeito de abafar as notícias acerca do acidente e, onde não foi possível evitar que vazassem, de omitir nossas identidades.

Não foi difícil, afinal tragédias como aquela ocorrem o tempo inteiro nas grandes metrópoles. Eu sequer apareci nos jornais, saí incólume, enquanto Melinda... Droga, ela arcou com as consequências de meu erro. Além de prestar um depoimento à polícia depois de recuperado e ser chamado em juízo em uma ocasião, não houve consequências para mim. A princípio eu sequer me lembrava de nada e, quando recobrei a memória, aos poucos, desejei que ela nunca tivesse voltado para me lembrar de minha responsabilidade e covardia. Para a polícia e

autoridades, eu fui mais uma vítima. Karen assumiu a culpa, imaginando que eu a ajudaria e ficaria ao lado dela, mas eu apenas fugi sem procurar as famílias que poderiam ter precisado de minha ajuda. Eu fui um covarde.

Não me lembro de ter visto Melinda na única ocasião em que compareci diante do juiz ou quando fui à delegacia... Bom, obviamente ela estava ocupada demais lidando com a perda da perna e da amiga. Além disso, como soltou em uma das poucas vezes em que falou disso, havia entrado em estado de choque, passando por longo período de tratamentos aos quais, até antes de voltar para Nova York, submetia-se. Antes daquele dia em que a conheci, ela, pelo que entendi, não tinha retornado a Nova York.

Ainda caminhando sem rumo, sou atormentado pelas dolorosas lembranças.

Eu não estava conduzindo o veículo, e Karen nunca disse à polícia que estávamos brigando no momento daquele acidente. Eu não havia usado drogas, estava tentando me limpar, mas ela estava bêbada e eu não consegui impedi-la de assumir a direção. Eu era o responsável e único são naquela noite chuvosa.

Por mais que eu tente, que minha família tente me convencer de que não tive culpa, agora convivendo com Melinda, percebo que poderia ter evitado tudo. Sou o único que poderia ter evitado aquele acidente e o sofrimento dela, mas não o fiz.

Rajadas de vento cortam a pele de meu rosto e eu decido correr. Corro rápido, sentindo o ar gelado de novembro queimar meu rosto.

O celular vibra no bolso da calça jeans, mas não me atrevo a pegá-lo. Não posso falar com ninguém neste momento. Não posso enfrentar esta situação agora, sou um covarde de merda como sempre fui.

Nova York, outubro de 2014.

— *Vai, Chris, eu estou esperando. Conta logo!*

— *Não finja de boba, Karen. Você sabe por que estamos aqui neste restaurante.*

— *Não faço a menor ideia — retrucou com a voz suave, fingida e*

dissimulada. A chuva fraca incidia do lado de fora da janela de um diner, no segundo andar de um prédio, na Sexta Avenida. Eu estava decidido a fazer a coisa certa e terminar com ela pessoalmente, assim como deveria ser, mas confesso que estava me arrependendo. Já era madrugada e eu não deveria ter tido a péssima decisão de encontrá-la. Mas percebi que era tarde demais.

— Você sabe qual é minha intenção. Eu não quero mais...

— O que está planejando, meu amor? — interrompeu-me. — Será que existe um anel de noivado em um dos bolsos da sua calça?

— Não seja cínica, Karen. Você sabe o que quero.

— Não. Eu não sei. — Encarou-me com olhos caídos e cansados, embora desafiadores. Era evidente que tinha bebido antes de vir me encontrar; e agora estava tomando uísque. Ela devia estar em uma dessas baladas e veio direto para cá. Não me aproximei dela, mas soube que não se encontrava em seu juízo normal, somente pelo tom da voz e pela aparência cansada.

— Acabou — ignorei o estado da mulher diante de mim e despejei as palavras em sua cara.

— Não aceito — foi direta, enquanto seus olhos tentavam encarar os meus.

— Não estou pedindo sua autorização para me separar de você. Estou comunicando. Estamos destruindo um ao outro.

Karen respirou, puxando e soprando o ar bruscamente. Seus ombros subiam e desciam com força, e lágrimas começavam a verter de seus olhos.

— Não estou mais usando drogas, Chris. Eu juro! — a voz embargada, por um momento, deixou-me penalizado. Tentei segurar a mão dela, que me repeliu.

— Acredito em você. O problema é que está bebendo como uma louca depois que decidiu dar um tempo nas drogas pesadas. Você precisa procurar ajuda, Karen. Não sou a pessoa certa para ajudá-la. Estou levando tristeza para minha família, não posso mais viver assim.

— Que se dane a sua família. Eu sou a sua mulher! — Contrariando a

última reação que teve, Karen se ergueu, deu a volta na mesa e se ajoelhou diante de mim.

— Prometo fazer tudo para melhorar, para ficarmos juntos, meu amor. Não faça isso comigo, por favor.

Ergui-me, segurei-a pelos cotovelos e a puxei para cima. As pessoas ao redor nos analisavam, já que testemunhavam as ações de uma mulher claramente descontrolada. Então Karen me abraçou e me apertou muito forte, como se eu fosse fugir e ela pudesse me deter.

— Acho melhor você ir para casa. Eu a levo. Venha. — Tirei uma nota de US\$ 50 da carteira e paguei minha água, além dos dois copos de uísque que Karen tinha tomado. Ela segurou meu braço, a cabeça encostada ao meu ombro. Descemos as escadas devagar e, quando finalmente alcançamos a porta de saída, virou-se para mim. A chuva parecia ganhar força a cada minuto.

— Quero ir para sua casa, Chris. Quero que me leve. Temos muito o que conversar.

Encarei-a de frente, segurando seus ombros, determinado a fazê-la entender que o que havia entre nós tinha acabado.

— Não. Você não entendeu. Não há o que falar. Não existe mais "nós". Acabou — minha voz soava ríspida para que ela entendesse de uma vez por todas.

Os olhos de Karen se transformaram, ela parecia me odiar. Suas narinas inflavam e, abruptamente, ela correu em direção à chuva, em direção ao carro estacionado a poucos metros do restaurante.

Eu a segui, preocupado e receoso de que ela fizesse uma besteira, mas a vi entrar no veículo antes que eu pudesse impedir. Sem pensar muito, dei a volta e tentei abrir a porta, enquanto Karen se atrapalhava com a chave na ignição tentando dar partida.

Conseguí entrar, mas o carro acelerou antes mesmo que eu pudesse fechar a porta. Então a bati e afivelei o cinto de segurança.

— Karen, pare o carro.

— NÃO! — Ela “costurou” o trânsito de Manhattan como se estivesse dentro de um jogo de videogame. Peguei o outro cinto e afivelei nela com o intuito de protegê-la. A chuva aumentara exponencialmente.

— PARE ESSE MALDITO CARRO!

— Você está terminando comigo, não tenho mais nada a perder. Já perdi você. — A chuva batia com toda a força no para-brisa e a visibilidade era quase nula agora.

— A chuva está muito forte, Karen. Pare este carro! Vamos bater. É melhor parar e conversar, então eu a levo para minha casa. Pare.

Ela riu, enquanto ultrapassava o sinal vermelho. Exigi que parasse, mas Karen me ignorou. Ouvi barulhos de buzinas e por pouco não aconteceu um grande acidente.

— MERDA!

— Acha mesmo que vou acreditar em você? Está dizendo isso porque não quer morrer, não é, Chris? Diga!

De longe, consegui avistar luzes vermelhas. Devido à chuva, pareciam borrões. Olhei para Karen, mas ela não diminuiu a velocidade. Meu coração acelerou, batendo violentamente contra o peito. Observei o velocímetro, que marcava terríveis 140 km/h. Minha voz sumiu, como se eu a tivesse perdido. Ela então pisou no freio, caindo em si, mas o carro não parou. Derrapou sobre as poças de água e Karen gritou, desesperada, percebendo a burrada que tinha feito. Tentei segurar o volante, mas era tarde demais. O carro ultrapassou o cruzamento, e eu senti o baque, o estrondo, então tudo se apagou...

Melinda

Estou no banheiro, em frente ao espelho, encarando meu reflexo. Os olhos borrados e cansados refletem o que estou sentindo por dentro. Quando vi que Chris saiu deixando apenas um recado através de Anne, tive que segurar a decepção até chegar aqui.

Meu namorado não apareceu até agora. Fui até o apartamento dele, liguei e enviei muitas mensagens, mas Chris simplesmente não dá sinal de vida. Não tenho o contato de Nicholas e somente na segunda-feira as coisas vão voltar ao normal. O feriado ainda não acabou. De qualquer maneira, sei que ele não está com o amigo. O que me preocupa é imaginar que esteja com Karen ou, pior, que estejam juntos até agora.

Não sou ingênua. Sei que tudo o que está acontecendo tem relação direta com aquela mensagem. Chris confessou que era ela, e o que aquela louca lhe disse por telefone o abalou a tal ponto de ele não conseguir me olhar. Não conseguir me enfrentar. Será que fui idiota por acreditar que já não havia sentimentos entre os dois? Ela ainda mexe com ele. De alguma forma o afeta, disso eu não tenho a menor dúvida.

Tentei manter a calma, fingindo para todos que estava tudo bem, para não estragar o resto de seu feriado. Meu irmão está com Alexia em algum lugar, aproveitando o momento ao lado dela. Não tenho certeza do que está acontecendo e não podia dizer nada a ele, que, mesmo agora se dando bem com Chris, ainda guarda certo receio, teme que meu namorado me faça sofrer. Tentei dormir, fechar os olhos, mas a imagem que se projeta a minha frente é de Chris e Karen se beijando.

Muitas perguntas assolam minha mente com a intensidade de um furacão, mas tento não pensar muito sobre o que pode estar acontecendo. Ainda perdida em conjecturas, tomo a decisão de ir, pela última vez, ao apartamento dele.

Preciso encará-lo ou não conseguirei dormir. Antes de tomar qualquer atitude, tenho que saber o que tanto o atormenta. Quero olhá-lo nos olhos e sentir a verdade neles.

Lavo o rosto com sabão e água gelada em abundância. Seco-o e, quando vejo que está completamente limpo, amarro os cabelos em um coque mal feito, saindo determinada.

Pego o celular e a chave, caminhando decididamente até a porta de Chris. Não penso muito e apenas bato, na expectativa de que ele abra, mas espero alguns segundos, e nada acontece. Ele não abre. Insisto algumas vezes até que desisto, observando a madeira por longos segundos. O medo toma conta de mim e as lágrimas ameaçam cair mais uma vez. Respiro fundo e me afasto, caminhando vagarosamente em direção a minha porta.

— Melinda — a voz grave e baixa chama minha atenção e eu me viro imediatamente, deparando-me com Chris, de pé, caminhando lentamente e com certa hesitação até mim. Está triste, os ombros caídos, os olhos muito cansados, aparentemente exausto.

— Chris, onde estava? — Cautelosamente, caminho ao seu encontro. Quando finalmente meu corpo se aproxima do dele, sinto seu hálito. Rescende a álcool. — Você bebeu? — Obviamente foi uma pergunta retórica.

Ele apenas fecha os olhos.

— O que aconteceu, Chris? Diga-me, por favor — peço e ele nega com a cabeça, seus olhos ainda fechados, as mãos tocando meus ombros, subindo para meu pescoço e alcançando minhas faces. — Você está gelado.

Ele apenas concorda, como se minha voz lhe causasse dor.

— Seja lá o que for que tenha acontecido... eu estou aqui. — Seguro seu rosto gelado e ele tomba uma das faces em minha mão.

— Eu bebi para suportar o frio — diz como se respondesse à pergunta que fiz. Com um dos braços, apoia-se ao meu ombro e eu o abraço pela cintura, conduzindo-o para o apartamento dele.

Retira a chave do bolso da calça, mas, antes de abrir, mais uma vez

segura meu rosto com as duas mãos. Encosta a testa na minha e não me importo de sentir seu hálito quente.

— Preciso falar uma coisa, Melinda.

Encaro seus olhos azuis cansados.

— Diga. Eu estou aqui.

— Eu te amo — sua declaração repentina me deixa completamente muda. Mesmo que seja efeito do álcool, é indescritível o que sinto ao ouvir isso. Para mim, Chris estava pronto para fugir, mas o que vejo aqui, bem diante de meus olhos, é um homem que, mesmo não estando em seu estado normal, foi capaz de dizer algo tão intenso.

— Eu também — sussurro, minhas palavras parecem tê-lo atingido.

Chris cobre o rosto com as mãos, como se não suportasse minhas palavras. Ele disse que me ama pela primeira vez, mas ouvir a retribuição parece doer nele.

— Você precisa de um banho, Chris.

— Não. Eu preciso de você. Só preciso do seu perdão...

— Não tenho o que perdoar. Você não tem culpa se aquela mulher já passou de todos os limites. Ela é uma perseguidora e você precisa tomar uma atitude.

Chris fecha os olhos e os aperta com força. Não diz nada por muitos segundos e, quando os abre, vejo a angústia dentro deles; e minha vontade é apenas abraçá-lo.

— Durma comigo hoje? — implora, sua voz sussurrada, mas desesperada, como se hoje fosse nossa última noite juntos. Como se não fôssemos nos ver mais.

Concordo com a cabeça sem dizer uma palavra e ele inspira o ar, soltando-o com força.

— Amanhã conversaremos. Vou explicar tudo sobre hoje. Vou me abrir para você, Melinda, e... espero do fundo do coração que me perdoe — sua fala me deixa confusa, perdida, não compreendo o que ele pretende me contar.

De repente imagino que ele saiu com Karen, que não resistiu à insistência dela. *Será que eles se encontraram e...?* Não sei o que pensar, então me afasto instintivamente.

— Você se encontrou com ela, Chris? É isso que quer me contar? Esteve com a Karen hoje, não esteve?

— Não — responde com convicção e sinceridade na voz. — Eu não faria isso comigo, muito menos com você. O que tenho a dizer tem relação com o meu passado e, sim, tem a ver com Karen, mas ... — para de falar com um gesto dolorido, como se uma dor perfurasse seu peito. — Não tenho condições de falar hoje. Não quero estar alcoolizado quando conversarmos. Quero estar inteiro fisicamente. Venha. Só venha. Preciso esquecer isso apenas por hoje. Só me dê isso. É a última coisa egoísta que peço a você.

Sua mão alcança a minha, ele me conduz e eu deixo minhas coisas sobre a mesinha de centro. Em sequência Chris e eu seguimos em direção ao quarto, em silêncio, e, por alguma razão, deixo-me ser conduzida sem perguntas. A raiva e a frustração que eu sentia desapareceram quando vi o rosto aflito dele, um rosto a implorar ajuda.

Não brigo e tampouco tento convencê-lo de que não precisa se justificar sobre os erros daquela mulher.

Mesmo exalando bebida alcoólica, Chris, de maneira desajeitada, senta-me na cama e retira minha prótese devagar. Está ajoelhado em minha frente. Puxa várias respirações profundas enquanto olha para minhas pernas. Um olhar triste.

Por alguma razão, não digo nada, por medo de interromper seu ritual. Ele se abaixa e beija minhas cicatrizes sutilmente, uma a uma, e lágrimas começam a cair de seus olhos. Engulo com dificuldade, mas compreendo que ele está sob efeito do álcool. Não o interrompo. Vê-lo ajoelhado e beijando cada marca em minha perna deixa-me comovida como jamais fiquei. Meus olhos, com certeza, brilham, as lágrimas a ponto de cair. Tento impedi-las quando vejo que Chris convulsiona bem diante de mim. Ele chora como uma criança, seu rosto apoiado

sobre minhas cicatrizes.

Cubro a boca com uma das mãos, enquanto a outra pressiona a cabeça de Chris. Observo-o desabar sobre mim e sinto as lágrimas verterem como torrentes; nada além de sentir este momento em que as palavras não são necessárias. Não agora.

Meus braços voam para o lado direito e encontram um espaço vazio. Abro os olhos, percebendo que estou sozinha na cama de Chris.

Ouçõ o barulho do chuveiro e constato que ele está no banho. Dormiu como estava e sua roupa exalava álcool na última noite. Depois de retirar minha prótese, como sempre faz, apenas me abraçou, e foi assim que, rapidamente, caímos no sono.

Embora o dia de ontem tenha sido incrível, o fim da tarde, desde o repentino sumiço de Chris até nosso reencontro, foi um grande pesadelo.

Encaixo a prótese na perna e me levanto. Caminho até o armário onde há roupas minhas. Deixei aqui alguns vestidos leves e acho que é uma boa ideia pegar um antes de tomar banho.

No instante em que abro a porta corrediça, percebo que todas as minhas roupas estão jogadas no chão do armário. FRANZO o cenho e decido arrumar isso depois de questionar Chris. Sigo para o banheiro e, quando abro a porta, percebo que ele ainda está no chuveiro. Consigo ver a sombra de seu corpo grande e forte. Está imóvel, as mãos espalmadas no azulejo enquanto a água cai em suas costas. Parece pensativo, e resisto à vontade de me juntar a ele. Isso me daria trabalho e decido imaginar que um dia serei levada em seus braços.

Abro a torneira para lavar o rosto e, ao lado dela, vejo uma cartela de remédios que jamais vi antes. Percebo que faltam muitos comprimidos e, por curiosidade, decido ler o rótulo. É um anticoncepcional, e não da mesma marca que comecei a usar; isso me intriga ainda mais.

Deixo a embalagem sobre a bancada, olho para Chris, mas ele continua na mesma posição. Decido abrir o armário espelhado e o vasculho sem saber o

que procuro. Dentro há um creme corporal feminino e uma escova de dentes que não me pertencem nem ao Chris.

Meus batimentos cardíacos aceleram no instante em que percebo o que está acontecendo. Ela esteve aqui. Com ele. Com as mãos trêmulas, tento guardar a embalagem, mas ela acaba caindo. Abaixo-me para pegá-la, então me deparo com uma calcinha preta, minúscula, no chão e próximo à pia.

Sim. Esta é a confirmação de que uma mulher esteve aqui, não necessariamente Karen. Ele disse isso, aliás, e parecia sincero. No entanto é inegável que estou certa em minhas suposições; embora, sendo estes detalhes imperceptíveis aos olhos masculinos, eu presuma que Chris não os notou.

— Melinda — chama, quando nota minha presença, mas não respondo. Não tenho condições de falar. Meu estômago se revira. Minhas mãos se crispam, ficando rijas como metal.

Chris desliga o chuveiro, e decido sair do banheiro. Levada por um impulso, vasculho o armário dele para tentar encontrar mais pistas de quem pode ter estado aqui. Abro a gaveta e, a primeira coisa que vejo, é um pedaço de jornal datado em outubro de 2014. Engulo em seco, meus olhos ardem pelas lágrimas.

Devolvo o pedaço de papel à gaveta e fecho o armário. Visto o roupão que estava pendurado na porta, corro para a sala, pego minhas coisas e saio da casa de Chris o mais depressa possível.

Abro a porta de meu apartamento sentindo o peito se agitar e a respiração cada vez mais exaurida.

Chris

Minha mãe morreu no momento em que mais precisei dela, mas essa, certamente, é apenas uma perspectiva; um detalhe. Estou certo de que, muito antes, quando eu não tinha tempo "a perder" com familiares, ela precisara de mim.

Após o acidente com Karen, tudo aconteceu muito rápido. Fiquei inconsciente, havia batido com a cabeça, mas pude ir para casa dias depois. Tinha decidido que era momento de mudar antes mesmo de terminar o relacionamento doentio com aquela mulher e esperava que, depois disso, pudesse me entender com meus pais. Ao decidir conversar, quando necessitei da força de minha mãe, era tarde demais, Emma Blank havia sofrido um AVC.

Muito acontecia ao mesmo tempo e eu, naquela época, concluí ser o culpado. E, sem dúvida alguma, estava certo. Nunca cogitei culpar Karen, já que ela estava naquelas condições por minha causa.

O acidente foi como uma luz sobre a realidade; evidenciou de maneira inapelável as consequências de meus atos, principalmente sobre a vida de outros, como Karen, que estava naquele caminho tortuoso graças a mim.

Minha mãe me havia visitado no hospital e, constatando que eu não estava ferido gravemente, fora para casa antes de eu receber alta médica. Ela desmaiara. Eu não estava lá para ajudar e meu pai acabou me culpando. Então, depois de ouvir seus insultos, fugi. Fugi por dois anos.

Na época fiz minhas próprias suposições. Tinha certeza de que a causa do mal-estar de minha mãe era o choque. Ela não havia suportado a verdade: seu filho envolvido em um grave acidente e, pior, responsável pela morte de uma pessoa e pela mutilação de outra. Apesar de eu não estar dirigindo na ocasião, a culpa era como um dedo acusador apontado em minha direção e, a meu ver, todos viam isso; como se, para qualquer um, fosse claro que aquele era o

resultado de minhas escolhas.

Depois de ter feito as pazes com meu pai, porém, refleti e aceitei a fatalidade da morte de minha mãe; iria acontecer de qualquer jeito. Em contrapartida, ao saber a verdade sobre Melinda, revivi aqueles momentos terríveis e me enchi de dúvidas.

A condenação e toda angústia que vinha com ela não se dissiparam, estavam guardadas em meu subconsciente. Minha mãe estava decepcionada, ainda que eu tivesse mostrado indícios de mudança; encontrava-se desapontada devido às minhas atitudes anteriores e ao meu relacionamento com Karen, ao lado de quem me tornei uma pessoa pior. O acidente foi como o dedo a pressionar o gatilho.

A voz de minha mãe sempre que deparava comigo naquela situação lamentável — chegando a nossa casa drogado — retorna a minha mente; é como se eu vivenciasse novamente um daqueles momentos:

"Traga meu filho de volta."

Fecho os olhos com força ao recordar tudo o que fiz contra as pessoas que mais amo. Agora, enquanto a água cai sobre meu corpo, tento pensar em uma maneira de dizer à mulher que se tornou tudo para mim a verdade sobre nossas vidas. A terrível coincidência. Preciso contar à Melinda que faço parte de seu pior pesadelo.

Não serei covarde. Não fugirei como fiz antes. Enfrentarei e, mesmo correndo o risco de perdê-la, confrontarei o terror que emergiu em forma de realidade. Já fugi demais durante os últimos dois anos, não repetirei os mesmos erros.

Um barulho me traz de volta das profundezas de meus pensamentos e eu ergo a cabeça, até então voltada para baixo. Endireito o corpo, mas nada enxergo através do vidro embaçado. Limpo-o e então a vejo levantar-se do chão. Melinda tem algo nas mãos, mas não me olha. Parece um pedaço de tecido, não tenho certeza.

— Melinda? — chamo, mas ela não responde e sai apressadamente.

Franzo o cenho, fecho a ducha e puxo a toalha. Preciso tentar entender o que está acontecendo, o motivo de ela ter me ignorado saindo dessa forma.

Seco o corpo de qualquer jeito, enrolo a toalha na cintura e saio do banheiro. O quarto está vazio. Sigo até a sala, e nada de Melinda. Seguro a nuca com as duas mãos e fecho os olhos, na tentativa de compreender sua repentina atitude. O que a fez fugir de mim, afinal? Ela estava dormindo, não falou com ninguém. Ou falou?

Fecho os olhos e pressiono as têmporas como se isso pudesse refrear a confusão em minha mente. Volto para o quarto. Próximo ao armário, vejo que a porta do lado de Melinda está aberta, suas roupas jogadas ao chão. Observo a cena, ainda completamente confuso, e volto para o banheiro. Meus olhos param na bancada onde vejo uma minúscula calcinha preta, além de uma cartela de remédios.

Então era isso o que ela estava segurando?

Depois de alguns segundos, as coisas começam a fazer sentido em minha mente.

Essa calcinha não é de Melinda e eu me pergunto como isso veio parar aqui. Como? Pego a cartela, leio o rótulo e fecho os olhos com força.

— Karen... Ela entrou aqui — constato. — Só pode ter sido ela!

Essas coisas não estavam em meu apartamento e nunca estiveram.

— MERDA! — praguejo e volto para o quarto.

Visto-me e procuro mais evidências, notando que a primeira gaveta do armário está aberta. Vejo uma folha de jornal que nunca esteve ali. Não encontro a foto de minha mãe, então vasculho até a encontrar, no fundo da gaveta, rasgada ao meio.

Com as mãos trêmulas, volto a atenção ao recorte de jornal, retiro-o da gaveta e, lentamente, abro-o, temendo o que está escrito nele.

Então estou de frente para uma das poucas notícias sobre o acidente no qual estive envolvido:

Direção Perigosa!

Mulher embriagada provoca acidente depois de dirigir perigosamente pelas ruas de Manhattan. Testemunhas disseram que, pouco antes do ocorrido, ela discutia com o namorado, aparentemente, bêbado. Proveniente do álcool, sua imprudência resultou em uma pessoa morta e outra gravemente ferida.

Amasso o recorte, certo de que foi deixado por Karen com o intuito de prejudicar meu relacionamento. Acredito que Melinda tenha lido, já que minha gaveta não estava aberta quando fui ao banheiro. Provavelmente ficou confusa, não compreende a razão de tê-lo encontrado aqui. Nele não há nomes, e presumo que se trata de uma estratégia de Karen para conduzir Melinda à verdade.

Mel não faz a menor ideia de como estou implicado em seu passado, mas minha ex parece obstinada em mostrar-lhe, dando-lhe todas as pistas antes de me destruir. Isso parece algum tipo de vingança que, infelizmente, só percebi agora.

Saio do quarto em direção à sala. Preciso explicar tudo à Melinda.

Caminho decididamente, mas, antes que possa me aproximar da porta, ela se abre abruptamente. Paro, surpreso, e vejo Alan entrar em minha sala. Antes que eu possa assimilar sua presença, porém, recebo um soco na boca, desequilibro-me e seguro os lábios, que agora sangram.

— DESGRAÇADO. Eu sabia que você não prestava!

Limpo a boca, mas não tento revidar. Alan continua aqui e me encara com fúria. Seu corpo treme de raiva.

— Do que está falando? — questiono, mesmo imaginando o motivo. Melinda deve contado sobre a calcinha e os outros objetos femininos que encontrou aqui. Ele, obviamente, veio tirar satisfações e está em seu direito. — Não sei como aquelas coisas vieram parar aqui. — Continuo com a mão na boca, tentando estancar o sangue que insiste em verter.

— Coisas? Eu estou falando disso! — Alan retira do bolso da calça um recorte de jornal e o bate com força sobre meu peito. Eu o seguro e imagino que seja o mesmo que Karen deixou em minha gaveta, mas, quando leio, não acredito nas palavras escritas:

Bêbados se aventuram em trânsito no meio de um temporal.

Testemunhas disseram que Christopher Blank, filho de milionários, dividia a direção perigosa com a namorada até colidirem com outro carro que atravessava o cruzamento da Rua 59, matando uma pessoa e deixando outra gravemente ferida.

Tento entender de onde saiu esta notícia falsa, datada da época do acidente, e constato, mais uma vez, que Karen agiu de forma silenciosa. Agora tudo está vindo à tona.

— Como esta mentira foi parar em suas mãos? Isso... isso não é verdade. Eu não...

— MALDITO! — Alan me interrompe aos berros. — NÃO OUSE SE APROXIMAR DA MINHA IRMÃ, ENTENDEU? — Seu tom de voz é alto, tenho certeza de que todo o prédio ouviu.

— Isso não é verdade, Alan — tento manter a voz firme.

— Você estava lá com sua ex-namorada. Vai negar isso?

Olho-o por alguns segundos e então nego com a cabeça, as lágrimas escorrendo dos olhos de Alan. Ele parece devastado e eu ainda mais por lhe causar isso.

— Eu estive lá, mas não estava bêbado. Isso é mentira daquela mulher. — Olho para a mão banhada em sangue, uma mancha se forma em minha camisa branca. Ele caminha lentamente até a porta, mas repentinamente se vira, apontando o dedo indicador para mim.

— Ela sofreu. Eu sofri. Meus pais sofreram. Você não faz ideia do mal que causou a ela, seu desgraçado.

— Eu tentei impedir — sussurro, mas a verdade, admito para mim, é que não fiz o suficiente e mereço ouvir tudo isso.

— Não. Vocês mataram Alice e quase mataram a minha irmã. — Alan arranca o papel, o recorte de jornal agora sujo de sangue, de minha mão e bate sobre ele repetidas vezes. — Embora não conste nos autos, isso aqui não pode ser ignorado. Não pode ser mentira. Eu não vim aqui apenas porque li isso, eu pesquisei sobre você. — Ele puxa o ar com força, enquanto lágrimas banham sua

face. — Depois que recebi este recorte, anonimamente, em minha empresa, pesquisei sobre seu passado e de sua ex. Com o pouco que consegui encontrar, já soube que eram dois drogados de merda. Drogados com pais ricos. Por isso não encontrei nada sobre sua identidade. Eu sabia quem era sua ex, sabia o nome dela, mas nunca soube de você, porque, até então, a pessoa que estava ao lado da assassina era uma vítima — diz cuspiendo as palavras entre os dentes.

— Essa notícia é falsa — afirmo, agora com o tom de voz mais elevado.

— Ah, você não era um drogado?

Meu silêncio entrega a verdade e Alan se afasta.

— Não no momento do acidente. O juiz já deu a sentença. Não fui acusado de nada porque...

Alan não me deixa concluir e sai, batendo a porta atrás de si.

Encaro o nada, como se minha mente estivesse vazia. Não sei o que pensar, nem como agir diante disso. Se for atrás de Melinda agora, ela certamente não irá me ouvir; a essa altura, já deve ter sido envenenada pelas notícias mentirosas que Karen criou para nos separar.

Melinda foi embora daqui imaginando que fui infiel, agora saberá, através de terceiros, que eu também estava lá, naquele dia. Ela terá certeza de que fui o responsável pelo pior dia de sua vida. A pessoa que poderia ter impedido seu sofrimento. Um homem incapaz de conter uma mulher embriagada, de impedi-la de cometer um homicídio doloso.

Melinda

Sinto o vômito subir pela garganta e corro até chegar ao banheiro. Só tenho tempo para me agarrar ao vaso sanitário. Vomito como se precisasse expelir o mal que aquelas palavras me causaram.

Sentada no chão, ofegante e trêmula, eu choro. Tudo ao mesmo tempo.

Não pode ser verdade, Chris não estava lá. Além da calcinha e do remédio, havia aquele recorte de jornal, a notícia sobre meu acidente, mas não imaginei que ele estivesse diretamente ligado a tudo aquilo, ao dia em que minha

vida mudou drasticamente.

— Meu adeus — sussurro, sentindo o suor frio escorrer sobre minha testa.

Ouço a porta abrir, mas não me viro para ter certeza de que Alan está aqui. Ele segura meus cabelos, enquanto termino de jorrar o líquido transparente para fora.

— Acalme-se, Melinda. Eu estou aqui.

Passada a agonia de não conseguir raciocinar sobre as coisas terríveis que acabei de ouvir, recosto-me ao peito de meu irmão. Ele me aperta entre os braços e pergunta:

— Você ouviu, não é? Ouviu a discussão entre mim e aquele canalha? — pergunta e eu concordo com a cabeça. — Ele não vai mais se aproximar de você. — Sinto sua inspiração, suas mãos em meu rosto, pressionando-o protetoramente. — Acho que foi a pior coincidência que já vi na vida. Tantos lugares no mundo para esse infeliz morar, tanto lugar no mundo para onde me mudar e tinha que ser logo para o mesmo andar que esse cara? — Alan lamenta, sua voz embargada, o peito convulsionando-se. Está chorando.

Eu apenas deixo as lágrimas verterem, não emito som algum.

Alguns minutos decorreram, estou deitada sobre minha cama, Alan do meu lado, acariciando meus cabelos. Nenhuma palavra foi dita até agora.

— Volte ao trabalho, Alan. Sei que você o interrompeu para vir tirar satisfação com ele... Eu estou bem.

— Você não está bem. Não minta!

— Não estou bem e vou continuar não estando, com você ou sem você aqui. Vou tentar dormir. Vá.

— Só irei se prometer que ficará quietinha aqui e que não abrirá a porta para ninguém. Prometa!

— Eu prometo.

— Okay. — Alan beija minha testa. — Ligue-me se esse cara aparecer

aqui.

— Ele não virá.

— Não importa. Não abra para ninguém. Não saia.

— Certo.

Ele se ergue e caminha até a porta do quarto. Alan se vira e tenta sorrir, mas apenas consegue curvar os lábios.

— Estarei de volta à noite — e sai, fechando a porta.

Eu encaro o teto, ainda aflita, como se ali estivesse a solução para meus problemas.

Meu coração salta e eu desperto ao som de batidas vindas da porta. Penso que o barulho foi imaginário, mas então ele retorna. Meu coração ainda está acelerado devido ao susto, mas eu me sento. Coloco a prótese o mais rápido que consigo, enquanto o ruído persiste.

Lembro-me da recomendação de Alan, mas a ignoro e caminho, apenas de camisola, até a porta de entrada. Respiro profundamente e olho pelo olho mágico, visualizando Chris do outro lado. Sua boca está inchada e há um corte, provavelmente, feito por meu irmão.

Meu coração bate de maneira errática. Não tenho reação. Então não abro. Inconscientemente sabia que ele viria, mas, ao invés de ficar na cama ignorando as batidas, preferi estar aqui para poder vê-lo mais uma vez.

— Sei que está aí... — diz com a voz suave e só em ouvi-lo sinto meu corpo tremer. — Abra a porta. Olhe nos meus olhos, Melinda. Preciso que me ouça.

Fecho os olhos, tento controlar a respiração e seguro o trinco. Lentamente, o giro. A porta se abre, revelando a imagem do homem que não deveria estar aqui, não agora.

— Melinda... preciso que me ouça, por favor.

As lágrimas voltam como torrentes aos meus olhos. E só agora, olhando para ele, percebo quão abalada estou.

— Não posso... — sussurro.

Chris mantém a distância, seus olhos cheios de lágrimas. Sei que eu deveria enchê-lo de questionamentos. Ainda que meu irmão seja contra, precisamos conversar, mas percebo que é muito cedo. Simplesmente não consigo confrontar aquelas lembranças agora.

— Você esteve, lá. Era você. O tempo todo era você.

Chris fecha os olhos como que acometido por uma dor física.

— Sim. Eu estive. — Volta a me olhar. — Não é verdade o que seu irmão leu. Não é...

— Por favor... — Como num despertar, cada imagem daquele dia invade minha mente. Preciso digerir tudo. — Encaro os olhos dele. Parecem implorar, suplicar para que eu o ouça, mas simplesmente não consigo; apenas em encará-lo, só em pensar na possibilidade de enfrentar as verdades que porventura ele possa me dizer, sou invadida por grande angústia.

— Vá embora, Chris. — Faço menção de fechar a porta e ele não me impede, nem se move do lugar. Sabe o que está acontecendo aqui. Respeita meu momento e não se aproxima. Eu me afasto e empurro a porta lentamente, enquanto encaro seu rosto devastado a me observar, quem sabe, pela última vez.

Melinda

Tranquei-me em meu quarto durante três dias. Alimentei-me de pequenas fatias de pizza e não quis conversar com ninguém. Desliguei o celular e as únicas pessoas com quem conversei por telefone foram meus pais, que exigiram minha volta para Londres. No impulso, acabei concordando, não agi racionalmente. Agora estou infeliz por ter aceitado isso.

Todos querem me proteger do "monstro" que matou Alice, do homem que disse, olhando em meus olhos, que as notícias que Alan e eu lemos eram mentira. Ele afirmou que não estava conduzindo aquele veículo.

Será que tentou falar comigo novamente? Não faço ideia, fiquei incomunicável. Talvez tenha tentado algum contato, na certa com intuito de me convencer de que falou a verdade. Pode ter parecido que eu não queria ouvi-lo, mas na realidade não foi por isso que me fechei. Não estava preparada para reviver aquele dia novamente, como aconteceu há pouco tempo. Agora, contudo, tudo faz mais sentido. Retalhos de informação recobram força em minha mente conturbada.

Chris não se defendeu com vigor das acusações, mas afirmou que aquela notícia era falsa. Repetiu isso olhando em meus olhos. Mesmo devastada, sabendo que ele e a ex estão diretamente envolvidos no acidente, não pude deixar de notar a sinceridade estampada em seu rosto. Ele também pode ter sido vítima daquela mulher. Não creio que tudo o que vivemos tenha sido mentira. Foi verdadeiro.

Agora, com os pensamentos mais claros, eu me lembro; Chris queria me contar algo na última noite que passamos juntos. Sobre seu passado com Karen. Parecia prestes a fazer uma confissão, e isso me deixa ainda mais confusa. Nada do que li ou ouvi faz o menor sentido. Nada disso condiz com o homem que ele se mostrou ser, durante todo esse tempo, para mim.

Não posso deixar de lembrar quão arrependido Chris parecia estar na noite anterior. O choro compulsivo, o olhar triste sobre minhas cicatrizes, estava claramente devastado. Aquilo não foi uma farsa. Ele queria me contar. Mas não contou. Karen chegou primeiro e tratou de fazer tudo a sua maneira.

Imaginar que aquela mulher é a grande culpada e que foi namorada dele me enoja. Ela é muito pior do que eu pensava; sabia de tudo e, mesmo assim, aproximou-se de mim. Deve ter me odiado ainda mais quando soube que sou uma das vítimas daquele acidente. Pessoas normais teriam compaixão; ela nutriu o ódio.

Não tenho dúvida, Karen enviou aquele jornal para meu irmão e colocou aquelas coisas no apartamento de Chris. Agora o destino tratou de piorar aquilo que já estava ruim, colocando-me diante da terrível verdade; ou ao menos de parte dela. Talvez, se Chris tivesse me contado tudo antes que eu lesse aquilo...

Tudo me pareceu muito estranho, desde aquela notícia de jornal, até a calcinha, o remédio e minhas roupas jogadas no armário.

A verdade é que agora estou pagando o preço por minhas próprias omissões. Apesar de enfrentar os problemas referentes a minha nova condição, durante muito tempo evitei confrontar cara a cara as pessoas que, em meus pesadelos, só apareciam como sombras. Eles não tinham rostos, mas existiam e eu sabia que a culpada não ficaria muito tempo na cadeia. Mas isso era tudo o que eu sabia, já que me recusei a acompanhar o processo até mesmo pela imprensa. Também não pude, devido aos traumas vividos e aos tratamentos médicos a que tive que me submeter no período, comparecer em juízo.

Meus pais, principalmente minha mãe, falavam sobre ela, a assassina, às vezes, mas eu, por medo de enfrentar a verdade, por temer aquelas sensações estranhas, nunca quis ouvir. Fui tola, deveria ter pesquisado, mesmo que doesse a alma; deveria ter me precavido para evitar conhecê-los, por mais que isso parecesse improvável. Por mais absurda que fosse a ideia de me apaixonar por ele. O homem que estava naquele carro, no dia em que quase perdi minha vida.

Parei de chorar somente ontem, mas é como se o luto do dia em que

despertei para uma nova realidade tivesse voltado. As lágrimas secaram, mas a dor permanece dentro de mim.

O barulho na porta chama minha atenção. Não respondo, e permaneço de costas para ela, mas alguém entra. Ouço uma voz calma, sei que é Alexia, apesar de não a ver.

— Melinda... — chama e senta-se ao meu lado, na cama.

Eu finalmente a olho e, por uma fração de segundo, vejo Alice bem diante de mim. Dona de um sorriso contagiante, cabelos escuros e olhos claros. Sinto as lágrimas inundarem meus olhos, mas as contenho. Impeço que caiam.

Alexia sorri.

— Você precisa sair do quarto. Seu irmão me pediu que a ajude a arrumar as malas.

Eu a encaro e concordo com a cabeça.

— Eu vou... — minha voz sai rouca e baixa. Quase não falei durante os últimos dias. — Pode pegar minha prótese? Está carregando bem ali.

Alexia faz o que peço e em minutos estou de pé e vestida.

A neve fraca bate contra o vidro da janela e eu procuro um casaco no armário. Alexia dobra peças sobre a cama e, juntas, guardamos tudo dentro de duas malas. Levarei as mesmas roupas que trouxe e mais algumas blusas de frio que precisei comprar.

Terminamos, eu me sento na cama, e Alexia se junta a mim. Abaixo o rosto e ela segura minha mão. Ambas olhando para o nada.

— Não vou dizer que as coisas vão melhorar, que vai ficar tudo bem em um passe de mágica; eu seria uma mentirosa. O tempo vai se encarregar de melhorar tudo, você verá.

— Ele não me contou... — sussurro.

— Não precisa falar sobre isso.

— Eu olhei nos olhos dele, Chris não parecia saber quem de fato eu era até o Dia de Ação de Graças. A tristeza que ele carregava no coração durante esses anos não foi só pela perda da mãe, foi por mim também, por Alice.

— Você sabia que ele era um...

— Drogado? — concluo o que ela queria dizer. — Sim. Chris me contou. Ocultou, claro, o fato de ter estado naquele acidente, mas confessou ter feito coisas ruins ao lado de Karen no passado. Contou sobre a mãe. Admitiu ter agido mal devido ao uso de drogas. Sei que ele estava disposto a me contar tudo. Eu não falava muito do acidente e...

— Eu sei, Mel. E uma das coisas ruins que ele ocultou de você foi...

— O acidente. — Dessa vez, deixo as lágrimas rolarem. — Evitamos falar sobre esse assunto, como se intuitivamente soubéssemos que isso nos separaria. Dói saber que era ele, Alexia. Mas é tarde demais; eu já o amo.

Ela sorri, segura meus ombros, puxando-me para perto dela.

— Que seu irmão não me ouça, mas acho que Chris a ama também e, pelo que está me dizendo, descobriu essa coincidência agora, da mesma maneira que você. Parece ser uma pessoa boa, Melinda; uma pessoa que errou, mas que estava tentando corrigir-se. — Surpreendo-me com a ousadia de Alexia ao dizer essas palavras; pensei que ouviria conselhos sobre me afastar dele.

— Obrigada — agradeço, limpando as lágrimas com o polegar. — Se continuar chorando assim, vou desidratar.

— Também acho. — Alexia me dá um beijo na têmpora e se ergue. — Quando estiver pronta, estarei na sala. Precisamos sair, despedir-nos. Seu voo para Londres parte amanhã bem cedo.

Balanço a cabeça em concordância. Alexia segura a fechadura, parece pensativa por alguns segundos e se vira para me encarar.

— Você é dona da sua vida, não seus pais ou seu irmão. Só você sabe o que é bom para si, entendeu? Se subir naquele avião, é por querer fazer isso, não porque seus pais mandaram, certo?

Pela primeira vez em três dias, um sorriso se desenha em meu rosto.

— Obrigada, Alexia. Você está coberta de razão. Vou refletir sobre isso.

Ela coloca os cachos atrás da orelha e sorri.

— Pense — e sai.

Alcanço o celular na mesa de cabeceira e olho para ele por longos segundos, até finalmente ter coragem de ligar. Quando a tela inicial se abre, vejo mais de quinze chamadas perdidas e cinco mensagens não lidas. Das quinze chamadas, nove são de Chris, quatro são de Anne e duas, de Nathan. Estranho, ele nunca me ligou, é como se soubesse que eu e Chris estamos separados.

Meu coração acelera ao ver o nome de Chris brilhando na tela. Ele não fugiu mesmo depois de minha recusa em escutá-lo. Não pude ouvi-lo, sou fraca e egoísta. Não consegui lidar com tudo aquilo, menos ainda ficar perto dele naquele momento. Respiro fundo e abro as mensagens:

28 de novembro, 22h04.

"Eu queria contar tudo. Eu não sabia. Não estava bêbado."

29 de novembro, 00h34.

"Tentei evitar, mas não fiz o suficiente. Minhas atitudes resultaram no seu sofrimento. Eu poderia ter evitado."

29 de novembro, 3h27.

"Você olhou nos meus olhos, mas não enxergou a verdade."

— Eu enxerguei, Chris...

29 de novembro, 4h56.

"Eu sou o culpado. Fique longe de mim."

A última mensagem me deixa confusa. Ele quer que eu fique longe dele porque é culpado? Será que há mais coisas de que preciso saber? Minha mente e meu coração dizem que ele não tem culpa. As lembranças do que vivemos dizem que não.

Abro a última mensagem e vejo que é de Anne.

30 de novembro, 10h15.

"Oi, Melinda."

Sei de tudo o que aconteceu e sinto muito pela grande coincidência. Ainda estou perdida sobre tudo isso. Chris me contou de madrugada e parecia um pouco diferente, confuso; talvez estivesse bêbado, mas conseguiu me contar o essencial. Estou devastada. Meu irmão estava,

finalmente, conseguindo retomar sua vida e, de repente, Karen volta para atormentar. Aquela mulher é uma louca, Melinda. Realmente sinto muito, mas preciso ser sincera: ele é tão vítima quanto você. Por favor, acredite em mim!

Precisamos nos encontrar com urgência. Chris não responde às minhas chamadas desde ontem à noite. Estou aflita e preocupada com ele.

Se tiver alguma informação, avise.

Anne"

As últimas mensagens de Chris e a de Anne me deixam preocupada. Sei que ela está certa. Não está apenas defendendo o irmão mais novo. Em sua família lutam um pela felicidade do outro, mas acima de tudo são justos. Depois de ouvi-la e também à Alexia, não tenho dúvidas, devo ir atrás dele. Enfrentar o passado, deixar tudo emergir para conseguir me libertar dos pesadelos. Preciso conversar com ele e tentar entender o que houve para que, ao menos, possamos seguir com nossas vidas, juntos ou separados. Hoje tomarei uma decisão: ir ou ficar definitivamente.

Fecho o casaco, pego a bolsa, as luvas, cachecol e touca. Agasalho-me e saio do quarto. Aproximo-me do corredor e vejo que a sala está vazia. Aproveito que não há ninguém por perto e sigo em direção à porta. Seguro a fechadura e a abro.

— Aonde vai?

Dou um pulo e viro para Alexia, que parece confusa ao me ver fugindo.

— Preciso ir até ele.

Ela olha rapidamente para trás e me empurra para fora.

— Vá logo, antes que seu irmão volte do banheiro — sussurra e eu saio imediatamente.

Sigo em direção aos elevadores e espero um pouco, nervosa, temendo que meu irmão tente me impedir.

Quando finalmente a porta se abre, eu me surpreendo e dou um passo para trás; Nathan sai do elevador e sorri ao me ver. Eu o encaro de volta, confusa.

Chris

Meus olhos estão fixos no celular, o nome de Anne piscando na tela. Perdi a conta de quantas vezes ela me ligou. Para tranquilizá-la eu já disse, via mensagem, onde estou, mas ela insiste em falar comigo. Não quero conversar, porém minha irmã parece obstinada.

Caminho em meio à multidão observando as pessoas apressadas no hall e toda a grandiosidade da Grand Central Terminal. Não sei como vim parar aqui. Estava caminhando, sem rumo como tenho feito nos últimos dias.

Um grande número de pessoas passa por mim e é exatamente por isso que amo Nova York. Elas não me veem. Não conseguem me enxergar, sou apenas mais um perdido entre as inúmeras pessoas que aqui estão. Meu telefone volta a tocar, e decido atender para acalmar minha irmã.

— Anne...

— Graças a Deus. Chris, apenas me diga que ainda está aí.

— Sim. Estou.

— Você estava bêbado na última noite?

— Não estou mais.

Ouçõ-a suspirar de maneira mais profunda.

— Não faça mais isso. Pense que há pessoas que o amam e que querem seu bem! Álcool não é a solução, pelo contrário, por causa dele você está hoje nesta situação — essas palavras me atingem com força, mas não digo isso a ela.

— Não quero que venha aqui. Ainda preciso ficar sozinho...

— Na Grand Central? Você está em um dos lugares mais movimentados de Nova York, a maior estação ferroviária do mundo.

— Estou sozinho, acredite em mim. Eu e muitas outras pessoas que estão aqui. Este lugar me faz bem. Não se preocupe.

— Eu sei. Você gosta da arquitetura. Estou feliz que não esteja bebendo. Eu te amo, meu irmão. Não se esqueça disso.

— Eu também. — Despedimo-nos e eu volto o telefone para o bolso da

calça.

Paro em frente a uma violinista asiática, ela toca solitária, próximo a uma das imensas paredes. Algumas pessoas a ignoram, outras jogam dinheiro dentro de um chapéu. Eu a observo, apreciando a melodia que sai com perfeição de seu instrumento.

Olho para cima e contemplo a pintura azul-turquesa no teto; simula o céu estrelado. Há imensas janelas que permitem que o sol preencha todo o local.

À medida que os minutos passam, eu me perco na contemplação deste lugar, focado em limpar minha mente de pensamentos intrusos. Não quero pensar no que aconteceu. Confrontar o mal que fiz a Melinda, saber que ela nunca irá me perdoar é difícil demais. Talvez esta dor na alma seja minha merecida punição. Estou me convencendo; afastar-me dela é o certo a fazer, é melhor para ela. Mesmo que aquelas notícias sejam falsas, não há como tirar a culpa de dentro de mim. Minha figura será sempre o lembrete da tragédia que se abateu sobre a vida dela.

Meus olhos param no relógio de "quatro faces", no topo do balcão de informações. Não estou interessado na hora realmente, isso é o que menos importa diante da beleza que é cada detalhe dele. Posso vir aqui muitas vezes, mas o relógio, assim com a grandiosidade da arquitetura, ainda me impressiona.

Caminho em direção aos restaurantes com o intuito de beber algo, mas paro, lembrando-me do que Anne disse; a bebida é a grande culpada por eu estar aqui, nesta situação. Sei que minha mente está começando a resgatar momentos que quero apagar, mas preciso lidar com isso. Preciso ser forte ou ...

— Chris... — e, como num sonho, a voz inconfundível de Melinda penetra meus pensamentos. Olho para os lados em busca da dona da voz, mas não a vejo.

— Chris... — chama novamente, o tom de voz mais alto, e eu me viro, dando de cara com uma das responsáveis por eu estar assim, perambulando sem rumo.

Melinda me encara, o semblante triste, como se aquele dia estivesse

passando em câmera lenta em minha testa. Sou o desastre na vida dela. Eu a fiz sofrer e, provavelmente, isso ficará impresso em sua memória: a lembrança do *merda* que eu fui.

— Como me achou aqui?

Noto o movimento de sua garganta e uma expressão surpresa em seu rosto. Talvez esperasse uma explicação ou um pedido de perdão novamente.

— Sua irmã. Estou aqui há mais de uma hora procurando por você. Quase desisti, parecia impossível encontrá-lo. Não quis ligar.

Esfrego o rosto e inspiro. Agora sei porque Anne queria saber se eu ainda estava aqui. Estamos no centro do imenso hall da Grand Central. Tudo parece estar congelado enquanto o resto do mundo, pessoas sem rostos, apressam-se ao nosso redor.

— Não faço bem a você, Melinda.

— Eu... eu sei que não foi você. Eu sei que Karen é a grande culpada...

— Não. Eu a enfiei naquele mundo obscuro.

— Vamos conversar, Chris. Precisamos esclarecer...

— Mesmo que me perdoasse, jamais irá esquecer aquilo. Estou irremediavelmente ligado a seu maior pesadelo. Sou o retrato da sua tragédia, das coisas ruins que lhe aconteceram.

— Chris, eu quero ouvir o que tem a dizer.

— Só fique longe de mim. Você não merece isso.

— Chris...

— Por favor, vá embora. Não há nada de bom em mim.

Raiva e frustração estampam o rosto dela enquanto me olha. Conheço esse olhar, é exatamente assim que me sinto quando vejo meu reflexo no espelho. Os olhos de Melinda se enchem de lágrimas e eu, por um segundo, desejo não ter dito essas palavras. Mas ela precisa entender que não podemos ficar juntos; o destino, aliado à minha atitude, foi cruel para ambos.

— Você disse ao Alan que era mentira e eu sei que...

— Era mentira a notícia daqueles jornais — interrompo. — Karen

plantou aquilo. Porém é inegável o que pode acontecer se tentarmos ficar juntos. Entenda, sou o reflexo de suas piores lembranças. Eu sou a sua dor...

— Chris, você não está entendendo, precisamos conversar agora porque...

— NÃO! — elevo o tom de voz, e ela se assusta dando um passo para trás. — Não... — repito em um sussurro. — Vá embora, por favor.

Melinda me sonda com o olhar, parece tentar entender meu surto, mas em alguns segundos concorda com a cabeça, as lágrimas já descendo. Ela recua dois passos, eu dou um para frente. Contenho-me para não a abraçar e a apertar contra mim. Ela se vira e caminha para longe.

Fico parado, em silêncio, observando-a se afastar até desaparecer, misturando-se à multidão, completamente certo de que ela levou uma grande parte de mim... A melhor parte.

Chris

Minha consciência se encarregará de me lembrar, para o resto da vida, dessa decisão. É assim que tem que ser. Melinda precisa se livrar desse pesadelo. É impossível conviver com uma pessoa que remete ao sofrimento, e eu sou a lembrança viva de tudo o que ela passou.

Pressiono o peito tentando, inutilmente, fazer meu coração deixar de se contorcer.

As horas passam lentamente, uma emendando na outra, e continuo indiferente a tudo. Ignorei o pedido de minha irmã e fui a outros bares, mas, sempre que pedia uma bebida, a voz dela reverberava em minha mente, impedindo-me de continuar. Tentei tomar uísque, mas a única coisa que consegui foi sentir mais raiva de mim.

Faz frio e é muito tarde; ou cedo, talvez esteja amanhecendo. Andei por várias partes de Manhattan, mas agora meu corpo treme, então decido pegar um táxi de volta para casa.

O carro para em frente ao prédio em que moro. Observo-o como se não pertencesse mais a este lugar. Pago o motorista, que parece impaciente com minha indecisão, e saio.

Subo as escadas, sentindo os flocos gelados sobre o rosto e cabelos desprotegidos. Entro no hall e não vejo o porteiro, mas apenas um homem de cabeça baixa, sentado no pequeno sofá, próximo à janela. FRANZO o cenho ao constatar que é Nathan. Pelo que parece, está dormindo.

O que diabos ele faz aqui? Deve ter vindo procurar Melinda, só pode. Não perdeu um segundo, parece obstinado em vê-la. Mas não sei por que me preocupo, eu mesmo a afastei, negando dar mais explicações. Talvez, a essa altura, estivéssemos dormindo juntos; se eu tivesse agido de modo diferente. Mais uma vez estraguei minha própria vida.

Melinda me procurou na Grand Central, tive nas mãos a chance de recuperar o que tínhamos, e o que eu fiz? Autossabotagem. É isso que as pessoas fazem quando se odeiam.

Desperto dos pensamentos decidido a me afastar, antes que Nathan acorde. Porém ele inclina a cabeça e me vê. Ergue-se rapidamente, deixando o paletó do terno largado no sofá. Esfrega o rosto e caminha até mim.

— Christopher, meu vizinho de Port. Jefferson! Como vai, cara?! — cumprimenta-me como se não estivesse em uma situação, no mínimo, estranha.

— O que faz aqui? Melinda não quis recebê-lo?

— Melinda é uma pessoa especial. Parece que você não quis conversar com ela hoje mais cedo — afirma, alisando, com as duas mãos, a camisa de linho amassada.

Encaro-o, surpreso. Então ele sabe que ela foi até mim? Que estava comigo?

— Se são amigos a ponto de confidenciarem detalhes da vida pessoal, por que estava dormindo aqui? Por que não subiu?

— Ela não me contou. Eu estava lá!

Estranho e uma suspeita ronda minha mente.

— Está seguindo a Melinda? Por que dormiu aqui? Você está...

— Não. Eu a levei até lá.

— Levou?

— Acho que você não está entendendo nada, não é? — Nathan, provavelmente, percebeu a confusão em meu rosto. — Não estou esperando a Melinda. Estou aqui a sua espera. — Cruza os braços desafiadoramente.

— Pensei que você fosse falar com ela, ou ao menos ouvi-la quando a levei até lá. Melinda ficou arrasada, eu a trouxe de volta e a consolei. O problema é que ela e o irmão não estão muito felizes comigo.

— Quem é você, afinal? — questiono suspeitando da atitude dele; há mais nessa história.

Ele me encara por longos segundos antes de responder.

— Sou o cara que o seguiu por um bom tempo, Christopher. Advogado e amante da sua ex.

— Como? — Outra pergunta me vem à mente, mas parece loucura. Hesito por um momento e então solto: — Está me dizendo que andou me espionando a pedido da Karen?

— Exatamente. Aluguei uma casa em Port. Jefferson para descobrir onde você morava aqui em Manhattan. Aquela casa não é minha, mas confesso que tentei comprar. Uma pena, o dono não quer vendê-la.

Ódio me domina e, quando me dou conta, minhas mãos já estão no colarinho dele. Nathan parece não se importar.

— Desgraçado!

Ele não tenta se afastar. Ficamos cara a cara, suas faces vermelhas pela falta de ar. Eu o solto com agressividade e ele se desequilibra, segurando o colarinho e ajeitando a camisa, enquanto tenta recuperar o fôlego.

— Uau. Você é forte!

Eu o encaro, meus olhos injetados de raiva.

— Você e aquela mulher conseguiram, não é?

— Eu fui namorado dela, depois amante; sempre apaixonado por aquela mulher. Fazia tudo pela Karen. Costumávamos fumar maconha aos 14 anos, depois a levei para a cocaína e então ela conheceu você, Christopher. Você foi o pior vício dela — suas palavras deixam-me momentaneamente mudo. — O que foi, choquei você? Acho melhor irmos ao seu apartamento. Precisamos conversar.

Não respondo, apenas me afasto, mas ele me segue até o elevador. Assim que chegamos ao apartamento, deixo que ele entre primeiro.

— Ótimo. Estamos aqui como dois homens civilizados. — Fecho a porta e o observo, esperando que ele fale. Nathan caminha até a janela observando os flocos caírem do lado de fora, então decido incentivá-lo a falar. — Que história é essa de “maconha”? Karen não usava maconha, eu fui o primeiro namorado dela e...

— Segundo. Você foi o segundo — Nathan me corrige e se vira para me encarar. — Ela começou cedo, meu amigo. Fui o primeiro dela em vários aspectos, até mesmo na cama. Estávamos bêbados quando aconteceu. Bebíamos quase todos os dias...

Nathan começa a relatar detalhes sobre o relacionamento com Karen, sobre como se conheceram. Eram vizinhos desde crianças. Da forma como conta, parece sincero. Ele olha diretamente em meus olhos, tentando passar toda a verdade que viveu com aquela mulher.

Depois de ouvir cada palavra, percebo: se ele estiver falando a verdade — ela já usava drogas e bebia muito antes de me conhecer —, eu não deveria estar me sentindo tão *merda* quanto nos últimos anos.

— Eu a levei para as drogas, não você. Na verdade, ela pode ter ido sozinha, talvez já tivesse fumado na escola ou ingerido álcool em casa, às escondidas. Karen insistia que eu lhe desse bebidas, cigarro e maconha. Os pais dela nos separaram, e acredito que um ano depois ela o conheceu — revela. Estou tão impressionado com o relato que não consigo dizer nada em resposta. Os palavrões que quero gritar estão presos precariamente em minha garganta. — No dia do acidente, ela estava com amigos drogados da época de escola. Usou sua consciência, aproveitou do seu sentimento de culpa para manipulá-lo. Karen é a única culpada por tudo o que aconteceu naquele acidente. Ela sabe disso. Eu participei de tudo, tive acesso a toda a documentação referente ao processo. Karen recusou-se a fazer o teste do bafômetro por que já sabia que isso pioraria a situação. Quando o fizeram, ela não tinha a quantidade de álcool necessária no organismo para que respondesse pelo crime de maneira mais severa.

— Então por que aceitou ser o advogado dela? Por que se juntou a ela nisso?

Nathan passa as duas mãos pela cabeça e me encara novamente.

— Porque achei que ainda estava apaixonado. Estava cego. Retomamos o relacionamento depois de anos, mas eu sabia que nada era como antes. Ela mudou por causa do álcool e das drogas.

— Você não é mais usuário?

Nathan puxa uma respiração profunda.

— Sou controlado.

— Por qual razão decidiu me contar tudo isso?

— Estou cansado de ser mais um brinquedo nas mãos dela. Conheci Melinda em Port. Jefferson. No mesmo dia juntei as informações e suspeitei da coincidência; que ela fosse uma das vítimas daquele acidente. Fiquei chocado. Contei à Karen e investigamos mais a fundo. Ficamos perplexos ao confirmar minhas suspeitas. Quando vi Melinda de perto, senti culpa, algo como a que você carrega nesses dois anos. Acredito que passou da hora de você transferir tudo isso para mim, não acha? Está na hora de tentar consertar o que ainda tem conserto. — Retira o celular do bolso da calça, desbloqueia, digita algo e me entrega.

— Guardei muitas fotos com Karen, desde a adolescência.

Observo imagens que comprovam tudo o que ele acabou de dizer. Karen era quase infantil fisicamente, mas já segurava, como uma adulta, um cigarro e uma garrafa de uísque.

Lágrimas se formam em meus olhos. Limpo o rosto grosseiramente quando noto que elas escapam. Enquanto analiso tudo, cada detalhe, penso no que vivemos e na fragilidade que ela sempre fez questão de demonstrar. Nas imagens, vejo Karen nua, na cama; Karen bêbada; Karen fumando maconha; Karen cheirando cocaína. Tudo, absolutamente tudo, foi registrado por ele e, ainda que eu esteja chorando agora; mesmo que essas imagens sejam o retrato mais deprimente e baixo de um ser humano, estou longe de estar triste. É como se Nathan tivesse tirado o peso de uma tonelada de minhas costas.

— Christopher, eu fiquei esperando porque prometi a mim mesmo não sair daqui sem falar com você. Não tenho seu telefone e Alan queria me matar. Eu só precisava fazer isso. Sei que não terei seu perdão ou o de Melinda, mas ao menos terei em mente a certeza de que fiz algo para ajudar a consertar sua vida.

Devolvo o aparelho a Nathan e em seguida cubro os olhos com uma das

mãos.

— Mais uma coisa, cara... Você já deve saber que Karen entrou em seu apartamento — ouço e retiro a mão dos olhos lentamente, observando-o com o olhar surpreso. — Não. Eu não a ajudei. Ela fez isso com a ajuda do porteiro, depois que dei um basta em nossa farsa. Ele conseguiu chaves reservas, então sugiro que vá à delegacia e os denuncie. Esse senhor caiu na lãbia dela, como eu e você. — Inspira parecendo cansado e caminha em direção à porta. — É isso aí. Acho que fiz minha parte. Posso dormir em paz agora.

— O que contou à Melinda e ao irmão?

— Tudo. Conteí tudo a eles. Falei da invasão ao seu apartamento e sobre Karen tê-lo usado, manipulado durante todos esses anos. Melinda estava disposta a conversar, queria lhe contar tudo, mas você não a deixou falar. Apenas a mandou embora. Christopher, você foi um idiota em crise existencial. — Sorri sem humor. — Sua atitude é compreensível, mas o tempo está passando. Você estava naquele acidente apenas como vítima, não como culpado.

— Ela sabe sobre tudo... — penso em voz alta.

— Sei que eu não teria a menor chance de ficar com Melinda, mas, se tivesse, lutaria por isso... Ela é uma pessoa especial, linda, forte e tentou segurar o irmão quando ele quis quebrar minha cara. — Dá alguns tapinhas no próprio peito, do lado esquerdo, e aponta o indicador para mim. — Faça o certo. — Afasta-se, e eu apenas encaro o nada, ainda estarecido com tudo que acabo de ouvir. — É isso aí. Acho que fiz minha parte — repete. — Só não sei se você conseguirá convencer Melinda a voltar de Londres.

— O que disse? — questiono-o, apavorado.

— Londres. Ela deve estar indo para Londres... — Olha para o relógio no pulso esquerdo. — Agora.

— Mas ela não disse nada, eu...

— Você não a deixou falar, esqueceu? Se o voo estiver no horário, já decolou há uma hora.

Encaro o nada, o desespero toma conta de mim.

— Merda! Eu preciso tentar. Pode ser que o voo tenha atrasado, ela precisa chegar mais cedo ao aeroporto e talvez ligue para o irmão. Droga! — Levo as mãos à cabeça e, quando dou por mim, já estou saindo pela porta.

— Boa sorte — ouço-o dizer, mas não respondo, apenas corro em direção às escadas.

Desço pulando os degraus, até chegar ao térreo. Apresso-me pelo hall, completamente alheio a tudo. Caminho apressadamente e, quando seguro a maçaneta, paro, congelo ao ver um reflexo no vidro, atrás de mim, próximo aos elevadores. Eu me viro lentamente, com medo, certificando-me de que não é fruto de minha imaginação.

— Chris... — a voz sussurrada me chama, então caminho vagarosamente até estar próximo à mulher que significa tudo para mim. Melinda me observa com os olhos cheios de lágrimas. — Você não foi embora. Você não foi para casa...

Ela nega com a cabeça lentamente, os olhos brilhantes, as lágrimas prestes a cair.

— Não pude ir... Minha casa é você.

Melinda

Eu estava decidida a dar um tempo para Chris, a ir a Londres ficar com minha família. Parecia o certo a fazer naquele momento. Ele estava nitidamente transtornado, fora de si, quando o vi na Grand Central.

Não foi assim que imaginei nossa conversa. Ele tinha que estar aberto, disposto, mas encontrei apenas o Christopher amargurado que conheci meses atrás. Aquela sombra estava novamente em seus olhos tristes.

Chris parecia julgar-se indigno de estar comigo; é o resultado do mal que aquela mulher plantou na mente dele durante anos. Pensei que meu afastamento seria o ideal, mas, então, revisando os arquivos do celular, vi uma foto. Bastou isso para que tudo mudasse drasticamente.

Na sala de embarque, enquanto passava o tempo analisando fotos enviadas para o drive, encontrei a imagem de certa cadela sem uma orelha. Ela sorria para mim em Port. Jefferson. Inevitavelmente lembrei-me: mesmo fechado para o amor, Chris tentou cuidar de mim o tempo todo. Mesmo assim, ele se preocupou.

O amor não se mede por palavras, mas por atitudes. E foi assim, de modo simples e sutil, que Chris revelou o amor em sua alma triste.

Quando disse ao meu irmão que não iria para Londres, que não conseguiria ir sem resolver minha situação com o homem que amo, ele pareceu aliviado; imagino que também se sentia culpado pelos últimos acontecimentos. Alan tinha usado de força física sem ao menos averiguar os fatos, o que também contribuiu para o sumiço de Chris. Não posso culpá-lo. Ainda que tenha agido de maneira impulsiva, quis apenas me defender. Pensava em meu sofrimento.

Quando Nathan revelou a teia de mentiras composta por Karen, Alan quis usar os braços novamente, mas dessa vez consegui impedir. Embora o advogado tenha agido de maneira inescrupulosa, ainda que tenha desrespeitado

minha privacidade e a de Chris, senti honestidade nas palavras dele. Parecia realmente arrependido.

E Chris, será como reagiu a isso? Nathan garantiu que o esperaria e esclareceria tudo... Espero que tenha conseguido porque, neste exato momento, o carro de Alan estaciona em frente ao nosso prédio.

Amanhece, mas o céu ainda está escuro. O vento gelado choca-se contra minha pele, e eu me abraço tentando me aquecer, em vão.

Alan pega minhas malas e as leva para dentro. Eu o sigo até os elevadores e, quando as portas se abrem, ele entra. Ouço o barulho da porta das escadas se abrindo e meus olhos vão de encontro às costas de um apressado Chris. Instintivamente, dou alguns passos.

Estou prestes a chamá-lo, e ele para, com a mão na maçaneta. Dou mais um passo enquanto observo sua figura através do reflexo, no vidro da porta. Os olhos ampliados parecem incrédulos quando me veem.

Chris se vira lentamente e meu coração dá um salto repentino. Quando finalmente está de frente para mim, leio em seus olhos a incredulidade. Ele já sabe de toda a verdade; vejo isso na maneira como me olha. Eu sei que ele sabe.

— Chris...

Ele caminha até mim, os olhos presos aos meus. Sinto o ardor das lágrimas enquanto o observo.

— Você não foi para casa...

Nego com a cabeça lentamente, tento segurar as lágrimas prestes a cair.

— Não pude ir... Minha casa é você — e então vejo que ele também luta para segurar as lágrimas; inutilmente, pois elas já estão descendo timidamente sobre as faces dele. Chris tenta disfarçar limpando-as de modo grosseiro e sorri.

O homem da minha vida eleva as mãos e segura meu rosto com delicadeza. Encosta a testa na minha, e o hálito quente faz cócegas em minha pele.

— Não sei o que faria sem você — sussurra, os olhos fixos nos meus.

— As melhores memórias, desde aquele acidente, são com você, Chris.

Não posso desistir de você.

— Nathan me contou... — murmura, seus polegares acariciando-me e limpando minhas lágrimas.

— Eu sei — sussurro e faço o mesmo com as dele. — Você é tão vítima quanto eu, Chris. Devemos seguir em frente e tentar esquecer tudo o que nos fez mal no passado. Eu, eu preciso de você perto de mim.

Chris sorri. As lágrimas não cessaram, mas, desta vez, ele não tenta limpá-las ou disfarçá-las. Deixa que corram à vontade, e entendo o porquê: sei que hoje Chris se sente livre da culpa que o corroeu durante anos.

— Vamos ao seu apartamento. Precisamos conversar.

— Onde está seu irmão?

— Estava no elevador. Deve ter subido, provavelmente para nos deixar sozinhos.

Chris sorri suavemente e em seguida segura minha mão.

— Venha... hora de colocar um ponto final em tudo isso.

Concordo com a cabeça e entramos no elevador.

Chris

Nunca acreditei no destino; sempre fui um sujeito cético. Até pouco tempo atrás, não tinha fé sequer em mim mesmo. No entanto, agora, tenho a impressão de que o destino trabalhou para que eu e Melinda estivéssemos aqui.

Durante muito tempo andei por caminhos errados, sem propósitos ou perspectivas. Eu não vivi, apenas existi até conhecer Melinda.

Hoje, em Port. Jefferson, estamos todos reunidos, pela primeira vez em anos, comemorando a véspera de Natal. Há tempos eu não via meu pai tão feliz. Ele parece animado enquanto conversa com os pais de Melinda, que fizeram questão de passar um tempo com a filha, obviamente certificando-se de que ela está, de fato, feliz ao meu lado.

Alan também está aqui, com a namorada. Embora tenha me pedido desculpas, no fundo sabe que, se eu estivesse em seu lugar, teria feito exatamente

o mesmo.

Todos vestimos suéteres de temas natalinos, ideia de Anne. Ela fez questão de que tudo fosse como no tempo em que nossa mãe era viva, quando éramos crianças e adolescentes.

Na imensa árvore de Natal, ao lado da lareira, há uma foto de meus pais juntos, e eu sorrio ao perceber que, finalmente, as coisas estão seguindo o curso normal. Só um detalhe ainda me deixa preocupado: embora tenha prestado queixa contra Karen pela invasão ao meu apartamento, ela não foi presa. Foi indiciada, mas provavelmente sairá impune, já que não deixou pistas ao cometer o delito. O porteiro tinha desligado os monitoramentos de segurança e ela tem um álibi, algum "amigo" que disse ter estado com ela no momento da invasão.

Pressionado pela polícia a nosso pedido, Chang, o porteiro, assumiu que entrou sozinho no apartamento. Temeroso, acabou contando meia verdade. Não acusou Karen em momento algum, mas certamente ela pagará a fiança caso ele esteja preso. O fato é que o porteiro desaparecerá do mapa depois disso.

Meus pés descalços acariciam os pelos de Lola, tento disfarçar a apreensão. Observo Melinda conversar com Anne e Alexia, enquanto bebem *Blood Mary* sem álcool. Grace fez questão de preparar drinques para todos, principalmente para minha irmã, que está grávida.

Ergo-me do sofá, sinto-me inquieto. Ando pela sala enquanto *Perfect*, Ed Sheeran, preenche o ambiente. Aproximo-me da janela e puxo algumas respirações profundas. Observo o lençol branco formado pela neve; cobre totalmente a areia da praia e o jardim.

— Christopher... — Eu me viro ao som da voz de Gregory, pai de Melinda. Ele segura uma taça de vinho e sorri. — Obrigado por nos trazer aqui. Minha filha parece muito feliz e eu não podia estar mais satisfeito com isso.

— Também estou.

— Estava pensando no destino — começa, aparentemente sem notar que estou suando de nervosismo — e em tudo que Melinda passou... Cheguei à conclusão de que podemos, sim, tirar algo bom de tudo isso, principalmente de

acontecimentos tão traumáticos quanto aquele que minha filha vivenciou. Esse "algo bom" é a união de vocês. Ela está feliz como jamais vi.

Encaro-o e faço um esforço sobre-humano para não demonstrar a emoção, o quão afetado estou por essas palavras.

— Obrigado.

Ele sorri ao finalmente perceber minha reação.

— Fico feliz que faça parte da vida da minha filha. E Anne me contou o que você está prestes a fazer. Respire e conseguirá. — Segura meus ombros e se afasta.

Esfrego o rosto com as duas mãos e retiro a caixa de veludo preta de dentro da calça de moletom. Aproximo-me do centro da sala e, com o pensamento na mulher da minha vida, olho para Anne. Ela rapidamente entende meu recado silencioso e desliga o som.

Faço um barulho com a garganta e obtenho a atenção de todos, principalmente de Melinda, que se ergue lentamente. Ao redor tenho as pessoas mais importantes de minha vida. Respiro fundo e a encaro; parece confusa agora.

— Pensei em escrever um grande texto, convidar uma violinista ou uma orquestra. Pensei em levá-la ao lugar mais movimentado de Nova York, gritar para o mundo que você é a mulher mais importante para mim. — Balanço a cabeça e sorrio. — Não. Não preciso de nada disso. Só preciso que você esteja aqui, exatamente onde está. Isso me basta. — Todos estão calados e observando-nos atentamente. Os olhos dela já estão inundados de lágrimas. — Melinda, eu a amo exatamente como é. Amo cada defeito seu porque são eles que mostram quão perfeita você é. Case comigo, tenha filhos comigo, faça parte da minha vida, da vida de Lola? — De repente todos aplaudem, e os latidos dão a impressão de que a cadela também está feliz.

Anne e Alexia soltam gritos animados e eu abro finalmente a caixa em minha mão. Melinda se aproxima, as lágrimas, que até então rolavam timidamente, já tomaram conta das faces dela.

Deslizo a aliança no dedo anelar de Melinda e beijo sua mão

demoradamente.

— Eu... eu não sei o que dizer, Chris. — Ela olha para a mãe, que nos observa extremamente emocionada.

— É só do "sim" que eu preciso.

Ela ri. Um misto de riso e choro.

— Claro que sim.

Eu a puxo para mim e a abraço apertado. Seguro sua mandíbula e a beijo demoradamente. Quando nos separamos, encosto a testa na dela.

— Quero ficar com você até estarmos bem velhinhos — informo e a música volta a soar.

— Não se esqueça de que estarei cheia de rugas.

— Sim. E, quando olhar para cada uma delas, eu me lembrarei dos melhores anos da minha vida.

Melinda

O ano velho se foi, há dois dias recomeçamos um novo ano. Para nós, literalmente uma nova vida. A lareira está acesa às nossas costas, meus dedos passeiam entre os pelos do peito de Chris.

Todos foram embora e agora estamos apenas eu, Chris e Lola, que dorme em algum lugar da casa. Grace atualmente faz companhia ao senhor Blank, mas em breve retornará definitivamente para Long Island.

You're the Best Thing About Me, U2, ressoa baixinho através do celular. O diamante em meu anelar direito brilha sob a luz da lareira, o ambiente em aconchegante penumbra. Chris leva minha mão aos lábios e a beija demoradamente.

— É perfeito, Chris — sussurro, observando o anel com admiração.

— Não. Você é perfeita — murmura, agora com a mão sobre meu rosto. Estamos deitados, enrolados em um cobertor, sobre o carpete e cercados por várias almofadas.

— Você estava falando sério? Quer mesmo se casar comigo? — questiono e ele me encara até um sorriso lento curvar os cantos de seus lábios.

— Eu nunca falaria algo assim se não tivesse certeza de que você é a mulher da minha vida.

Agora é a minha vez de curvar os lábios. Meu coração acelera ao ouvir essas palavras. Inclino a cabeça e Chris me beija lentamente enquanto seus dedos vagueiam por meu corpo nu.

— Eu te amo tanto, Melinda.

Enxugo os olhos, inesperadamente marejados.

— Obrigada por conseguir dizer isso.

— Obrigado por ser a pessoa responsável por eu dizer isso.

— Espero ser responsável apenas por coisas boas daqui para frente.

— Essa frase deveria ter sido minha.

Nego com a cabeça, surpresa por ele ainda pensar que me fez mal algum dia.

— Você nunca foi responsável por nada ruim que aconteceu na minha vida, pelo contrário, Chris. Você também despertou apenas coisas boas em mim, desde que nos tornamos amigos. — Noto o movimentar da garganta dele, que então beija minha têmpora demoradamente.

— Obrigado por dizer isso. — Vira-se e apoia o corpo sobre o meu, sem colocar todo o peso. Seus olhos analisam meu rosto com desejo. — Estou faminto — essa frase está carregada de inegável ambiguidade.

— Eu também — concordo.

Ele me beija, sua língua separando meus lábios e invadindo minha boca com intensidade. O gosto dele é tão bom quanto tê-lo sobre mim, sua dureza pressionando-me entre as pernas.

Minhas mãos não param de se mover, deslizam entre os cabelos e pelas costas dele. Gemidos escapam de meus lábios quando o sinto entrar, inesperadamente rápido e forte, dentro de mim. Chris geme enquanto se movimenta lentamente. Eu me perco mais uma vez na intensidade do momento.

Chris

O céu está escuro e a neve cai em ritmo constante. O vento sopra uma sacola velha, que dança através da calçada. Poucas pessoas se aventuram pelas ruas de Manhattan neste gelado fim de janeiro. Ajeito o capuz e caminho até entrar na loja onde trabalhei nos últimos anos.

Abro a porta, ouço o sino tocar e me recordo imediatamente de que não era ruim trabalhar aqui. Principalmente quando Nicholas me distraía com sua conversa incessante.

Paro no meio do corredor e o observo, surpreso. Não tem mais aquele cabelo black power. Parece que o cortou e, agora, um gorro cobre sua cabeça calva. Abaixado, tenta retirar algumas garrafas de água de dentro de caixas

próximo ao balcão.

Um homem, certamente o novo gerente, espera com uma expressão impaciente. Não o conheço; depois que saí, houve algumas mudanças. Nicholas não parece muito satisfeito com a nova gerência.

— Não sei como não aprendeu que as águas não podem ser armazenadas aí. Retire tudo — ordena o homem, e Nicholas parece a ponto de explodir.

— Elas sempre foram guardadas aqui. Não sei por que quer mudar tudo de lugar.

— Porque estou organizando, já que você nunca soube fazer isso. — O gerente magrelo e alto me olha com uma expressão interrogativa. — Posso ajudar?

— Vim falar com Nicholas — anuncio.

Ao ouvir minha voz, meu amigo finalmente para o que está fazendo e me olha. Ergue-se sem se preocupar com a cara do gerente, que o observa impacientemente.

— Não é hora de conversas, Nicholas. Diga ao seu amigo que volte depois.

— Chris! Cara! Como está? — Ignorando o homem mal-humorado, ele se aproxima de mim e me abraça desajeitadamente. Pego de surpresa, dou-lhe tapinhas nas costas em resposta.

— É bom ver você, Nicholas.

— O que o trouxe aqui? Não diga que sentiu falta de carregar caixas? Eu tenho caixas e um...

— Não temos vagas! — interrompe o gerente. — Livre-se do seu amigo e volte a trabalhar — insiste e se afasta.

Não digo nada, apenas o observo sair.

— Esse cara é um “pé no saco”. Ele é muito chato.

Aceno com a cabeça em concordância.

— Isso é ruim. Parece que ele está pronto para infernizar sua vida.

— Deixe esse cara *pra* lá. Então me diga. Como está? Só me conte coisas

boas.

— Irei me casar — informo de súbito.

Nicholas arregala os olhos, completamente incrédulo com o que digo.

— Uau. Isso é uma coisa boa, cara! Acho que não há notícia melhor que essa, certo? Apenas me diga que irá se casar com a Melinda, certo?

— Sim. Eu vou me casar com a minha vizinha — respondo e Nicholas abre um grande sorriso. — E você está certo. Não há notícia melhor. Pelo menos para mim, não. Mas, para você, bom, eu tenho uma notícia boa.

— Além de me convidar para ser o padrinho do seu casamento? — Ele ri, mas permaneço sério e o encarando.

— Sim. Além de convidá-lo para ser o padrinho, tenho uma excelente notícia.

Nicholas fica sério repentinamente.

— Tá falando sério, Christopher? Eu... eu serei padrinho do seu casamento? Sério mesmo?

— Sério mesmo.

— Não acredito que tenha algo melhor do que isso para me dizer. A não ser que tenha descoberto uma varinha mágica capaz de fazer desaparecer meu chefe.

— Quase isso...

— Quase? — Franze o cenho, surpreso. — Acho que não estou entendendo.

Inspiro e solto ar ruidosamente.

— Eu comprei.

— Comprou o quê, exatamente, Chris?

— Esta loja. Eu comprei.

Nicholas me encara por alguns segundos, provavelmente tentando assimilar o que eu disse.

— Você desistiu de trabalhar com seu pai e simplesmente comprou essa loja?

— Não. Eu fiz uma oferta irrecusável ao dono. Em segredo. Eu pedi. Troquei por alguns imóveis. Fiz a negociação em menos de um mês e, bom... quero que cuide disso até que os documentos estejam em seu nome. Devo isso a você, cara.

Nicholas retira o gorro, evidenciando o novo visual, a cabeça raspada. Passa as mãos repetidas vezes pela careca, coloca o gorro, retira o gorro novamente e me olha totalmente perplexo. Os olhos estão cheios de lágrimas e ele tenta, sem sucesso, disfarçar a emoção impressa no rosto.

— Você só pode estar de brincadeira.

— Não. Eu não estou. Você não precisa manter isso aqui se não quiser, eu apenas queria lhe dar algo, queria ajudar. Eu precisava fazer isso.

— AJUDAR?! — grita. — Ajudar? — sussurra. — Cara, você está resolvendo a minha vida! Sabe quanto custa uma loja como esta?

— Sei. Não se preocupe com isso. Eu tinha alguns imóveis. Meu pai me ajudou e...

— Eu te amo, cara! — Ele me abraça apertado e, dessa vez, retribuo o afeto. Quando se afasta, vejo as lágrimas caírem de seus olhos com mais intensidade.

O gerente se aproxima sem entender o que está havendo, mas, antes que ele tenha a chance de dizer algo, Nicholas o encara.

— Sem. Uma. Palavra — diz apontando o dedo para o gerente. — Tá vendo esse cara aqui? Ele é o dono dessa loja — declara. O homem arregala os olhos, movimentando a garganta e, quando está prestes a falar, Nicholas se adianta. — Aprenda a não julgar as pessoas.

O homem me observa, aparentemente confuso. Eu sorrio, aproveito o estado de choque do gerente e despeço-me de meu amigo, prometendo marcar uma reunião para acertar detalhes. Então sigo meu caminho.

Melinda

Saio do provador com um novo vestido e Alexia me analisa, pensativa.

Estamos na Macy's, um quarteirão inteiro, da Sétima à Sexta Avenida, repleto de produtos tentadores, inclusive roupas.

— Muito longo. Acho que você deveria valorizar as pernas. Sim, também estou falando da prótese. Essa é ainda mais bonita que a antiga. Combina perfeitamente com você.

Observo Alexia, que já se decidiu. Ela é muito mais prática que eu.

— Eu sou muito indecisa, odeio comprar roupas.

— Por isso estou aqui. Que tal experimentar este modelo? É parecido, porém mais curto. — Estende-me o vestido.

Ouçõ o celular tocar na bolsa. Encaro o homem que me observa, está de pé, a uma distância confortável. Chris fez questão de enviar um motorista disfarçado de segurança para nos acompanhar. Acredita que a ex, desaparecida, pode surgir de repente. Mas já estamos em fevereiro e ela nunca mais deu notícias, nem apareceu. Talvez seja desnecessário ter um segurança, mas ele pediu e eu acabei aceitando.

Retiro o aparelho, desajeitadamente, da bolsa. Atendo rapidamente, ao ver que é Chris quem está me ligando.

— Oi...

— Como vão as compras?

— Odeio comprar roupas. Acho que engordei. Você precisa parar de me levar para jantar.

— Quantas vezes preciso dizer que é perfeita — ouçõ o que parece ser um suspiro do outro lado da linha.

— Aconteceu alguma coisa? — questiono. Mesmo recebendo o elogio, consigo sentir a apreensão na voz dele.

— Sim. Quando chegarmos em casa, conversaremos. Você precisa ir agora, Melinda. Acabei de sair de uma reunião com Jake, e nossa filial em Manhattan está finalmente pronta.

— Isso é maravilhoso! Mas quero que me conte agora o que o está incomodando. Eu conheço você, Chris. Está acontecendo algo. — Novamente

ouço uma exalação.

— Karen... Ela atropelou três pessoas na Quinta Avenida, altura da Rua 59.

— Chris... — sussurro e Alexia me encara, provavelmente notando minha expressão assustada.

— Não tenho maiores informações. Nathan me ligou avisando; parece que ela abandonou o carro na rua e sumiu. Testemunhas disseram que ela está transtornada.

— Meu Deus... a polícia deve estar procurando por ela em todos os buracos da cidade.

— Por isso peço que vá para casa com o segurança. Eu a encontro lá.

— Certo. Tudo bem! Estamos indo agora.

Despeço-me de meu noivo, encaro Alexia e conto o que aconteceu. Abandonamos as roupas no provador e chamo o segurança, que nos acompanha até o lado de fora.

— Esperem aqui. Buscarei o carro no estacionamento ao lado.

Concordamos com a cabeça e permanecemos na calçada, em pé, observando os pedestres passarem apressadamente ao nosso redor.

Quando o carro se aproxima, eu e Alexia corremos para fugir do frio. Estou prestes a entrar quando, inesperadamente, sou puxada com violência pela blusa. Caio no chão, e Alexia vem até mim, mas para no meio do caminho. Noto as pessoas na calçada, gritando e correndo, afastando-se de mim e, então, eu a vejo. Karen está de pé e empunha uma arma direcionada para mim.

Chris

Ando de um extremo ao outro no lobby de entrada do prédio que sediará minha nova empresa. Melinda e Alexia não me atendem de forma alguma, desde a última vez que nos falamos. O segurança, que deveria atender prontamente às minhas chamadas, também está incomunicável. Aperto o botão para tentar novamente, mas é Alexia que me liga.

— Alexia, eu tentei...

— Karen está aqui, na frente da Macy's, entrada da Sétima Avenida.

— Como ela encontrou vocês, ela... — minha voz desaparece enquanto saio correndo em busca de um táxi.

— Ela está apontando uma arma para Melinda; Karen a derrubou no chão, Chris. Deus! Eu não sei o que fazer! — Alexia está chorando desesperadamente.

Sinto o sangue sumir de meu rosto. Interrompo a ligação e entro no primeiro táxi que encontro.

Quando me aproximo do local, tudo já foi tomado por policiais e parece impossível ultrapassar as barreiras. Eu me desespero imaginando o que uma mulher, claramente louca, é capaz de fazer com a minha noiva. Com a pessoa mais importante de minha vida.

Melinda

O mundo ao meu redor parece girar em câmera lenta, enquanto observo Karen. Cabelos bagunçados e o rímel muito borrado nos olhos, suas feições denotam dor. As mãos tremem enquanto ela aponta a arma em minha direção. Não vejo ninguém próximo. As pessoas, obviamente, sumiram, afinal, há uma mulher louca com uma arma, pronta para atirar a qualquer momento. Meu coração bate violentamente, nunca senti tanto medo.

Karen apenas treme enquanto tenta segurar a arma.

— Por favor... Não faça isso!

— Você está com medo?

— Como me encontrou aqui?

Ela ri. Uma risada alta e estranha.

— Manipulei o segurança que deveria cuidar de você, querida. — Ela chora repentinamente e eu não paro de tremer. Meu coração está tentando sair pela boca e tudo volta a girar em câmera lenta quando vejo que ainda aponta a arma para mim. — Maldita! — berra e dispara, mas não me acerta. Eu grito em

resposta, segurando o rosto e pedindo a Deus, silenciosamente, que alguém a detenha.

Barulhos de sirenes se aproximam e carros de polícia param em todos os lugares possíveis. De repente, só estamos eu e ela. Karen está nitidamente transtornada, tudo o que consegue fazer é tremer e chorar. Parece estar sob o efeito de alguma droga. Também estou no limite, impossível manter a calma. Tudo ainda gira, já não consigo distinguir a realidade.

Ouçó mais um tiro ou dois...Três? Não sei.

Antes que eu possa assimilar se fui atingida, meus olhos se fecham e, de repente, tudo se apaga.

Epílogo

Um ano e três meses depois.

O verão já está dando as caras em Manhattan. Eu deveria saber que o tempo, longe da pessoa que mais amo, não traria a paz que tanto esperei.

Tudo parece mais difícil agora, principalmente quando os pensamentos provenientes de lembranças ruins povoam minha mente. E novamente aqui estou eu, pensando em algo que aconteceu há mais de um ano. Tudo porque estou sozinho.

É difícil lidar com sentimentos ruins, principalmente quando se vive isso mais de uma vez. O tempo passou, mas não quero me esquecer daquele fatídico dia.

Ela estava sobre aquela cama, em coma, e, por mais que eu não tivesse culpa, só conseguia pensar que era injusto. Eu não conseguia aceitar. Não era daquela forma que ela deveria acabar.

Foi o sentimento de derrota o que me corroeu naquele momento. Sofri e confesso que ainda me lembro dos aparelhos ligados a ela. Soube naquele momento que não haveria volta. Ela estava indo embora para longe do meu alcance. Para longe de todos nós. Estava morrendo.

Alguns minutos depois, veio a confirmação da morte cerebral e eu não pude chorar. Não conseguia; por mais que doesse a alma, eu sabia que não iria chorar. Ainda não choro por isso e jamais conseguirei.

Agora, quando meus olhos caem na fotografia sobre a estante de livros do escritório, tudo parece mais difícil. Minhas pálpebras ardem e sinto que as lágrimas querem vir.

Na foto, Melinda está linda enquanto abraça Lola, na praia de Port. Jefferson, em Long. Island. Escolhi essa imagem porque, nela, a mulher mais importante que entrou em minha vida eterniza um sorriso natural e espontâneo que jamais vi em qualquer outra pessoa. Uma naturalidade que me deixa

desesperado para tê-la em meus braços mais uma vez.

Não vou negar que sinto falta de Melinda, uma vontade quase incontrolável de me enfiar naquela foto e voltar no tempo, a um lugar onde estávamos juntos e felizes. Aos melhores e inesquecíveis momentos de minha vida. Aos dias em que ela foi capaz de me resgatar para uma nova vida.

Da janela, do alto deste edifício, observo o céu azul, admiro Nova York sob meus pés. Nos últimos dias, só consigo pensar nela e quase não consigo me concentrar no trabalho.

Mãos nos bolsos da calça, desperto com o barulho da porta; o ruído me tira do torpor no qual estive por alguns minutos.

Sem me virar, peço a seja lá quem for que entre. Ouço passos e então me viro. De repente estou diante da responsável por eu estar assim, tão triste. A mulher que me deixa instável quando está longe; agora a vejo bem diante de meus olhos.

Melinda sorri, o mesmo sorriso da fotografia, e eu, mais uma vez, sinto-me o cara mais sortudo do mundo por tê-la em minha vida. De repente os pensamentos sobre Karen morrendo naquele hospital tornam-se insignificantes em minha mente.

Aproximo-me de Melinda, encarando-a como se não fosse real. Seguro as laterais de seu rosto e atraio seus lábios. Eu a beijo demoradamente, sentindo seu gosto e, com ele, o alívio por tê-la de volta.

— Você voltou de Londres... — sussurro enquanto encho seu rosto de beijos estalados. Ela ri com lágrimas nos olhos.

— Não consegui ficar mais. Minha mãe já estava ótima. Eu precisava voltar... — Ela para de falar, a voz embargada. — Senti muito a sua falta, Chris.

Meus lábios se curvam com sua admissão. Não posso confessar que estava à beira de um ataque, mas preciso ser honesto.

— Então eu não fui o único a sofrer? Nos últimos minutos só conseguia pensar no dia em que Karen a feriu, ela poderia ter feito ainda mais mal a você...

— Não, Chris. Sei que pensou que ela tinha conseguido, mas não. Ela

não conseguiu. A polícia foi rápida e agora estou aqui, meu amor. Esqueça essa mulher.

— Eu não queria que ela tivesse morrido, e sim pagado pelas mortes que causou. É inevitável, às vezes, pensar nessas pessoas que ela atropelou e matou. É inevitável lembrar das famílias que destruiu. Talvez a morte seja boa demais para certas pessoas e ela merecia ter vivido para pagar. No entanto eu não sou Deus para determinar o que deveria ter acontecido.

Melinda sorri tristemente.

— Você sempre pensa nisso quando estou longe, não é?

Ela tem razão. Preciso me ater ao lado bom disso tudo: Karen não conseguiu atingir Melinda, que apenas desmaiou devido ao susto.

— Ao menos estamos livres, Chris. Pense que ela não já não poderá atentar contra a vida de ninguém. Muito menos precisarei de um segurança. Aliás, Karen não irá manipular mais ninguém, entende?

Eu a encaro lembrando-me do número de pessoas que Karen manipulou durante a vida; do homem que deveria ter garantido a segurança de minha mulher e que também foi induzido por minha ex-namorada. Como eu fui um dia.

Agora, observar Melinda e perceber que o tempo lhe fez bem, que ela está bem como jamais vi, é a melhor coisa do mundo. Eu garanti isso. Contratei o melhor tratamento para que tudo se tornasse apenas triste lembrança. Eu deveria ser grato e não pensar que as coisas poderiam ter acontecido de forma diferente; a mulher da minha vida já está aqui, comigo.

— Não fique longe de mim e eu não pensarei nessas coisas. Prometo.

— Não permitirei que isso aconteça. Você é o meu marido e não pretendo ir a Londres sozinha nunca mais. — Afasta-se e segura minhas mãos. Melinda as apoia sobre a barriga plana e eu fico intrigado. — Chris... vim mais cedo de Londres porque descobri que estou... — Observo sua barriga e novamente encaro seus olhos.

— Você está...

— Grávida — completa minha frase. — Sei que são só cinco meses de

casados. Mas parei de tomar a pílula e nos descuidamos, então...

Eu a encaro, boquiaberto, meus olhos ardendo sob as pálpebras. Engulo em seco e seguro o rosto dela, puxando-o para alcançar seus lábios em um beijo profundo. Sinto as lágrimas molharem seu rosto. Afasto-me e as limpo. Uma a uma. Sei que as minhas caem também e não consigo imaginar que, há poucos minutos, estava arrasado por não a ter aqui. Agora vejo que o dia ruim se transformou em um dos melhores momentos da minha vida.

Melinda

Um ano e 8 meses depois.

Caminho pela praia, com minha filha nos braços. Estou usando uma prótese feita especialmente para caminhar na areia e entrar na água. Chris me deu em meu último aniversário, agora tenho três próteses diferentes. Meu marido tem feito de tudo para que eu não precise ou dependa de ninguém. Eu não poderia amá-lo mais por isso.

O dia em Port. Jefferson Village está lindo. Os cabelos finos e lisos de minha filha voam com o vento da manhã. Ela sorri exibindo os dois dentes, enquanto observa nossa cadela correr como uma louca ao redor. Sei o que Lola quer, está implorando para que eu coloque Hannah na areia; quer pular e fazer a criança soltar gargalhadas deliciosas. É a única com esse dom de fazer nossa pequena rir até ficar vermelha. Confesso que esses momentos são os melhores para mim e Chris, que se derrete ao ver nossa filha tão alegre.

Aproximo-me do mar quase sem ondas e, com cuidado, coloco os

pezinhos gordos de Hannah na água. Ela está quase andando, então não é tão difícil deixá-la em pé enquanto me apoio no chão. A pequena se abaixa e se ergue com tanta rapidez e facilidade; preciso segurá-la com mais força para que não se desequilibre.

Lola salta e minha garotinha se desmancha de rir quando gotas de água voam para seu rosto. A cadela lambe o rostinho de Hannah e volta a saltitar repetidas vezes sobre a água. A menina ri mais ainda e eu também não consigo controlar minhas risadas.

Termino de me sentar e observo as mãozinhas delicadas baterem com força na água. Os gritinhos agudos pedem a Lola que continue. Distraída com as duas, assusto-me ao sentir um corpo grande se encaixando atrás de mim. O corpo de Chris.

— Ouvi as risadas e não resisti. Precisava participar disso.

— Você parou tudo para vir?

— Sim. Só falta o corrimão para a nova escada.

Com as mãos segurando Hannah, inclino a cabeça para trás. Quero ver melhor meu marido; seu rosto agora coberto por uma espessa, mas alinhada e bem-feita, camada de barba. Não sei como Chris consegue estar ainda mais lindo.

— Obrigada por cercar a escada para proteger Hannah. A casa está ficando do nosso jeito. Eu te amo.

Chris sorri e beija-me a têmpora demoradamente.

— Faço e farei tudo para as mulheres mais importantes da minha vida. Lola está no pacote — o que ele diz me arranca um sorriso.

Chris observa Hannah se divertir com Lola.

— Não quero que as pessoas que mais amo no mundo se machuquem.

— Amanhã todos virão para a festa de aniversário da Hannah. Não esqueça de pedir à Grace que arrume o melhor quarto para seu pai.

— Parece que seu irmão vai trazer o sócio. É impressão minha, ou ele realmente tem uma queda por você?

— John está noivo, Chris. Esqueça isso.

— Eu sei que está, mas isso não impede que ele tenha um amor secreto por você.

Sorrio, negando com a cabeça.

— Nunca daríamos certo. Ele é muito certinho, metódico e narcisista. Gosto do errado, do imperfeito, do simples. Por isso amo você.

Chris beija meu pescoço e em seguida observa nossa filha movimentar os braços gordos por todos os lados.

— Quem diria que hoje eu estaria com a minha própria família em Port. Jefferson. Vou levar Hannah para nadar. — Chris me beija e se afasta.

Pega nossa filha, e ela sorri imediatamente ao perceber que o pai a levará mais para o fundo. Ele a ergue e Lola apenas late ao meu lado, observando e, provavelmente, perguntando-se o que ele está fazendo com o brinquedo favorito dela.

Embora existam momentos ruins, na maioria das vezes estamos cercados pela felicidade de nossa filha e de Lola, que não nos dão tempo de chorar. A vida não é feita apenas de felicidade. Eu e Chris sabemos lidar com isso e achamos completamente normal. E o que nos faz felizes de verdade é viver cada momento bom intensamente.

Contemplo nossa família e sei que um dia sentirei falta disso, mas com total confiança de que estarei vivendo outros momentos incríveis.

Sinto-me completa como jamais estive. Não me falta nada, eu amo ser exatamente como sou.

FIM

Obrigada por ler Emergir. Se chegou até o fim desta obra, peço, por gentileza, que deixe sua avaliação no site Amazon. Leio todos os comentários e adoraria muito ler o seu. A motivação do autor(a) vem desses pequenos detalhes.

São nas avaliações, mensagens privadas e manifestações de carinho ao compartilhar a obra, que conseguimos enxergar que todo o esforço valeu muito a pena.

OBRIGADA

Sobre a autora:

Camila Ferreira é de Belo Horizonte e deixou o Brasil com a família em 2011 para viver nos EUA. Sua primeira parada foi Nova Iorque, onde se inspirou para escrever o seus primeiros romances: Infeliz Coincidência e Descobrimdo Você. A paixão pela leitura começou na adolescência quando lia os famosos "Romances de Banca" Aspirante a fotógrafa nas horas vagas e mãe em tempo integral, ela é apaixonada pelas coisas mais sutis. Acredita no simples. Por ser uma leitora compulsiva e apaixonada, as ideias foram fluindo, e o que parecia ser uma distração, transformou-se em algo muito maior.

Outras obras da Autora:

[Inferno Perfeito](#)

Laura Ryder sempre sonhou em fazer história com uma grande reportagem. Com esse intuito, preparou-se e fez uma longa viagem até a Somália. Ela jamais poderia imaginar que, dentro de poucos dias de sua chegada àquele país marcado pela guerra, faria parte de uma terrível estatística: a dos jornalistas sequestrados por rebeldes em zonas de conflitos.

Dan Walker é mercenário e tem um talento único para encontrar e eliminar seus alvos com precisão. Sua missão sempre foi erradicar organizações criminosas ligadas ao terrorismo e tráfico de armas. Ele fazia isso apenas profissionalmente, até que uma tragédia abateu-se sobre sua vida, transformando seu trabalho em algo pessoal. A partir de um fatídico Dia de Ação de Graças, encontrar o homem que destruiu sua vida tornou-se uma obstinação, sua razão de viver.

Walker sabe que não pode confiar em quem quer que seja. Acredita apenas nos próprios instintos e estes nunca permitem que ele desvie o foco. A despeito disso, durante uma missão que o conduziria ao seu verdadeiro alvo, algo o leva a agir de modo totalmente diferente do que havia planejado. Ajudar uma mulher desconhecida que foge de seus captores em meio ao deserto da Somália era algo fora de questão, mas, levado por um impulso desconhecido, ele resolve socorrê-la. A partir de então, sua missão ganha novas ramificações, as quais serão decisivas em sua própria vida.

“Inferno Perfeito” é um intenso romance, que irá deixar você sem fôlego, conduzindo-o a lugares em que jamais imaginou estar.

Adorável Cretino

Com mais de 2,5 milhões de leitores on-line, este romance da autora Camila Ferreira, e o adorável cretino Jason Hoffman irão seduzir você! Jason Hoffman é um empresário bem-sucedido do ramo hoteleiro em Las Vegas. Sua vida se divide entre reuniões de trabalho e festas luxuosas à caça de belas mulheres que possam lhe proporcionar inebriantes noites de prazer. Com uma personalidade envolvente e sedutora, ele sabe exatamente o efeito que causa nas mulheres e, por isso, consegue seguir à risca uma de suas regras primordiais: jamais ficar com a mesma mulher por muito tempo. E, apesar de ser um grande cretino, Jason terá de reconsiderar suas regras, visto que uma única mulher parece não ceder a elas. Hellen Jayne é inteligente, segura de si e sabe se valorizar no diz respeito ao seu trabalho no meio turístico e aos homens, por isso não se deixa inebriar pelos jogos de sedução de homens tal qual Jason Hoffman. Após se conhecerem em uma festa e o flerte terminar no fundo da piscina, ambos terão de lidar com uma ironia do destino ao se reencontrarem no ambiente corporativo.

Adorável Cretino 2

O casal mais apaixonante está de volta e, dessa vez... juntos! Jason e Hellen agora terão um grande caminho a percorrer. Hellen terá de aceitar o passado de Jason e ele, por sua vez, terá de controlar seus ciúmes e os ímpetos juvenis. Sua missão agora é tentar ser um bom namorado e entender como é viver dentro de um relacionamento sério. Muitas confusões e surpresas cercarão esse casal e é, claro, diversas situações cômicas. Venha se apaixonar ainda mais por esse casal e pelo cretino mais adorado de Vegas.

Infeliz Coincidência (primeiro livro da autora)

Após uma decepção, Julia decide dar um novo rumo em sua vida, aceita a proposta de sua amiga e muda-se para Nova Iorque. Na mesma semana de sua chegada, elas saem para comemorar em um clube muito famoso. É lá que ela conhece o sexy e misterioso Andrew, um homem lindo e arrogante, mas que mexe com todos os seus sentidos de uma só vez...

Andrew é um sedutor e sexo é seu único objetivo. Atraído pela beleza de Júlia, uma jovem a quem ele acredita ser uma garota de programa, ele se vê completamente perdido. Andrew jamais imaginaria que ela despertasse sentimentos tão perturbadores.

Julia não contava em ser confundida com uma garota de programa e Andrew, por sua vez, não esperava ver a sua vida transformada. Inesperadamente, o destino os persegue modificando completamente suas vidas.

[Descobrindo Você](#)

Sophie consegue um emprego em uma grande empresa de telefonia em Paris. Lá, ela encontra sua independência financeira para finalmente viver sua vida sem precisar de sua tia, que sempre a tratou como um fardo. Sua Simplicidade e beleza acabam chamando a atenção de Alex, o dono da empresa. Ambos tem uma conexão impressionante que acaba resultando em uma grande paixão. Mas acontece uma grande reviravolta que coloca em risco esse sentimento. Será que o amor falará mais alto?

Depois que te Encontrei

Apaixone-se pelo romance que conquistou mais 1,5 milhões de leituras on-line.

Amanda Sherman tem um grande motivo para fugir do Texas e começar uma nova vida em Los Angeles. Vítima de violência doméstica, ela sabia que se continuasse ao lado do marido alcoólatra e agressor, acabaria morrendo em suas mãos.

Sua nova vida não é fácil. Porém, depois de muitas buscas que pareciam intermináveis, Amanda consegue um emprego na mansão de um conceituado diretor de cinema e famoso astro de Hollywood.

Brandon Moyer figura a lista dos mais influentes do mundo. O seu mau humor contínuo o transformou em um homem amargo e conciso. Esse sentimento está relacionado as tristes perdas que sofreu durante sua vida, sobretudo, a perda de sua mulher.

Sua vida e seu coração estavam controlados até ele colocar seus olhos sobre a misteriosa mulher que trabalha em sua mansão.

Ambos tentam fugir do desejo avassalador que sentem um pelo outro. Porém, suas feridas ainda não cicatrizaram e Brandon tentará afastar a única mulher que mexeu, de fato, com seu coração

Redes Sociais:

[Site da Autora](#)

[Pagina no Face](#)

[Grupo no Face](#)

[Instagram](#)

[D1] Não estava claro. Tentar simplificar.